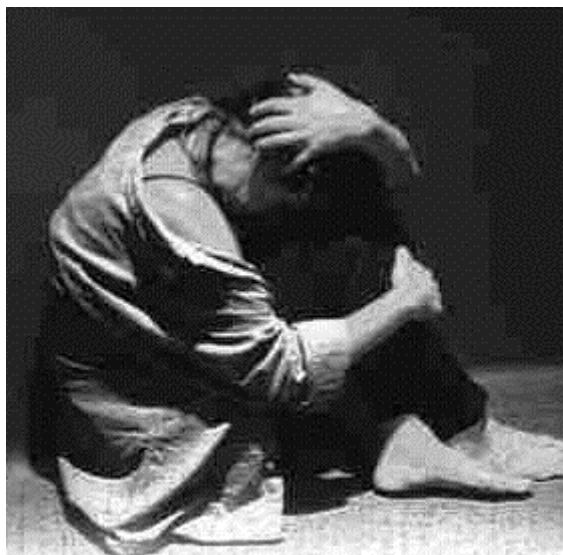


Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Departamento de Sociologia

**Mestrado em Sociologia, Sociedade Contemporânea Portuguesa, Estruturas e
Dinâmicas.**

A Toxicodependência como Processos Sociais



Maria Rosalina Pacheco Alves

Relatório de Investigação para obtenção do Grau de
Mestre em Sociologia, pela Faculdade de Letras da
Universidade do Porto.

Orientador:

Professor Doutor João Teixeira Lopes

Braga, Fevereiro 2009

“O primeiro passo para conseguirmos o que queremos da Vida é decidirmos o que queremos”.

(Bem Stein)

Resumo

O objecto fundamental da presente dissertação encontra os seus alicerces na tentativa de compreensão da constelação de motivos, sempre múltiplos e heterogêneos, que, num dado momento biográfico, pautado por um contexto onde se cruzam singularidades e regularidades, levam um sujeito a enveredar por uma carreira de toxicodependência. Deste modo, pretendemos, igualmente, elucidar as conexões que se estabelecem entre os factores macro-estruturais (configurações globalizadas da modernidade tardia, como a descontextualização das relações sociais, o aumento do risco e da incerteza e a emergência de novos padrões e mecanismos de exclusão social), meso-culturais (na construção de identidades e representações) e micro-sociais (nas biografias individuais). Assim, as histórias de vida e o método biográfico são aqui utilizados como revelador de tais conexões, enfatizando a atenção na causalidade plural e múltipla de uma orientação para a acção (a toxicodependência) e nos agentes de socialização (escola, família, amigos, media, instituições em geral) que a enformam. No final, obter-se-á um retrato qualitativo dos factores e contextos favoráveis à eclosão de consumos, a par das suas traduções quer societais, quer individuais.

Abstract

The main object of the present dissertation finds its origins in the attempt to understand the constellation of arguments, always multiple and heterogeneous, that, at some biographic moment, ruled by a context where singularities and regularities intertwine, mislead someone into a path of drug addiction.

Therefore, we pretend to, simultaneously, elucidate the connections that are established between the macro-structural factors (globalized contours of the delayed modernity, such as the decontextualization of the social relations, the escalation of the risk and uncertainty and the urgency for new patterns and mechanisms of social exclusion), meso-cultural (in the construction of identities and representations) and micro-social (in individual-biographies).

Hence, we recur to life experiences and the biographic method as the indicators of such connections, emphasizing the plural and multiple causality of an orientation to the action (the drug addiction) and the socialization agents (school, family, friends, media and institutions in general) that enclose it. At the end, we will collect a qualitative depiction of the factors and contexts favorable to the hatching of consumptions, along with their societal and individual translations.

Agradecimentos

Este espaço é reservado àqueles que deram a sua contribuição para que esta dissertação fosse realizada.

A elaboração de uma tese de mestrado é um trabalho que, apesar de envolver várias pessoas se torna individual, e muitas vezes solitário, e é nesse sentido que devo um agradecimento a quem me estimulou intelectual e emocionalmente nos momentos em que as metas pareciam difíceis de alcançar.

Em primeiro lugar agradeço ao Professor Doutor João Teixeira Lopes, meu orientador de dissertação, pelas valiosas contribuições concedidas, assim como pelas críticas construtivas e ideias pertinentes que sempre teve preocupação em transmitir.

Em segundo lugar, fica o agradecimento às Instituições que me acolheram para a elaboração das entrevistas. Refiro-me à Bragahabit, e CAT, com especial apreço à Dra. Paula Caramelo, Dra. Marta, Enfermeiro Miguel Viana, e Dr. Filipe.

Agradeço à Socióloga e amiga Carla Lima pela eterna amizade, pelas discussões profícuas e pertinentes sugestões.

Agradeço à Socióloga e amiga Lisete Cordeiro, pelas longas conversas sobre temáticas abordadas ao longo da tese.

Um agradecimento especial ao Marco não só pelo apoio, carinho e dedicação nos momentos mais difíceis, mas também pelo apoio incondicional ao nível de revisão de conteúdos. “Conseguiste orquestrar a dança sincronizada do meu universo”.

Aos meus pais e irmãos, Luís e Nuno, pela paciência e compreensão que tiveram. Demonstraram uma vez mais serem a base de toda a minha estrutura.

Obrigada ao meu Tio José Pacheco pelo incentivo.

Agradeço à Isabel Madureira pela correcção dos meus textos, e pela divertida amizade.

Reservo um agradecimento às amigas que mais do que nunca, mostraram estar a meu lado nos momentos em que, uma simples palavra de apoio e incentivo mudava o rumo de longas horas de trabalho. Obrigada Diana Cunha, Filipa Frade, Filipa Carvalho, Filipa Pinto, Patrícia Dantas e Ana Alcaide.

ÍNDICE

Resumo	
Agradecimentos	
Introdução.....	
Capítulo 1. Identidade e Modernidade Tardia.....	8
1.1 Modernidade e Globalização	8
1.2 Modernidade Tardia: Que Riscos?	13
1.3 Identidade (s) e Processo de Socialização	15
1.4 Individualismo: Efeitos na Construção das Identidades.....	18
1.5 A Crise das Identidades	22
1.6 Família e Crise das Identidades	23
1.7 Transformação nas Identidades profissionais. Que Crises?	27
1.8 Considerações Finais	31
Capítulo 2. Exclusão Social	34
Capítulo 3. Toxicodependências.....	49
Capítulo 4. Metodologia de Pesquisa.....	62
4.1 Metodologia.....	62
4.2 Instrumentos de Recolha de Informação	64
4.3 Selecção dos Entrevistados.....	64
Capítulo 5. Histórias de Vida	65
André	65
Alice.....	73
Diogo	79
Tomás	86
Francisco.....	93
José	100

Samuel	104
Matilde.....	109
Zé Maria.....	116
Capítulo 6. Analise Horizontal das História de Vida.....	121
6.1 Factores Familiares.....	122
6.2 Percurso Escolar	131
6.3 Grupo de Pares.....	136
6.4 Percurso Profissional	150
6.5 Relação com as Drogas.....	157
6.5.1 Substancias Consumidas.....	158
6.5.1.1 Tabaco.....	158
6.5.1.2 Haxixe	159
6.5.1.3 Heroína.....	160
6.5.1.4 Cocaína	162
6.5.1.5 Outras Substancias	163
6.6 A Droga e o Crime.....	165
6.7 Tentativas de Tratamento	167
6.8 Drogas: Abandono ou Permanência?.....	177
6.9 Considerações Finais	184
Conclusão	
Bibliografia.....	
Anexos.....	
Anexo I: Drogas: Descrição e Efeitos.....	
Anexo II: Guião Entrevista.....	
Anexo III: Transcrição Entrevistas.....	

Introdução

A investigação apresentada foi efectuada no âmbito da tese de Mestrado a desenvolver na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O tema escolhido: “A Toxicodependência como Processos Sociais” adveio do facto de pretender analisar a carreira dos indivíduos que consomem drogas, de modo a perceber em que momento se despoletou o consumo, que motivos os levaram a consumir e a tornarem-se dependentes das substâncias.

Deste modo, num primeiro capítulo será feito um enquadramento histórico das transformações que a sociedade apresenta de há três décadas até aos dias de hoje, assim como os factores que originaram essas mudanças, bem como as implicações e consequências que tiveram em termos sociais, económicos, políticos, familiares e individuais. Por outro lado, será desenvolvida uma análise dos principais factores que desencadearam a mudança crucial nas sociedades, que passa pela entrada na sociedade (s) moderna (s), e pelas consequências do fenómeno “Globalização”.

Doravante serão analisadas as consequências apresentadas por estes dois fenómenos, que passam pelo surgimento de Riscos anteriormente inexistentes, mas também pela mudança das próprias Identidades acarretando por vezes crises das mesmas.

O estudo das alterações desencadeadas em termos sociais, familiares, individuais e no mundo do trabalho, assim como os efeitos que daí advieram são o objectivo proposto seguidamente.

Num segundo capítulo será apresentada uma perspectiva histórica das teorias da Exclusão social. A pertinência dessa análise prende-se com facto de a exclusão se desencadear num processo de sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade. Essas rupturas podem ser familiares, escolares, afectivas, de amizade, no o mercado de trabalho, mas também simbólica, a partir do momento em que os laços que ligam o indivíduo à sociedade enfraquecem.

O terceiro capítulo será reservado a uma explanação do motivo, ou motivos que estão na base do consumo das drogas, de modo a percebermos o que leva os indivíduos a iniciar o consumo e a tornarem-se dependentes delas. Vamos tentar perceber que variáveis despoletam a desestruturação, o desapego, a perda da identidade, a anomia do indivíduo, levando-o a consumo.

Seguidamente, num quarto capítulo desenvolveremos a construção metodológica com a apresentação do modelo seleccionado para a investigação em curso, que nesta investigação

recaiu sobre uma metodologia qualitativa: as histórias de vida levada a cabo junto de toxicodependentes e/ou ex-toxicodependentes.

Na última parte da tese serão apresentados, através de um retrato qualitativo, os resultados da presente investigação.

A análise vai decorrer à volta das instituições modernamente tidas como pilares na formação dos indivíduos que são a família, a escola, o grupo de pares e o trabalho, de modo a aferir em que Instituição, ou Instituições, surgiram os problemas, conflitos ou incompatibilidades que levaram os indivíduos ao afastamento e ao início do consumo de drogas.

Capítulo 1. Identidade e Modernidade Tardia

“O mundo pode estar a caminhar inexoravelmente para um daqueles momentos trágicos que levam os historiadores a perguntar: por que ninguém faz alguma coisa antes que seja tarde?”

“ E se o presente de hoje fosse a última noite do mundo?”
(Giddens in Consequências da Modernidade)

1.1. Modernidade e Globalização

Nas últimas três a quatro décadas, as sociedades têm sofrido transformações que se reflectem até aos dias e hoje. Tais transformações e mudanças não estão confinadas simplesmente a alguns países, mas atingem todos, mesmo que de formas diferentes.

A análise dos factores que originaram essas mudanças, bem como as implicações e consequências que tiveram em termos sociais, económicos, políticos, familiares e individuais, são o objectivo a que me proponho nesta primeira fase.

E a que se deve esta viragem? Todo o conjunto de modificações pelas quais as sociedades estão a ser afectadas, e continuarão a ser, é, em grande parte, consequência da entrada numa sociedade moderna e do concomitante fenómeno da globalização, porque ambas estão a trazer para a ribalta novas realidades.

Para melhor percebermos estas dinâmicas, vamos analisar a visão de alguns teóricos que se debruçaram sobre estas temáticas.

Um dos autores com estudos nesse âmbito é Giddens (1997). O autor não concebe a globalização como processo dissociado do processo de modernização, pelo contrário, ele crê que as sementes da globalização são plantadas pelos processos de modernização.

O autor não aceita a globalização como representante do começo de uma nova era ou sequer da época da humanidade, pois a globalização é uma continuação de tendências postas em movimento pelo processo de modernização que teve início na Europa do século XVIII. A modernização substituiu as formas de sociedades tradicionais (Giddens 1997).

Para Giddens, a modernidade pode ser definida, no plano institucional, como uma ordem social multidimensional baseada nas articulações entre o Estado-Nação, o Capitalismo, o Industrialismo e o poder militar.

A introdução do capitalismo trouxe consequências notáveis. Na visão de Marx (1974) tratou-se de uma revolução das forças produtivas, na visão de Weber (1964) tal estava relacionado com a racionalização, porque difundiu em todas as esferas de actividade uma nova lógica de pensamento e acção. A figura de empresa e empresário tornaram-se palavras-chave num ambiente de modernidade, porque é através deles que existe a competição no mercado, com o intuito de dominar, de forma competitiva, o mundo económico.

As multinacionais apostam na deslocalização das empresas para os países que oferecem melhores condições de investimento, preço mais baixo da mão-de-obra e menor incidência fiscal sobre a economia e o movimento dos capitais. Essas multinacionais "sem rosto" secam os recursos naturais dos países do Terceiro Mundo e em vias de desenvolvimento e quando os abandonam levam a riqueza, degradam o ambiente e a economia social, denunciam as organizações não governamentais. Os Estados que se queiram impor contra a saída desses conglomerados correm o risco de sofrer sanções económicas por parte das grandes potências ou por parte de organismos internacionais.

Este reinado da modernidade, que tanta gente assusta tornou-se uma ameaça, uma vez que a única preocupação é o dinheiro, e o aumento da produtividade, não havendo preocupação por parte das empresas com a precariedade em que as pessoas se encontram.

O que distingue a era moderna de qualquer outra era é o seu extremo dinamismo, em que tudo cresce a um ritmo desenfreado. Estes factores afectam sobretudo as práticas sociais e os comportamentos preexistentes.

Giddens (1997) aponta alguns factores, para explicar o carácter peculiarmente dinâmico da via moderna. O primeiro elemento referenciado pelo autor tem a ver, com a separação de tempo e espaço. Fazendo uma comparação com as sociedades pré-modernas, refere que na última era o tempo e o espaço permaneciam essencialmente ligados através do lugar, enquanto actualmente se verifica uma separação de tempo e espaço, que implicou o desenvolvimento de uma dimensão vazia de tempo, puxando o espaço para fora do lugar. O autor utiliza a ideia de uma dialéctica, recorrendo ao conceito de desencaixe do espaço-tempo para explicar o movimento histórico de sociedades tradicionais a modernas, e o papel desempenhado pela globalização na aceleração do movimento começado com o processo de modernização.

A ideia do autor (Giddens 1997) é de que as sociedades tradicionais ou pré-modernas são tidas como baseadas sobre relações sociais encaixadas no tempo e no espaço. Nas sociedades tradicionais, a proximidade das pessoas com a natureza por causa da confiança na agricultura, como meio de subsistência, fazia com que o senso temporal dos trabalhadores fosse baseado em estações.

Giddens (1997) recorre à metáfora do relógio para salientar o facto de nas sociedades modernas o tempo não ser visto como uma questão sazonal, mas num tempo social e artificial. Tal noção moderna do tempo ajuda a produzir um sentimento entre os indivíduos de que o mundo está a encolher. As distâncias passaram a diminuir, a partir do momento em que as comunidades começaram a calibrar a noção de tempo com o de outra comunidade do outro lado do globo.

A modernização e a modernidade (Giddens, 1997) são baseadas em um processo, segundo o qual a ideia fixa e estreita de “lugar” e “espaço” que prevalece nos tempos modernos é gradualmente destruída por um cada vez maior conceito de “tempo universal”. O autor, para explicar este processo, recorre ao conceito de desencaixe, referindo que o processo de modernização distanciou os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais da noção de tempo, espaço e status.

Também Bauman (1999) apresenta um panorama histórico dos métodos utilizados para criar e definir espaços humanos, e instituições desde as aldeias rurais até aos grandiosos centros urbanos. Além de explorar as dimensões de um mundo, no qual, através das novas tecnologias, o tempo é acelerado e o espaço comprimido.

Actualmente, pouca coisa na experiência actual de vida da elite implica uma diferença entre o “aqui” e o “acolá”, “dentro” e “fora”, “perto” e “longe”, porque com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores do espaço deixam de importar.

O advento do computador (Bauman, 1999) traduz-se no declínio do espaço verdadeiramente público. O espaço projectado é radicalmente diferente, porque é planeado, artificial, não-natural, não local, mediado pelo hardware. Sobre esse espaço planeado, territorial, urbano, impôs-se um terceiro espaço, que é o cibernético, entendido como o advento da rede mundial da informática.

Ora, retomando as premissas de Giddens, uma segunda dimensão que utiliza para explicar o carácter dinâmico da vida moderna é a descontextualização das instituições sociais, ao que alguns sociólogos denominam de diferenciação dos sistemas sociais pré-modernos e modernos. Independentemente da expressão utilizada, ambas servem para designar a

separação progressiva de funções, de tal forma que os modos de actividade organizados de forma difusa nas sociedades pré-modernas se tornam mais especializados e rigorosos com o advento da modernidade (Giddens, 1997).

O impacto destas transformações nas instituições modernas constituiu na remoção das relações sociais dos contextos de espaço-tempo, acelerando a distanciação introduzida pela modernidade.

Os mecanismos de descontextualização envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas são de dois tipos: garantias simbólicas e sistemas periciais.

As garantias simbólicas são relacionadas com os meios de troca, os quais são transaccionados sem olhar às características específicas dos indivíduos ou dos grupos, sendo exemplo o dinheiro. Na verdade, o dinheiro moderno é um sistema abstracto e simbólico bastante complexo que conecta processos verdadeiramente globais à esfera da vida diária. Uma economia monetária (Giddens, 1997) ajuda a regular a provisão de muitas necessidades do dia-a-dia, mesmo para os estratos mais pobres nas sociedades desenvolvidas. E, em conjunção com uma divisão do trabalho de complexidade paralela, o sistema monetário rotiniza a provisão de bens e serviços necessária para a vida quotidiana.

Os sistemas periciais são sistemas de realização técnica ou de pericialidade profissional que organizam vastas áreas do ambiente material e social em que vivemos, entrando em todos os aspectos da vida dos indivíduos, em condições de modernidade, como é o caso da comida, os remédios, os edifícios. Os sistemas periciais (Giddens, 1996) estendem-se às relações sociais e aos aspectos íntimos do *self*, daí que o conselheiro e o terapeuta, o advogado, o médico sejam centrais nos sistemas periciais da modernidade. Os seres humanos, apesar de não conhecerem a competência de um arquitecto, crêem que a casa que ele projectou não abale, assim como ao passar numa ponte acreditam que ela não vai cair. São inúmeros os exemplos de sistemas periciais, com os quais, inevitavelmente os sujeitos se deparam no dia-a-dia e só há uma maneira de se sentirem seguros, que é através da confiança que depositam nesses mesmos sistemas.

A confiança está relacionada com um conjunto de decisões que as pessoas tomam no dia-a-dia, com o intuito de orientar as suas actividades. As atitudes de confiança (Giddens, 1997) em relação a situações, pessoas ou sistemas específicos, e a um nível mais generalizado, estão directamente ligadas à segurança psicológica dos indivíduos e do grupo.

Deste modo, confiança e segurança; risco e perigo são realidades presentes em condições de modernidade.

A modernidade é inerentemente globalizante, nas palavras de Giddens (1997), sendo esse processo mais evidente em algumas características básicas das instituições modernas, evidenciando o seu carácter descontextualizado e a sua reflexividade.

A Globalização traduz-se numa intensificação das relações sociais a nível mundial. Essas relações podem ligar localidades distantes, para além de que os acontecimentos locais podem ser causados por acontecimentos ou factores que se dão do outro lado do mundo.

As transformações que a globalização e a modernidade acarretam deram, e continuam a dar, mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Reportando à análise de Bauman, esses indivíduos utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro pelo mundo fora cada vez com mais rapidez.

Infelizmente, a tecnologia não causa impacto na vida dos pobres espalhados por todo o mundo e é por estes aspectos que a globalização é um paradoxo, porque é extremamente benéfica para muito poucos, deixando de fora grande parte da população mundial.

Aliás, podemos interrogar-nos, por que os estados não intervêm neste processo, porém a resposta, mais uma vez, passa pela influência da globalização, na medida em que a sua lógica totalitária atingiu tudo e todos e os estados não tiveram recursos suficientes, nem liberdade de manobra para suportar a pressão dos seus efeitos.

Os estados com a sua base material destruída, a sua soberania e independência anuladas, tornaram-se um mero serviço de segurança para as mega-empresas (Bauman, 1999). Assim, os novos senhores do mundo não têm necessidade de governar directamente, porque os governos nacionais encarregam-se da tarefa de administrar os negócios em nome deles.

Bauman ainda vai mais longe ao afirmar que devido ao entrelaçamento de tendências opostas como é o caso da integração/divisão e globalização/territorialização, ambas desencadeadas pelo impacto divisor da nova liberdade de movimentos, os processos globalizantes redundam na redistribuição de privilégios e carências, riqueza e pobreza, de recursos e impotência, de poder e ausência de poder, de liberdade e restrição.

Em termos práticos, cabe a um número reduzido de pessoas optar pelo que considera melhor para o mundo, mas sempre pensando nos seus benefícios, enquanto para grande parte da população só lhes resta aceitar o que lhes é imposto, que em muitos casos se torna num destino bastante cruel.

Para melhor ilustrar estas novas realidades, podemos recorrer a uma metáfora utilizada por Bauman – Turistas e Vagabundos – que utiliza para ilustrar quais são os heróis e as vítimas do capitalismo flexível, afirmando que a oposição entre turistas e vagabundos é a maior e principal divisão da sociedade pós-moderna. Essa sociedade é caracterizada por um

tempo-espaço flexível, em mutação constante, onde o que vale é a habilidade das pessoas para se moverem.

Os turistas são então os que recusam qualquer forma de fixação, movimentam-se, porque assim o preferem, saem e chegam a qualquer tempo e até qualquer espaço para realizarem os seus sonhos, as suas necessidades de consumo e o seu estilo de vida, enquanto os vagabundos são os resto do mundo que se dedicam aos serviços dos turistas. Este sector da população movimenta-se, pois são empurrados pela necessidade de sobrevivência, não havendo lugar para sonhos, aceitando um emprego qualquer desde que possam ganhar dinheiro. As pessoas são excluídas, sem que sequer alguém lhes pergunte a sua opinião.

A pós-modernidade é, assim, um contexto histórico no qual a exclusão aumenta a cada dia que passa, contribuindo para isso também as cada vez maiores exigências de qualificação no mundo do trabalho.

Estes factores negativos para esta fracção da população desencadeiam consequências também negativas em termos culturais, políticos, e mesmo psicológicos, levando muitas vezes as pessoas a isolarem-se e a responderem com acções agressivas, criando as suas próprias fronteiras, denominadas por alguns autores, como Becker, de Guetos. As pessoas pertencentes ao Gueto, adoptam posturas, normas e rituais que se opõem à restante sociedade, através da utilização de roupa bizarra, da prática de certos rituais e, muitas vezes, até atentando a ordem pública.

1.2. Modernidade Tardia: Que Riscos?

“O Risco tornou-se uma necessidade diária suportada pelas massas”

(Sennet in A corrosão do carácter)

A denominada Modernidade, Tardia, como já vimos, é caracterizada pela dominação da ciência e tecnologia, o que, aparentemente, se torna positivo para a sociedade e indivíduos, em termos de mudanças, de abertura a novas oportunidades, mas acarretando, por outro lado, um processo que tem o reverso da medalha ao criar novos parâmetros de risco e perigo.

Com a passagem das sociedades tradicionais para as modernas, surge um novo conceito que é o de risco. A noção de risco torna-se central numa sociedade que se está a

despedir do passado, dos modos tradicionais de fazer as coisas e que se está a abrir para um futuro problemático.

Viver no mundo produzido pela modernidade tardia significa que as mudanças não dependem das expectativas humanas, e muito menos do seu controlo. Este fenómeno (Giddens, 1997) está ligado à reflexividade da modernidade, em que a entrada do conhecimento nas circunstâncias da acção, cria um conjunto de incertezas a juntar ao carácter circular e falível das pretensões pós-tradicionais ao conhecimento.

Assim, o mundo da modernidade tardia ultrapassa os meios das actividades individuais e dos compromissos pessoais. É um mundo repleto de riscos e perigos. O problema, como retrata Giddens (1997), é que essa crise afecta a auto-identidade e os sentimentos pessoais. Como adianta o autor, o nível de distanciação do espaço-tempo introduzido pela modernidade tardia é tão extensivo que, pela primeira vez na história humana, o self e a sociedade inter-relacionam-se num meio global.

Wallerstein e Blakeslee (citados por Giddens, 1997) referem que nos contextos da modernidade em contraste, o *self* alterado tem de ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de ligação entre a mudança pessoal e a mudança social.

Neste estudo está patente que a auto-identidade não se confina às crises da vida, mas é uma actividade social moderna em relação com a organização psíquica.

O autor reporta, aliás, para o conceito de destino, que em circunstâncias de modernidade continua a existir, mas tendo como elemento fundamental o risco.

Para Sennet (1998), a disponibilidade para o risco não se destina a ser apenas do terreno dos capitalistas de risco ou dos indivíduos aventureiros. O risco tornou-se uma necessidade diária para a população no seu todo.

No mesmo sentido, Becker (citado por Sennet, 1998) declara que na modernidade avançada, a produção social de riqueza é sistematicamente acompanhada pela produção social dos riscos. Assim, as novas condições do mercado obrigam as pessoas a assumir riscos bastante exigentes, ainda que as recompensas possam de futuro ser poucas.

Numa época de capitalismo flexível, Richard Sennet (1998) analisa o percurso da incerteza e do risco como ocorrendo através de três factores: movimentos ambigualmente laterais; prejuízos retrospectivos e de resultados salariais imprevisíveis.

No primeiro caso, à medida que as pessoas decidem mudar de emprego, estão a fazê-lo para cima numa pirâmide em que as redes estão mais frouxas.

No caso dos prejuízos retrospectivos numa rede flexível, tal significa que as pessoas que correm os riscos fazendo movimentos em organizações flexíveis têm pouca informação

sobre o que a nova posição implica, levando a que só mais tarde percebam que a decisão tomada não foi a melhor.

O último factor, relacionado com os salários, é a consequência da mudança, na medida em que as pessoas, a maior parte das vezes, só decidem assumir o risco da mudança para ganhar mais dinheiro.

Na cultura moderna arriscar é um teste de carácter, em que o importante é fazer um esforço, aproveitar a nova oportunidade que surge, mesmo que haja probabilidade para o fracasso. Não aceitar o risco e a mudança é vista pela nova sociedade como um sinal de fracasso, em que a estabilidade denota uma paragem para a vida. Nesta perspectiva, o destino é menos importante que a decisão de mudar.

1.3. Identidade (s) e Processo de socialização

*“Diz-me, e eu esquecerei; ensina-me e eu lembrar-me-ei;
Envolve-me, e eu aprenderei”
(Autor desconhecido)*

Para compreendermos como se reproduzem e se transformam as identidades sociais, é importante esclarecer os processos de socialização, através dos quais elas se constroem e reconstroem ao longo da vida.

A Percheron (citado por Dubar, 1997) propõe-nos uma definição de socialização entendida como uma aquisição de um código simbólico, resultante de transacções entre o indivíduo e a sociedade. O termo transacções significa, também à luz de Piaget, que qualquer socialização é o resultado de dois processos diferentes, que são o de assimilação e acomodação. Pela assimilação, o sujeito tentaria modificar o seu ambiente para o tornar mais conforme aos seus desejos e diminuir os seus sentimentos de ansiedade e intensidade, enquanto pela acomodação, o sujeito teria tendência a modificar-se para responder às pressões e constrangimentos do ambiente.

O autor indica alguns factores importantes do processo de socialização, apontando-o como um processo interactivo e multidireccional, na medida em que a socialização pressupõe uma transacção entre o socializado e os socializadores. Ou seja, não sendo adquirida de uma

só vez, a socialização passa por renegociações permanentes no seio de todos os subsistemas de socialização.

Um outro aspecto prende-se com o facto de a socialização não ser apenas um mecanismo de transmissão de valores, normas e regras, mas o desenvolvimento de uma dada representação do mundo.

A socialização não é, segundo Percheron, o resultado de aprendizagens formalizadas, mas o produto, constantemente reestruturado, das influências presentes ou passadas dos múltiplos agentes de socialização. Este tipo de socialização é apelidado de latente, caracterizando-se muitas vezes pela sua impessoalidade e não intencionalidade.

Uma outra característica apontada pelo autor para caracterizar o processo de socialização prende-se com a premissa de que a socialização é uma construção lenta e gradual de um código simbólico que não constitui um conjunto de crenças e de valores herdado da geração precedente, mas sim um sistema de referência e avaliação do real, que permite ao indivíduo comportar-se de certa forma numa dada situação.

Por último, o autor aponta a socialização como um processo de identificação, de construção da identidade, de pertença e relação, em que socializar-se é assumir o sentimento de pertença a grupos, ou seja, assumir pessoalmente as atitudes do grupo que, sem os sujeitos se aperceberem, guiam as suas condutas.

Contudo, e como salienta Dubar (1997), qualquer abordagem empírica da identidade torna-se particularmente complexa pelo facto de não haver uma identificação única dos indivíduos. A criança tem de construir a sua própria identidade através de uma integração progressiva das suas diferentes identificações, positivas ou negativas, quer devido à multiplicidade dos grupos de pertença ou referência, quer devido à ambivalência das identificações, ambivalência essa entre o desejo de ser como os outros, aceite pelos grupos de que se faz parte ou aos quais se quer pertencer, e a aprendizagem da diferença ou o desejo de oposição àqueles grupos.

Dubar (1997), no seu modelo teórico, não admite uma unificação em torno deste processo, colocando a interacção e a incerteza no seio da realidade social. Não aceita a premissa de que cada indivíduo se adapta à cultura do grupo, reproduzindo as tradições culturais. Na opinião do autor, todos os indivíduos são confrontados por uma dupla existência e devem aprender a ser reconhecidos pelos outros, não podendo a socialização reduzir-se a uma dimensão única, reproduzindo uma dualidade irreduzível.

A este propósito, Mead (citado por Dubar, 1997) descreve a socialização como construção da identidade social, na e pela interacção e/ou comunicação com os outros. Na

visão de Dubar (1997), esta perspectiva tem o mérito de colocar o “agir comunicacional no centro do processo de socialização, e fazer depender a lógica da socialização das formas institucionais da construção do “eu” e, nomeadamente, das relações comunitárias que se instauram entre os socializadores e o socializado.

É do equilíbrio e da união do “eu” que interiorizou o espírito de grupo e o “eu” que permite o indivíduo afirmar-se positivamente no grupo, que dependem a consolidação da identidade social e inevitavelmente o sucesso da socialização. A socialização (Mead citado por Dubar, 1997) desenvolve-se ao mesmo tempo que a individualização, porque quanto mais se é eu-próprio, melhor se é integrado no grupo.

A socialização (Dubar, 1997) nunca é total e acabada, sendo necessário conferir um lugar importante à socialização secundária. Esta abordagem da socialização secundária, como conversão da identidade, e ruptura com a socialização primária, é associada pelos autores à situação em que a socialização primária não foi conseguida (por exemplo a acidentes biográficos), sendo que, através da socialização secundária, os indivíduos podem reconstruir uma identidade que mais os satisfaça. Uma outra situação prende-se com circunstâncias em que as identidades anteriores se tornam problemáticas, onde as identificações aos outros significativos se tornam débeis e até inexistentes.

Deste modo, a socialização pode ser vista numa perspectiva de mudança social, na medida em que os indivíduos assumem uma nova identidade, quer seja profissional, social ou política. Contudo, não podemos afirmar uma relação independente da socialização primária sobre a secundária, porque a socialização secundária nunca apaga totalmente a socialização primária, aliás eles entram mesmo em interacção, por exemplo quando os indivíduos entram no mercado de trabalho acabam por ter que se adaptar às regras, hábitos, valores, relações sociais presentes na instituição ou empresa, valores esses que podem não coincidir com os que foram transmitidos no processo de socialização primária.

Este tipo de situações conduz em alguns casos a situações de crise que, muitas vezes, passa pela crise da própria identidade, dado que a identidade dos sujeitos não é adquirida tal e qual à nascença, mas constrói-se ao longo de toda a vida.

Em todo este processo, a escola é uma instituição de socialização que permite aos sujeitos adquirir novas formas de estar, agir, sentir e reconhecer-se a si próprio, independentemente da identidade estatutária e cultural que adquiriu no processo de socialização primária. Deste modo, surgem novas identidades.

A este propósito, Dubar (1997) salienta que a escola pode também ser uma fonte de crise identitária, através do insucesso escolar, porque os indivíduos, ao adquirirem uma nova

identidade, quando se apercebem que não estão a corresponder às expectativas do “eu”, “nós” societário, entram em crise.

Este tipo de crises surge ao longo da vida de todos os indivíduos, sendo que o ideal é ultrapassar a crise (s), considerá-la como uma forma de experiência e, ao mesmo tempo, de mudança. Urge, pois, que ter em linha de conta que os indivíduos assumem várias formas identitárias, consoante a situação em que se encontram, por exemplo, em casa assumem uma identidade, que pode nada ter a ver com a identidade que se manifesta com o grupo de pares, e assim sucessivamente em todas as suas práticas sociais.

Em muitos cenários modernos (Berger, citado por Giddens, 1997), os indivíduos são apanhados numa variedade de encontros e meios diferentes, cada qual apelando a diferentes formas de comportamento adequado. Do mesmo modo, (Goffman citado por Giddens, 1997) à medida que um indivíduo deixa um encontro e entra noutro, adapta de modo sensível a apresentação do self, em relação ao que é exigido pela situação concreta. Nesta perspectiva, um indivíduo tem tantos *selves* quantos contextos divergentes em acção.

Na opinião de Dubar (1997), não se pode ver a diversidade contextual como mecanismo de fragmentação do self, porque em muitas situações pode promover a sua integração.

Nesta linha de pensamento, Dubar (1997) afirma que a mudança social é inseparável das transformações das identidades, ou seja, inseparável dos mundos construídos pelos indivíduos e das práticas que decorrem destes mundos.

Assim, a dualidade existente entre, por um lado a nossa identidade para o outro, e a nossa identidade para si construída, mas também entre a nossa identidade social herdada e a nossa identidade escolar visada, cria um campo de possibilidades, onde se desenvolvem, desde a infância à adolescência, as estratégias identitárias dos sujeitos.

1.4. Individualismo: Efeitos na Construção das Identidades

***”O que importa não é o que fizeram com o Homem,
mas o que ele faz com o que fizeram com ele”
(Sartre)***

Em qualquer dos sectores da vida dos sujeitos, o colectivo dá cada vez mais lugar ao individualismo. Se bem que, como refere Dubar (1997), nem todas as formas de

individualização, quer sejam privadas ou públicas, significam qualquer triunfo do indivíduo sobre o colectivo, porque o indivíduo não substitui o colectivo, não só porque hoje como ontem não existe identidade do eu sem identidade do nós, mas também porque o que está em causa é a passagem de uma socialização de dominante comunitária para uma socialização de dominante societária.

Mas o que significa o conceito de individualização? Segundo Dubar (1997) designa a primazia crescente dos “eus” sobre os “nós”, a participação dos sujeitos naquilo que lhes diz respeito, a tomada de consciência das identidades pessoais nas decisões colectivas.

Dubar (1997) vai mais longe e aponta os efeitos da individualização. Ela pode ser entendida como desregulação, descomprometimento parcial das instituições, constituindo uma ameaça de exclusão e isolamento para as vítimas das novas formas de precarização.

A individualização enquanto produto da destituição dos laços comunitários através do desemprego, a mobilidade forçada, está na origem dos dramas colectivos e das crises pessoais, tal como foi evidenciado anteriormente. Mas, tem também o seu lado positivo, ao permitir oportunidades de emancipação, uma maneira de se libertar dos laços de dominação masculina, da influência das submissões de ordem genealógica e da submissão às tradições impostas.

Contudo, com a passagem do comunitário para o societário, as crises são inevitáveis, dado que os sujeitos têm que reorganizar as suas formas identitárias, em torno das identidades para si e não das identidades para o outro.

Também Bauman (2001) se interessou pelos efeitos da nova modernidade e no seu estudo a Modernidade Líquida refere que a modernidade neste momento é leve, líquida, fluida, e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida”. Como já vimos ao longo da nossa análise, a passagem de uma para a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana.

Propondo uma nova visão da modernidade, voltada para a fluidez das relações e do individualismo, Bauman inicia o seu estudo discutindo a ideia de liquidez e fluidez.

A ideia de sólido é agora associado a algo retrógrado, ultrapassado, rígido, duradouro e imprevisível. Bauman utiliza o termo “derretimento” para designar a desintegração desse discurso sólido e fixo, já em vias de enferrujamento dos comportamentos institucionalizados. Agora, na era da modernidade maleável, o que vigora é a ascensão de um objectivo individual em declínio das instituições sólidas e tradicionalistas. Também Giddens (1997) através do conceito de Pós-Tradicionalidade apresenta-nos as mutações na sociedade nas últimas décadas. Assim, segundo o autor, não apenas o Ocidente, mas o mundo todo passa por um

período de transição, que faz emergir o que ele caracteriza como uma sociedade *Pós-Tradicional*. Com esse novo instrumento sociológico, o sociólogo chama a atenção para o facto de que, apesar de a modernidade por definição se colocar em oposição à tradição, na maior parte da sua história ela representou a sua reconstrução, na medida em que a dissolvia. Assim, se por um lado há a difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas por meio de processos de globalização, por outro lado, mas imediatamente relacionados com a primeira estão os processos de mudança intencional, que podem ser conectados à radicalização da modernidade.

Para Giddens (1997), a modernidade destrói a tradição, mas há, para o autor uma colaboração entre modernidade e tradição, que foi crucial às primeiras fases do desenvolvimento social moderno, permitindo poder-se falar de tradição na modernidade. Para o autor, as tradições sejam elas antigas ou novas permanecem fundamentais no desenvolvimento da modernidade. Giddens afirma que a sociedade pós-tradicional é um ponto final, mas simultaneamente um início, um universo de acção e de experiência verdadeiramente novo. Trata-se de uma sociedade global, na qual os elos sociais têm de ser criados e não mais herdados do passado.

Segundo Bauman (2001), a identidade tornou-se um conceito chave para o entendimento da vida social na era da modernidade líquida, porque à medida que nos vamos deparando com as incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, as nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua. A consequência é inevitável: a instabilidade da identidade da própria pessoas e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedigno e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e duradoura.

A confusão atinge os valores, mas também as relações afectivas, em que estar em movimento não é mais uma escolha, mas tornou-se um requisito indispensável.

Bauman analisou, igualmente, a questão do espaço e tempo, já aqui abordada. Para o autor, a voraz diminuição dos espaços, em locomoção física e sensorial é um dos mais claros exemplos de derretimento desses padrões que eram vigentes, na medida em que actualmente computadores e telefones, ambos móveis e portáteis, fazem com que as pessoas possam comunicar para qualquer parte do mundo, a qualquer hora.

A este propósito Giddens (1996) refere que, a invenção do relógio foi um marco importante para a transição das sociedades tradicionais para as modernas. O relógio não é baseado num tempo sazonal, mas num tempo social e artificial. A noção moderna de tempo ajuda a produzir um sentimento entre os indivíduos de que o mundo está a encolher. As

distâncias passaram a diminuir a partir do momento em que as comunidades começaram a calibrar o seu tempo com o de outras comunidades do outro lado do globo. Segundo o autor, o processo de modernização distanciou os indivíduos e as comunidades das sociedades tradicionais destas noções estreitas de tempo, espaço e status. A modernização desencaixou o indivíduo feudal da sua identidade fixa no tempo, e no espaço. No fundo, Giddens diz que a modernização e a modernidade são baseadas num processo segundo o qual, a ideia fixa de e estreita de “lugar” e “espaço”, que prevalece nos tempos modernos, são gradualmente destruídas por um cada vez maior conceito de “tempo universal”. Giddens descreve este mecanismo como uma chave para o processo de desencaixe.

Bauman questiona a liberdade como real objectivo almejado, mas o autor questiona: a liberdade será uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção ou uma bênção temida como maldição? O autor responde às questões que ele próprio coloca, afirmando que a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir.

À semelhança de Dubar, também Bauman atribui ao individualismo um papel preponderante. Na visão do autor, apesar de toda a liberdade que possamos ter, não temos controlo sobre os seus próprios destinos e decisões, pois a pseudo-liberdade é uma ilusão criada com possibilidade de fuga.

Toda a produção e trabalho, cada vez mais leves, tornam-se atitudes do presente. Contudo, não podemos esquecer a instabilidade que envolve esses processos, porque pode cair-se no abismo, na medida em que entre o ideal e o real dos planos de cada um e do senso colectivo, nunca foi tão profundo o hiato, pois se o trabalho surge como principal esperança do controlo do presente para conseguinte tentativa de controlo do futuro, da manutenção da ordem, do controle deste por via caótico existe aí uma promoção, mesmo que involuntária da exorcização da experiência e das decisões cometidas por outros sistemas.

Bauman (2001) refere que impera na modernidade líquida o recurso da subjectividade, das ideias ocupando o lugar das coisas materiais, afinal não há nada mais leve e versátil que uma ideia a “tiracolo”.

O autor, para ilustrar as suas premissas, dá o exemplo de uma oficina mecânica, em que o mecânico para consertar os motores estragados, deita as peças fora e coloca outras novas, fazendo uma analogia com a vida real, ou seja, assim como na oficina, na vida real cada peça (pessoa) é sobressalente e substituível, porque não se perde tempo com consertos. Se não serve, ou não é precisa, deita-se fora e coloca-se outra no seu lugar. Deste modo, podemos aferir que na nova realidade a durabilidade é precária e inexistente.

Bauman chama a atenção para o intenso processo de criminalização da pobreza, no nosso mundo tecnológico e globalizado. No seu livro, *O Mal – Estar da Pós-Modernidade*, afirma que um caso de importância especial se revela quando o sujo, o lixo, aquilo que deve ser banido, varrido da sociedade são outros seres humanos, seres humanos esses que não interessam ao sistema, os chamados consumidores falhados: os inaptos, vagabundos, incapazes de se inserirem no mercado de trabalho e de consumo.

O problema é que, numa sociedade de consumo como a nossa, altamente tecnológica e globalizada, a pobreza incomoda, no sentido de causar medo e insegurança.

De facto, todos os problemas do “lixo” da actualidade não são outra coisa senão consequência directa do luxo de poucos, luxo esse que provém da ganância, da corrupção, da irresponsabilidade social, da falta de ética perante o próximo.

A questão que se coloca é a de saber se não existem mecanismos eficazes de inclusão destes seres humanos que a modernidade acabou por excluir. Na realidade, esta fracção da população precisa de ganhar acesso a formas de empowement que lhe permitam superar as barreiras materiais, e imateriais das múltiplas dimensões contidas na exclusão.

1.5. A crise das Identidades

“Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?”

- *Isso depende muito para onde queres ir...*

- *Preocupa-me pouco aonde ir...*

- *Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas!!*

(Lewis Carroll . Alice no país das maravilhas)

A crise das identidades é inseparável da crise da modernidade, que desvaloriza as formas comunitárias de inserção social, sem conseguir implantar novas formas societárias.

Segundo Dubar (2006), a crise que acentuou os 30 anos que se seguiram à 2ª Guerra Mundial não foi apenas económica, mas também antropológica. Esta crise que envolve também as identidades pessoais é a consequência de uma profunda mutação produzida em três importantes domínios da vida social: mutação das relações de género e transformações profundas nas instituições familiares; mutações tanto do trabalho e emprego, como do mundo da formação e da escolarização; mutação do estado-nação e das suas instituições. Pondo em causa a estabilidade da integração social, estas mutações incidem directamente sobre o

indivíduo e o social, assim como nos mecanismos que ladeiam o processo de socialização, que desta forma se destabilizou e desestruturou.

As formas comunitárias do Laço social, relacionadas com as antigas formas de identidade que se baseavam nas identificações culturais e estatutárias entraram em crise, devido às transformações nas relações sociais e das formas dos sujeitos se relacionarem com o outro. As mudanças atravessam todos os sectores da vida dos indivíduos, através de factores como: o processo de emancipação da mulher; o surgimento do conceito de individualismo familiar; a diminuição dos casamentos; a diversificação das formas de vida privada; o aumento dos divórcios; a transformação das formas de trabalho e relações profissionais; a explosão do desemprego. Que efeitos acarretam estas transformações em termos de identidade dos indivíduos?

Partindo da profecia de que a modernidade social, económica e política segrega não só contradições estruturais e conflitos sociais, mas também crises pessoais, Dubar (2006) propõe uma análise das relações entre a crise da modernidade e a crise das identidades. O autor parte da premissa de que existe uma profunda crise das configurações identitárias produzidas na modernidade.

Três grandes vectores são apresentados pelo autor para explicar essas crises: as dinâmicas na família e a crise das identidades sexuadas; a crise das identidades profissionais, e a crise das identidades simbólicas.

Antes de passarmos à abordagem dos pontos acima referidos, é importante salientar que as identidades possuem uma dupla face: as identidades para si (reivindicadas e marcadas por uma irredutível temporalidade), e Identidades para os outros (atribuídas pelos outros no interior de um espaço social e num dado contexto histórico). O primeiro tipo de identidades são biográficas e produzidas pelas trajectórias dos indivíduos e pelas experiências de vida que lhe são associadas, já o segundo tipo de Identidades são, na sua maioria, herdadas pela pertença ao grupo étnico, à nação ou à classe social.

1.6. Família e crise das Identidades

“Não podemos ser livres, quando os outros não o são”
(Engels)

O conceito de família sofreu grandes modificações e transformações nas últimas décadas.

No que se refere à relação entre os géneros, desde sempre, e em qualquer tipo de sociedade havia uma relação de subordinação do sexo feminino ao masculino, podendo este último ser na figura de marido, pai, ou irmãos.

Para além da condição de subordinadas ao sexo oposto, em termos profissionais, o papel da mulher reduzia-se à esfera doméstica, tendo mais uma vez que ficar numa condição de dependência, na medida em que todo o dinheiro era gerido pelo “homem”, cabendo à mulher o papel de cuidar a casa, de procriar e tratar dos filhos.

Com o passar dos anos, as sociedades foram sofrendo transformações, consequência inevitável do desenvolvimento social, económico e político e as mulheres começaram a reivindicar os direitos que consideravam lhes ser devidos, através de manifestações. As primeiras tiveram início na segunda metade do século XIX.

Em 1948, as oficiais operárias do estado tinham combatido, pela supressão da hierarquia, o direito de reunião, a reforma do estatuto matrimonial. Já em 1871, a comuna de Paris integra no seu programa um conjunto de reivindicações feministas, como o direito ao divórcio, igualdade de instrução entre homens e mulheres, direitos políticos, igualdades de salários. Após várias manifestações, em 1944, a mulher consegue o direito ao voto (Dubar, 2006), começando a aceder à escolaridade, a frequentar o ensino superior e a ter interesse em entrar para o mercado de trabalho, da mesma forma que os homens. O resultado é que nos dias de hoje, as mulheres têm a sua vida privada, profissional, tornaram-se independentes, mesmo fazendo parte de uma família que elas próprias construíram.

Contudo, não podemos falar numa ruptura na diferenciação entre sexos e nas relações de dominação, porque há situações nas quais tem sido difícil inverter o quadro. De facto basta ver, por exemplo, o número reduzido de mulheres que possuem cargos políticos ou em quadros dirigentes. Verificamos pelo contrário que, na sua maioria, são os homens que ocupam esses lugares.

Por outro lado, e apesar de as mulheres praticarem na sua maioria o mesmo horário de trabalho que os homens, em casa elas vêm-se obrigadas a assumir a responsabilidade das lides domésticas e dos filhos.

Assim, é difícil a mulher desprender-se da identidade que lhe é atribuída em casa, na medida em que é vista como mãe, como filha, como esposa em trâmites idênticos aos de sempre, ou seja, por muito que se queira emancipar, por exemplo através das divisões de tarefas, ela acaba por ter sempre que assumir mais funções.

Na visão de Dubar (2006), assiste-se a um desfasamento entre a evolução das normas, a diversidade dos modos de vida, a experimentação das novas relações amorosas, as aspirações à igualdade entre os sexos, por um lado, e a rigidez das formas sociais de divisão do trabalho, na família e na empresa, a persistência das formas comunitárias de dominação dos homens sobre as mulheres, na esfera doméstica e no campo político por outro. Para o autor, são estes factores que estão na base de uma crise, a qual, na sua opinião, não é da identidade masculina, mas sim das identificações sexuadas dos modelos masculinos e femininos.

Se há umas décadas era fácil descrever o tipo de famílias existentes, em que na sua maioria homem e mulher eram unidos através do casamento, o homem trabalhava e a mulher tratava das lides domésticas, não tendo outros interesses paralelos, a não ser a dedicação ao marido e aos filhos, actualmente o quadro é bem diferente.

Actualmente deixou de se poder falar num modelo de família estável, aliás este modelo entrou mesmo em crise. A vida privada dos casais assume formas cada vez mais diversificadas, devendo-se muito ao processo de emancipação da mulher, mas também ao individualismo familiar.

Em primeiro lugar, há uma maior diversidade de formas de família, desde as monoparentais, recompostas, ou a simples coabitação. Por outro lado, há uma maior preocupação do “eu individual”, de construir a sua própria identidade, de se realizar, de ser competente, eficiente, de ser reconhecido individualmente e não como esposa/marido ou filho/filha de alguém.

François de Singly (2000), num estudo levado a cabo sobre o individualismo na vida comum, demonstra que a sociedade moderna é caracterizada por um forte individualização da vida privada, em que viver num mesmo alojamento obriga cada um dos habitantes a ter em conta os outros, também eles confrontados com essa coexistência.

As denominações “com” e “só” são questões e confrontos que o autor vai fazendo ao longo da obra. A este binómio o autor chama de dualidade e maleabilidade identitária. O indivíduo oscila entre duas definições de si próprio: a definição de “só” quando age sem referência à família, e a definição de “com” quando se conduz em referência à família. Como refere o autor, os indivíduos “com” devem elaborar um espaço que inscreva a sua pertença comum, mas devem também respeitar-se mutuamente quando querem definir-se como indivíduos sós. A complexidade da vida comum decorre desta alternância entre espaços-tempo de vida comum e espaços-tempo de vida separada. Por esse facto, a pessoa que vive

com outrem não se regula unicamente em função das suas próprias normas, devendo por isso resistir à tentação do egoísmo, modalidade patológica do individualismo contemporâneo.

Enquanto antigamente as pessoas se submetiam ao casamento e ao estilo de vida que lhes era possível, nas sociedades contemporâneas está cada vez mais patente a necessidade que cada um tem de em primeiro lugar ser ele próprio, para depois fazer parte de um conjunto, neste caso do casamento ou coabitação. Este parece ser, cada vez mais o ideal para a obtenção da felicidade. Assim, os indivíduos podem estar no casamento e serem mais felizes, não tendo para isso que renunciar à sua individualidade.

Assim, verifica-se uma crise na estrutura dos valores outrora presentes no interior das famílias, para dar lugar a um maior desprendimento dos laços que unem as pessoas. As identidades sexuadas modificaram-se, na medida em que o antigo modelo foi desestabilizado, dando origem a uma pluralidade de modos de vida e de formas identitárias. Hoje em dia, num cenário familiar não se sabe muito bem o significado de ser pai, mãe, padrasto, madrasta, esposa, marido.

As relações também sofreram essa transformação, uma vez que as relações de género se alteraram a tal ponto que, por vezes, confundem-se os papéis do feminino e do masculino.

Na maior parte das vezes, os filhos são as maiores vítimas das consequências das vidas dos pais, porque ficam numa situação de fragilidade que poderá afectar de variadas formas as próprias identidades.

Wallersteins e Blakeslee (citado por Giddens, 1997), num estudo que realizaram sobre o divórcio e o segundo casamento, afirmam que após o divórcio, os filhos idealizam e fantasiam sempre uma possível reconciliação entre os pais, afectando bastante as psiques. O problema evidenciado pelas autoras é que as crianças podem não ultrapassar essa fase de fantasia da reconciliação até que elas próprias se separem do seu lar e saiam de casa.

Uma nova realidade para os filhos é poderem vir a fazer parte de famílias recompostas, ou seja, um segundo casamento dos pais, levando a que tenham que aceitar duas novas figuras nas suas vidas que são a de “padrasto” e “madrasta”. Se estes acontecimentos surgirem numa fase em que as identidades estão em construção pode levar a que se sintam sem rumo, perdidos no meio das próprias indecisões ou fragilidades dos pais.

Deste modo, a família moderna está, na visão de Durkheim (1977) ameaçada pela anomia, e nesse ponto de vista não pode ser a única instância de socialização das crianças, porque perante o novo quadro de crises familiares, deixou de ser totalmente fiável na construção e transmissão do processo de socialização. É nesta medida, que o autor defende a escola como instituição fiável no processo de socialização.

1.7. Transformações nas Identidades Profissionais. Que crises?

“A sociedade Moderna está revoltada contra a Rotina”

(Sennet, in a corrosão do carácter)

A Dimensão profissional das identidades adquire uma importância particular na sociedade moderna, visto que o trabalho e o emprego começaram a condicionar a construção das identidades sociais e a ter efeitos delicados nas próprias identidades.

Em primeiro lugar, é importante percebermos o que são identidades profissionais que, na visão de Dubar (2006), constituem maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego, sendo que para o autor, podem ser atribuídos três significados diferentes da palavra crise, na medida em que se aplica às relações de classe, ao emprego ou ao trabalho.

Como já foi referido na análise das novas formas de capitalismo, a sociedade tradicional está em crise, dando origem a um novo tipo de sociedade que os teóricos não sabem bem como designar.

Apoiando-se na visão de Marx e Weber, Shumpeter (citado por Giddens, 1997), apresenta uma nova premissa em que, através do capital e dos seus detentores, as antigas formas de produção são destruídas, para dar lugar a formas mais inovadoras, mais eficazes e financeiramente mais rentáveis. A este processo podemos chamar de modernização, a qual está associada aos processos de privatização, de adopção de normas de rentabilidade financeira e de organização selectiva, implicando despedimentos e flexibilidade.

As sociedades ditas modernas têm destruído as formas sociais comunitárias, para as substituir por formas societárias. A economia foi racionalizada e tornada moderna pelo capitalismo, que impôs uma nova lógica do mercado e da concorrência.

Num contexto de modernidade, não podemos falar de capitalismo da mesma forma que o fazíamos na época em que vigorava o taylorismo, a rotina de tarefas e os modelos de organização altamente burocráticos. Temos sim de falar de um capitalismo baseado na flexibilidade. Nas últimas décadas, exigia-se dos trabalhadores a aprendizagem de determinada tarefa que viriam a desempenhar, em alguns casos, até ao resto das vidas, porque os empresários consideravam que, ao ter cada trabalhador especializado numa determinada área ou tarefa, o produto final seria de muito mais qualidade, e conseguiriam obter maiores níveis de produtividade. Nos dias de hoje, não se pensa assim, porque com a introdução do

conceito de “flexibilidade” espera-se dos trabalhadores uma abertura à mudança a curto prazo, que se tornem cada vez mais independentes dos regulamentos, que sejam capazes de aceitar o risco com naturalidade.

As actividades sociais são altamente vigiadas. Sennet (1998) refere que a rotina burocrática e a procura de flexibilidade produziu novas estruturas de poder e controlo, em vez de ter criado condições que nos tornassem livres. O autor aponta três elementos para caracterizar o sistema de poder que se esconde nas formas modernas de flexibilidade: a reivindicação descontínua das instituições; a especialização flexível da produção, e concentração do poder sem centralização.

Ao referir a reivindicação descontínua das instituições, o autor refere que a mudança flexível, do tipo daquela para que aponta hoje em dia a rotina burocrática, procura reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, de forma que o presente se torne descontínuo em relação ao passado.

Através de programas informáticos, é possível as grandes empresas verem e controlarem cada elemento da sua empresa, o que torna mais fácil o processo de duplicação das tarefas dos trabalhadores, ou então a sua eliminação, através do despedimento.

O segundo elemento apontado por Sennet – especialização flexível - é analisado à luz da procura do consumidor, porque exige regimes flexíveis e especialização flexível da produção.

O objectivo deste processo é colocar o mais rapidamente possível no mercado produtos variados, processo esse facilitado pelo surgimento da alta tecnologia. Através do computador, as máquinas industriais são fáceis de programar e o configurar.

A especialização flexível é favorecida pela velocidade das comunicações modernas, que levam de forma rápida e eficaz as informações para as empresas. Estas por sua vez concorrem e cooperam no mercado, tendo que se adaptar à vida curta do produto, independentemente das suas características.

A concentração sem centralização está relacionada, segundo Sennet (1998), com a concentração do poder sem a sua centralização, através das alterações das redes, dos mercados e da produção.

Uma das reivindicações feitas à nova organização do trabalho é que descentralize o poder, para dar às pessoas das categorias mais baixas das organizações mais controlo das suas próprias actividades. Harrison (Citado por Sennet, 1998) fala-nos em rede de relações desiguais e instáveis (concentração sem centralização) que complementa o poder de reorganizar uma instituição de cima para baixo em fragmentos e nós de uma rede. Esse

controle pode ser exercido fixando objectivos de produção ou de lucro para uma grande variedade de grupos de uma organização, em que cada unidade é livre de fazer da maneira que considerar ser a mais adequada. Contudo, é muito raro as organizações flexíveis fixarem objectivos facilmente atingíveis. Uma forma de entender a maneira como os 3 elementos do regime flexível se juntam verifica-se, segundo Harrison (Citado por Sennet, 1998), na organização do tempo e local de trabalho.

Sennet (1998) analisa as consequências pessoais no novo capitalismo e relata-nos que a ênfase na flexibilidade está a alterar o próprio significado do trabalho. O capitalismo flexível bloqueou o caminho directo da carreira e o trabalho tornou-se ilegível e incompreensível, sendo substituído pelo instável e incerto, pelo flexível e precário. A precariedade não implica necessariamente más condições de trabalho, mas antes trabalhos em part-time, trabalhos temporários, trabalho em forma de estágios profissionais, isto é, modelos de trabalho que são instáveis e pouco duradouros. Os trabalhos em part-time são na sua maioria ocupados pelas mulheres e jovens desempregados. Os estágios profissionais hoje em dia são o escape para os recém-licenciados que face ao aumento do desemprego é uma forma de trabalharem nem que seja por um número reduzido de meses.

Na perspectiva de Sennet, a nova linguagem da flexibilidade implica que a rotina esteja a morrer nos sectores dinâmicos da economia. Contudo, na prática é inevitável extingui-la totalmente dos postos de trabalho, na medida em que continuam a existir tarefas altamente rotinizadas.

A flexibilidade do lado da procura traz um destino duro, cruel, inexpugnável, em que os empregos surgem e somem assim que aparecem, são fragmentados e eliminados sem aviso prévio. Nesta nova era, as palavras contrato e demissão andam de mãos dadas. Neste sentido, se por um lado assistimos à facilidade com que se destroem e extinguem postos de trabalho, não podemos dizer o mesmo quanto à sua construção.

A evidência da crise das identidades no trabalho passa também pela lógica das competências. Em 1996, surgiu a carta Europeia da “formação ao longo da vida”, afirmando esta nova demanda em termos europeus.

Seguindo as novas linhas orientadoras, para uns, e desorientadoras para outros, a lógica da competência não passa simplesmente pela transmissão dos saberes escolares, nem pelos saberes práticos transmitidos pelas empresas, como funcionava outrora. Doravante, passa, porém pela aquisição de saberes e competências pelo próprio indivíduo. Esta nova lógica permitir-lhes-á aceder ao mercado de trabalho, serem reconhecidos e obterem

rendimentos. A empregabilidade é um conceito que, na visão de Dubar (2006), permite aos indivíduos manterem-se em estado de competência e de competitividade no mercado.

Esta nova lógica de acesso ao mercado de trabalho apresenta uma dupla face, porque se, por um lado, e com o objectivo de qualificar o trabalho, dá aos detentores de saberes e competências mais oportunidades de acesso aos postos de trabalho, por outro lado verificamos que em muitas situações o acesso limita-se a trabalhos temporários que não oferecem qualquer estabilidade futura. Por outro lado, a empregabilidade exclui os que, por vários motivos, não possam de forma voluntária aumentar o nível de escolaridade e competência.

Estes factores são um afirmar da crise das antigas relações no e com o trabalho, mas também dos próprios indivíduos que se sentem constantemente ameaçados na selva que se tornou o acesso ao mercado de trabalho, na nova sociedade pós-moderna. A crise passa igualmente pelo conhecimento que as actividades são incertas, mal reconhecidas e problemáticas.

Associado a esta situação está o mais temível surto de desemprego que atinge maioritariamente os jovens, mas também as mulheres. Por outro lado, temos uma fracção da sociedade que atravessa situações de desemprego com idades em que é difícil entrar novamente no activo. Estamos a falar de adultos em idades compreendidas entre os 40-50 anos que em consequência de encerramento de fábricas, falência de empresas ficam em situação de desemprego.

Porém, existe ainda outra situação, reflexo de precariedade, que são as pessoas a quem lhes são propostas a pré-reforma de modo a desintegrá-los do activo.

Este quadro traz inevitavelmente consequências na identidade das pessoas que passa pela anomia, pela falta de estruturas económicas e sociais. Apesar de a segurança social atribuir um subsídio de desemprego às pessoas, revela-se uma solução provisória, que não lhes traz a estabilidade de que precisam, nem tão pouco lhes confere condições para construírem os seus projectos futuros. A crise é inevitável!

Por outro lado, todas as formas anteriores de identificação a colectivos ou a papéis preestabelecidos, ou definidos, ou modos de socialização do “eu” pela integração a esses colectivos encontram-se em crise.

O problema é que os fundamentos sociais da crise das identidades no trabalho não são questões que estejam ultrapassadas. Pelo contrário, continuamos a assistir, tantas vezes como meros espectadores à sua reprodução contínua. A tragédia surge quando somos actores de uma peça que jamais gostaríamos de fazer parte.

1.8 Considerações Finais

Findo o primeiro capítulo podemos aferir que as mudanças que as sociedades acarretaram nas últimas décadas desencadearam uma série de alterações que teve efeitos nos indivíduos e inevitavelmente nas instituições. Essas alterações trouxeram consequências a nível familiar, social, político, económico, mas também a nível individual.

Deste modo, não falamos mais de sociedades tradicionais caracterizadas como tendo uma solidariedade de tipo mecânica, baseada na proximidade e cooperação de todos os indivíduos, para passarmos a descrever a realidade actual, em que prevalece um tipo de solidariedade orgânica em que as relações são cada vez mais distantes, mais frias, e mais individualistas. Falamos pois da sociedade moderna globalizada.

Com a passagem das sociedades tradicionais para as modernas surge um novo conceito que é o de Risco, na medida em que as mudanças não dependem dos indivíduos, mas é o próprio ritmo da sociedade que as cria. O mundo apresenta-se repleto de riscos e perigos que afectam os indivíduos em todos os níveis da sua existência, atingindo mesmo a sua auto-identidade e os sentimentos pessoais.

Como foi referido ao longo deste capítulo, o ponto que as sociedades atingiram foi resultado, em grande medida, do processo de globalização. A introdução do capitalismo trouxe consequências notáveis operando uma revolução das forças produtivas e a racionalização dos processos difundindo em todas as esferas de actividade uma nova lógica de pensamento e acção.

É nesta medida que o mercado de trabalho passou a ser apresentado de forma diferente. Os trabalhos duradouros e seguros deram lugar aos trabalhos em part-time e a curto prazo. O desenvolvimento das novas tecnologias acabou com muitos postos de trabalho, na medida em que as máquinas passaram a substituir o trabalho manual. Este processo tem aspectos negativos porque diminui o número de postos de trabalho e o acesso ao mesmo, mas analisado numa vertente de projecção para o mercado é positivo porque fomenta a competitividade e o desenvolvimento económico.

Tal como já foi referido, o acesso ao mercado de trabalho passou a ser cada vez mais difícil, principalmente para as pessoas com baixos níveis de formação. Nas sociedades modernas, o acesso à escola é visto como um bem essencial e o número de pessoas que ingressa no ensino superior é cada vez maior, dadas as facilidades que foram sendo criadas, tais como a concessão de bolsas de estudo para os mais carenciados. Cada vez mais as

peessoas se preocupam em estudar, evoluir, acompanhar as mudanças para terem mais hipóteses de ter um posto de trabalho. O reverso da medalha é que o mercado está completamente saturado, e torna-se cada vez mais complicado oferecer lugares para todos. E, se já é difícil para os que têm uma formação obter um curso superior podemos imaginar o que sucede com os que não tiveram hipóteses de o conseguir. Essa situação agrava-se para os indivíduos que têm cadastro no seu currículo, como é o caso dos toxicodependentes, porque as portas que se abrem são muito poucas.

Como referia Bauman, infelizmente as novas tecnologias não causam grande impacto na vida dos pobres espalhados por todo o mundo e é nessa medida que a globalização é um paradoxo, porque beneficia uma parte da população, mas deixa de fora a maioria.

No caso dos toxicodependentes, e recorrendo novamente às premissas de Bauman, o capitalismo flexível tem “heróis” e tem “vítimas”. Os heróis são os que conseguem realizar os seus sonhos, as suas necessidades e adquirir o nível de vida que desejaram. As Vítimas são todos os que aceitam o que lhes é dado, como por exemplo qualquer emprego, desde que com isso consigam ganhar dinheiro.

Esta realidade acarreta inevitavelmente consequências negativas para os indivíduos, quer em termos políticos, culturais e sobretudo psicológicos. Muitas das vezes, as pessoas preverem isolar-se e criar as suas próprias barreiras para com a restante sociedade. Há como que uma revolta pelos valores, normas e modelos impostos pelos que detém o poder, o que faz com que uma franja da sociedade não queira estar incluída. Falo por exemplo dos toxicodependentes que, em muitos casos, preferem afastar-se e criar o seu próprio grupo, o qual na maior parte das vezes também consome drogas, e no seu seio criam as suas próprias normas e formas de viver. Este processo de aculturação faz com que os indivíduos se sintam menos discriminados pela restante sociedade e usufruam de momentos de alegria e prazer com indivíduos que têm a mesma maneira de ver a vida.

As mutações na sociedade, como já foi referido, afectaram também toda uma estrutura familiar. Assistiu-se, nas palavras de Dubar, a um desfasamento entre a evolução das normas, a diversidade dos modos de vida, a experimentação de novas relações amorosas, as aspirações à igualdade entre os sexos por um lado e a rigidez das formas sociais de divisão do trabalho, na família e na empresa, a persistência das formas comunitárias de dominação dos homens sobre as mulheres, na esfera económica por um lado, e no campo político por outro.

Perante novos quadros familiares, deixou de se poder falar em famílias estáveis, pelo contrário, o modelo de família tradicional entrou em crise.

Doravante estas alterações afectam todos, embora em proporções diferentes. O facto de o casal estar cada vez mais activo no campo profissional tem como consequência a escassez de tempo para tratar dos assuntos relacionados com a família. Os filhos estão cada vez mais ligados às actividades pós-escolares, quer sejam desportivas ou culturais, e para os que não têm acesso a esse tipo de actividades, quando chegam da escola permanecem pelas ruas, até os pais chegarem dos empregos. Assim há cada vez menos tempo para o diálogo e as pessoas são cada vez mais individualistas no seio da família. Esse individualismo pode levar em alguns casos a um forte apego ao grupo de pares, de modo a compensar a ausência de afecto a nível familiar.

Segundo vários estudos levados a cabo até aos dias de hoje, muitos indivíduos iniciam o consumo de estupefacientes devido a problemas a nível familiar, como sejam a falta de diálogo ou o desentendimento e incompatibilidades entre as pessoas, que origina o desapego entre as mesmas; a morte de um dos progenitores; o divórcio.

Há situações até em que os indivíduos, depois de iniciarem o consumo, decidem sair de casa, porque não querem ter contacto com a família de origem.

Também a escola, como uma das principais instituições de socialização pode ser fonte de crises para indivíduos, na medida em que, por exemplo, através do insucesso escolar sentem que não estão a corresponder às expectativas neles depositadas e entram em crise.

É também na escola, ao tomar contacto com uma multiplicidade de indivíduos, com diferentes modelos de referência, de valores, formas de estar e viver, que alguns adolescentes começam a pôr em causa a sua identidade entrando em crise, porque querem pertencer a outros grupos com princípios diferentes do seu. Este processo passa por uma crise inicial da própria identidade, para de seguida, em alguns casos anular a identidade inicial. Este processo de aculturação com o novo grupo pode originar a prática de hábitos, como seja o consumo de drogas, de álcool, adoptar um novo visual através da mudança da forma de vestir, de se pentear, etc.

Relativamente a este último ponto é importante referir que o processo de modernização criou um modelo de corpos e de estilos que principalmente os adolescentes querem imitar, de modo a serem socialmente aceites. A vergonha do corpo, o sentir que não se assemelham ao que gostariam de ser pode trazer graves consequências nos indivíduos e levá-los mesmo ao isolamento, ou então a optar por medidas mais radicais, como seja a anorexia ou o consumo de drogas, mas sempre com um objectivo único, que é o serem iguais ao modelo único patente na sociedade.

Apercebemo-nos, perante a análise dos factores supramencionados que o início do consumo de drogas pode ter causas múltiplas. Em suma, a modernidade tardia, unindo de forma inextrincável o individual ao institucional e ao societal favorece certas dimensões que potenciam o despoletar de uma carreira de toxicodependência. A nível familiar verifica-se que o divórcio e a eventual reconstituição familiar despoleta no indivíduo fragilidades, assim como revolta com a situação vivida. Em termos escolares o insucesso, assim como a distância face às culturas e identidades de origem criam no indivíduo uma barreira que os impede de ter o percurso considerado normal. O mercado de trabalho revela-se também um factor de instabilidade, dada a crescente flexibilidade, e precariedade em termos laborai. No que diz respeito aos próprios indivíduos, a sociedade exige que cada agente seja mais autónomo, quer em termos pessoais, quer em termos sociais, sem que no entanto crie condições para que cada um desenvolva a sua identidade própria, e se sinta bem consigo mesmo, e nas inter-relações com a restante sociedade.

Capítulo 2. Exclusão Social

*“... O normal e o estigmatizado não são pessoas,
Mas pontos de vista!”*

**Goffman in Estigma: notas sobre a manipulação
Da Identidade Deteriorada**

A exclusão social tornou-se tema e noção frequentes nas pesquisas das ciências humanas e sociais.

Em termos históricos, (Martine Xiberras, 1993), as sociedades sempre tiveram os seus excluídos. Nas sociedades de outrora, encontrava-se por exemplo sob a forma de exílio ou do ostracismo ateniense, da proscrição ou do desterro em Roma e noutras partes, da condição pária na civilização Indu ou do Gueto desde a Idade Média.

Este tipo de rejeições tinha como fundamento fazer a separação de um indivíduo ou de um grupo da restante comunidade.

Historicamente, verifica-se que a maior parte das sociedades estabeleciam uma distinção entre os membros do pleno direito e os membros com um estatuto à parte. A exclusão fazia então parte da normalidade das sociedades.

Em alguns casos, o termo indica ruptura dos laços sociais, em outros refere-se a uma forma desvantajosa na sociedade capitalista ou ainda à impossibilidade de acesso a bens materiais e simbólicos. A cada significado de exclusão social subjaz uma determinada maneira de entender a sociedade.

O termo exclusão ganha complexidade teórica, na medida em que não é apenas uma nova forma de se referir à velha pobreza, mas sugere mudanças no fenómeno da pobreza e está ligado à discussão sobre um novo modelo de sociedade.

Robert Castells (2003), uma das principais referências na análise de pessoas e grupos desfavorecidos, fala-nos do significado de exclusão social, definindo-a como a fase extrema do processo de “marginalização” entendido este como um percurso descendente” ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade. Essa fase extrema refere-se quer à ruptura com o mercado de trabalho, quer a rupturas familiares, afectivas e de amizade.

Apesar de vários autores associarem a exclusão social à pobreza, na medida em que há um desajuste do poder económico e as pessoas são excluídas do acesso a bens e a um estilo de vida considerado mais confortável, há autores como Alfredo Bruto da Costa (1998) afirmam que pode haver pobreza sem exclusão, na medida em que há grupos que apesar de pobres são felizes e sentem-se integrados no seu habitat, na sua comunidade.

O termo exclusão social (Bruto da Costa, 1988) foi definido nos princípios dos anos 90 pela comissão europeia como o Processo de Marginalização.

Antes de mais, a noção de exclusão remete-nos para uma questão importante que é: excluído de quê? Isto é, deverá existir um contexto de referência, do qual se é ou se está excluído.

Por outro lado, ao analisarmos a definição de exclusão não podemos esquecer o que significa o seu oposto: inclusão social, ou integração social, ou inserção social. Estas definições estarão de forma directa ou indirecta implícitas na noção e definições de exclusão social.

Ao colocar o problema da exclusão social, em termos de falta de acesso a sistemas sociais básicos, a definição proposta ajuda a identificar os mecanismos de exclusão que a sociedade comporta, dando indicação do sentido das mudanças sociais necessárias para eliminar ou reduzir substancialmente o problema. Por outro lado, a mesma definição valoriza as consequências da exclusão social sobre os indivíduos excluídos, as quais podem chegar, no extremo, a levar à perda de identidade pessoal. Assim, o combate à exclusão social requer actuações aos mais diversos níveis, desde o individual até ao nacional ou supranacional.

Martine Xiberras (1993) foi outra das autoras que se interessou por esta temática, salientando que as formas mais visíveis, ou mais chocantes do processo de exclusão residem na rejeição para fora das representações normalizantes da sociedade moderna avançada.

A autora refere que numa sociedade onde o modelo dominante continua a ser o “Homo Econimicus” todos aqueles que recusam ou são incapazes de participar no mercado serão excluídos. A pobreza significa a incapacidade de participar no mercado de consumo, e o desemprego a incapacidade de participar no mercado da produção.

Estes dois eixos: desemprego e pobreza, embora em moldes diferentes, são considerados processos similares na maneira de rejeitar os homens para fora da esfera dos bens e dos privilégios económicos.

Este primeiro tipo de exclusão, segundo a autora leva a uma ruptura do laço económico que liga os actores sociais ao modelo de sociedade.

As outras formas de exclusão retratadas por Xiberras remetem, da mesma forma, para uma rejeição para fora das outras representações normalizantes da sociedade moderna. A autora defende que existe toda uma série de normas ou de níveis a atingir, aquém dos quais os indivíduos não parecem habilitados a participar do modelo normativo, isto é, do que é bem, belo, conveniente ou competitivo.

Como todas as esferas da sociedade moderna parecem submetidas a estes níveis ou limites de normalidade que definem, em resposta, um insucesso em relação à norma. Para Xiberras, este insucesso em relação à normalidade parece constitutivo dos processos de exclusão.

A exclusão atinge outras esferas da vida dos indivíduos. Por exemplo, no campo da educação a sociedade tem procedimentos normativos que impõe de forma precisa. Em cada etapa se o nível requerido não é atingido, e sobretudo nos casos de insucesso repetido, o mau êxito escolar conduz a fileiras fechadas, a classe especiais, às primeiras categorias de exclusão da escolarização normal.

No que refere às relações familiares, há critérios normativos pré-definidos que podem lançar as pessoas para o que é considerado normal ou anormal, por exemplo a idade média para casar, idade média do nascimento do primeiro filho, número médio de filhos, entre outros factores.

Entrando numa esfera ainda mais privada, nas relações intra-pessoais, existe também um nível médio requerido pela sociedade fixado como sendo normal, de realização da própria personalidade, da saúde mental, e da saúde física. Trata-se de as pessoas aderirem a uma imagem de si próprias conforme com o modelo proposto pela sociedade.

A exclusão pode chegar também às pessoas que nasçam fora do âmbito nacional, como o caso dos estrangeiros e/ou emigrados.

Xiberras vai mais longe e fala-nos mesmo de Ruptura. Para a autora, o ponto comum a estas múltiplas formas de exclusão reside na ruptura dos laços que elas acarretam, directamente ou a mais longo termo. A ruptura dá-se também com o vínculo simbólico. Um e outro ligam o indivíduo à sociedade.

A ruptura com o laço económico, por seu lado, ocorre com a exclusão para fora da troca mercantil, para fora do mercado. A exclusão económica permite caracterizar os dois fenómenos da pobreza e do desemprego como forma de exclusão mercantil.

A ruptura com o laço institucional surge, para Xiberras, quando se dá a exclusão para fora das instituições que fixam as normas ou os níveis de rendimento. A título de exemplo, a autora refere que a o insucesso escolar pode ser definido como uma ruptura que rejeita para fora da escola, principal lugar de socialização.

Em termos domésticos, o insucesso conjugal ou familiar pode ser considerado como uma ruptura para fora da sociedade doméstica.

Em termos pessoais, a ruptura pode dar-se com o laço psicológico, com a auto-imagem, para levar de forma gradual à ruptura com o vínculo social, para de seguida se romper com as formas de vínculo simbólico.

Pode, então afirmar-se que a exclusão não se apresenta somente de forma visível ou materializável, levando à ruptura do laço social, assumindo também formas dissimuladas que levam à ruptura do laço simbólico, ou seja, do vínculo de adesão que liga os actores sociais a valores, ou, mais simplesmente, uma ruptura que procede por quebra do sentido.

Martine Xiberras analisa as teorias da exclusão em torno de três grandes eixos: as teorias da sociologia clássica, salientando os contributos dos pais fundadores da sociologia. Falamos de Durkheim, Max Weber e Simmel, bem como das teorias da sociologia do desvio representada pelos autores da Escola de Chicago.

Os pais da Sociologia (Durkheim, Max Weber e Simmel), não estudam especificamente a população dos excluídos, mas os mecanismos de coesão social das sociedades da modernidade. Contudo, esboçam as formas de processos de exclusão próprios da modernidade.

Os três autores analisam os mecanismos de coesão da modernidade a partir das formas de coesão social das sociedades tradicionais. Para estes sociólogos, é na ordem das representações colectivas que se fundam todos os princípios do ordenamento social.

Para Durkheim (1977), a natureza do laço social permite explicar a ordem social global. O autor define dois tipos de solidariedade para descrever a sua morfologia e as formas de ligação ou solidariedade.

Assim, no tipo de solidariedade mecânica descreve o laço social existente nas sociedades tradicionais e descreve-o como existindo agrupamentos estáveis e restritos onde os indivíduos se assemelham e identificam. Os valores e princípios que seguem são os mesmos, de modo que as pessoas são pouco diferentes umas das outras.

Por seu turno, o outro tipo de solidariedade, a orgânica é típica das sociedades modernas funcionando graças ao princípio da diferenciação, em que os indivíduos não se assemelham, mas têm consciência de participar, enquanto partes no bom funcionamento da sociedade.

Durkheim (1977) recorre ao conceito de consciência colectiva, definindo-a como o conjunto formado pelos sentimentos e pelas crenças comuns à média dos membros duma sociedade, ou de um colectivo. A consciência colectiva é formada por um conjunto de ideias, valores e sentimentos, sendo autónomo face às diferentes consciências individuais. Nas sociedades tradicionais, a consciência colectiva cobre a maior parte das consciências individuais, estando estas últimas submetidas aos sentimentos e crenças comuns. Neste tipo de sociedades, a união é tão forte que poderá até levar ao sacrifício de alguns dos membros, caso haja necessidade de ajudar outros elementos do grupo, ou seja, é predominante o sentimento de altruísmo.

Por seu turno, nas sociedades modernas está patente um forte sentimento de individualismo, em que a consciência colectiva ocupa um lugar cada vez mais reduzido face à preponderância de cada consciência individual sobre cada um dos homens.

Um outro conceito utilizado por Durkheim (1977) é o conceito de Anomia, descrevendo-a como a desagregação dos valores e a ausência de referências. No plano das relações humanas, a anomia provoca a desagregação do tecido das relações sociais. A anomia designa, também a desafeição ou a falta de adesão aos valores e a dissolução do laço social, significando uma forma anormal de divisão do trabalho, em que esta não chega a produzir solidariedade orgânica, seja porque a ausência de regras desorganiza as funções sociais, seja porque as regras existentes não conseguem mais impor-se face a uma nova forma de desorganização social.

Durkheim (1977), analisa o espaço das Representações colectivas, e das práticas sociais. Segundo o autor, quando as representações colectivas são densas, o laço social é forte.

Todavia quando as representações colectivas são pouco coerentes, o laço social é também pouco coeso.

O pensamento do autor reside nas noções de Densidade Moral e Anomia, na medida em que se a densidade moral designa uma forte coerência das representações colectivas, o conceito de anomia designa a sua desagregação.

Neste sentido (Durkheim, 1977), as sociedades modernas são governadas por representações colectivas fundadas sobre a noção de consciência individual. Assim, em lugar de formar novas relações sociais de tipo orgânico, o tecido social decompõe-se para dar lugar à anomia. Este arrefecimento do laço social deve ser um indício para a modernidade da diminuição da coerência das suas representações colectivas.

A anomia descreve, assim, um vazio ao nível das representações colectivas, que se propaga até atingir a estrutura do laço social. A anomia aparece, então, como o principal mecanismo de exclusão, na medida em que o indivíduo pertencente à sociedade moderna entregue ao vazio das representações colectivas é seguidamente entregue à ausência de quadros sociais de integração social, acabando por se confrontar sozinho com a dor do infinito. É por essa razão, que a anomia, enquanto mecanismo de exclusão macro e microsocial chega facilmente à desagregação da ordem social através, da morte humana denominado de Suicídio Anómico (Durkheim, 1976). A anomia, no seu sentido mais forte contém a ideia de morte individual, e mesmo de morte colectiva.

Alguns conceitos analisados por Durkheim são retomados por inúmeros teóricos da modernidade, no sentido de confirmarem que o fenómeno prossegue o seu caminho.

Assim sendo, as solidariedades mecânicas, fundadas sobre o laço comunitário desfazem-se pouco a pouco em benefício da solidariedade orgânica.

Os investigadores contemporâneos, face aos problemas sociais do final do século XX retomaram o conceito de anomia para o aplicarem a diferentes categorias da população, por exemplo, os jovens em crise de valores, os imigrados aculturados, os toxicodependentes, os deficientes, entre outros.

As formas de marginalidade, desvio e delinquência assemelham-se à problemática da anomia. No fundo, é como se os grupos e sujeitos sociais que estão em situações consideradas como estando à margem da normalidade sofressem de anomia.

Merton (1965), menciona que a anomia permite descrever as condutas da delinquência no que contém de paradoxal, porque os jovens delinquentes conformam-se com os valores do sucesso material, embora procurando atingir esses fins por meios ilegítimos. A anomia

designa, assim, uma tensão insolúvel entre os fins propostos pela sociedade e os meios ilegítimos aos olhos da sociedade necessários para os atingir.

O ponto de vista de Merton (1965), acerca da anomia insiste principalmente na dessocialização, na falta de integração social do indivíduo na sociedade global.

Outros pesquisadores notam, assim como já havia acontecido com os pesquisadores da Escola de Chicago e do Interaccionismo Simbólico, que a dessocialização global pode ser acompanhada de uma ressocialização no seio de um grupo restrito.

Neste sentido, Duvignaud (citado por Martine Xiberras, 1993) refere que a dissolução do vínculo social global permanece portadora de morte ou ausência social, mas ao mesmo tempo pode proporcionar o nascimento de algumas formas novas de sobrevivência ou inovação. O autor define a personalidade anômica como a evolução de um sujeito por diferentes grupos de pertença e, consequentemente de socialização ou ressocialização.

Simmel (1979), considerado também um dos pais fundadores da sociologia, explica a coesão social na interação ou na relação com o outro. Para o autor, os agrupamentos humanos das sociedades tradicionais estão recolhidos sobre as suas próprias representações do mundo e esta posição garante a sua forte coesão social.

Simmel (1979) recorre à metáfora do estrangeiro para referir que, a coesão de um grupo depende da relação mantida com o estrangeiro e com a noção de estrangeiro. A relação humana é referida por Simmel como a relação com o outro, com a alteridade, em que a relação com o outro enquanto estrangeiro não é mais do que uma das modalidades.

Com a crescente abertura das sociedades, da sua relação com o outro, houve um aumento da diferença. Neste sentido, o estrangeiro é acolhido por necessidade, mas conserva todas as suas características de estrangeiro e é a relação com o outro que se que no seu conjunto se reflecte de estranheza e hostilidade. Assim, o laço social da modernidade é definido como excluindo o Outro por natureza.

Não podemos analisar a temática da exclusão sem passarmos pela identificação do que é considerado Desvio.

A temática do desvio aborda a questão da coesão social esboçada por Durkheim. A temática do desvio constrói-se à volta do conceito de anomia e a partir da hipótese de que quando a densidade social aumenta, a densidade moral decresce, aparecendo as patologias sociais modernas como por exemplo, os vícios, criminalidades, anomia, desvio, marginalidade, entre outros.

Quando a densidade social aumenta, mais numerosos são os indivíduos em interação, maior é a diferenciação potencial, maior é a diferença e distância entre as suas ideias, maior é a segregação espacial, sendo menor a coesão moral.

Esta segunda hipótese é analisada por correntes como a Escola de Chicago e o Interaccionismo Simbólico. A escola de Chicago aborda, desde os anos 30, o problema da densidade moral nas grandes metrópoles industriais e enfatiza os motivos que conduzem da desagregação moral à desagregação do tecido social.

A instabilidade e insegurança tornam-se norma na cidade, em que já não existe nenhuma obrigação de pertença em relação a nenhum grupo. A coesão desaparece devido à rotação rápida dos indivíduos e dos próprios grupos.

Segundo os autores da escola de Chicago (Wirth, Mead, Park, entre outros), tudo se passa como se nem a solidariedade mecânica, nem a solidariedade orgânica pudessem mais permitir organizar qualquer grupo estável. Segundo os pesquisadores, na área natural do habitat humano há forças ou factores que estão em acção tendendo a constituir constelações por convergência, sendo forças de organização, mas que poderão tender à desorganização. Para nos explicarem este paradoxo, os autores recorreram a alguns conceitos como o de mobilidade, densidade, assimilação/segregação que serão explanados de seguida.

A mobilidade existente na cidade cria um aumento em número e diversidade dos estímulos, o que, por sua vez gera uma despersonalização das relações sociais. Se, por um lado, a mobilidade é um factor de organização, por exemplo ao permitir que os trabalhadores encontrem um equilíbrio face ao mercado de trabalho, é também, por outro, factor de desorganização, no sentido em que acarreta uma instabilidade da população a nível material e moral. A densidade afigura-se, igualmente, como factor de organização social e espacial. A nível social, uma vez que os reagrupamentos se produzem segundo a diferenciação das profissões e dos interesses profissionais, e não sob o modo de vida familiar e cultural. A nível espacial, porque estes tipos profissionais podem ser enquadrados materialmente.

Contudo, a densidade revela-se como factor de desorganização, visto que a solidariedade não se manifesta mais sobre o sentimento e o hábito, mas sobre o interesse e a cooperação.

Por último, e como consequência da mobilidade e densidade surge a assimilação/segregação. Como a própria palavra indica, a assimilação é factor de organização. Contudo, os indivíduos que chegam à cidade devem acomodar-se a uma ordem, a uma organização definidas por aqueles que já lá estão há mais tempo. Para a concretização da

assimilação são factores preponderantes o papel que a educação desempenha nas crianças, adolescentes, adultos, entre outros.

A segregação, ao invés da assimilação, é um factor de desorganização, mas pode também provocar organização. A este propósito, os investigadores de Chicago referem que a organização pode dar-se através da organização de grupos em bairros, por similitude da língua, da cultura. Deste modo, os grupos tendem a reagrupar-se e a formar zonas onde os grupos raciais vivem lado a lado.

Os estudos da escola de Chicago defendem a existência de áreas naturais no seio da cidade, considerando como fazendo parte da área natural um grupo que partilha uma maneira de ser, um modo de vida, perspectivas específicas, contribuindo para a consciência colectiva. Neste sentido, cada área natural delimita as suas próprias características culturais. A cidade é então formada por várias áreas naturais, em que cada uma tem o seu meio e a sua função na cidade. No interior de cada área natural, os indivíduos vivem em conjunto não somente porque são semelhantes, mas também porque são úteis uns aos outros.

É neste sentido, que para descrever o laço social das áreas naturais, os autores da Escola de Chicago não optam pela solidariedade mecânica, nem pela orgânica, dado que numa sociedade caracterizada pela diferença e pela individualidade, também se encontram núcleos em que imperam verdadeiras comunidades, em que os agrupamentos humanos mantêm entre si laços de solidariedade mecânica.

Nesta linha de raciocínio, a modernidade pode operar as suas transformações, mas sem destruir a rede de relações primárias, caracterizadas pelas relações face a face, pela proximidade. A cooperação é íntima, e o grupo é visto como um todo comum. Contudo, no seio da cidade característica das sociedades modernas, predomina o tipo de relações secundárias, que correspondem ao tipo de solidariedade orgânica, em que as relações são mais indirectas, mais imediatas, mais irreflectidas. Este tipo de relações não são naturais, mas apreendidas e controladas através da escola, da igreja, e de outros agentes de socialização secundária.

Na linha de raciocínio dos estudos da Escola de Chicago, através deste fenómeno dá-se a esterilização da ordem moral e a pressão dos problemas sociais, como por exemplo o vício, a criminalidade, os divórcios e a vagabundagem.

Segundo Louis Wirth (1928), tomando como objecto de investigação o modo de vida nas grandes metrópoles, quando a densidade social aumenta, mais numerosos são os indivíduos em interacção, maior é a diferença e a distância entre as suas ideias, maior é a segregação espacial e automaticamente menor é a coesão moral. As referências dos

comportamentos dos grupos são caracterizadas como imprevisíveis, incertos, sujeitos à manipulação por estereótipos.

Halbwachs (1928) refere por seu turno, que a mistura do tecido urbano no estado natural provoca a desintegração de certos grupos, em que a vida colectiva aparece simultaneamente concentrada e dispersa, suspensa e em desaceleração, ofegante e ferida. Daqui resultam problemas sociais como criminalidade, vagabundagem, acampamentos, sociedades efémeras, gangs, guetos, seres desequilibrados e perdidos.

O interesse pelos grupos excluídos vai no sentido de descobrir ou orientar a análise em direcção à possibilidade de reconstrução de uma ordem moral ligada a um tipo de solidariedade que lhe seria próprio.

Os estudos dos pesquisadores da Escola de Chicago foram retomados, a partir dos anos 60, por um grupo de sociólogos que renovou as perspectivas da criminologia americana. Falamos das doutrinas do interaccionismo simbólico, assumidas pela Escola de Chicago e defendidas por autores como Becker. Blumer Goffman, os quais defendem que o crime e a delinquência não são os únicos factos sociais sancionados pela sociedade, existindo práticas sociais, por exemplo o alcoolismo, a droga ou as doenças mentais que acarretam também uma forma de sanção por parte da sociedade.

Na sociedade actual, as pessoas são classificadas e etiquetadas consoante o tipo de cultura a que pertençam, o bairro onde habitam ou até pela forma como se vestem. Assim, as pessoas que não se incluem dentro dos parâmetros que a própria sociedade define como sendo normais são consideradas como se estando a desviar do que é normal.

As doutrinas do interaccionismo simbólico chamam desvio a qualquer forma de comportamento que transgrida as normas aceites e definidas por um grupo ou por uma instituição numa dada sociedade.

Os interaccionistas retomam de Mead duas noções consideradas importantes para melhor entendermos estas questões: a noção de carreira e o “eu”, self. A noção de carreira fixa a entrada no mundo do desvio como um processo e não como um estado; enquanto a noção do “eu” refere-se à percepção que dele detêm os diferentes actores respeitantes, tanto normais como desviantes.

Um contributo importante para as pesquisas levadas a cabo na temática do desvio, foi dado por Becker (1985), através da sua obra “*Outsiders*”. Para o autor, existem dois sentidos no termo “*Outsider*”: pode referir-se ao indivíduo que transgride uma norma e, como tal, se torna estranho face ao grupo, mas pode também referir-se àqueles que são estranhos ao grupo dos desviantes. Neste sentido, o termo “*Outsider*” tem um duplo sentido, porque designa o

que contém de estranheza tanto o olhar dos desviantes para os normais, como o olhar dos normais para os desviantes.

A pessoa ou grupo considerados desviantes podem desenvolver o seu próprio olhar no que se refere ao julgamento do desvio que lhes é imposto, isto é, podem estar plenamente de acordo com o facto de ser desviante, ou inversamente, podem mostrar-se ambivalentes. Um exemplo de pessoas que, por vezes, consideram pertencer à normalidade, mas são considerados desviantes são os alcoólicos ou os toxicodependentes, uma vez que não consideram estar a cometer qualquer desvio.

É neste sentido que Becker (1985) afirma que os dois mundos, o da normalidade e o do desvio, não coexistem somente lado a lado, mas penetram-se e recobrem-se em numerosos pontos de contacto.

Mediante esta afirmação, podemos interrogar-nos acerca de quais são as normas a ser seguidas? Haverá normas universais reconhecidas por todos? Como podemos então classificar um indivíduo que tem uma família, um emprego estável, mas consome estupefacientes? Como pertencendo ao mundo da normalidade ou do desvio?

Becker (1985) propôs uma concepção sociológica do desvio, definindo-o como uma transgressão das normas de um grupo, mas dando ênfase ao facto de as sociedades modernas e complexas serem constituídas por vários grupos, daí que um mesmo indivíduo possa ser normal ao relacionar-se com um determinado grupo e desviante ao relacionar-se com qualquer outro grupo que tenha práticas sociais consideradas como não aceites pela sociedade.

O desvio constitui para Becker uma propriedade que não pertence nem à pessoa desviante, nem ao seu comportamento, mas à interacção entre dois grupos: os que transgridem e os que reagem ao acto de transgressão.

Apoiando-se na sociologia compreensiva desenvolvida por Max Weber, e mais tarde pela Escola de Chicago, Becker (1985) afirma que para atingir e descrever o ponto de vista do desvio é necessário adoptar um ponto de vista do interior através de estudos no terreno analisando relações estáveis e duráveis no tempo, de modo a compreender quem são os actores que contribuíram para a institucionalização das normas. Não podemos esquecer o facto de que a definição das normas e o seu modo de aplicação não são unânimes para todos os indivíduos pertencentes à sociedade.

Becker parte da premissa de que todos os sujeitos estão submetidos às mesmas tentações desviantes. Assim, impõe-se a questão: por que é que alguns passam ao acto e outros não?

O autor apresenta uma explicação em volta de duas justificações. A primeira situação manifesta-se, quando os indivíduos estão totalmente livres de qualquer compromisso para com a sociedade convencional. Esta situação é frequente quando por exemplo os indivíduos cresceram e se socializaram numa cultura ou sub-cultura diferente da maior parte dos sujeitos, de modo que se identificam mais com normas alternativas às propostas pela sociedade.

A segunda justificação apresentada pelo autor, está relacionada com situações em que os indivíduos conhecem as regras da sociedade, mas inventam justificações ou técnicas de neutralização das regras convencionais que se tornam as suas próprias normas.

Na mesma linha de raciocínio, Matza (1964) mostrou como os jovens delinquentes neutralizaram a influência da lei para cometer um acto desviante. Assim, e a título de exemplo, eles consideram o roubo um empréstimo e não um crime ou um acto de desvio.

Deste modo (Becker, 1985), os desviantes partilham o seu próprio desvio, o que lhes dá um sentimento de possuírem um destino comum, na medida em que pertencem a uma sub-cultura comum e como tal partilham os mesmos valores, as mesmas ideologias, os mesmos princípios que vão dar origem à criação de uma identidade para o grupo em questão.

Esse grupo, embora considerado como desviante aos olhos da sociedade, identifica-se com o seu grupo. Contudo, e a partir do momento que a sociedade o etiqueta como sendo desviante, pode tornar-se alvo de discriminação, causando nas restantes pessoas um sentimento de receio, de medo, de perigo.

Por exemplo, os toxicodependentes são vistos como indivíduos que poderão causar algum perigo às restantes pessoas, porque têm o rótulo de pessoas que poderão roubar, ser violentos, o que causa um sentimento de desconfiança por quem se cruza com eles. E como reage o toxicodependente a estes estímulos? Será que também ele não sente medo? Ou será que se sente bem no sub-grupo onde está inserido? Uma resposta pode ser considerada como provável: se o desviante se sente excluído, haverá maior probabilidade para o desenvolvimento de actividades ilegítimas, porque acaba por se conformar com o rótulo que lhe é atribuído pelos que são considerados pela sociedade como normais.

Becker (1985), nas suas pesquisas, interessou-se pelo mundo da droga, mais propriamente pela carreira do fumador. Segundo o autor, um indivíduo predisposto a fumar conhece os outros fumadores e depressa começa a frequentar esses grupos. São os fumadores experientes que podem guiar o noviço, atraindo-o para os efeitos agradáveis que a droga pode dar. A carreira do fumador permite perceber a existência de um mundo da droga, como aquele que é composto por uma rede de grupos de consumo.

A noção de *carreira* é definida por Becker (1985), como a ideia de uma evolução por etapas em que o resultado final nunca é certo. Becker sublinha o papel fundamental da sociedade, na definição das carreiras desviantes. O conceito de *carreira* de Becker refere-se à passagem a uma dada posição, e assim sucessivamente, englobando a ideia de acontecimentos e circunstâncias que afectam a carreira.

Becker salienta que a maior parte dos consumidores de droga são desviantes clandestinos, porque escondem cuidadosamente a sua prática com medo de serem rejeitados por aqueles que pertencem ao mundo da normalidade. Para o autor, este medo desaparece, porque com o contacto com os outros fumadores aprendem a manter o segredo através da aprendizagem de como controlar os efeitos das drogas, de modo a que possam continuar conviver com os restantes cidadãos. O problema é que muitas das vezes, essa intenção ou esforço de disfarçar não é levado a cabo, pois os sujeitos, sob o efeito de psicotrópicos, perdem a noção de tudo o que gira à sua volta, perdem a sua liberdade para se confinarem aos efeitos físicos e psicológicos que a droga lhes causa, o que faz com que se tornem escravos dela e comecem a ser rotulados pela sociedade como toxicodependentes.

Como refere Goffman (1975), se um indivíduo possui um ou mais atributos que o faz relacionar com os indivíduos viciados, desacreditados ou deficientes, é automaticamente classificado como pertencendo ao grupo de indivíduos estigmatizados.

O autor define estigma como um atributo que lança um descrédito profundo, em que dois pontos de vista estão dissimulados: por um lado, o olhar da sociedade, porque se o estigma não for visto nem conhecido, o indivíduo não é desacreditado enquanto o atributo estiver escondido; por outro lado, o olhar do indivíduo estigmatizado, porque se o estigma é visível ou conhecido, o indivíduo é desacreditado e sente-se desacreditado.

Goffman (1975) apresenta-nos dois olhares existentes: o da sociedade e o do estigmatizado. No primeiro caso, são consideradas normais as pessoas que não divergem das expectativas normativas, enquanto as pessoas que possuem características estigmatizantes perdem os direitos aos quais os outros atributos dão acesso. Do lado do olhar do estigmatizado, o indivíduo estigmatizado, isolado pela sua estranheza, pode sentir-se realizado, mesmo que não se aperceba que os outros não o aceitam e não estão dispostos a ter contacto com ele. Contudo, esta situação de indivíduo estigmatizado compromete a sua identidade isolando-o da restante sociedade.

Apesar de isolado da sociedade, o estigmatizado acaba por descobrir outros indivíduos que compartilham o mesmo estigma, criando-se grupos ou agrupamentos que partilham o mesmo estilo de vida e que se irão ajudar mutuamente. A ideia de que há um estigma

partilhado, de que há a ideia de um “nós” que os identifica e une é um indicador de presença de uma consciência colectiva entre eles. Tudo se passa como se os grupos de desvio chegassem ao restabelecimento, no seu seio, de um laço social de tipo comunitário, apoiando-se sobre representações colectivas coerentes. Contudo, eles não conseguem estabelecer um laço social ou de solidariedade externa com a sociedade global.

Os indivíduos estigmatizados, pertencendo e identificando-se com um determinado grupo, não sabem nunca como os restantes membros da sociedade considerados normais irão reagir quando se encontrarem com eles, nem tão pouco como os vão acolher.

Para o conjunto de escolas e correntes aqui apresentadas, o fenómeno do desvio, da anomia ou da marginalidade não provoca simplesmente desagregação moral ou social, mas conduz também à recomposição do tecido social sob diferentes formas. Falamos por exemplo das áreas naturais observadas pela Escola de Chicago, dos grupos de excluídos analisados por Goffman e os mundos alternativos analisados por Becker.

A pós-modernidade ratifica todas as constatações de decadência e de decomposição do tecido social da modernidade, não podendo ignorar os males nem os inimigos da modernidade, como por exemplo a droga, terrorismo, epidemias, sida, etc. A pós-modernidade herdou os flagelos inimigos da modernidade, mas numa perspectiva inversa, em que os males que atormentam a modernidade não são talvez mais do que as consequências e não as causas desta desagregação. Os flagelos não deviam ser erradicados para anular os seus efeitos, mas contidos de modo a perceber as suas causas. Os inimigos da modernidade deveriam ser reintegrados pelas suas semelhanças e não perseguidos pelas suas diferenças.

Quer os pais fundadores da sociologia, quer os sociólogos do Desvio insistem sobre a ausência da solidariedade orgânica ao nível da sociedade global, sublinhando a ruptura do laço simbólico existente entre grupos de excluídos e a sociedade.

A doutrina do interaccionismo simbólico mostra-nos que, a relação dominante na teia de relações consiste num conflito de representações. A sociedade considera e julga os excluídos como responsáveis pela sua exclusão, e censura a sua ausência social ou a sua falta de participação no modelo oficial.

Pelo contrário, os excluídos têm tendência para desenvolver o seu próprio modo de organização e censuram a sociedade pela sua falta de reconhecimento em seu favor. Nestes termos, existe uma ruptura do laço simbólico que se instala entre os excluídos e a sociedade em geral.

Para sociólogos do desvio, a solidariedade orgânica não pode constituir-se enquanto os grupos excluídos e a sociedade continuarem a ignorar-se ou a combater-se, porque essa

realidade só tem um destino que é a fractura do ordenamento social. Esta realidade faz com que aumente a desordem social e conduza à desorientação do indivíduo, reforçando o individualismo e conduzindo à anomia.

O consumo de drogas, como já foi referido anteriormente, é considerado um comportamento de desvio perante os restantes membros da sociedade, criando representações acerca do toxicómano: delinquente, doente, desviante, anómico. O fenómeno da droga é então visto pela sociedade como uma prática negativa, como repulsa porque é um flagelo para o laço social e para os valores e normas oficiais.

Por seu turno, na comunidade tóxica existem diferentes categorias de população distintas. A comunidade, mesmo que virtual, acaba por formar uma entidade homogénea. Todavia, para o acto de consumo, cada um tem o seu espaço privado e as regras de uso específicas do seu grupo de pertença ou simples consumo.

No seio desta comunidade virtual está presente a solidariedade mecânica, visível através da solidariedade e o sentimento de pertença existente entre eles, mas existe também um sentimento de ordem (solidariedade orgânica) que nasce para os toxicómanos no seu confronto com o todo social, mas também nos seus contactos com a rede de abastecimento. Este sentimento é frequente, devido à consciência de pertencer a uma categoria social estigmatizada e rejeitada ou de obedecer às lógicas de um mercado proibido, cuja justiça permanece incompreensível aos olhos destes actores.

O toxicómano, rejeitado pela sociedade global, perde o seu valor de ser-humano, sendo a sua relação com a sociedade considerada como uma não-relação.

Na pesquisa levada a cabo na presente investigação, a análise desenvolvida está relacionada com a carreira do toxicodependente, tendo como objectivo fulcral perceber a trajectória dos indivíduos na sua inter-relação com as drogas – motivações para o consumo; aumento ou diminuição dos consumos; tipo de drogas consumidas – assim como as implicações que tal orientação teve nas suas vidas, quer em termos pessoais, quer em termos familiares, com o grupo de pares e no mundo profissional.

Capítulo 3. Toxicodependências

“A arte de viver consiste em saber distinguir, entre os impulsos que devem ser obedecidos, e os que devem obedecer.”

Anónimo

Neste capítulo vamos analisar o motivo ou motivos que estão na base do consumo das drogas, de modo a percebermos o que leva os indivíduos a iniciar o consumo e a tornarem-se dependentes das drogas, ou seja, vamos tentar perceber que indicadores espoletam a desestruturação, o desapego, a perda da identidade, a anomia do indivíduo, levando-o a consumo.

Em primeiro lugar, vamos fazer uma breve apresentação e enquadramento do conceito da toxicodependência, para, em seguida, procedermos à análise dos motivos que estão por detrás do início do consumo.

O conceito de toxicodependências advém do termo dependência, o qual foi passível de constantes redefinições nos últimos 30 anos.

Nos anos 60, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou a substituição dos termos “hábito” e “adição” pelo termo dependência, definindo-a como “um estado físico e por vezes psíquico, caracterizando-se por modificações comportamentais que compreendem sempre uma compulsão na administração da droga de forma contínua ou periódica” (Valentim, 1997).

Nos anos 80, a mesma organização adoptou o conceito de síndrome de dependência, que se encontra subdividido em dependência fisiológica e psicológica, sendo esta terminologia um legado fundamental para a definição actual das toxicodependências, principalmente o conceito de dependência psicológica.

Entende-se então por toxicodependências, o uso repetido de uma substância e/ou envolvimento compulsivo num comportamento que, directa ou indirectamente, modifica o meio interno, de tal forma que produz um reforço imediato, impelindo o indivíduo para o seu consumo, experimentando, assim, os seus efeitos psíquicos, mas também para evitar o desconforto da abstenção (O’Brien e Cohen, citado por Muisener, 1994).

Para caracterizarmos mais concretamente este conceito, devemos apoiar-nos nos seguintes critérios: tem que existir dependência psicológica de pelo menos uma substância,

manifestada por um comportamento de permanente abastecimento da mesma; existir uma incapacidade para interromper autonomamente e permanentemente a utilização da substância; e verificar-se uma deterioração da saúde física e/ou psíquica em resultado do consumo da substância.

Todavia, deverá salientar-se que a dependência pode ser gradativa, existindo quatro etapas de utilização de substâncias, explicando assim o porquê de só uma pequena percentagem dos indivíduos que experimenta ficar adicto: a experimentação, o uso social, o uso operacional e a dependência (Muisener, 1994).

A primeira diz respeito à descoberta por parte do indivíduo, normalmente jovem, do potencial dos químicos para criar uma mudança no seu estado sentimental.

A maioria dos jovens que experimenta drogas fá-lo, tal como fez com todo o tipo de experiências sensuais e arriscadas, para descobrir se o que se está a falar é verdade, para ver se tem ou não medo.

No que diz respeito ao uso social, este representa a fase em que o indivíduo, sabendo já quais as sensações que a substância lhe traz, consome especialmente em situações sociais, havendo uma identificação do contexto com a maior frequência de uso, mostrando assim que o seu uso pode ser uma forma adaptativa e normativa: as drogas são sociotransmissoras (Morel, 2001). Todavia, não muda por causa disso o seu ritmo de vida, o seu modo de viver. Por exemplo, bebe quando se proporciona: quando sai à noite, quando vai a uma discoteca.

Ao falarmos de uso operacional referimo-nos à entrada no abuso de substâncias, passando os indivíduos a agir com as drogas, da mesma forma que elas agem no seu estado afectivo interno, pois existe, neste patamar, um maior compromisso com as drogas.

Finalmente, quando o indivíduo usa a droga para se sentir normal, falamos de dependência. O uso da substância é o pilar da vida do dependente, havendo uma busca compulsiva para o mesmo, gerando um vício, havendo uma ausência de controlo face a este comportamento (Muisener, 1994).

Deste modo, podemos definir três tipos de consumidores: o *consumidor ocasional* ou *experimentador*, ou seja, o indivíduo que tem contacto esporádico com determinadas substâncias. Não existe qualquer tipo de dependência, sendo possível a convivência com os outros e a manutenção dos hábitos quotidianos de uma forma adequada; o *consumidor habitual*, quando existe uma dependência de carácter psicológico que leva o indivíduo a procurar utilizar uma determinada substância em determinadas ocasiões. Existe um hábito determinado pela ocorrência de certas circunstâncias (p. ex., festas, fins de semana); e o

toxicodependente, ou seja, o indivíduo em que já está instalada a *dependência*. A droga torna-se o centro dos seus interesses e da sua vida. O indivíduo vive com e para a droga.

Logo, podemos designar dependência pela habituação e uso compulsivo da utilização de drogas para atingir um nível de funcionamento, ou um sentimento de bem-estar. Há, assim, a adequação do organismo ao uso crónico da droga. Quando existe uma tentativa de interromper o uso, aparecem os sintomas de privação, uma vez que, como as drogas alteram a captação e/ou liberação de certos neurotransmissores e também possibilitam um aumento da quantidade de corpos citoplásmicos e mitocrôndrias no fígado destinados a neutralizar a droga, levam a que organismo dependa da droga para manter esse novo equilíbrio.

No entanto, não podemos falar de dependência tão genericamente, porque esta pode depender de indivíduo para indivíduo e de substância, para substância. Assim, as dependências podem ser de duas naturezas, a mais vulgar e “menos” destrutiva é a *dependência psicológica*, ligada fundamentalmente aos mecanismos de reforço positivo e que é um atributo do uso abusivo de todas as substâncias, consistindo na sensação experimentada pelo consumidor de que necessita da substância para atingir um melhor nível de actividade ou uma sensação de bem-estar superior, recorrendo por isso de forma quase sistemática ao seu consumo. A sua determinação é bastante subjectiva e é um conceito posterior ao de dependência física, surgindo da necessidade de explicar alguns comportamentos quase compulsivos, não só no domínio das drogas. Ela manifesta-se pelos efeitos psíquicos que origina, por exemplo, quando a pessoa é dominada por um impulso forte, quase incontrolável, de administrar a droga à qual se habituou, experimentando um mal-estar intenso, na ausência da mesma. Há um apego ao estado onde as dificuldades do usuário são momentaneamente apagadas pelos efeitos da droga que acaba por preencher a necessidade de “soluções” imediatas, para evitar o estado disfórico.

A mais visível em termos sociais, e a que causa maiores danos, é a *dependência física*, ligada fundamentalmente aos mecanismos de reforço negativo que existe quando o organismo se adaptou fisiologicamente ao consumo habitual da substância, verificando-se com a interrupção ou diminuição acentuada do consumo os sintomas característicos da síndrome de abstinência específicos da substância em causa. Manifesta-se através de um conjunto de sintomas físicos, ou seja, efeitos somáticos, tais como transpiração abundante, taquicardia, queda de tensão arterial, que ocorrem se um indivíduo interrompe abruptamente o consumo de determinada substância. Quando a droga é utilizada em quantidades e frequências elevadas, o organismo defende-se estabelecendo um novo equilíbrio no seu funcionamento e adaptando-se à droga de tal forma que, na sua falta, funciona mal. Estas perturbações

neurovegetativas traduzem uma habituação do organismo ao produto e a necessidade imperiosa de poder dispor de droga para funcionar sem este tipo de sintomas. O consumo serve para evitar a síndrome de privação.

É ainda necessário ter em consideração as propriedades específicas da substância, o carácter e o estado emocional do consumidor e o contexto em que o mesmo está integrado, que podem surgir como factores de risco ou protectores.

Nestas definições de dependência, encontra-se patente que este conceito é construído como uma demarcação da normalidade, o que nos reporta para uma análise fenomenológica menos direccionada para o uso estrito de drogas, mas antes para os porquês desse uso e para o conceito de “normalidade” (Durkheim, 1977) que determinada sociedade comporta, pois este diverge de época para época e de sociedade para sociedade, permitindo-nos aferir as diferentes realidades e explicar as razões para tal suceder.

É em nome dos valores vigentes (podem ser religiosos, políticos, oficiais ou até baseados no conceito de liberdade), que se sentem e se explicam as diferenças e é construindo estas padronizações, que se leva a que determinadas populações acabem por ser excluídas; começando-se logo a descortinar a grande importância da consciência colectiva no determinar destas avaliações.

A modernidade trouxe outras consequências nefastas ao indivíduo. Lipovetsky (1983), na sua obra, *A Era do vazio* afirma que, a mulher se adoptou muito melhor a um modelo mais próximo das suas características: amabilidade, gentileza, tolerância, sendo a crise mais sentida pelo homem que sempre herdou os valores masculinos viris e guerreiro, de coragem, honra, verticalidade e força.

Perante esta realidade, a crise da identidade masculina e a confusão sentida por muitos jovens rapazes, frequentemente mais confusos e perdidos que as raparigas, poderá parcialmente explicar a fuga no álcool ou nas drogas.

Pierre Tap (1996) considera que a infância, mas principalmente a adolescência, são as fases da vida do indivíduo que servem de trampolim para a vida adulta e como tal as vivências nesses anos da vida de cada ser humano vão-se reflectir na vida adulta. Assim, defende que para compreendermos e explicarmos os adolescentes é necessário não soment observar as suas atitudes e os seus comportamentos, mas também discernir a sua significação: inferir a existência de processos cognitivos e sócio-afectivos, a partir dos quais se constrói a pessoa e a sua história.

O autor considera a adolescência como um fenómeno sociocultural recente, característico das sociedades desenvolvidas. A través de uma teoria do desenvolvimento do

adolescente, o autor tenta explicar como o indivíduo se constrói no jogo imbricado da socialização e da personalização, numa relação dialéctica entre desenvolvimento e crise.

Para entendermos um pouco mais o motivo de cada vez mais jovens estarem envolvidos em drogas, precisamos assim de falar sobre as modificações que ocorrem numa fase da vida pela qual todos nós passamos: a adolescência. Uns conseguem vivê-la sem problemas significativos, porém todos a vivem (ou viveram) com conflitos.

Durante esta etapa de transição do estado infantil para o estado adulto, o jovem geralmente apresenta comportamentos instáveis, variando as suas acções e opiniões, num "experimental" que o levará à definição da sua identidade (tarefa básica desta fase). O adolescente deve definir a sua identidade em três níveis: sexual, profissional e ideológico. Durante o processo, ele poderá adoptar diversos tipos de identidades, de acordo com novas aquisições, diante de situações novas ou em função do grupo circunstancial em que está inserido. Estas várias identidades alternam-se, ou coexistem, num mesmo período, reflectindo a luta do jovem pela aquisição do Eu e definição da identidade adulta (Macfarlane, 1996).

Tenta-se alcançar a autonomia, ou seja, a capacidade para tomar decisões, de obter um sentimento de auto-confiança nos objectivos sociais e nos padrões de comportamento, de forma a alcançar uma identidade própria.

Vive-se, ainda, uma fase de revivência do conflito edipiano, acompanhada de uma regressão narcísica e de retorno a uma posição depressiva, existindo um acumular de transformações sucessivas que se manifestam sob o ponto de vista biopsicológico.

Actualmente, o contexto social parece privilegiar a "infantilização", ou seja, adia cada vez mais o crescimento dos indivíduos: há um acréscimo de dificuldades de acesso ao emprego, dificuldade de constituição de um lar próprio, adiar de autonomização material (aumento da escolaridade), ou seja, há o desaparecimento dos ritos de passagem, que deixam o adolescente mergulhado num universo, muitas vezes, ainda mais adverso. As transições já não são o que eram, isto é, elas já não se fazem entre estádios seguros e conhecidos, antes se diversificaram, complexificaram, precarizando-se.

Nas sociedades de outrora, as tarefas eram bem definidas, nomeadamente as ocupações, as tarefas de cada sexo e os restantes papéis a desempenhar na sociedade, não estando os filhos em posição de contestar as normas dos pais e avós, uma vez que existia uma rigidez hierárquica muito forte em cada família. Deste modo, o indivíduo tinha muitas oportunidades para praticar as aptidões requeridas para o papel que mais tarde iria desempenhar, não havendo qualquer equívoco nos ritos de passagem, uma vez que quando

declarado adulto, todos, inclusive o próprio, sabiam que era adulto, o indivíduo tinha maior consciencialização da suas “obrigações”, do seu papel na sociedade, algo, que actualmente deixou de existir.

Nas sociedades urbanizadas os adolescentes acham difícil adaptarem-se às pressões das mudanças sociais e às expectativas que recaem sobre eles, uma vez que devem decidir qual a sua vocação profissional muito cedo, uma tarefa muito complicada para a maioria dos jovens, o que aumenta ainda mais o seu stress e tensão, podendo levá-los ao recurso das drogas para escaparem da realidade e de todas as “obrigações” e expectativas a ela inerentes.

Os principais grupos de referência para os adolescentes são os grupos de pares que alternam com a família (Claes, 1985; Coleman, 1985; Lutte, 1988; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1992; Schaffer, 1994, citados por Matos et al., 1998).

As referências parentais são seguidas pelos jovens, relativamente a valores culturais “estáveis” e em decisões que implicam consequências a longo prazo, como por exemplo, valores socioeconómicos, religião, adesão política, cuidados de saúde e hábitos de consumo.

As referências do grupo de pares são tomadas em consideração, na realização de comportamentos relacionados com valores culturais e sociais “mutáveis” e com consequências imediatas, como por exemplo, preferências (música, moda), linguagem, modelos de interacção individuais e sexuais.

De uma forma geral, a influência dos pais salienta-se nas decisões que têm implicações ao nível do futuro, e a influência do grupo de pares nas decisões relativas a necessidades, nomeadamente em termos de identidade e status (Claes, 1985; Schaffer, 1994, citado por Matos et al., 1998). Schaffer salienta ainda que em muitos casos a influência dos pais e dos amigos converge e reforça-se mutuamente: “as normas, os valores, a estrutura dos grupos de jovens estão em grande parte condicionadas pela cultura ou subcultura dos adultos, de onde eles derivam”.

Até mesmo a família fruto de factores de mudança e de transformações (avanços tecnológicos, alterações na demografia, a ausência de modelos) apresenta-se com uma caracterização bem diferente em relação a tempos, não muito distantes.

A civilização de hoje depara-se com uma sociedade despolarizada que confunde muitos valores, deixando o indivíduo com uma liberdade que não sabe controlar, na medida em que, mesmo nascendo livres, devemos conhecer com precisão os malefícios e benefícios de todos os nossos actos. E, como os afectos têm dado lugar a subprodutos e materialismos, que preenchem os nossos momentos, caímos numa falta de conhecimentos e modelos, que tornam o nosso dia-a-dia muito estéril.

Actualmente, e acrescentando a todos estes motivos, os pais deparam-se com uma realidade particular, também ela nada fácil, com um modo de vida cada vez mais agitado e ocupado, onde a existe uma falta de referências na educação, vêm dificultado seu trabalho de educadores, levando, muitas vezes à edificação de barreiras com os filhos, a uma falta de comunicação, que pode encaminhar o adolescente ao consumo (Nowlis, 1989).

No que concerne às alterações biológicas do indivíduo nesta fase desenvolvimental, assiste-se a um crescimento que neste momento é rápido e desproporcional. Os membros alongam-se, o corpo emagrece, os ângulos salientam-se. A mudança quase que brusca não permite uma adaptação harmónica ao processo. O adolescente não só se sente desajeitado, como é desajeitado, por regular mal o domínio do corpo ao qual ainda não se adaptou.

Estas mudanças trazem conflitos e a necessidade de adaptação. Essa adaptação deve ser interna e externa. Ao crescer brusca e rapidamente, o jovem às vezes sente-se envergonhado ou em conflito por causa de seu novo corpo, o adolescente passa a tentar disfarçá-lo, atrás de roupas largas e compridas ou, até mesmo, atrás de uma obesidade que deixa o corpo "assexuado", pois a gordura age como uma capa, não permitindo que se identifiquem as características sexuais.

As modificações corporais, o aparecimento de pêlos pubianos e axilares, o aumento da força muscular, a distribuição da gordura, a mudança da voz, são elementos que exteriorizam as mudanças internas com seus reflexos sobre a vida afectiva e emocional dos jovens. Ou seja, o corpo permite que o adolescente visualize, perceba as mudanças psicológicas que também estão a ocorrer. Desta forma, ele tenta responder o mais rapidamente à pergunta que o “persegue”: Quem sou eu? Sendo então fácil de constatar que é nesta fase que se dá a construção da sua identidade, da representação e si.

Porém, muitas vezes ao tentar buscar esta identidade, eles seguem por caminhos mais sinuosos, como sendo a experimentação de drogas por pressão do grupo ou para fugir aos problemas familiares ou para se ajustarem aos valores sociais, porque ao fazerem a “descoberta de si próprio”, têm necessidade de fugir de si, procurando à sua volta auxílios, sonhos e ideais, afectos e intimidade, que por vezes assumem aspectos apaixonados e intempestivos.

Além do processo de mudanças e transformações biológicas e psíquicas, a adolescência, tem muitos outros factores que influenciam a identidade que o jovem vai criar, caracterizando-se por alguns factores: pela tendência grupal, o grupo dá segurança ao jovem e ajuda-o a configurar-se; nele todos se identificam uns com os outros, pois têm um objectivo em comum; há transferência de parte da dependência familiar para o grupo; ajuda a vivenciar,

na prática, o exercício do bem e do mal (experenciar a crueldade e violência, a culpa dissolve-se no grupo); servem muitas vezes de modelo de conduta, de ponto de apoio; dá resposta ao seu mal-estar; surge a necessidade de intelectualizar e fantasiar, provocada pela vivência dos lutos, serve como forma de reparar a angústia das perdas. Por outro lado, são idades em que se destaca a desestruturação corporal: o adolescente imobiliza o tempo, tentando preservar as conquistas passadas e apaziguar as angústias relacionadas ao futuro; adoptam uma atitude social reivindicatória; têm constantes flutuações do humor e estado de ânimo, assim como comportamentos impulsivos, rebeldes, críticos, arrogantes, e uma atitude de desafio à autoridade dos pais.

Contudo, a adolescência pode ser dividida em três fases (MacFarlane, 1996) não estanques e que podem diferir de indivíduo para indivíduo: dos 11 aos 14 anos, é a fase que o autor denomina de puberdade ou adolescência inicial, característica do nascimento da intimidade (o despertar do próprio "eu"); da crise de crescimento físico, psíquico e maturação sexual. Nestas idades, não há ainda consciência daquilo que se está a passar e conhece pela primeira vez as suas limitações e fraquezas; sente-se indefeso perante elas; dá-se o desequilíbrio nas emoções, que se reflecte na sensibilidade exagerada e na irritabilidade de carácter. Por outro lado, "não sintoniza" com o mundo dos adultos e refugia-se no isolamento ou no grupo de companheiros de estudo ou integra-se num grupo de amigos.

Numa fase seguinte, entre os 13 a 17 anos, dá-se o despertar do "eu" e passa-se à descoberta consciente do "eu" ou da própria intimidade. A introversão tem agora lugar, pois o adolescente médio precisa de viver dentro de si mesmo. Aparece a necessidade de amar. Costumam ter imensas amizades. Surge o "primeiro amor". A timidez é característica desta fase, assim como o medo da opinião alheia, motivado pela desconfiança em si mesmo e nos outros. Dá-se o conflito interior ou da personalidade e o surgimento dos comportamentos negativos, de inconformismo e agressividade para com os outros, causados pela frustração de não poderem valer-se por si mesmos.

Na fase entre os 16 e os 22 anos, o adolescente começa a compreender-se e a encontrar-se a si mesmo e sente melhor a integração no mundo onde vive, apresentando um significativo progresso na superação da timidez, é mais sereno na sua conduta, mostrando-se menos vulnerável às dificuldades e tem maior autodomínio. É também uma época de tomar decisões: futuro, estudos. Assim começa a projectar a sua vida. Estabelece relações mais pessoais e profundas.

Assim, com todas estas mudanças, o jovem por vezes sente-se desorientado, perdido e busca opções secundárias para ultrapassar este patamar desenvolvimental, como por

exemplo, as drogas. Estas, como vimos, têm características desinibidoras que lhes parecem aliantes, dado que podem permitir uma melhor integração ao grupo, o que nesta idade tem particular importância, pois substitui o papel paternal de pertença, tendo uma conexão muito vinculante no desenrolar da sua vida.

Este período, na sua generalidade, é perpassado por momentos muito amargos e difíceis para os jovens, uma vez que eles passam a dar muita importância a determinados aspectos, que quando não são alcançados provocam sensações de mal-estar profundo. A sua tarefa de abandono do modo de vida infantil cria sentimentos de tristeza, de ansiedade, muito mais visíveis do que em qualquer outra etapa de desenvolvimento, podendo os adolescentes, muitas vezes, desenvolver sentimentos de culpa, desvalorizando o seu “eu”, desembocando num profundo desinteresse pelas actividades escolares, pelo relacionamento social e pelos tempos livres, isolando-se, disfarçando o estado depressivo com a passagem ao acto: ao consumo de drogas, às tentativas de suicídio, e aos distúrbios alimentares.

Na verdade, existe uma fuga resultante da incapacidade de lidar com a passagem do estado infantil para o adulto. As drogas apresentam-se, em alguns dos casos, como a solução mais fácil, como compensação para alguns vazios que possui e que não preenchidos de outras formas. Assim, este será preenchido enganosamente numa primeira fase, derivado do conforto imediato que a droga oferece (desinibição, bem-estar, esquecimento dos problemas...) da sua “magia”.

Os jovens que na adolescência e na fase prévia não conseguiram adquirir confiança e sentido do seu valor não se encontram em equilíbrio emocional, tendo, por isso, necessidade de recorrer ao consumo de drogas numa tentativa de o alcançarem, não espantando, deste modo, que as razões mais invocadas para o uso de drogas sejam: obtenção do prestígio entre os seus iguais, facilitação do relacionamento social, curiosidade, forma de fuga aos problemas (Nowlis, 1989). Numa sociedade que cria aspirações infinitas em todos os indivíduos, mas que não dá recursos suficientes a todos para que elas se realizem, cria dentro de cada um um sentimento de impotência que não ajuda no seu crescimento, provocando, em muitos dos casos, a revolta, a qual se espelha em comportamentos desviantes com o intuito de colocar em causa as normas vigentes.

Na sociedade actual, principalmente nos meios de comunicação social, veicula-se uma imagem de bem-estar para todos, com uma pertença facilidade a que todos julgam ter direito. Mas na realidade, o grau de acesso à suposta igualdade e felicidade é muito diferenciado, uma vez que a sociedade está envolta numa desorganização social que diminui os laços de coesão e cria desigualdades muito marcadas nos seus constituintes.

Contudo, este encontro com as drogas pode ir do simples uso experimental a uma conduta aditiva, não podendo esquecer aqui a máxima latina: “abusus non tollit” usum (o abuso não impede o uso). Pelo facto de existirem muitos toxicodependentes não invalida o facto de existirem também muitos outros que as usam moderadamente, dado que vão estar envolvidos na vivência do adolescente factores externos e internos que podem ser factores de protecção ou de risco, quando conjugados de diferentes formas em cada indivíduo podem originar as diferenças de relacionamento com as drogas, que facilmente podemos perceber, não devendo, por isso, descurar a ligação entre: droga-indivíduo-contexto.

O indivíduo ao socializar-se procura a sua realização enquanto pessoa, porque não é uma estrutura condicionada, submissa, passiva e imóvel. O indivíduo é um sujeito-actor, logo tem iniciativas, faz escolhas, tem estratégias de enraizamento e de continuidade identitária, a partir da qual se desenvolve a consciência e o reconhecimento de semelhanças e diferenças, assim como o próprio questionamento crítico relativamente a pessoas e a coisas.

O autor afirma que a pessoa é a busca do poder, do sentido e de valores, de inscrição numa orientação, ela é concretizada e perspectivada, é a abertura a novos aspectos das relações com os outros e com as instituições, uma disponibilidade para a mudança implicando um menosprezo relativamente a hábitos e às formas de ser instituídas da personalidade e um retomar da procura, favorecendo uma verdadeira conversão: mudança de níveis, de hábitos ou de atitudes (Tap, 1996).

O percurso do adolescente é da passagem da família, da dependência, da segurança para o mundo das relações, do social, da autonomia e da aventura. É como se pudéssemos falar de uma transferência de vida, em que a partir do momento em que o indivíduo passa para a fase adulta tem que enfrentar “sozinho” os riscos inerentes à sociedade moderna. A família torna-se, deste modo, um dos pilares essenciais para a construção da personalidade, do “*self*” dos indivíduos, na medida que os vai preparar, criando estruturas sólidas para poderem enfrentar as realidades, os problemas do dia-a-dia.

Tap (1996), ainda referindo-se ao conceito de personalização, refere que esta não se reduz nem à individualização-identização (autonomia, unificação, continuidade), nem à inculturação, nem aos sistemas de interações, sendo por seu turno uma tentativa renovada da sua totalização, através da construção de novos objectivos, de valores finalizados, de projectos de transformação de si mesmo, de mudança nas relações interpessoais e nas regras ou nas instituições sociais e culturais.

Contudo, o autor refere que este esforço de totalização é constantemente travado por ocultações e disfarces, pelo jogo de alienações que provocam o sentimento de impotência, de

insignificância, de desvalorização, de incapacidade de realização das potencialidades, de limitação do campo temporal ou espacial, pelo desenraizamento e perda de um passado, incapacidade de agir de forma pessoal no presente, impossibilidade de organizar e de prever o futuro para si e para os outros.

Assim, através de um jogo de regulações entre o “eu” e os outros, os “nós” e as instituições, a personalização é um constante esforço de abertura e de repersonalização, de luta contra as clivagens internas e as alienações que transformam o homem em objecto, em animal ou em autómato (Tap, 1996).

Há factores como os papéis e representações de sexo, a própria sexualidade e o amor que se apresentam como preponderantes no processo de personalização, despersonalização e de repersonalização, dado que dizem respeito às actividades do indivíduo e põem em evidência a sua identidade corporal, a sua auto-imagem nas relações com o outro, do mesmo sexo ou de sexo diferente, a sua posição na sociedade em função dos mecanismos sexistas da divisão do trabalho.

Os papéis e representações são determinados pela cultura em função dos estereótipos, dos valores e das regras que instituem discriminações, padrões de comportamento ou modelos de referências identitárias.

O sujeito vê-se assim confrontado com uma imensidão de tensões contraditórias estando ligado a uma imensa panóplia de lógicas alienantes. O sujeito vive rodeado de múltiplas contradições internas e dificuldades de escolha de modelos passados e desejos, aspirações e ideais actuais que o orientam para o futuro.

A este propósito, Seeman (citado por Tap, 1996) refere que as dimensões da alienação prendem-se com os seguintes factores:

- A impotência, acompanhada ou não do sentimento correspondente;
- A ausência de significação, acompanhada ou não do sentimento de insignificância ou do carácter supostamente insensato da situação ou da vivência pessoal;
- A anomia, ou a incapacidade em se situar relativamente a um sistema de normas, em interiorizar ou construir um sistema de regras;
- A estranheza face aos valores, a indiferença e a recusa de qualquer crença;
- A incapacidade de se realizar, em querer ou poder actualizar as potencialidades através do esforço para se superar a si mesmo.

Segundo o autor, as transformações nas estruturas e nas relações sociais introduzem ou reforçam as cinco dimensões da alienação atrás referidas, cujas consequências sociais e pessoais são consideráveis.

Para se defenderem destas lógicas alienantes, os sujeitos desenvolvem estratégias adaptadas à luta contra cada uma delas, o que faz com que através destas defesas vão construindo e reconstruindo a sua personalização.

O indivíduo quando confrontado com o sentimento de perda, quer seja de um objecto, de um grande amor ou até mesmo de um modelo de identificação, de características próprias, como, por exemplo, a própria identidade, sente-se perdido, abandonado, desorientado, tendo a tendência para procurar algo que o faça compensar o que perdeu e restaurar a identidade prejudicada, acabando assim com o sofrimento que todos os factores atrás referidos evidenciam.

Para lutar contra a perda pode adoptar comportamentos substitutivos, apoiando-se por exemplo na toxicomania ou alcoolismo. Estas decisões são consequência de atitudes irreflectidas num momento de desespero, de sofrimento, de desorientação, mas visam o afastamento do aborrecimento, da desesperança do nada, da inquietação da insignificância, no fundo de um ser amorfo.

Morin (citado por Tap, 1996) refere que o desenvolvimento dos processos psicossociais da inter-restruturação estão presentes em quatro fases, que passo a citar:

1) A ancoragem plural e a influência sociocultural, em que o indivíduo por meio de apropriações, e sob o efeito de influências múltiplas ancora nas relações duais (relações com o outro), ou plurais (relações interpessoais), integra-se nas redes culturais e nas relações sociais e constrói as suas próprias redes, quer sejam cognitivas, axiológicas, através da aprendizagem social, por imitação, identificação e interiorização;

2) O segundo aspecto evocado pelo autor prende-se com a libertação conflitual, onde as contradições entre o dentro e o fora das instituições e as clivagens internas vividas pelo sujeito resultantes da frustração dos desejos ou do bloqueamento dos objectivos provocam desequilíbrios, conflitos entre os modos de apropriação e as situações novas, que tornam inadequados ou inapropriados os comportamentos habituais. O indivíduo encontra-se em situação de crise, de desancoragem, de desenraizamento, de desintegração do Eu.

3) A retoma mobilizadora é o terceiro factor evocado por Morin, evocando que a situação de ruptura vivida pelo sujeito tende a provocar nele tentativas de tratamento e de resolução do conflito:

- A revolta, a marginalização e a defesa agressiva que economizam a análise e a gestão dos efeitos da crise;
- A fuga por defesa e por necessidade de segurança;

- A tentativa de superação da crise através do projecto que se instaura a partir da análise e da gestão das causas do conflito;

- Os deslocamentos relacionais, afectivos e cognitivos (identificações que favorecem a apropriação de potencialidades, a procura de referências e a organização de novos objectivos);

4) A prospecção pró confrontação e definição das ideias relativamente às quais nos opomos e das pessoas que consideramos como adversários e em relação às quais contra-identificamos, mas também às ideias às quais aderimos.

5) Por último, o autor refere a acção criadora dos indivíduos mencionando que a mobilização evocada poderia ser ineficaz se não desembocasse em momentos de realização e de invenção individuais e/ou colectivos implicando:

- A cristalização das aspirações em projectos de condutas;
- O accionar de novas ancoragens pela reequilibração e emergência de um novo instituído.

Todavia, se a procura da identidade implica por vezes uma rejeição das identificações, ela opera mais frequentemente pela objectivação de identificações diferente e em conflito e pela emergência progressiva de processos de libertação de identificações antigas e/ou desenvolvimento de novas identificações.

Os problemas da identidade, de adesão e de sexualidade são cada vez mais centrais e objecto de estudo nas sociedades pós-modernas, na medida em que se encontram no cerne dos conflitos das relações que o indivíduo tem com o seu próprio corpo, com as pessoas ou grupos, mas também com a própria sociedade. Por outro lado, não podemos dissociar a análise da identidade (s), pessoal dos sistemas de valores, de acção, da comunicação com os outros, do envolvimento em grupos ou movimentos sociais.

É nas relações conflituosas com o outro, pessoa ou grupo, que o sujeito acede à diferença e adquire o reconhecimento de si e dos outros, por si mesmo e pelos outros.

Assim, enquanto os jovens não forem ajudados a encontrar e a desenvolver por seu próprio meio uma identidade e um papel significativo na sociedade dos adultos, a utilização de uma substância, seja ela qual for, está a dar resposta a uma necessidade real ou imaginária, que não está a ser satisfeita de outra forma.

Capítulo 4. Metodologia de Pesquisa

4.1 Metodologia

A teoria assume, segundo Madureira Pinto (1975), uma função no comando dos processos de investigação, articulando e dando significado às suas diversas etapas, com vista à obtenção de conhecimento. Todas as fases do processo de investigação se referenciam a conteúdos teóricos que lhes conferem sentido, abrem perspectivas e condicionam a delimitação das potencialidades explicativas dos fenómenos estudados.

O quadro de referência teórico não poderá ser desprendido da componente metodológica, sendo crucial encontrar estratégias agregadas de pesquisa que melhor apreendam a diversidade, especificidade e complementaridade do objecto de estudo.

Neste estudo, a opção recaiu sobre uma metodologia qualitativa, o inquérito por Histórias de Vida, o método das narrativas. A escolha adveio do facto de ser a metodologia que melhor permite compreender o discurso dos sujeitos sobre si, mas também sobre os outros, em matéria dos valores ideologias ou crenças e interpretá-las de modo a perceber o sentido que lhe atribui.

As metodologias qualitativas, em termos históricos tiveram a sua origem com os trabalhos da Escola de Chicago dos anos 20 e 30, situando os seus fundamentos epistemológicos, sobretudo no Interaccionismo Simbólico formulado por Mead. Por outro lado, numa perspectiva fenomenológica tenta-se entrar no mundo conceptual dos sujeitos, para compreender qual o significado que constroem em torno dos acontecimentos das suas vidas diárias.

É considerado um paradigma interpretativo, sendo o objecto de análise formulado em termos de acção que abrange o comportamento físico e ainda os significados que lhe atribuem o actor, e aqueles que interagem com ele. Estas metodologias dão primazia ao indutivo, na medida em que se passa do particular para o geral.

As técnicas qualitativas são, na visão de Esteves (1996) particularmente justificadas na conjuntura social científica como meios mais adequados, embora não exclusivos, ao estudo da produção, e circulação de sentido, mormente quando estão em estudos problemas emergentes em populações escondidas.

A análise dos dados através do método qualitativos torna possível ao investigador aperceber-se dos processos que envolvem a linguagem, acção e interacção social no contexto escolhido, descrevendo e detalhando a realidade em constante transformação.

Recorrer aos métodos qualitativos de análise é acreditar na existência de uma relação entre o pesquisador e o pesquisado, que é construída no desenrolar da pesquisa, além de ter como crucial os significados que se constrói conjuntamente nesse processo.

Podem distinguir-se duas fases na história das histórias de vida. Após a grande época das *life stories* nos Estados Unidos, seguiu-se uma certa desafeição pelo género. Mais tarde, no decorrer dos anos 50, na Europa, desenvolveu-se um movimento de uma amplitude muito grande e profunda a favor da recolha directa ou indirecta dos testemunhos “Vividos”, nos domínios histórico, etnológico, psicológico, sociológico e literários (Poirier, 1999).

No plano geral das histórias das ideias, o movimento actual que se manifesta com bastante espectacularidade a favor das histórias de vida, inscreve-se na linha de uma dinâmica dos processos de criatividade literários e científicos: a preocupação de se aproximar cada vez mais do real concreto.

A colecta de histórias de vida não deve privilegiar nem uns nem outros, na medida em que as pessoas mais interessantes são precisamente aquelas por quem ninguém se interessa – o homem qualquer, o médio, de quem se pode pensar que é o mais representativo dos modelos culturais de sociedade (Poirier, 1999).

Foi nesta linha de raciocínio que para estudar uma amostra constituída por toxicodependentes, optei pelo método de histórias de vida, sendo que há poucos estudos sobre a toxicodependência que tenham recorrido a este método.

A característica central do método das histórias de vida é a construção de narrativas, porque quando cada um se pensa, pensa-se de um modo narrativo, tomando-se como actor principal dum argumento que faz de si o epicentro duma história.

Assim, o inquérito por Histórias de Vida recorre a um método exploratório aberto, em que a regra é a liberdade de expressão, dado que a técnica de recolha é a entrevista não directiva e em que a preocupação primeira é o inquiridor agir com um estímulo capaz de desencadear a narrativa (Poirier e col., 1995).

O objectivo das entrevistas consistiu em estabelecer um diálogo que permitisse dar o espaço necessário aos entrevistados para que tivessem o à vontade para falar abertamente sobre as suas vivências, os seus medos e anseios e partilhar as suas experiências até então quer fossem positivas ou negativas.

No estudo das histórias de vida recorreremos à técnica de análise de conteúdo. Esta consiste num conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis e em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (conteúdos) (Bardin, 2007).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos adaptado a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (Bardin, 2007).

4.2 Instrumentos de Recolha de Informação

Na pesquisa foram utilizados dois instrumentos:

-Entrevistas semi-estruturadas a informantes privilegiados, de entre os quais um representante do CAT, e um representante da *Bragahabit* (transcrições em anexo).

-Histórias de Vida (entrevistas semi-estruturadas) a uma amostra de toxicodependentes (transcrições em anexo).

4.3 Seleção dos entrevistados

A selecção dos entrevistados foi feita em duas fases. Numa primeira fase as entrevistas foram realizadas na *Bragahabit*, mediante uma listagem facultada por uma socióloga da instituição, de indivíduos que no passado ou no presente estiveram ligados à toxicodependência. Nesta primeira abordagem, os membros seleccionados foram escolhidos mediante os seguintes factores: disponibilidade; estarem contactáveis; não estarem presos;

De salientar que em alguns casos, mesmo depois de seleccionados, foi difícil que eles comparecessem no dia e hora marcados, sendo que em alguns casos nunca apareceram.

A falta de comparência dos convocados adveio de factores de ordem familiar e social, isto é, alguns convocados não compareceram por proibição dos pais, com medo que eles estivessem a mentir; porque estavam em tratamentos; ou porque tinham medo que a Instituição em causa lhes retirasse a habitação. Porém houve casos, em que não houve justificação aparente.

A falta de comparência dos indivíduos convocados levou a que, a amostra sofresse uma alteração. Foi decidido continuar as entrevistas junto do CAT em Braga.

Contudo, no CAT também foram encontradas dificuldades, ou seja, quando os toxicodependentes eram confrontados com o pedido para concederem uma entrevista, a primeira resposta era negativa, alegando que não tinham disponibilidade no momento. O facto de terem que aguardar que as terapeutas, ou psicólogas os atendessem causava-lhes uma certa agitação, levando a que mal terminasse a sessão sentissem necessidade de se ausentarem do edifício.

Assim, as restantes entrevistas foram realizadas, a quatro estudantes universitários.

A relação estabelecida com os entrevistados foi, na maior parte das vezes fácil. Foi sentida uma maior abertura na relação entrevistador-entrevistado com os quatro estudantes universitários, dado que não demonstraram qualquer preconceito, ou vergonha em falar sobre a sua história de vida.

Em duas entrevistas o diálogo inicial foi difícil, mas com o decorrer da entrevista os entrevistados mostraram-se mais confortáveis para falar sobre as suas vivências.

Em todas as situações se verificou que quando terminada a entrevista, os entrevistados continuavam a falar sobre as suas experiências, sendo que em alguns casos foi nesse discurso solto que pudemos reter informações pertinentes para a investigação em curso.

Capítulo 5. Histórias de Vida

“Uma longa viagem começa com um único passo”.

Lao-Tsé

André

André é um jovem actualmente com 31 anos residente em Braga. É solteiro, e vive com os pais e um irmão mais novo num bairro na cidade de Braga.

Os pais, ambos com profissões modestas, a mãe doméstica, e o pai reformado sempre trabalharam o mais que puderam para dar as melhores condições possíveis aos três filhos, todos do sexo masculino.

O pai foi para André o principal agente de socialização, dado o seu autoritarismo quando necessário, mas o seu espírito de companheirismo e amizade sempre que os filhos precisavam. A mãe sempre assumiu uma posição mais submissa e de protecção.

Muito ligado aos amigos, principalmente os pertencentes ao bairro, todas as suas vivências eram passadas com eles.

A escola sempre foi vista como uma prisão, e como tal sempre que possível, e juntamente com os amigos faltavam às aulas para irem para a rua fazer outro tipo de actividades, que desde sempre estavam habituados, como é o caso de jogar à bola, ou

simplesmente sentarem-se na berma da estrada a conversar. Assim, a escola foi um projecto inacabado, porque aos 14 anos abandonou o ensino e foi trabalhar com o pai.

Foi com estes amigos que teve a primeira experiencia de fumar um cigarro e um “charro”.

Aos 18 anos foi para a tropa, e quando regressou conheceu um grupo de pessoas, com as quais começou a socializar. Essas pessoas de idades compreendidas entre os 35/40 anos tornaram-se um exemplo a seguir para André, por serem mais velhos e ele ver neles uma referência, um exemplo a seguir. Como essas pessoas consumiam heroína e cocaína, André também começou a consumir. O consumo durou cerca de 3 anos, altura em que aceitou a ajuda dos pais para sair da droga. Como é completamente contra os tratamentos em instituições, fez um tratamento a “frio” em casa dos pais, estando paralelamente a ser acompanhado por uma psicóloga do CAT.

Actualmente não consome drogas, e ri-se da altura em que o fez porque se arrepende solenemente de ter tido essas práticas. Aliás nem tão pouco se identifica com um toxicodependente, demonstrando plena consciência que nunca mais na sua vida vai consumir estupefacientes.

Apesar de não ter conseguido ainda recuperar na sua totalidade o estilo de vida anterior ao início do consumo, sente que está no caminho certo.

André sempre viveu na cidade de Braga, num bairro conotado pela restante população como problemático, na medida em que nele decorriam práticas e rituais associados a violência, tráfico e consumo de drogas.

É filho de um casal humilde e com algumas carências económicas. O seu pai era taqueiro, e a sua mãe doméstica. Com três filhos para sustentar havia alturas, em que as necessidades económicas se tornavam mais evidentes.

A sua infância foi vivida sempre por debaixo de um forte autoritarismo, e rigidez pelo facto de o seu pai ser muito severo, talvez fruto da sua permanência na guerra em Moçambique. Estas características da personalidade do pai fizeram dele o principal responsável pela educação dos três filhos, o principal agente de socialização. A mãe, por seu turno não teve grande influência na educação dos filhos, porque era bastante submissa às decisões tomadas pelo marido. Assim, a sua função como mãe passava pelo tratar da comida e

da roupa de todos, e sempre que lhe era possível, proteger os filhos da rigidez imposta pelo marido.

O tipo de educação assimilada por André não fez dele um indivíduo reprimido ou reservado, pelo contrário sempre foi uma criança muito extrovertida, sociável e alegre dando-se bem com toda a gente.

Vivendo num bairro, as relações com o grupo de pares eram muito fortes, na medida em que todos os dias estava com os mesmos amigos, a praticar as mesmas actividades que passava por chegar da escola e ir para a rua jogar á bola, andar de bicicleta, ou simplesmente estarem sentados no passeio a conversar. Todas as actividades eram desenvolvidas com as mesmas pessoas, que tinham os mesmos hábitos, os mesmos estilos de vida característicos do bairro em que viviam. O grupo de pares era visto como a própria família, como que se em casa tivesse a família biológica, e na rua a família adquirida. Por todas essas vivências, recorda a infância como a altura mais feliz da sua vida: *“Dá-me saudades dos meus amigos, do que fazia. Não tinha preocupações com nada, era tudo bonito... E eu tenho saudades”*.

Este sentimento de saudosismo está associado ao forte laço social existente quer com o grupo de pertença, quer com a família. André sentia-se feliz, e desprovido de preocupações porque sentia-se protegido pelos pais, mas também pelos amigos do seu bairro.

Por seu turno, a escola era vista por André como uma verdadeira prisão. Nunca gostou de ir à escola, não só por que se sentia muito preso, mas também porque considera que o modo de ensino na sua altura era muito rígido.

O seu percurso escolar é caracterizado pelo insucesso, muito em parte influência do seu grupo de amigos, que como partilhavam os mesmos ideais e estilos de vida também não gostavam de ir à escola e achavam as aulas uma “seca”: *“Na escola parece que éramos escolhidos a dedo, os piores estávamos na mesma turma, em que ninguém estudava. Faltávamos às aulas e íamos à boleia para o rio para jogarmos à bola, ou então simplesmente não fazíamos nada”*.

Estas práticas tornaram-se contínuas levando a que as reprovações fossem recíprocas, e o percurso escolar de André não foi além do 6º ano do ciclo.

Dada a influência do grupo de pares na sua vida, foi com os seus amigos que fumou o primeiro cigarro, isto com 13 anos. E, afirma que fumou porque toda a gente fumava

“comecei porque pensava, toda a gente fuma, e eu é que sou o totó, não, claro que vou fumar”.

A necessidade de afirmação, e identificação dentro do grupo de pares fê-lo começar a fumar, mas simplesmente fumavam tabaco.

Com a saída precoce do ensino obrigatório, foi trabalhar como taqueiro com o pai, e aos 18 anos foi cumprir o regime de tropa.

Quando regressou da tropa conheceu um novo grupo de pessoas, com as quais começou a privar diariamente. Esse grupo tinha práticas e costumes completamente diferentes do seu grupo de origem, e dos quais André estava habituado. Como eram pessoas mais velhas, com idades compreendidas entre os 40 e 50 anos, André via neles um exemplo a seguir.

Os hábitos desse grupo passavam por um ida ao café, para de seguida se reunirem em casa de algum deles e consumirem estupefacientes. Como André estava diariamente com eles, iniciou também o consumo de estupefacientes: *“Eu comecei a parar com essas pessoas no café, e como eles eram mais velhos, eu pensava: estes gajos é que sabem o que é a vida, por isso se eles andam na droga, porque é que eu não experimento?”*

E foi assim que, aos 20 anos André iniciou uma nova fase da sua vida. Começou a consumir heroína, e logo de seguida cocaína, e depois consumia alternadamente, consoante tivesse uma ou outra droga. André sentiu-se verdadeiramente dependente quando se sentiu mal com a falta de droga, a chamada “ressaca”: *“Eu não consegui parar, a ressaca é muito grande, se vamos a primeira vez comprar droga para parar a ressaca, vamos sempre! A estupidez foi minha, quando dei por mim, estava enterrado”.*

Perseguiu este estilo de vida durante três anos, tendo deixado para trás o grupo de pares de referência, aliás como consumida drogas, passou a ser rejeitado pelo grupo.

Assim, durante três anos entrou num mundo completamente adverso ao que estava habituado até então.

Quando os seus pais descobriram foi a verdadeira tragédia numa casa em que as linhas de conduta sempre foram pautadas pela rigidez: *“ Os meus pais disseram-me que preferiam-me ver morto, do que na droga. Os meus pais não tinham mentalidade para ver aquilo. O meu pai borrou-se todo, porque quando eu era pequeno ele disse-me que se algum dia me apanhasse com um cigarro na mão, que me partia as mãos, e a primeira vez que me apanhou*

foi com uma seringa na mão. Então fez-me um ultimato: “se te quiseses curar, o teu pai ajuda-te, se não quiseses vai-te embora”. E então eu fui embora, sai de casa, porque psicologicamente não estava preparado para deixar a droga”.

André foi viver com a namorada, que por sinal começou o consumo de estupefacientes desde iniciaram o namoro.

Nesta fase André perdeu a noção entre o que estava ou não correcto, as suas estruturas familiares estavam fragmentadas e ele sentia-se herói num mundo em que só lá conseguia estar sob o efeito de estupefacientes, e como para ele esse era o mundo perfeito, quanto mais consumisse maior era o seu estado de prazer e felicidade.

Com o consumo regular de drogas deixou determinantemente de trabalhar, isto porque depois de regressar da tropa voltou a trabalhar como taqueiro: *“Quando andava na droga não trabalhava, porque não tinha aspecto para trabalhar. Eu pesava 90 e tal kg, e passei para 40 kg, por isso imagine o meu aspecto. No espaço de 6 meses fiquei metade”.*

O seu ritual de vida passou a ser acordar, e planear como iria arranjar dinheiro para comprar droga: *“quando andamos na droga tornamo-nos malabaristas, porque arranamos inúmeras formas de ganhar dinheiro”.*

Como não trabalhava, e entretanto devido ao consumo de estupefacientes saiu de casa dos pais, não tendo por isso ajuda da parte deles, criou uma série de estratégias para angariar mais dinheiro.

As práticas diárias de André passaram a ser roubar para ter dinheiro, para de seguida consumir. Consumia 3 a 4 vezes por dia, o que significava gastar tudo o que tivesse. Num dia podia gastar 30 contos, e noutro mil contos, porque tudo o que conseguisse roubar era para consumir.

Juntamente com o grupo com o qual consumia, iam para a porta das igrejas e quando as pessoas saíam roubavam os sacos por esticção *“Nós estávamos de tal maneira noutro planeta, noutro mundo, que nem víamos quem roubávamos. Eu podia roubar a minha avozinha, que nem sabia”.*

Numa quadra natalícia foi para o shopping roubar as caixas com dinheiro, que estavam junto aos pinheiros de Natal. No casamento de um primo, as pessoas pousaram as carteiras e casacos nos cabides, e André decidiu roubar tudo: *“Olhe, tive tempo para roubar o que me*

apeteceu. Das senhoras roubei o dinheiro das carteiras, e dos senhores tudo o que tinham nos casacos. Tinha um primo que era polícia e eu roubei-lhe o distintivo para depois me andar a armar que era polícia. Juntei tudo o que tinha roubado e fui embora de táxi, comprar droga. Eu era o maior, paguei o táxi e a droga com o dinheiro que roubei à minha família... eu sentia-me um herói”.

Mas, onde André realmente conseguia o valor maior para comprar droga era através da sua namorada. Mariana, natural do Porto, filha de médicos vivia em Braga para frequentar o ensino superior. Quando conheceu André, apaixonaram-se, começaram a namorar, e Mariana começou também a consumir estupefacientes. Os pais de Mariana confiavam nela ao ponto de lhe terem concedido um cartão multibanco das contas deles, nunca imaginando o que lhes viria a acontecer.

Como refere André, para quem consome estupefacientes quanto mais consumir, melhor, mas para isso é necessário ter muito dinheiro. Como os pais de Mariana tinham muito dinheiro André e Mariana começaram a fazer levantamentos da conta deles: *“Nós fazíamos um levantamento durante o dia, depois fazíamos outro às 23.55, e outro logo às 00.00h, porque já era outro dia”.*

Os pais de Mariana só descobriram porque o gestor de conta achou estranho tantos levantamentos às mesmas horas, e contactou-os. Quando questionaram Mariana, ela viu-se na obrigação de lhes contar a verdade acerca do seu consumo.

Esta situação fez André parar um bocado, e acordar para uma realidade que não estava a conseguir ver. Enquanto ele consumia drogas, os seus pais, principalmente a mãe estavam num sofrimento muito grande porque André nem o Natal passava com eles.

Com o decorrer dos dias, dos meses os comportamentos de André começaram a mudar, porque se inicialmente ele se esquecia, e ignorava de tudo o que o rodeava, inclusive os pais e irmãos, agora André sentia-se incomodado com o sofrimento e angustia em que a sua mãe estava.

André tentou juntamente com a sua namorada diminuir o consumo, mas ela não conseguia, pelo contrário cada vez consumia mais, e André decidiu por fim ao namoro que os uniu durante quase três anos.

Esta situação não o deixou triste ou angustiado, pelo contrário deixou-o aliviado, porque sabe que se não terminasse o namoro nunca poderia deixar a droga, e nesta fase da sua vida, mais do que nunca queria deixar o consumo porque já não aguentava mais ver a sua mãe a sofrer: *“Eu decidi deixar a droga pelo sofrimento em que estava a ver a minha mãe, eu estava a matá-la. Desde que tinha saído de casa nunca mais voltei a casa dos meus pais, e eles não mereciam isso, porque não tiveram culpa de nada. Eu não os culpo de nada, o burro fui eu.. eles educaram-me da mesma maneira que educaram os meus irmãos, e eles hoje estão bem na vida: têm casa, carros, são casados, têm filhos, e eu não tenho nada. Eu vi a minha mãe sofrer e fui para casa”*.

André decidiu então regressar a casa, e pedir ajuda aos pais. O pai acolheu o filho, e decidiu ajudá-lo.

Dado que era completamente contra os tratamentos para abandonar o consumo de estupefacientes, André decidiu, com a ajuda dos pais fazer um tratamento a frio em casa: *“O tratamento a frio é horrível, chorei, berrei, a minha mãe passava-me álcool nas pernas para me acalmar, e eu passei 7 dias e 7 noites sem dormir. Eu estava todo alterado, cheguei a ter orgasmos sem erecção”*.

O abandono físico da droga foi muito doloroso para André, mas no final dessa semana apercebeu-se que o pior era o abandono psicológico, porque isso é que comandava tudo: *“Eu pensava não quero, mas ao mesmo tempo queria, mas sabia que não podia.. até ao ponto em que disse: não quero!!!”*.

André aceitou ter ajuda de uma psicóloga a prestar serviços no CAT em Braga: *“Essa senhora nunca mais a vi, mas para mim foi quase 60% da cura, porque ela tinha conversas comigo que me deixavam... ela tinha paz de espírito... dava-me cada lavagem, que eu só dizia ámen, e quando dei por mim estava curado”*.

André conseguiu deixar definitivamente o consumo de drogas, tinha sido aceite pelos pais, mas faltava ainda uma etapa, que era conquistar novamente a confiança do seu grupo de amigos de infância.

O pai foi o principal veículo de reintegração de André, porque começou a ir com ele ao café lá da rua, começou a abordar os amigos de André na sua presença: *“Custa bastante conquistar novamente a confiança das pessoas outra vez. Parece que tinha ido passar umas*

férias, e de repente regressei, com a diferença de que tive que conquistar mais uma vez a confiança das pessoas”.

E aos poucos e poucos conseguiu que os amigos o aceitassem de volta, ao ponto de todos juntos terem construído uma sala com TV; Vídeo; computador para se reunirem quando todos têm disponibilidade, mas o mais certo é sempre aos fim-de-semana.

André voltou praticamente ao seu estilo de vida que tinha antes de iniciar o consumo de estupefacientes, mas sente que a sua vida está diferente *“eu olho para o meu irmão e ele tem mulher, filhos, casa e carro, e eu não tenho nada!”*

André não conseguiu mais arranjar emprego, sendo que o único dinheiro que recebe mensalmente é do RSI (Rendimento Social de Inserção), assim como o apoio em termos habitacionais por parte da Bragahabit.

Ao olhar para trás, se tivesse que mudar alguma coisa, André nunca teria iniciado o consumo de drogas: *“Nunca me tinha metido na droga. Aliás, eu não me arrependo do que fiz, arrependo-me do que não fiz, porque à conta da droga deixei de fazer tanta coisa na minha vida”.*

André, ao longo do seu discurso demonstra uma certa revolta consigo mesmo porque sabe perdeu três anos da sua vida, pelo facto de consumir estupefacientes: *“Eu tinha todas as informações das drogas, porque é que eu me meti? Eu corria com os toxicodependentes da minha rua, e depois fui eu corrido? Como se explica isto?”*

É saliente a angústia que transporta consigo, para além de que, com 31 anos considera que já não vai ter capacidades para constituir uma família, sente que não reúne as condições necessárias para que a sua família tenha uma estrutura coesa.

Apesar de terem sido três anos de consumo, foram de forma muito intensa porque sempre houve muito dinheiro, daí que os efeitos físicos e psicológicos se repercutam de forma intensa no dia-a-dia de André.

Actualmente, com 31 anos continua a viver com os pais e o irmão mais novo, com os quais mantém uma relação saudável.

Os seus dias são passados a vaguear pela cidade, à procura de emprego, ou simplesmente a socializar pelas ruas da cidade.

Alice

Alice, com 26 anos de idade, solteira é residente em Guimarães. Viveu com os pais e a irmã mais nova até aos 18 anos, altura em que mudou de cidade para ingressar no ensino superior. Aos 26 anos encontrando-se a fazer o estágio curricular regressa a casa dos pais, mas com a emigração dos pais para França, e a entrada da irmã para a Faculdade passou a viver sozinha.

A emigração dos pais adveio do facto de ambos estarem desempregados, e quererem angariar mais dinheiro para ajudar as filhas a acabar os respectivos cursos.

Alice sempre foi muito afeiçãoada à mãe, porque sempre viu nela um exemplo a seguir, daí que a mãe tenha sido o principal agente de socialização na vida de Alice.

Os amigos sempre foram muito importantes na vida de Alice, principalmente os do sexo masculino, dado que era com quem melhor se relacionava. Sempre foi uma miúda que preferia a bola a uma boneca. Sempre muito afecta ao grupo de pares de origem, mantém forte relações com eles até aos dias de hoje. Contudo, durante o percurso escolar desenvolveu laços com outros grupos.

No que confere à sua passagem pela escola, Alice encontra-se neste momento no último ano do curso de Educação estando a estagiar numa associação na cidade vizinha, Guimarães. Apesar de se considerar uma aluna com um percurso escolar satisfatório, nem sempre assim foi porque o primeiro contacto com a instituição escolar foi mau. Alice não queria frequentar o ensino, e teve muitas dificuldades em se adaptar.

Quando ingressou no Ensino Superior teve contacto com outras pessoas, e outras realidades que levaram à sua reprovação em 2 anos consecutivos.

Sempre muito ligada à música, e a músicos de referência como os Doors na faculdade conheceu pessoas que partilhavam os mesmos ideais de vida, e foi com esse novo grupo de amigos que Alice teve o primeiro contacto com estupefacientes.

A partir daí começou de forma gradual a desenraizar-se dos hábitos, rotinas que sempre teve, para adquirir um novo estilo de vida pautado no consumo de

estupefacientes; conhecer pessoas novas, mas sempre num mundo envolto de música quer fosse em raves, em festivais, ou numa simples noite de discoteca.

Actualmente encontra-se numa fase mais estável da sua vida, estando com muito entusiasmo a frequentar o estágio curricular.

Contudo, e no que confere ao grupo de pares deixou para trás alguns amigos com os quais teve as maiores experiências com drogas, e hoje em dia já não procura os seus amigos de infância e adolescência, mas sim outros grupos que diariamente se encontram para consumir.

Alice tem consciência porém, que quando quiser parar o consumo de estupefacientes tem poder para o conseguir.

Alice, com 26 anos de idade viveu até aos 18 anos na cidade de Guimarães, altura em que se mudou para a cidade vizinha, Braga para frequentar o curso de Educação.

Pertencente a uma família de classe média, tendo os seus pais uma empresa familiar, o factor económico nunca serviu de entrave aos pais para apostarem no seu percurso académico. Desde sempre fizeram todos os esforços para criarem as condições necessárias para que tanto Alice, como a irmã tivessem sucesso em termos académicos.

A mãe sempre foi vista por Alice como o seu ponto de referência, a sua âncora. Desde sempre a mãe foi a principal responsável pela sua educação, e todas as decisões passaram por ela: *“Sempre foi a minha mãe que decidiu o que era melhor para mim... ela é o exemplo que eu quero seguir”... em todos os momentos da minha vida, quer fossem bons ou maus, lembro-me que a minha mãe esteve sempre presente”. Já a relação com o meu pai teve os seus picos, porque entravamos muito em controvérsia.*

Alice, sempre foi uma criança extrovertida, dinâmica e querida no seio do seu grupo de amigos, aliás são características que manteve até aos dias de hoje.

Tendo vivido a sua infância numa rua em que toda a gente se conhecia, o maior prazer de Alice era vir para a rua jogar à bola, e andar de bicicleta com os seus amigos, maioritariamente do sexo masculino.

Esses laços criados com o grupo de pares fez com que Alice sempre desse muito valor aos amigos, e não imagina a sua vida sem o contacto com eles, mesmo que as vivências a

tenham levado a criar vários grupos de amigos *“continuo a manter contacto com os meus amigos de infância, mas depois disso construí vários grupos de amigos, em que todos têm as suas características, e eu sinto-me bem com todos eles”*.

Em termos escolares, a sua entrada no ensino não lhe trás boas recordações. De tão enraizados que eram os seus laços à família, e ao grupo de pares, o primeiro contacto com a escola foi de rejeição *“eu só chorava... tive mesmo muita dificuldade em me adaptar... lembro-me que não queria falar com ninguém, só queria ir para casa”*.

Até aos seus 18 anos, a sua vida não tem grandes aspectos a demarcar, na medida em que teve uma adolescência dentro dos parâmetros do que é considerado normal. Em termos escolares conseguiu adaptar-se à escola tornando-se uma boa aluna. No que refere ao grupo de pares construiu um novo grupo de amigos na escola que frequentou, e com eles teve as suas primeiras experiências de sair à noite, ir para a discoteca e ao cinema.

Dada a influência que tinha dos amigos, foi também com eles que fumou o seu primeiro cigarro *“ fui tentada pela curiosidade, porque toda a gente fumava... mas também porque queria aprender a fazer bolinhas...”*

Aos 18 anos conseguiu concretizar um dos seus sonhos, que era frequentar o curso superior de Educação na Universidade do Minho em Braga.

Apesar de viver em Guimarães, relativamente perto de Braga, os seus pais aceitaram que ficasse a viver em Braga. E assim, começa uma nova fase na vida de Alice.

Estando a partilhar casa com mais duas caloiras, Alice dada a sua personalidade extrovertida, desde início começou a viver de forma intensa a praxe académica: *“eu achava a praxe o máximo... levava aquilo mesmo na desportiva... estava a adorar o facto de conhecer tanta gente ao mesmo tempo”*.

Os dias de Alice eram preenchidos entre as aulas, o convívio com os amigos, o namorado que tinha já desde os 17 anos, e que também foi viver para Braga, e as saídas à noite.

Foi com esse namorado, e com o grupo de amigos de ambos que Alice pela primeira vez experimentou haxixe, e fê-lo mais uma vez por curiosidade: *“toda a gente fumava, e eu tive curiosidade em sentir os efeitos”*. Muitas vezes fumava porque *estávamos todos juntos lá em casa, e acabava por se proporcionar”*.

Passado 1 ano de permanência de Alice no ensino superior começou a ter desavenças com o seu namorado, e após várias tentativas de reconciliação, o namoro terminou.

Alice começou a conhecer novas pessoas, e a frequentar cada vez mais os espaços nocturnos da cidade de Braga.

Alice sempre foi uma amante incondicional de música, seguindo sempre o seu estilo musical, não se cansava de ouvir as suas bandas favoritas, e nutria uma paixão por alguns músicos, e bandas tais como *the doors*: *“Amo o estilo de vida deles... farto-me de ler a biografia da vida de alguns músicos, e gostava de seguir a filosofia de vida deles”*.

Alice passava noites a pesquisar sites na Internet a descobrir bandas novas, com o seu estilo musical. A paixão pela música era tanta que ponderou ser DJ (disco Joker).

Na universidade conheceu pessoas que partilhavam os seus ideais de vida, levando a que formasse novos grupos de amigos, com os quais trocava experiências musicais: *“Comecei a estar com pessoas novas, que pensavam como eu, e ouviam o mesmo estilo de música... fantástico! A minha vida cingia-se na procura de novas experiências, de interacção social. Estava num cidade envolta de universitários, vivia sozinha, logo não tinha ninguém a controlar-me. Vivi três anos a querer sair à noite todos os dias, porque queria conhecer pessoas novas... procurava experiências novas...”*.

Alice passou a ter novas práticas no seu dia-a-dia, em que o principal objectivo era sair à noite, e ir para locais onde em conjunto com os seus amigos pudesse usufruir do seu estilo musical.

Na mesma noite podia até estar com dois ou três grupos de amigos diferentes, mas todos partilhavam o mesmo estilo de música, e adoptavam a mesma forma de diversão.

Foi numa dessas noites de partilha de diversão, que Alice teve pela primeira vez contacto com drogas consideradas duras: cocaína. A partir desse momento experimentou de tudo, desde MD; cogumelos; speeds; LSD.

Desde que experimentou a primeira vez, e gostou da sensação, dos efeitos que os estupefacientes lhe trouxeram passou a consumir sempre que lhe ofereciam, sim, porque confessa que nunca gastou muito dinheiro na compra de estupefacientes: *“Não sei se é pelo facto de ser mulher, mas ofereciam-me sempre... eu não tinha que gastar dinheiro para comprar drogas”*.

Confessa porém, que o consumo só se justificava quando associado à música: *“O consumo de estupefacientes fazia com que todas estas noites fossem mágicas, perfeitas. Esse consumo estava sempre associado à música, ou seja, consumia para ouvir música, para sair à noite e ouvir música, para ir a concertos. Só com a música é que a droga fazia sentido. Mas a música tinha que ser ouvida na companhia dos meus amigos, e aí sim, tudo era perfeito”*.

O grupo de pares de Alice passou a ser constituído por pessoas que tinham os mesmos hábitos, os mesmos ideias de vida que ela, porque só assim é que a sua vida se tornava perfeita: *“Chega uma certa fase, em que só nos sentimos bem com as pessoas que têm os mesmos hábitos que nós. O simples acto de enrolar um charro prende-nos a esse grupo... porque passam-se noites seguidas a conversar, e a enrolar charros, e isso fazia-me sentir bem...”*

O facto de Alice se ter afastado do seu grupo de origem, e ter assimilado os hábitos, e normas de outro grupo fez com que os seus comportamentos se normalizassem nesse grupo, mas que não conseguisse socializar fora dele, ou seja, abandonou os laços de origem para adquirir outro estilo de vida, não se sentindo bem fora dele: *“Só me apetecia estar com essas pessoas”*.

Os hábitos de Alice passaram a ser estar em casa ou no café durante o dia, e à noite estar com os seus amigos, quer fosse em espaços de diversão nocturna, ou muitas vezes em casa uns dos outros, tendo sempre presente a música e a droga.

Mas, o consumo não era só um mar de rosas para Alice. Tendo sempre consciência dos efeitos que cada droga lhe trazia, os dias seguintes ao consumo não eram dos melhores: *“A droga trouxe também alguns efeitos negativos: o MD dava-me dislexia, porque no dia seguinte ao consumo dava por mim, a não conseguir ter um discurso fluente, não conseguia estruturar uma frase; O LSD dava-me depressão. No dia a seguir ao consumo ficava em casa completamente deprimida.... A cocaína não me dava nenhum efeito negativo; Os Speeds davam-me efeitos físicos, não tanto psicológicos. Basicamente os dias seguintes ao consumo eram de depressão”*.

Mesmo sabendo que o dia seguinte iria ser de depressão, na altura de consumir, os efeitos positivos que as drogas lhe davam faziam-na esquecer desse pormenor.

De salientar que Alice sempre teve consciência do tipo de drogas que estava a consumir, e chegou uma altura que se apercebeu que poderia estar num ponto de viragem:

“Eu senti que ou parava ali, ou se continuasse não sei onde poderia estar hoje.. eu vi o verdadeiro degredo da droga nos “after-hours”, porque as pessoas deixam de ser elas próprias, ficam com as percepções alteradas. E aí vemos o degredo. Sempre tive a preocupação de conservar o corpo, porque sempre tive medo de uma velhice demente. Sempre tive medo de um Alzheimer precoce, e então decidi parar com determinadas drogas”.

Assim, gradualmente Alice foi diminuindo ao consumo, optando por rejeitar consumir, sempre que alguém lhe oferecia.

O novo estilo de vida adoptado fê-la esquecer que frequentava o ensino superior, e a consequência foi inevitável, reprovou dois anos consecutivamente.

Com o acalmar do consumo, Alice conseguiu concluir a licenciatura estando neste momento a estagiar numa associação em Guimarães.

Com o final do curso Alice regressou a casa dos pais, sendo que o seu regresso quase que coincidiu com a altura em que os pais decidem emigrar para França à procura de melhores condições de vida.

Com a ausência da sua irmã mais nova a viver numa cidade vizinha, por estar a frequentar o ensino superior, Alice vive actualmente sozinha.

Os seus dias são passados a trabalhar, e quando regressa a casa tem um ritual diário de relaxamento: *“ Todos os dias chego a casa, e sabe-me pela vida fumar um “charrito”, porque me relaxa. Há quem tome chá, ou um vinho para relaxar, e a mim sabe-me bem um “charro”.*

Depois disso, Alice prepara o seu jantar, e todos os dias à noite sai de casa para se encontrar com um grupo de amigos dos quais fazem parte amigos seus de infância, e outras pessoas que entretanto se juntaram.

Os rituais são quase todos os dias os mesmos, que é ir ao café, ou reunirem-se em casa de um deles, e ficarem na conversa a fumar haxixe.

Alice nunca se sentiu verdadeiramente dependente de estupefacientes, mas quando confrontada com a questão se considera estar dependente de haxixe fica hesitante, e com alguma dificuldade em responder, porque afirma gostar de consumir haxixe *“Eu fumo haxixe porque gosto, relaxa-me...”*

Considera no entanto, que a qualquer momento, e se assim o desejar para definitivamente com o consumo: *“Sim, acho! Por acaso já pensei nisso.. um dia quando engravidar deixo definitivamente de consumir”*.

Alice considera que na sociedade actual toda a gente tem conhecimento dos efeitos que o consumo de estupefacientes tem, e nesse sentido só cai em tentação quem quer. Tem consciência de quando deve parar, e sabe quando o fazer porque tem muito medo de uma velhice precoce pelo excesso de consumo.

Actualmente consome haxixe porque é um prazer diário, que a une ao grupo de amigos com quem partilha todas as noites da sua vida. As práticas de consumo acabam por se reproduzir dada a necessidade de todos estarem juntos, ou seja, foram criados rituais e práticas diárias, em que sem as pessoas se aperceberem reproduzem essas mesmas práticas sem que ninguém lhe crie resistências.

Diogo

Nascido em Braga, Diogo até à juventude viveu com os pais e irmã. Saiu de casa dos pais, para frequentar o ensino superior, sendo que mais tarde quando o terminou regressou novamente a casa dos pais onde vive actualmente.

Diogo sempre teve uma relação boa com os pais, já com a irmã os atritos eram constantes, muito em parte dos ciúmes que a irmã sentia da relação de Diogo com a mãe.

Em termos sociais, Diogo era considerado a pessoa mais sociável do seu grupo, ou grupos de amigos, na medida em que nunca se cingiu a um só grupo de amigos, porque gostava de variar as pessoas com quem se relacionava. Sempre extrovertido, e de bem com a vida, Diogo adora conviver e sentir-se activo.

A relação com a escola não foi muito favorável, pelo menos numa primeira fase, porque Diogo não conseguia estar preso num mesmo espaço muito tempo, e via a escola como uma prisão.

Essa fase passou com a frequência no 1º ciclo, e Diogo tornou-se um bom aluno, tendo acabado a sua licenciatura há 1 ano atrás.

Enquanto estudante, mais precisamente aos 12 anos começou a fumar tabaco e charros, porque toda a gente que conhecia o fazia, e quis também experimentar.

Até aos 15 anos o tabaco e haxixe deixaram de ser suficientes, porque à semelhança do que já lhe tinha acontecido anteriormente, quis experimentar outras drogas e começou a consumir Heroína, Cocaína, LSD, Extasy, Ópio, entre outras que já não se lembra.

Desde sempre consumiu em grupo, e fê-lo porque toda a gente consumia. O que procurava atingir ao consumir estupefacientes era o que toda a gente procurava, ou seja o prazer imediato. Contudo, Diogo para além do prazer, gostava de consumir porque se sentia mais criativo, e dinâmico.

O dinheiro para o consumo provinha de várias fontes: da mesada dos pais, e do seu salário, sim porque Diogo desde cedo conciliou os estudos com actividades profissionais. Todavia, houve momentos em que sentiu mais desesperado e tece práticas de roubo.

Para Diogo, as drogas permitiram-lhe ver um lado bom da vida que ele desconhecia, e a partir do momento em que teve pela primeira vez contacto com o degredo a que as drogas poderiam levar decidiu deixar o consumo.

Este processo não foi fácil, nem tão pouco rápido, mas foi feito sem recurso a qualquer tratamento, a não ser a ajuda de um psicólogo.

Actualmente Diogo consome álcool. Confessa que o álcool serve para compensar alguns efeitos que atingia com outras drogas.

Olhando para trás, não se arrepende do que fez, só acha que poderia ter evitado o consumo de certas drogas, porque lhe deixaram sequelas físicas.

A sua relação com o grupo de pares manteve-se, na medida em que continua a encontrar-se com os mesmos amigos dos diferentes grupos, a diferença é que mesmo eles consumindo, ele não o faz.

Em termos profissionais aspira trabalhar na sua área que é Línguas estrangeiras e aplicadas, e pensa que o vai conseguir como tradutor.

Em termos familiares continua a viver com os pais, e espera que assim seja durante uns bons anos, porque se sente feliz.

Diogo, actualmente com 26 anos desde sempre viveu na cidade onde nasceu: Braga.

O seu agregado familiar continua o mesmo desde a infância: pais e irmã.

A relação com os pais sempre foi muito boa, já com a irmã tinha, e continua a ter uma relação conflituosa, na medida em que quando estão os dois sozinhos dão-se muito bem, mas quando estão na presença dos pais dão-se muito mal. Esta relação, um pouco estranha é justificada por Diogo como reflexo dos ciúmes que a irmã sente da relação que ele tem com os pais, principalmente com a mãe. Como sempre foi muito mimado pela mãe, a irmã sente ciúmes, mas nada que não seja ultrapassado numa família onde paira a amizade e harmonia.

Assim, Tiago descreve a sua infância como feliz e harmoniosa. As actividades que tinha eram as que todos os seus amigos tinham, ou seja, mal chegava da escola pousava a mochila e ia para a rua jogar à bola, andar de bicicleta, ou simplesmente conversar. Quando começava a anoitecer ia para casa fazer os trabalhos de casa senão os pais castigavam-no. Em casa passava bastante tempo no seu quarto, porque era onde tinha o computador, os jogos, etc.

Apesar de os pais serem bastante exigentes com ele, e com a irmã porque reagiam muito mal quando se chateavam com eles, só os castigavam quando era estritamente necessário.

A sua mãe, principal responsável pela sua educação tinha mais dificuldades em chamá-lo à atenção, porque o mimava muito.

Por todos os factores atrás evidenciados, Diogo sempre se sentiu muito bem em casa, o que o veio a prejudicar quando os pais decidiram metê-lo num infantário, porque nunca quis lá ficar, e depois de muitas tentativas os pais decidiram tirá-lo de lá, permanecendo até à entrada para a escola primária em casa: *“Os meus pais levaram-me para a pré-primária e eu chorava para não ficar, porque não conseguia estar preso no mesmo espaço, e então eles decidiram tirar-me, e continuei em casa”*.

Quando chegou a idade de frequentar o ensino obrigatório, Diogo foi obrigado a aceitar a realidade que lhe estavam a impor, e aos poucos foi-se habituando.

Mais tarde, os pais queriam que ele, à semelhança da irmã mais velha frequentasse uma escola de música, a Gulbenkian, mas ele não quis porque não queria frequentar uma escola com pessoas que intitula de “betos”, mas hoje em dia arrepende-se de não ter ido “*a única coisa de que me arrependo até hoje é que os meus pais queriam que eu estudasse na Gulbenkian, e eu não quis porque dizia que era uma escola para betos, e fui estudar para as Enguardas. Hoje em dia arrependo-me porque adorava tocar um instrumento, e não sei tocar nada*”.

Apesar de Diogo se sentir arrependido, e triste com esta situação afirma que só se sente assim quando fala no assunto, isto porque tem tendência a desvalorizar os momentos, quer eles sejam bons ou maus: “*Perante cada situação dou-lhe a importância que tem no momento quer seja boa ou má, e depois passa, não sou de ficar agarrado às recordações*”.

Diogo denota ter uma personalidade forte, e caracteriza-se como sendo uma pessoa extremamente activa, extrovertida, e amigo de toda a gente. Nunca gostou de relacionar somente com um grupo de amigos, porque facilmente se satura das pessoas, de modo que tem vários grupos de amigos: os que gosta mais de estar no café; os que gosta de sair à noite; os que consumia drogas; os que vai ao cinema; ou simplesmente os que gosta de conversar de coisas mais íntimas.

Independentemente do grupo no qual estivesse inserido, sempre foi bem aceite por toda a gente, devido à sua forma de ser e de estar “*sou uma pessoa muito sociável, e como tal conheço toda a gente, e toda a gente me conhece, e dou-me bem com toda a gente*”.

O facto de ser uma pessoa sociável e comunicativa permitiu-lhe ter contacto com muita gente, e muitas situações, e aos 12 anos decidiu juntamente com alguns amigos fumar um cigarro. Refere que o fez porque toda a gente o fazia, e ele não queria ficar atrás. Passado pouco tempo, mais uma vez na companhia de alguns amigos decidiu experimentar haxixe, e mais uma vez também experimentou porque toda a gente experimentava: “*Comecei a fumar porque toda a gente o fazia. Lembro-me que no 8º ano fizemos um passeio da minha turma, e em 30 pessoas toda a gente fumou haxixe. Hoje em dia é perfeitamente normal, toda a gente fuma*”.

O consumo de Diogo não se ficou pelo haxixe, porque entre os 14 e 15 anos começou a fumar heroína, cocaína, LSD, Extasy, Ópio, e mais drogas que no momento da entrevista não se recordava.

O consumo era sempre feito em grupo, aliás como referiu anteriormente tinha um grupo de amigos com os quais tinha essas práticas.

Nas encruzilhadas da vida, e durante o tempo que consumiu teve 3 namoradas, que por sinal não consumiam antes de o conhecerem, mas a partir do momento em que começaram a namorar com Diogo iniciaram também o consumo de estupefacientes: *“É impossível namorar com alguém que ande na droga, e não se sinta tentado a consumir. Foi o que aconteceu com as minhas namoradas, em que mal começaram a namorar comigo quiseram logo experimentar, e o resultado em todos acabou com elas a recorrerem a ajuda de tratamentos para conseguirem deixar o consumo”*.

Numa primeira fase experimentou certas drogas porque toda a gente o fazia, tal como já referiu, mas perpetuou o consumo porque queria o prazer do imediato: *“Não é o prazer, a felicidade que todos os seres humanos procuram? Pronto, era esse o efeito que eu tinha com as drogas* .Para além disso, ao consumir ficava cheio de ideias, muito mais criativo. As drogas duras dão muito mais concentração”.

O sucesso escolar é explicado por Diogo, em algumas circunstâncias devido ao consumo de drogas porque depois de consumir ficava mais concentrado, e aplicava-se mais. Mesmo na faculdade, em altura de exames permanecia em casa a estudar, mas sempre sob efeito de drogas. Aliás, como refere, chegou a fazer exames sob o efeito de estupefacientes: *“na universidade ia para os exames drogado, porque ficava mais relaxado, mas concentrado, e cheio de ideias”*.

Diogo sentiu-se verdadeiramente dependente de drogas quando começou a consumir sozinho: *“Quando comecei a consumir em grupo foi a fase pior da minha história no consumo de drogas, porque comecei a bater no fundo. Quando dei por mim, estava em casa e bastava ir para o computador jogar um jogo, que antes tinha que consumir droga, ou seja, tudo o que fazia tinha que ser sob o efeito de drogas”*.

As doses diárias dependiam do dinheiro que conseguisse arranjar, sendo que a máxima é sempre a mesma: quanto mais dinheiro tivesse, mais consumia: *“Consumia mediante o dinheiro que tivesse. Se fumasse cocaína podia gastar 200 contos por dia, caso fumasse heroína ficava bem mais barato e acalmava-me mais. Quem consome drogas não tem limites, quanto mais dinheiro tiver, mais gasta”*.

A relação com mercado de trabalho começou durante a adolescência, mas por iniciativa própria. Diogo recebia a mesada dos pais, mas como adora gastar dinheiro, esse valor não era suficiente. Assim, já trabalhou como empregado de mesa; em lojas; como recepcionista de um ginásio; a fazer molduras; no hipermercado Lidl; na Bracalândia; como empregado num hotel, entre outras actividades que não se recordava na altura: *“Sempre fui uma pessoa muito activa, e não consigo estar parado, para além disso gosto de ter dinheiro, porque adoro gastar dinheiro... eu gasto tudo o que tenho. Se tiver 5 euros no bolso sou capaz de comprar 5 chocolates, só pelo prazer de gastar dinheiro”*.

Contudo, mesmo com a mesada dada pelos pais, e o salário que recebia das suas actividades todo o dinheiro era pouco, e quando precisava de mais dinheiro Diogo encontrava outras soluções: *“Quando se consome fica-se mais criativo, e inventa-se mil situações para arranjar dinheiro”*.

Diogo começou por roubar dinheiro ao pai, de seguida passou para a mãe, e mais tarde começou a vender roupa e objectos emprestados pelos amigos. Numa fase de mais desespero também vendeu droga: *“Quando o meu pai se levantava para tomar banho, eu ia ao bolso da camisa tirar-lhe dinheiro. Depois comecei a roubar dinheiro à minha mãe, porque ela achava que era um colega da fábrica. Para ter mais dinheiro comecei a vender roupa minha. Pedia telemóveis, consolas, jogos aos meus amigos e vendia-os”*.

Só mais tarde, e quando deixou de consumir drogas é que pediu desculpa aos amigos por todo o mal que lhes causou, e pelos bens que lhes roubou.

Nesta fase, os pais de Diogo começaram a aperceber-se que alguma coisa não estava a correr bem, e de forma gradual descobriram que consumia drogas. A reacção dos pais foi mais favorável do que estava à espera. Contudo, tem consciência que só reagiram assim, porque não tiveram consciência do que realmente estava a acontecer, e dos níveis de consumo que tinha: *“Os meus pais nunca tiveram consciência do que se estava a passar, até porque nunca me perguntaram se precisava de ajuda”*.

Diogo nunca pediu ajuda a qualquer instituição, porque é contra esse tipo de iniciativas. É apologista da ideia de que, para deixar o consumo tem que partir da força de vontade de cada um.

Os efeitos das drogas, em termos físicos começaram a incomodar Diogo, porque lhe causavam mal-estar. Decide então abrandar os níveis de consumo, e abandonar o consumo de

haxixe, por considerar que era a que mais prejudicava a sua saúde. Como marco da sua decisão decidiu fazê-lo no dia de Natal.

Diogo refere que em Setembro de 2001, após os atentados nos EUA houve uma crise enorme na venda de drogas, o que tornava a busca pela droga uma luta diária.

No meio da escassez de drogas, num certo dia assistiu a um episódio que o fez acordar para uma realidade que desconhecia: *“Num certo dia fui parar a uma cave com imensa gente, mas gente do pior: prostitutas, dealers, malta da pesada, mesmo, e eu comecei a pensar: “o que estou aqui a fazer”? Entretanto ficamos à espera que um elemento do grupo viesse de Aveiro com o carregamento para distribuir por todos. Entretanto, um senhor na casa dos 40/50 anos começa a rebolar pelo chão, a espumar... e quando chegou a dose estavam quatro pessoas de volta dele a tentar espetar a agulha, mas não conseguiam porque o homem já não tinha veias, estava todo seco”*.

Diogo ficou de tal modo impressionado, com o cenário degradante que presenciou, não só do senhor a *ressacar*, mas também com toda a envolvência do grupo, que nesse mesmo dia decidiu que ia deixar de consumir drogas, para que nunca chegasse ao estado do senhor de meia-idade: *“Nesse dia vi o degredo da droga, e meti na cabeça que não queria aquela vida para mim.... Sim, porque esse é o primeiro passo: metermos na cabeça que queremos deixar a droga. Nesse dia a droga perdeu o Glamour, e deixou de fazer sentido continuar... vi o lado mau da droga”*.

A partir deste dia, foram nove meses em depressão para tentar deixar a droga. Viveu dias de muito sofrimento, de terror, mas o resultado final foi positivo, porque conseguiu.

Hoje em dia só fuma tabaco de enrolar, mas em contrapartida consome muito álcool. Aliás, esse consumo é diário.

Terminou o curso há um ano, e como se encontra desempregado, todos os dias, principalmente à noite vai para o café e bebe, porque é assim que se sente bem.

Continua a viver com os pais, e espera conseguir um emprego como tradutor, dada a sua área de formação ser Línguas Estrangeiras e Aplicadas.

Quando questionado sobre o que mudaria na sua vida, caso o pudesse fazer responde: *“nada! Ou melhor, se calhar não tinha consumido certo tipo de drogas, de resto acho que*

pelo facto de ter consumido drogas me fez amadurecer, tornou-me uma pessoa mais tolerante, mais compreensiva”.

Ao longo do seu discurso é saliente uma constante agitação, até mesmo ansiedade, porque está sempre a fumar, e a tocar com as mãos em tudo o que estiver ao seu alcance. Contudo, denota ser uma pessoa feliz, inteligente e com uma auto-estima elevada.

Contudo, e como afirma, as drogas deixaram sequelas físicas e psíquicas, que só com o passar dos tempos se poderão apagar.

O problema hoje em dia, do qual Diogo ainda não teve verdadeira consciência é que o álcool veio substituir as drogas, e aos 26 anos de idade tem um consumo diário, do qual já se sente dependente.

Ao referir-se à sociedade actual, e ao início do consumo de estupefacientes, Diogo afirma que hoje em dia toda a gente consome drogas, mesmo sendo pessoas informadas. A continuidade ou não do consumo é que depende da mentalidade de cada um.

Tomás:

Desde que nasceu, Tomás vive com os avós, porque os pais divorciaram-se passados dois meses à sua nascença.

Rodeado de amigos, era uma pessoa muito popular no bairro onde vivia. Contudo, a ligação aos amigos sempre foi um escape para atenuar a solidão que sentia por não viver com os pais, e irmãos.

O percurso escolar foi quase inexistente. Apesar de gostar de ir à escola, a instabilidade familiar levou a que reprovasse muitas vezes, e só estudou até aos 13 anos.

Aos 16 anos, tentado pela curiosidade começou a fumar tabaco e logo de seguida Haxixe. Fê-lo porque toda a gente o fazia, e queria conhecer os efeitos da droga. A curiosidade não se ficou por aqui, e aos 20 anos inicia o consumo de cocaína e heroína.

Apercebeu-se que as drogas o faziam esquecer todas as amarguras que a vida lhe trouxe, o que fez com que se começasse a prender cada vez mais às drogas.

O abandono escolar fê-lo iniciar muito cedo a actividade profissional. Começou por trabalhar na construção civil, passando pela montagem de cozinhas.

Acusado de um roubo a 3 cidadãos, com recurso a arma branca foi preso durante 3 anos. Cá fora deixou a namorada grávida de 3 meses, que por amor, ou quem sabe medo das represálias dos pais, pede-o em casamento. E é assim que a cerimónia se consuma dentro da prisão, na presença de poucas pessoas.

Por amor à esposa e à filha, decide deixar o consumo de drogas.

Essa felicidade durou pouco, porque a esposa deixou de o visitar, e quando saiu da prisão ela pediu o divórcio.

Com um turbilhão de emoções à mistura, e num estado de fragilidade crescente, decide emigrar para França trabalhar numa empresa, que passados poucos meses abre falência. Perante este cenário, não lhe restaram grandes hipóteses a não ser regressar a Portugal. Este retorno fez reavivar todos os sentimentos de solidão, revolta e fragilidade, que achava ter deixado para trás, e começa a conviver novamente com toxicodependentes. A consequência foi quase inevitável: retoma o consumo.

Actualmente vive com a avó em Braga. A relação com a droga mantém-se muito presente, na medida em que consome todos os dias. A relação com o trabalho, continua ausente, sendo que a única actividade que desenvolve durante o dia é arrumar carros.

Tomás nasceu em Braga, no seio de um casal que passados 2 meses após a sua nascença decidem se divorciar. Por ironia do destino ambos vão viver para Lisboa, mas cada um deles com um novo companheiro.

Assim, Tomás ficou entregue aos avós paternos, sendo que conhece tanto o pai como a mãe, e os respectivos companheiros, e meios-irmãos.

Apesar de os avós sempre trataram muito bem dele, e serem os responsáveis pela sua educação, sempre sentiu falta de ter um pai e uma mãe, principalmente um pai.

Tomás sentia-se muito sozinho, por vários motivos: em casa estava sempre sozinho, porque com a idade avançada dos avós a companhia que estes lhe faziam era quase inexistente, senão mesmo ausente, porque às horas que chegava a casa, os avós iam dormir.

Por outro lado, todos os seus amigos tinham pais e irmãos, e ele era o único que apesar de os ter não vivia com eles.

Na relação com o grupo de pares, a sua infância foi normal: em criança andava na rua a brincar; Em adolescente continuava a encontrar-se com eles na rua, mas também a frequentar cafés, discotecas, entre outros locais, que lhes permitiam desenvolver práticas características da adolescência e juventude.

Apesar de se relacionar de forma salutar com os amigos, o seu sentimento era de inferioridade, porque os amigos tinham uma família, e irmãos, e ele não. Assim, demonstra uma angústia enorme por não ter tido uma infância idêntica à dos seus amigos, e relembra as longas noites da sua infância e adolescência com muita tristeza, porque foram sempre passadas sozinho: *“A minha infância foi muito má. Sentia muitas saudades do meu pai. Eu via os meus amigos com pais, e não tinha. Acho que se tivesse tido um pai e uma mãe, a minha vida tinha sido diferente. Passei a minha infância sozinho... não tinha os meus pais e os meus irmãos... sentiam desamparado, e sem saber para onde ir. Em termos psicológicos sempre me senti muito afectado porque a solidão era muito grande. Eu não tinha quem me amparasse, porque os meus avós eram velhotes, e era complicado perceberem-me. Nunca tive apoio dos meus pais, e sempre me senti muito traumatizado por não ter o meu pai a meu lado. Sempre senti muito a falta de um pai. Ele vivia em Lisboa com outra mulher, e teve outros filhos com ela. Uma altura decidi ir viver com ele, as só lá consegui estar 1 ano, porque me sentia discriminado pela mulher dele, sentia que ela me punha de parte, e então vim-me embora”*.

Tomás, nutria um sofrimento intenso pela ausência dos pais, mas acabou por lhes perdoar a decisão de o terem deixado com os avós. Contudo, não consegue perdoar o facto de eles continuarem ausentes.

Dadas as necessidades económicas dos seus avós, auferiam de apoio social, tendo que mudar de casa algumas vezes. Este facto fazia com que para além de se sentir sozinho, tivesse que se adaptar sempre a novas casas, e criar novos espaços dentro dela.

Apesar de ter uma boa relação com os avós, o mesmo já não se pode dizer do ambiente em casa. O facto de o avô ser alcoólico trazia muitas discussões com a avó: *“O meu avô bebia muito, e às vezes era mau com a minha avó, implicava com ela, dava-lhe maus-tratos”*.

Esse problema não aparece ter afectado Tomás, porque o importante para ele era a relação salutar que desenvolvia com os avós. Aliás, os avós tinham uma relação de facilitismo para com ele, na medida em que não havia regras de conduta no modelo de educação adoptado.

Durante a adolescência houve um acontecimento, que afectou de forma negativa Tomás, deixando-o bastante traumatizado. Quando tinha 10 a 11 anos, um indivíduo tentou violá-lo nas imediações da sua residência, mas Tomás conseguiu fugir, apesar de muito assustado: *“Eu consegui fugir, mas fiquei muito envergonhado e assustado, e como o conhecia, nunca disse nada a ninguém, com medo de represálias, porque ele era uma pessoa muito influente e agressiva, e então eu tinha medo dele”*.

Tomás fechou-se em si mesmo. A avó tentou saber o que se passava, mas até hoje afirma nunca ter contado este acontecimento a ninguém.

Para Tomás esta situação aumentou o sentimento de desprotecção, porque sabia que mesmo que contasse aos seus avós, eles nunca o poderiam ajudar, mas afirma que se o seu pai tivesse presente, sentir-se-ia mais seguro.

Tomás refere que a sua vida teria sido totalmente diferente se o pai tivesse estado ao seu lado. Quando decide ir viver com o pai, e a sua nova família para Lisboa foi uma tentativa de acabar com a solidão, e poder estar junto do pai, tal como sempre quis. Contudo, a realidade foi um bocado mais dura do que estava à espera, isto porque o pai vivia com a sua esposa, e os filhos de ambos e Tomás não se sentia à vontade, sentia-se à margem daquela família. Apesar de o pai lhe dar atenção, a “madrasta” fazia-o sentir como não fazendo parte da família, e por esse motivo só conseguiu viver com eles um ano, regressando novamente a Braga para casa dos avós.

Assim, voltou à realidade que sempre teve: apesar de rodeado de algumas pessoas, sentia-se sempre sozinho, à deriva.

A relação com a droga começou muito cedo. Aos 16 anos começou a fumar tabaco, e logo se seguiu a haxixe. Explica o início do consumo, como curiosidade para conhecer os efeitos que os estupefacientes tinham. Como todas as pessoas com quem se relacionava fumavam, decidiu experimentar.

Aos 20 anos decidiu experimentar outro tipo de drogas e consumiu cocaína e heroína, e mais uma vez foi influência do grupo de pares: *“Experimentei com os meus amigos, ouvia-os falar e quis experimentar, foi vontade minha”*.

Para além das drogas citadas experimentou também ácidos, comprimidos porque refere que *“conjugados com a heroína davam uma “moca” maior”*.

Quando Tomás começou a consumir foi por pura curiosidade, como refere, mas ao aperceber-se que quando estava sob o efeito de drogas esquecia os problemas, e a realidade em que vivia, começou a consumir com mais regularidade, aliás, o objectivo era estar sempre a consumir, porque passava a viver no mundo da fantasia, do irreal, mas que no fundo era nesse irreal que ele queria viver.

Inicialmente consumia com os amigos, mas depressa passou a consumir sozinho, porque como passava muito tempo em casa sozinho, era a maneira que ele encontrava para atenuar a solidão.

Entretanto conhece uma rapariga, com a qual começa a namorar. Pouco tempo depois, ela começou a consumir drogas com ele. O namoro não durou muito tempo.

Passados uns tempos conhece outra rapariga, por quem se apaixona verdadeiramente, e ela ao contrário da anterior nunca quis experimentar drogas, e tinha como objectivo ajudar Tomás a abandonar os consumos.

A vida mais uma vez quis tramar Tomás, e este é acusado de estar envolvido num assalto à mão armada a 3 rapazes, com recurso a armas brancas. Tomás afirma que não esteve presente nesse assalto, mas quem o fez foram dois amigos dele. O problema, segundo ele é que as vítimas o associavam a esse grupo, e fizeram queixa à polícia como tendo sido ele o assaltante. Tomás é julgado em tribunal, e condenado a 3 anos de prisão.

Este acontecimento foi uma tragédia na família de Tomás, assim como na família da sua namorada, que apesar de tentarem apoiá-lo foi a altura em que todos fizeram pressão para que ele abandonasse as drogas.

Tomás é preso numa altura em que a namorada estava grávida de 3 meses. A namorada, com medo das represálias dos pais, pede a António para casarem na prisão, e assim foi, eles casaram na presença de poucos familiares.

Passado um ano de terem casado, a esposa deixa de o visitar, e Tomás fica mais dois anos preso, sem ter a visita da esposa e da filha, e sem perceber o que se estava a passar. O sentimento de impotência de não poder sair dali para falar com a esposa, de lhe perguntar o que tinha acontecido tornou os seus dias um verdadeiro inferno.

Durante o tempo que esteve preso, recebeu sempre a visita dos avós, sendo que entretanto o avô faleceu. A mãe visitou-o uma vez em três anos, e o pai visitou-o com mais regularidade.

Ao fim de ter cumprido três anos de pena, Tomás sai da prisão e vai procurar a esposa para finalmente perceber o que tinha acontecido. A postura da esposa foi radical, e, sem lhe dar qualquer justificação, pediu o divórcio. Tomás ao aperceber-se que estava a perder a sua família prometeu à esposa que nunca mais consumiria drogas, mas ela não aceitou, e o processo de divórcio prosseguiu.

Tomás não desistiu, e durante um ano não teve qualquer contacto com drogas, para provar à ex-mulher que tinha mudado por ela, e pela filha de ambos. A esposa não cedeu, e não voltou com a sua decisão atrás.

Quando Tomás se apercebe que não conseguiria recuperar a esposa, retoma o consumo de drogas. Teve necessidade de procurar os amigos com os quais consumia drogas, voltando a frequentar os mesmos locais.

Com esta recaída, volta à estaca zero. Após o divórcio, sentia-se novamente sozinho. Entretanto, mais um acontecimento veio agravar a sua situação, o falecimento do avô.

O consumo de drogas aumentou de forma gradual. Por dia, Tomás consumia várias vezes, e quanto mais dinheiro tivesse, mais consumia. Nos dias em que não tinha dinheiro, roubava. Muitas vezes ia para a central de camionagem, e deixava que as senhoras pousassem os sacos, e sem que elas percebessem ia por trás e roubava as carteiras. Começou a estacionar carros, e por dia fazia cerca de 20 a 25 euros, o que já dava para atenuar a ressaca.

Nessa altura não tinha outro trabalho, porque não conseguia trabalhar ao mesmo tempo que consumia.

Em tempos, e muito antes de iniciar o consumo de drogas, trabalhava. Aliás, Tomás começou a trabalhar muito novo, devido às necessidades económicas dos avós.

Após o abandono precoce da escola, começou a trabalhar na muito trabalhar na construção civil, e de seguida como ajudante de montagem de cozinhas.

O consumo de droga fê-lo parar com a última actividade, porque considera que é de todo impossível consumir drogas e trabalhar.

Há cerca de 2 anos assumiu uma posição de mudança, e decidiu parar com o estilo de vida que tinha: “Estava a bater no fundo... já nada fazia sentido na minha vida, e o meu dia-a-dia não era nada mais do que tentar angariar dinheiro para consumir droga, e quanto mais tivesse mais consumia. Decidi emigrar!”

Tomás emigra para França, e vai trabalhar para uma empresa de construção civil. Passado 1 ano a empresa abre falência, e regressa a Portugal. Desempregado, começou a andar de porta em porta à procura de emprego, mas como não consegue, tem uma outra recaída, retomando o consumo de drogas. De salientar que o tempo que Tomás permaneceu em França, não consumiu drogas.

Mais uma fase da sua vida, em que após ter deixado o consumo de drogas, e ter tentado a mudança, factores externos, alheios à sua vontade o fazem sentir fraco, derrotado. A droga, é o escape que encontra para se refugiar dessas derrotas, e sempre que alguma coisa corre menos bem, como não tem estruturas de apoio, nem força de vontade em reagir aos problemas, retoma os consumos de droga, e aí esquece os fracassos.

Tomás já procurou ajuda para abandonar o consumo de drogas, e fê-lo por três vezes, e em 3 instituições: *“O primeiro sítio onde fiz tratamento foi no Porto num sítio que já nem me lembro; o segundo tratamento foi na cadeia, e depois dirigi-me ao CAT”. Em todos o resultado não foi positivo, porque quando sai de lá já ia com o intuito de consumir, por isso não valeu a pena”.*

Actualmente Tomás está a ser acompanhado pelo CAT em Braga, a fazer um tratamento com metadona. Todavia sente que está muito dependente do consumo de drogas, e que dificilmente irá deixar de consumir, sente-se sem forças para parar: *“É muito difícil, quem entra neste mundo dificilmente sai. Depois de ficarmos dependentes de droga é muito complicado deixá-la, mas eu espero um dia conseguir, mas às vezes penso: para quê? Pelo menos quando consumo esqueço tudo o resto”.*

Tomás sente-se sem forças para parar, isto porque em termos psicológicos não está preparado para assumir a realidade em que vive. Não consegue encontrar saídas para os seus problemas pessoais, e acomoda-se aos efeitos que a droga lhe traz para os esquecer, porque enquanto consome não se lembra que perdeu os pais, a esposa, a filha, e que só tem a avó para lhe fazer companhia.

Tomás não acredita que pode reconstruir a sua vida, constituir uma nova família, porque sabe que enquanto não deixar a droga isso não vai ser possível, mas ao mesmo tempo não a consegue deixar, e também não tem certezas se vale a pena deixar.

Estamos deparados com um testemunho que vai precisar de uma ajuda persistente pela parte do CAT, quer em termos de tratamento, quer em termos de acompanhamento psicológico, porque António sozinho tem dificuldades em abandonar o consumo.

Quando lhe foi perguntado se tivesse que voltar atrás, o que mudaria na sua vida, António respondeu que “*Nunca teria experimentado drogas, porque arruinei a minha vida toda*”.

Tomás pensa que, o facto de as pessoas terem informações acerca dos efeitos nocivos das drogas não as impede de consumir, porque considera que as pessoas nunca acham que vão chegar a um estado de degradação. O problema é que a droga cria uma dependência tal que as pessoas nem se apercebem que estão a ficar dependentes, e quando a ressaca bate à porta começa a o verdadeiro caminho para a ruína.

O conselho que Tomás daria alguém que tivesse a iniciar o consumo era que “*alguém os levasse a locais onde se consome drogas para verem a podridão que é*”.

Francisco

Francisco, actualmente com 21 anos, desde a nascença que vive em Braga.

A sua infância foi vivida na presença da mãe, e de uma tia, dado que o pai, após o divórcio com a sua mãe constituiu outra família.

O percurso escolar do Francisco foi marcado por altos e baixos, dado que não gostava de estudar, tendo simplesmente frequentado o ensino até aos 15 anos. Confessa que, o seu desinteresse pela frequência na escola agravou com o início do consumo de drogas. Esse consumo teve início aos 13 anos com os colegas de escola. Primeiro

começaram a fumar tabaco, ma quase que automaticamente passaram para o consumo de haxixe.

Contudo, o consumo não se ficou por aqui, e por volta dos 16 anos, Francisco iniciou o consumo de heroína, e de seguida de cocaína com os amigos do bairro.

Nesta fase, em que consumia drogas consideradas duras, preferia fazê-lo sozinho, porque tinha medo que ao consumir em grupo pudesse ganhar alguma doença. Por outro lado, como sempre gostou de se vestir bem, e de cuidar o aspecto, não queria de modo algum ser identificado como um toxicodependente.

Cedo começou a trabalhar, e passou por várias actividades, sendo que o dinheiro que ganhava era canalizado para a compra de drogas. Porém, todo dinheiro era considerado pouco, levando Francisco a roubar carros, rádios, a prestar favores a pessoas em troca de droga.

A mãe, foi sempre a pessoa que mais sofreu com o facto de o Francisco consumir drogas, tendo-o incentivado a pedir ajuda, estando a ser seguido pelo CAT.

Hoje em dia, o consumo continua presente na sua vida, levando Francisco a sentir-se cansado, doente e sem forças para atingir um dos maiores sonhos, que era tirar o curso de informática.

Francisco nasceu em Braga, e desde sempre viveu com a mãe, que a caracteriza como sendo uma das suas melhores amigas, porque desde sempre esteve a seu lado nos melhores e piores momentos. A mãe, como empregada fabril, passava o dia fora de casa, o que obrigou a que Francisco ficasse entregue aos cuidados de uma tia materna, o que não lhe agradou muito porque essa tia era muito exigente com ele, e não o deixava brincar porque dizia que ele desarrumava tudo, e ele sentia-se muito preso e revoltado com isso. Por seu turno a mãe deixava-o fazer o que ele queria.

Francisco só conheceu o pai quando tinha 10 anos, porque o pai decidiu ir conhecê-lo, mas Francisco não gostou muito da maneira dele.

O pai de Francisco tinha outra família, o que nunca o afectou muito, porque estava habituado a viver com a mãe e com a tia, e como tal não sabe como é ter um pai, por isso não consegue dizer se lhe fazia falta ou não a sua presença.

Apesar do discurso frio do Francisco sempre que se refere ao pai é evidente um sentimento de revolta por não ter um pai presente, aliás ao longo do seu discurso afirma: *“Se calhar se tivesse vivido com o meu pai, e ele tivesse sido mais rígido, se calhar não tinha chegado aos pontos que cheguei”*.

A socialização primária de Francisco, tendo como principal a nível familiar a mãe, denota fragilidades a quem em parte Francisco atribui culpas ao pai pela sua ausência. Como considera a mãe uma pessoa frágil, e boa de mais para com ele, acredita que se tivesse tido um pai presente, com uma actuação mais rígida podia ter evitado muitos acontecimentos negativos ao longo da sua vida.

Desde pequeno que sempre brincou na rua com os amigos, e depois de chegar a casa tinha actividades completamente normais, como ver televisão, jogar no computador, mas aí fazia-o sozinho, porque não tinha irmãos. Sempre foi um miúdo com muita liberdade, porque a mãe deixava-o fazer o que ele queria, e mesmo quando ele se portava mal, não o castigava muito. Ele acha que isso acontecia por ser filho único.

Apesar de relacionar com muitas pessoas, algumas das quais considera serem bons amigos, muitas vezes prefere estar sozinho, quer seja para consumir, ou simplesmente para jogar computador. Deste modo, os laços com o grupo de pares não se apresentam fortes, na medida em que Francisco em muitas situações prefere estar sozinho, ao invés de estar com os amigos. Aliás, considera ter poucos amigos, se calhar porque não é uma pessoa sociável. Prefere estar sozinho em casa! Desde a sua infância que está habituado a estar sozinho, porque nunca viveu com irmãos, apesar de ter irmãos pela 2ª família que o pai constituiu.

Contudo, se por um lado a relação com o grupo de pares parece distante, por outro lado foi o principal veículo impulsionador para Francisco a iniciar os consumos de drogas.

A nível de ensino, a escola sempre foi vista por Francisco como uma seca, porque não tinha paciência para lá estar: *“ A minha mãe ia-me levar à escola e metia-me num portão, e eu mal a via ir embora saia por outro”*. Ele não fugia para ir passear, ele ia para casa.

Francisco assume que não se sentia bem na escola, porque estava habituado a estar sozinho em casa, e não soube lidar com o facto de ter que estar um dia inteiro preso num outro sítio a conviver com pessoas que não conhecia.

Quando iniciou a frequência no 5º ano de escolaridade já gostava mais da escola, e aí até era bom aluno, o pior é que isso só durou até ao 8º ano, idade em que pela primeira vez, juntamente com os colegas de escola experimentou tabaco, e logo de seguida haxixe. Aliás, Francisco refere que de um consumo ao outro passou muito pouco tempo.

O consumo iniciou por influência dos amigos, mas também por imitação dos alunos mais velhos da escola. Francisco via-os como uma referência, logo queria ser como eles.

Aqui começa um novo ciclo na vida de Francisco, em que novamente começa a não gostar da escola, porque considera incompatível o consumo de drogas com a ida às aulas, e o estudar para os testes: *“desde que comecei com as drogas, não tinha vontade estar na escola, nem tão pouco tinha atenção”*.

E foi assim que Francisco reprovou pela primeira vez no 8º ano, aliás, a sua escolaridade termina aqui, porque nunca mais teve vontade de retomar os estudos.

A frequência escolar não teve qualquer relevância na vida de Francisco, porque nunca lhe foi atribuída importância. O facto de a mãe ter um sentimento muito protector sobre ele, durante o período da infância, levou a que o primeiro contacto com a escola fosse de rejeição. *“Fugia para casa, porque era lá que me sentia bem, e protegido”*.

Retomando a questão dos consumos, Francisco passado um ano de consumir haxixe começou a consumir heroína, mas logo de seguida experimentou cocaína. Confessa porém, que a primeira vez que consumiu cocaína não gostou, mas mais tarde até consumia mais cocaína do que heroína, porque afirma que o efeito é diferente: *“é uma droga que a gente consome, e quando passa o efeito temos muita mais necessidade de ir consumir novamente”*.

Após a experiência com o consumo de algumas drogas, a cocaína foi eleita a predilecta de Francisco: *“A cocaína é uma droga muito mais psicológica, deixa-nos mais agitados, com o coração a bater muito rápido, mas é uma sensação de prazer, de bem-estar... se a gente estiver com algum problema, naquele momento não se lembra de nada. A moca dura pouco tempo, e depois começamos a stressar, com o corpo a pedir mais, e muitas vezes uso a heroína para anular esse efeito. A cocaína quanto mais houver mais se gasta, podendo chegar aos 100 euros por dia, enquanto com a heroína há dias que bastam 10 euros de consumo”*.

Quando começou a consumir heroína fê-lo com o grupo de amigos do bairro: *“Foi o mal, eu digo sempre isso.. se soubesse nunca sequer tinha experimentado, mas naquela altura tive curiosidade. E depois via os mais velhos lá no bairro a consumir... Cheguei a um ponto, que o efeito do haxixe já não chegava, e como queria ficar com uma moca ainda maior comecei a consumir heroína, e era muito mais fixe... experimentei por curiosidade e gostei”*.

Nunca se sentiu dependente de haxixe, porque se houvesse fumava, mas se não houvesse também passava bem, até que nos dias que correm nem fuma haxixe. Com a heroína foi um bocado diferente, porque passados 2 anos de estar a consumir sentia-se completamente dependente.

Como cedo deixou de estudar, entrou muito novo para o mercado de trabalho, tendo passado por alguns sectores de actividade: trabalhou como carpinteiro, com mármore, distribuiu publicidade, mas todo o dinheiro que ganhava simplesmente servia para carregar o telemóvel, comprar tabaco, e o resto era para comprar droga.

Porém, considera que é muito complicado conciliar o trabalho com o consumo de drogas: *“sentia-me fraco, não aguentava nada... quando andava a distribuir publicidade andava com o saco pesado, e estava muito magro... chegava a ficar com os ombros negros”*.

Decidiu então deixar de trabalhar, porque não tinha forças, nem motivação para o fazer. Mas, o consumo continuava, e para arranjar dinheiro para comprar drogas fazia de tudo um pouco: *“Roubava os rádios de viaturas, mas às vezes estava cansado e roubava o carro para ir embora; pedia na rua; e fazia favores a algumas pessoas em troca de droga... vendi dois computadores que tinha... e mais coisas... já não me lembro!”*

Quando fala sobre estes episódios, Francisco manifesta vergonha, baixando a cabeça, e proferindo as palavras com a voz trémula. Contudo, apesar de não se sentir muito bem com esta situação, refere que era a solução que encontrava para angariar mais dinheiro.

Francisco não se considera uma pessoa muito popular no local onde vive, aliás as pessoas olham de lado para ele e para os amigos do bairro: *“As pessoas pensavam que nós fazíamos asneiras, mas nós no bairro não fazíamos nada, não nos metíamos com ninguém, nem roubávamos nada. Mesmo assim, uma pessoa pode estar a fumar um charro, que pensam logo que estamos a dar um pico”*.

Não se considera uma pessoa com muitos amigos, porque acha que quem anda no mundo da droga não tem amigos: *“Amigos tenho poucos, conto-os pelos dedos.. depois tenho é conhecidos. Às vezes estou num grupo de 20 pessoas e falo para todos, mas meus amigos mesmo são um ou dois.*

Se tens dinheiro tens amigos, se não tens não são... é assim!”

Também não teve muitas namoradas, e as que teve não consumiam, nem tão pouco tinham a verdadeira consciência do grau de dependência em que ele se encontrava. A última namorada que teve soube da pior fase da sua vida, sabia o seu passado, mas achava que tudo já estava ultrapassado. Apesar de a enganar, achava que era a maneira de a namorada não o abandonar, porque tinha consciência que se lhe dissesse que ainda consumia, o namoro acabava.

No meio de todos estes episódios e comportamentos estranhos, a mãe de Francisco começa a desconfiar que alguma coisa não estava bem, até que pessoas lá do bairro confirmaram que de facto o filho consumia drogas. Todavia, a reacção da mãe não foi tão má como Francisco esperava: *“Ela chegou à minha beira e disse-me: isso faz-te mal... vamos tentar que deixes isso. A minha mãe sempre me ajudou”.*

Foi com a ajuda da mãe, que Francisco iniciou os tratamentos. Está a ser acompanhado pelo CAT desde 2000, e esteve internado numa clínica em Braga durante vinte dias, e noutra clínica em Matosinhos dez dias, mas sente que os tratamentos não tiveram o efeito desejado: *“Houve um sítio onde estive, já não me lembro qual, até porque a minha cabeça já não é o que era antes, que até andei melhor, mas nas outras, no mesmo dia que saía ia consumir. Aquilo não tem efeito nem para mim, nem para ninguém, aliás tínhamos que levar €50, caso quiséssemos ir ao café, e ninguém ia para ter os 50 euros para quando saíssemos de lá irmos consumir”.*

Neste momento só está a ser acompanhado pelo CAT, mas está com algumas dificuldades em fazer os tratamentos prescritos: *“ A minha médica deu-me Subotex, mas nem estou a tomar porque me está a dar cabo do estômago, porque aquilo destrói por dentro. Aquilo toma-se, e no dia a seguir está-se a ressacar na mesma, porque o comprimido tem heroína, e eu passo os dias com dores de estômago.. a minha médica até me queria fazer aquele exame ao estômago que se mete o tubo, mas eu tive medo e não fiz”.*

A dificuldade em terminar os tratamentos prende-se com a actual fragilidade física e psicológica “a minha médica do CAT falou comigo e com a minha mãe e disse-nos para enquanto eu não estiver melhor para não trabalhar, porque eu começo a ficar debilitado, e o corpo vai começar a pedir droga para aguentar, e pronto ela disse que era melhor eu esperar um bocado. “Eu queria tirar um curso, mas tenho medo porque é assim, eu sou capaz de me lembrar mais depressa de uma coisa que aconteceu há 3 anos, do que uma coisa que aconteceu ontem.. a minha memória foi muito afectada pelo haxixe, e como tal não me sinto com capacidades para tirar um curso”.

Francisco admite não conseguir desprender-se totalmente da droga, porque ainda se sente dependente: “é assim, ao fim ao cabo estou dependente porque quando chega o fim-de-semana bate a saudade e vou consumir”.

Francisco considera que é possível deixar o consumo de drogas, aliás a sua luta é nesse sentido, mas neste momento não sente forças físicas e psíquicas para o conseguir. Actualmente com 21 anos, e a viver com a mãe em Braga afirma que se pudesse mudar alguma coisa na sua vida, mudaria tudo: “eu mudaria tudo... nunca teria experimentado drogas. Só que é uma batalha, que às vezes falham as forças”.

Francisco considera que o problema do início do consumo de drogas não passa pela falta de informação, mas pela influência de quem já consome: “Eu penso que agora já não vale a pena haver informação, porque no meu caso foi um bocado por ver os outros e queria saber como era... agora é tipo moda! Eu quando comecei a consumir fazia o que queria na cidade. Agora, uma pessoa sai e é só daqueles com argolas, chapeuzinho... olha-se para todo o lado, e é só vê-los aí, e todos consome, pelo menos haxixe.

Para Francisco, a forma mais real de mostrar às pessoas os efeitos nefastos do consumo de drogas é levá-las a um local onde haja toxicodependentes a consumir, porque em algumas circunstâncias serviu para ele parar: “Eu comecei a injectar, mas depois parei porque via muitos a ir para o hospital a sentirem-se mal, porque uma pessoa quando pega numa agulha.. como é que eu hei-de explicar.. só o espetar da agulha já é uma forma de prazer, porque é um vício estar com a agulha. Há pessoas que são capazes de estar ali meia hora com o sangue a entrar e a sair, só pelo vício”.

Actualmente, com 21 anos Francisco sente-se ainda muito debilitado para conseguir largar definitivamente o consumo de drogas, contudo essa é a sua meta. A sua estrutura é a mãe, que o apoia incondicionalmente, e a médica que o acompanha no CAT.

No futuro, sonha com o curso de informática, porque adora computadores, mas são objectivos a longo prazo, enquanto não se reabilitar totalmente.

José

José nasceu em Braga há 45 anos. O seu agregado familiar era constituído pelos seus pais, e por 6 irmãos (4 rapazes, e 2 raparigas).

Apesar de muito pobre, a sua família dava-se relativamente bem.

Sempre gostou de ir à escola, mas pela falta de meios económicos só pode estudar até à 4ª classe. Depois saiu e foi trabalhar com o pai que era espingardeiro.

Recorda a sua infância com um misto de emoções. Se por um lado se sentia feliz com a sua família, por outro lado sentia-se frustrado por não ter acesso às coisas que os outros meninos tinham.

Contudo, uma tragédia invadiu o seu lar, e aos 14 anos a sua mãe faleceu, e aos 15 faleceu o pai. Assim, aos 15 anos José ficou órfão.

José ficou sob a orientação dos irmãos mais velhos, que foram desde sempre os responsáveis pela sua educação, mas por pouco tempo, porque passados uns meses da morte dos pais, eles foram viver com as companheiras. Para não ficar desamparado, os irmãos quiseram leva-lo com eles, mas José preferiu continuar a viver em casa que era dos seus pais. Assim, aos 15 anos começa uma vida nova, mas sozinho.

Sempre conheceu muita gente na cidade de Braga, mas nunca teve grandes amigos. Em termos amorosos diz só ter tido desgostos.

Pelo facto de ser uma pessoa muito reservada, não quis evidenciar com que idade começou a consumir drogas, alegando que ninguém precisava de saber disso.

Contudo, confessou que a primeira vez que fumou um “charro” gostou, e quando teve oportunidade experimentou também heroína, cocaína e erva. Passado pouco tempo consumia as três em simultâneo.

Nunca fez tratamentos para deixar o consumo, mas substituiu a droga pelo álcool.

Aparentemente uma pessoa bastante complexada, e com sentimentos de inferioridade atribui as culpas “ao sistema”, à sociedade, pelas desgraças, ou insucesso ao longo da vida.

Nos dias de hoje continua a viver em Braga, sozinho, numa casa concedida pela Bragahabit, e tem apoio social, passando os dias a vaguear pela cidade com alguns amigos e conhecidos. Só vai para casa quando quer dormir.

Nascido numa família numerosa, José é um das 7 filhos que nasceram no seio do casal.

Os pais, já de idade avançada tinham profissões que não lhes permitia ganhar muito dinheiro. O pai era espingardeiro, e a mãe para além de doméstica fazia uns trabalhos, chamados na altura de “*Carretos*” (fazer um trabalho para outra pessoa a transportar coisas de um lado para o outro, por exemplo bananas).

Apesar de todos se darem bem, havia muitos problemas relacionados com a falta de dinheiro, que desencadeavam discórdias, e discussões lá em casa: “*A falta de dinheiro causa sempre transtornos às pessoas... não havendo dinheiro há sempre problemas*”.

As relações familiares, segundo José eram salutaras, contudo estamos perante um tipo de família sem normas, sem regras, em que os pais têm como preocupação principal ganhar dinheiro para sustentar os filhos, deixando para segundo plano a educação. Essa responsabilidade foi imputada aos irmãos mais velhos, que por seu turno não tinham quem os orientasse a eles, porque estamos a falar de pessoas que na altura teriam uns 20 a 22 anos.

Em termos escolares, José sempre gostou de ir à escola, mas afirma que os professores eram mal encarados, o que fazia com que ele tivesse receio em ir à escola: “*Eu sabia muito, mas como era muito nervoso ficava revoltado, e muitas vezes levava porrada. Eu sempre auxiliei os meus amigos, porque era muito esperto, mas nunca era bem tratado porque vinha de uma família pobre. Antigamente as regalias eram para os ricos*”.

José sempre se sentiu discriminado perante os outros miúdos, e considera que os professores o faziam por ele ser pobre. Todavia, apesar de gostar muito de estudar, reprovou algumas vezes devido a uma deficiência que tinha na vista, mas também porque era muito

nervoso, e quando tinha que fazer testes ficava descontrolado. Estudou até à 4ª classe, porque os pais não tinham mais poder económico para que ele continuasse.

Sai da escola, e vai ajudar o pai que tinha como profissão espingardeiro. Mais tarde, foi trabalhar para a construção civil.

Aos 14 anos teve a infelicidade de a mãe falecer, e passado um ano falece também o pai. Não foi por nenhum motivo em especial, simplesmente eram pessoas de idade avançada, e morreram de velhice.

Continuou a viver na mesma casa, com os irmãos mais velhos. Em termos de educação a morte dos pais nada veio alterar, porque sempre foram os irmãos mais velhos que o educaram, mas ficou em termos afectivos, porque toda a vida viveu com os pais, e a morte deles custou-lhe muito.

Quando os irmãos saíram de casa, José ficou a viver sozinho. Aos 15 anos, ficou entregue a ele mesmo. Decide ir trabalhar para a construção civil, para obter o seu próprio sustento.

Contudo, o sentimento de discriminação que nutre desde criança continua presente, aspecto esse que o afecta muito: *“Ainda hoje me sinto discriminado, eu nunca tive hipóteses para nada, sinto-me frustrado. Como nunca tive grandes hipóteses de dinheiro, nunca tive possibilidades de ter aquilo que queria, enquanto os meus amigos todos tinham. É óbvio que isto me afecta bastante”*.

Para além de se sentir frustrado por não ter poder económico, José denota também complexos em termos físicos: *“Eu complexos nunca tive, tenho é uma deficiência na vista.. ainda hoje devia usar óculos, e não uso porque não tenho possibilidades para os comprar, e vejo mal. O meu problema de vista vem desde pequeno, porque me deitaram uma lata de tinta na vista. Eu estava a pintar uma porta, e ele deitou-me tinta para os olhos, e eu fiquei com os olhos queimados, e desde aí que vejo mal... e é por isso que muitas vezes fico irritado.... Eu tenho que usar um chapéu, mesmo por causa de ver mal, não é por ter queda de cabelo, isso não me importa”*.

O discurso de José denota certas contrariedades, na medida em que tenta camuflar os factos que o incomodam, e o deixam irritado, para além de nunca se sentir culpado por nada. A culpa de todos os males é da sociedade.

José começa a consumir estupefacientes numa altura em que afirma que toda a gente consumia em Braga. José nunca gostou muito de tabaco, e só começou a fumar haxixe porque gostou. Não se recorda a idade com que iniciou, a sua memória falha muito, mas tem noção que foi depois dos seus pais terem falecido.

Depois de experimentar haxixe experimentou erva, cocaína e heroína, porque afirma que as drogas leves deixaram de existir nessa altura: *“O haxixe e a erva deixou de se fumar, porque houve uma repressão e cortaram essas drogas. Havia os maiores que trouxeram as drogas pesadas, e quem provou uma coisa quis provar de tudo, e foi toda a gente assim. Meteram outras, não digo o quê, nem quem... mas não era o desgraçado que metia as drogas... penso que está tudo dito”*.

José responsabiliza o sistema, neste caso as pessoas influentes de Braga pelo tráfico de drogas, e considera que era quase inevitável as pessoas consumirem.

José continuou com o consumo porque sentia-se bem... fazia-o esquecer dos desgostos: *“O que desmoraliza são as paixões... Assim, continuou a consumir drogas diariamente.*

Em termos profissionais deixou de trabalhar na construção civil, e começou a trabalhar num bar nocturno em Braga, como porteiro. Aí foi a verdadeira escalada nos consumos, porque confessa que a maioria das pessoas que frequentava o bar consumia drogas, inclusive o dono, de modo que sentia-se mais à vontade para o fazer.

Certo dia teve uma desavença com um cliente, e foi despedido. A partir daí não voltou a trabalhar.

Durante o período que lhe era devido, recebeu o valor referente ao fundo de desemprego, e quando terminou, e dada a situação pessoal e económica em que se encontrava, passou a auferir do Rendimento Social de Inserção (RSI).

Em termos de consumo, percebemos pelas entrelinhas do seu discurso que passou só a consumir haxixe. Todavia, uma nova substância é incluída no seu leque de consumos: o álcool.

Não querendo adiantar pormenores acerca dos motivos que o levou a abandonar determinadas drogas, confessa que fez uma substituição pelo álcool.

Estamos perante mais uma história de vida, em que as drogas são substituídas pelo álcool.

Os hábitos de José, passam pelo acordar e permanecer durante o dia inteiro a vaguear pelas ruas da cidade, juntamente com uns amigos que têm o mesmo estilo de vida que ele, como refere: *“andamos por aí... depois ao almoço vamos ao pingo doce, comprar vinho, e qualquer coisa para comer, e depois à noite vou para casa dormir... chego a casa estou sozinho... nem televisão tenho, para quê? Não ia estar a ver televisão sozinho...”*.

José sente-se sozinho, e a maneira que encontrou para amenizar o sentimento de solidão é embriagar-se, de modo a chegar a casa, e adormecer, para evitar mais sofrimento.

Quando questionado, se gostaria mudar o estilo de vida que tem, e voltar a trabalhar e constituir família, responde que *“ eu mudar mudava logo, mas como não tinha possibilidades económicas, não tinha hipótese, e não podia trabalhar, porque o sistema nunca me deu oportunidades. Eu nunca casei porque não tenho possibilidades económicas para ter filhos. Eu já tive muitas mulheres ao meu lado, e sempre fui muito respeitador, porque sei bem o que é o dia de amanhã, e sei o que é um filho”*.

Ao afirmar que sabe o que é um filho, foi-lhe questionado se era pai, mas mais uma vez não quis responder a essa questão.

José é um indivíduo, cujas forças para lutar por um estilo de vida melhor, já foram perdidas há muito. Acomodou-se ao facto de não ter possibilidades económicas, e, com o consumo de drogas, ao invés de melhorar a sua situação ia-a degradando cada vez mais.

Possivelmente estamos perante um caso de insucesso, em que, a partir do momento em que não assume que precisa de ajuda, nem permite ser ajudado, dificilmente sozinho vai conseguir desprender-se dos hábitos de consumo que tem de álcool e haxixe.

Samuel

Samuel tem actualmente 26 anos, é estudante do curso de Educação Sénior no Ensino Superior. O facto de ainda não ter concluído a licenciatura, prende-se com uma série de factores e condicionalismos que teve ao longo da sua vida, tais como ser

obrigado a cumprir o serviço militar; ter sido obrigado a trabalhar durante algum tempo; e pelo consumo de estupefacientes.

Desde criança que vive com os seus pais. Os pais, oriundos de uma família modesta têm um pequeno negócio de família, que passa pela exploração de um café.

O irmão, mais novo seis anos, a frequentar o ensino superior não se lhe afigura um percurso escolar idêntico ao do irmão, dado que daqui a um ano já concluirá o curso superior.

Os laços existentes com os pais e o irmão não são muito fortes, na medida em que cada um gere a sua vida da maneira que considera ser mais favorável. A consequência dessa fragilidade, e falta de diálogo a nível familiar, é a falta de apoio e orientação pela parte dos pais, que levou Samuel a tomar decisões precipitadas, das quais hoje se arrepende. A pessoa a quem se sente mais afecto é à sua mãe, principal agente de socialização primária.

O seu ar introvertido, e discreto fez dele uma pessoa pouco popular na escola, assim como no grupo de amigos. O mesmo perfil é traçado nas relações amorosas, sendo que o final de uma relação leva Samuel a uma depressão. Sentindo-se um pouco à deriva conhece uma rapariga, pela qual começa a nutrir algum sentimento, e é com ela, e com o seu grupo de amigos que tem a primeira experiência com drogas.

Apesar de ter consumido vários tipos de estupefacientes, nunca gostou muito de consumir, e muitas vezes sentia-se revoltado por fazê-lo. O psicológico tinha um grande peso nas suas decisões, servindo de trampolim para que decidisse parar com o consumo de drogas duras, fazendo também um ultimato à sua namorada, em que se não pusesse termo ao consumo terminaria o namoro.

Actualmente fuma tabaco e haxixe, pelo prazer de o estar com os amigos, porque não se sente dependente de drogas. Arrepende-se do dia em que as experimentou, porque fê-lo ser irresponsável e retardar grandes decisões que gostaria de ter tomado na sua vida.

Samuel, 26 anos pertencente a uma família modesta sempre viveu num bairro no centro da cidade de Braga.

Dada a ocupação dos pais, a explorar um café, sempre foram muito ausentes na vida de Samuel, assim como do seu irmão, mais novo seis anos. A mãe, muito preocupada com os filhos foi a pessoa responsável pela sua educação. O único problema, sempre foi a falta de tempo para acompanhar, e orientar os seus filhos. Mesmo assim, de toda a família, a mãe sempre foi o elemento mais importante para Samuel tendo por ela um respeito e uma admiração incondicional.

Dada a ausência dos pais, a trabalharem no café, foi uma criança com bastante liberdade. As suas actividades passavam por ir para a rua brincar com os seus amigos, ou irem para casa uns dos outros jogar no computador.

Nunca foi uma criança alegre, e muito menos extrovertida. Sempre gostou de ser discreto, e nunca teve muitos amigos: *“Não tinha muitos amigos, tinha poucos e bons amigos”*.

Foi com esses amigos, que Samuel fumou aos 15 anos o primeiro cigarro. Não sentia muita vontade, mas como todos fumavam, decidiu experimentar: *“Comecei porque toda a gente fumava... foi um bocado por curiosidade, mas também porque os meus amigos fumavam”*.

Sempre que se juntava com os amigos em casa todos fumavam haxixe, mas Samuel sempre foi resistente a experimentar, contudo aos 18 anos a tentação foi mais forte e experimentou: *“Eu sempre fui bastante resistente porque nunca queria experimentar, mas a tentação foi mais forte, e aos 18 anos estava em casa de uns amigos a gravar cassetes e eles estavam a fumar e ofereceram-me, e eu experimentei”*.

A entrada para a escola não foi vista de bom grado por Samuel, porque sentia-se desmotivado para frequentar o ensino. Terminado o 10º ano no liceu, e sem grandes decisões quanto ao seu futuro decide enveredar por um curso profissional. Até à data o seu histórico de reprovações não era favorável, e com 18 anos de idade foi obrigado a cumprir o serviço militar, tendo deixado para trás o curso profissional.

O facto de ter deixado os amigos, e a família para ir para a tropa em Lisboa criou uma certa revolta em Samuel, porque aí apercebeu-se que o que realmente queria era estudar. Sempre que vinha de fim-de-semana a Braga, e estava com os seus amigos mais revolta sentia por não ter o estilo de vida que eles tinham, desprovidos de preocupações, e a dar continuidade aos estudos.

Na tropa, o consumo de haxixe aumentou, porque um colega de camarata que vivia em Lisboa todos os fins-de-semana levava droga do casal ventoso, que fosse suficiente para a semana inteira.

Quando terminou o serviço militar regressou a Braga, e como não se sentiu muito confortável em dizer aos pais que iria novamente estudar, decide procurar emprego.

Passado pouco tempo conseguiu ir trabalhar para a Blaupunkt, em Braga. Ao confrontar-se com a dureza de ter que cumprir horários, e trabalhar um dia inteiro começou a criar em Samuel sentimentos de frustração por não estudar. Com o final do contrato na empresa, os serviços de Samuel foram dispensados. Aí não teve dúvidas, e voltou a estudar, porque apercebeu-se que era mesmo o que queria: *“Decidi voltar a estudar, porque me sentia frustrado por não estudar”*.

Samuel terminou o ensino obrigatório, e ingressou no ensino superior no curso de Educação Sénior, estando ainda a frequentá-lo.

A falta de comunicação e orientação em termos familiares, levou Samuel a desleixar-se nos estudos, porque não era repreendido por reprovar de ano, levando a que reproduzisse essa prática nos anos seguintes. A inexperiência levou a que tomasse decisões precipitadas, que mais tarde se veio a arrepender.

Em termos amorosos, Samuel, um pouco reflexo da sua forma de ser, e estar nunca teve muitas namoradas. Aos 17 anos, teve a sua primeira relação amorosa que durou sete anos. Aos 24 anos, Samuel vê-se imbuído num profundo desgosto pela perda da pessoa que tanto amava.

Sentindo-se um pouco à deriva, a única coisa que lhe dava algum prazer era sair à noite com os amigos, e foi numa dessas saídas que conheceu a rapariga, que hoje é a sua actual namorada. Essa rapariga pertencia a um grupo, que tinha consumos frequentes de drogas duras. Estando Samuel a atravessar uma fase mais frágil, deixa-se influenciar pela rapariga, e inicia o consumo de drogas duras: *“Acabei com a minha namorada, e comecei a estar com uma rapariga que consumia outro tipo de drogas, e eu iniciei o consumo de cocaína; LSD; MD; ácidos; cogumelos, e pastilhas”*.

Samuel experimentou este tipo de estupefacientes porque se queria divertir, e esquecer o desgosto amoroso pelo qual tinha passado: *“Eu simplesmente consumia para me divertir, e me sentir bem... e o consumo de drogas ajudava a que eu me sentisse assim”*.

À semelhança do que sempre fez, todos os dias ia ao café, a única diferença é que nesta fase da sua vida, não ia simplesmente encontrar-se com os amigos, mas também consumir estupefacientes. Esse consumo aumentava ao fim-de-semana, em que as idas à discoteca justificavam no seu entender um consumo mais levado: *“Aos fins-de-semana era um consumo mais pesado um bocado, porque íamos para a discoteca, e aí a moca era maior”*.

Samuel sempre foi bastante resistente ao consumo de estupefacientes, contudo os seus efeitos, que aliás sempre conheceu bem, permitiram-lhe atenuar, e camuflar o desgosto amoroso pelo qual tinha passado, e fazê-lo sorrir de novo.

Quando sentiu que os seus problemas, e desgostos estavam ultrapassados, deu por si a questionar-se o porquê de consumir drogas: *“Muitas vezes pensava: para que estou a fumar?”*

Certo dia, decidiu que não fazia qualquer sentido continuar com o consumo de drogas duras, e quis parar. Nesse mesmo dia fez um ultimato à namorada, dizendo-lhe que ou parava também com o consumo, ou terminava o namoro: *“Um dia pensei: acabou! E fiz um ultimato à minha namorada, e disse-lhe que ou ela parava de consumir, ou eu terminava o namoro. Eu tinha decidido parar, porque como conhecia bem os efeitos das drogas, tinha medo do que me podia acontecer, e para levar a minha decisão a cabo não podia namorar com uma pessoa que consumisse, e então ela também parou”*.

Samuel é o exemplo, de que para abandonar o consumo de estupefacientes é preciso muita força de vontade. É verdade que Samuel não estava muito dependente das substâncias que consumia, mas de qualquer modo lutou para nunca mais consumir, e conseguiu.

Actualmente, consome haxixe diariamente mas porque se encontra com os amigos e acaba por fumar, mas sabe que quando quiser consegue parar: *“Nunca me senti dependente de drogas, porque sempre soube parar. Hoje em dia simplesmente fumo haxixe, mas sei qual é o meu limite, e paro!”*

A droga passou pela vida de Samuel de forma muito rápida, e sem trazer grandes sequelas em termos físicos ou psicológicos.

O facto de continuar a consumir haxixe está relacionado com os hábitos que mantém com o grupo de pares. Todos os dias se encontram, e já está instituída a prática de fazer, e fumar “charros”.

Contudo, estamos perante um indivíduo pouco ligado aos consumos, em que usa a droga como forma de socializar, e se manter unido ao grupo de referência, dado o desapego existente face à família. Assim, a necessidade de diariamente se encontrar com os amigos, é o reflexo da falta de comunicação no seio da família, que tenta compensar com o grupo de pares.

Matilde

Matilde nasceu no Porto, mais propriamente em Gaia no seio de uma família numerosa. Para além dos pais vivia com 6 irmãos: eram 2 raparigas e 5 rapazes.

A sua infância foi vivida entre a família, e o grupo de amigos da rua, a quem dava muita importância porque sempre foi uma pessoa muito activa, e considerava-se “Maria Rapaz”.

Recorda a infância e adolescência como os melhores momentos da sua vida, porque estava com as pessoas que mais amava, e não tinha problemas, nem havia razões para os ter. Apesar de ser proveniente de uma família humilde, caracteriza-a como sendo uma família unida e feliz.

Em sua casa havia dificuldades em termos económicos, dadas as profissões modestas dos pais: a mãe era empregada doméstica, e o pai electricista, e como eram 9 pessoas a viver desse salário passaram por algumas dificuldades, mas sempre foram felizes.

O percurso escolar foi marcado pelo insucesso, dada a sua excessiva ligação à brincadeira. Reprovou várias vezes, até que aos 15 anos deixou de estudar, e começou a trabalhar.

A droga surge na sua vida aos 18 anos, quando por brincadeira, com umas amigas numa saída à noite para a discoteca decidem experimentar.

O que parecia uma brincadeira torna-se em consumo regular de haxixe, heroína e cocaína.

Em termos amorosos, inicia uma relação com uma pessoa que também consumia estupefacientes, do qual teve um filho. A relação corria bem, até o companheiro ser preso, e de seguida morrer.

Nesta fase Matilde aumenta o consumo de drogas, e inicia um estilo de vida envolto em drogas e esquemas para angariar dinheiro para as comprar.

Com o agravar da situação, uma irmã a residir em Braga decide levá-la para sua casa, e iniciar um tratamento. A intenção da irmã era boa, o problema é que Matilde não se sentia preparada para deixar de consumir. Pouco tempo após a sua chegada a Braga, começou a estabelecer relações com grupos de indivíduos que tinham consumos elevados de drogas.

Entretanto conhece outro homem, do qual tem outro filho. Durante a restante entrevista, não volta a referir-se a essa pessoa, e quando lhe foram colocadas algumas questões preferiu não responder.

Nesta fase da sua vida, o filho mais velho estava a viver com os avós no Porto, e o mais novo andava à deriva entre o infantário, e os cuidados, ou melhor o desleixo da mãe.

Só quando percebe que se não deixasse a droga ia perder a guarda do filho, e despejada da casa onde vivia é que “acordou para a vida”, e começou a deixar o consumo de estupefacientes.

Actualmente Matilde vive em Braga com o filho mais novo, num apartamento concedido pela Bragahabit.

Conseguiu deixar as drogas, mas a sua vida ficou muito afectada e limitada pelo consumo excessivo que teve. Almeja encontrar um emprego, mas sente que com a idade que tem, e pelo facto de ser ex-toxicodependente tem muitas dificuldades em conseguir. Contudo, o factor principal para a sua felicidade é estar bem com o seu filho.

Matilde nasceu em Gaia, Porto no seio de uma família numerosa, constituída pelos pais, por ela e uma irmã, e 5 irmãos do sexo masculino.

A sua infância e adolescência é recordada como os melhores momentos da sua vida, porque para além das boas relações que tinha com os seus pais e irmãos, adorava brincar na rua com os seus amigos, principalmente com os do sexo masculino porque sempre gostou mais de brincar com rapazes, do que com raparigas. As suas actividades preferidas eram jogar à bola, e ao berlinde. Nunca teve paciência para brincar com bonecas, e achava as raparigas chatas. Os rapazes é que eram “fixes”: *“Eu chegava da escola pousava a pasta e ia jogar à bola e andar de bicicleta com os rapazes... os meus pais estavam a trabalhar”*.

Os pais, pelo facto de terem salários baixos tiveram que fazer muitos esforços e sacrifícios, porque a família era muito numerosa, mas sempre foram todos felizes, como refere. *“É pena que ainda não seja pequenina, a minha vida era uma brincadeira... foram os melhores anos da minha vida”*.

Todavia, apesar de ter uma boa relação com os pais, e irmãos afirma que os seus pais eram muito rígidos. A sua liberdade só existia enquanto os pais estavam a trabalhar porque quando eles chegavam, tinha logo que ir para casa. Apesar de estarem ausentes todo o dia, quando presentes impunham regras, que os filhos tinham que cumprir impreterivelmente.

O percurso escolar não é revelador de grande sucesso. Matilde estudou até aos 14 anos, mas só conseguiu alcançar o 6º ano de escolaridade, porque chumbou 2 vezes na escola primária, e 2 vezes no 6º ano. Como não gostava de ir à escola, e só queria brincadeiras, desistiu. Os pais não aceitaram de bom grado a decisão, mas nada fizeram para impedir a filha de abandonar a escola.

Para além de não gostar de estudar, um dos factores que levou Matilde a abandonar os estudos teve a ver principalmente com o facto de querer ter o próprio dinheiro. Os pais davam-lhe algum, mas ela queria mais, e aos 15 anos começou a trabalhar.

A sua decisão não teve qualquer bloqueio por parte dos pais, dado que o mesmo tinha acontecido com os irmãos mais velhos. O modelo de educação, não reflecte a importância de os progenitores prosseguirem os estudos, de modo que, as práticas dos irmãos mais velhos serviram de exemplo para os mais novos. A reprodução das regras é como que automática, não havendo um travão por parte dos pais, que impeça que as más decisões não se reproduzam para o restante agregado.

Matilde sempre teve muitos amigos, predominantemente do sexo masculino, porque não tinha paciência para as conversas das raparigas. O facto de gostar muito de andar na rua levou-a a fazer muitas amizades, e estar sempre rodeada de muita gente, e sentia-se feliz assim.

Apesar de estar sempre rodeada de rapazes, nunca foi de ter muitos namorados, aliás a primeira relação surgiu aos 18 anos.

A sua relação com as drogas começa aos 18 anos, e por ironia do destino com amigas: *“Na brincadeira começamos a fumar nas discotecas, a dar umas passitas. Depois começamos a comprar droga. Nessa altura havia muita droga nas discotecas”*.

Matilde afirma que na altura em que começou a fumar drogas, no Porto toda a gente fumava. Começou por fumar haxixe, mas logo de seguida passou ao consumo de heroína e cocaína, mas não consegue explicar porquê, dado que nem sabia o que queria das drogas: *“Eu não procurava efeito nenhum... era a maluqueira.. era o vício. É como o tabaco, a gente começa a fumar e não consegue parar”*. *Eu sempre fui contra as drogas, como se explica que eu fosse cair nesta armadilha?”*

O primeiro namorado de Matilde também consumia drogas, alias citando as suas palavras: *“quando uma pessoa anda na droga, acaba por se envolver com pessoas que fazem o mesmo”*.

Aos 18 anos a sua vida alterou substancialmente, porque foi com essa idade que iniciou o consumo de drogas, e teve o primeiro relacionamento amoroso.

Como os pais eram muito rígidos, ela começou a fugir de casa à noite com o intuito de ir para as discotecas com o namorado e o grupo de amigos de ambos. Os pais descobriram e Matilde começou a ter desavenças com os pais.

Entretanto, Matilde engravida do namorado, e aproveitou esse facto para sair de casa e ir viver com ele, mesmo contra vontade dos pais, que por sinal não gostavam do seu namorado, mas não a conseguiram impedir de sair.

Nesta fase, começou o verdadeiro consumo de droga, porque ao sentirem-se livres dos pais, não tinham quem lhes impusesse limites.

Em termos monetários, o dinheiro era escasso, Matilde ia para a baixa do Porto vender meias e porta-chaves. Mas como o dinheiro ainda escasseava começou a fazer peditórios falsos, e conseguiu ganhar muito dinheiro que canalizava para comprar droga, porque refere que quanto mais tivesse, mais gastava. E como havia umas drogas mais caras do que outras, por vezes tinha que engendrar outros esquemas para angariar mais dinheiro. Por dia gastava tudo o que ganhava, e afirma que para quem consome drogas, todo o dinheiro que se ganhe é pouco.

Entretanto o seu filho nasce, numa fase em que Matilde e o companheiro não tinham as condições físicas, psíquicas e monetárias para cuidar dele. Perante este cenário, a segurança social entrega-o aos avós maternos.

As práticas de Matilde, no dia-a-dia passavam por angariar dinheiro durante o dia para consumir, e à noite estar com o seu companheiro e amigos. Quando fala nessa fase salienta que nem se lembrava dos pais, dos irmãos, ou até mesmo do filho. Só pensava em consumir droga.

O companheiro de Matilde é preso durante a sua gravidez, mas não por muito tempo. Entretanto foi libertado, mas passado pouco tempo volta a ser preso. O período na prisão não foi muito longo, porque acabou por morrer.

Este acontecimento teve um forte impacto negativo na vida de Matilde. Ela tinha uma excelente relação com o companheiro, e a sua morte foi uma catástrofe na sua vida: *“Foi uma fase muito complicada porque dávamo-nos muito bem, e foi muito complicado aceitar que nunca mais o ia ver, estar com ele. A partir desse momento, Matilde não teve interesse por nada, nem pelo filho, pelos pais, nem por si mesma. Neste período aumenta acentuadamente os consumos: “Sim fiquei a viver na nossa casa com o meu filho... e nessa altura que ele foi preso comecei a consumir mais... comecei a andar nas feiras... porque eu morava na ribeira. E depois como andava a vender meias na feira, e como o miúdo tinha 5 anos meti-o numa cresce ao pé da casa da minha mãe. E aí é que foi a minha perdição. Vendia as coisas, consumia.. e aí o problema foi andar com pessoas que não devia andar”*.

Perante esta situação, são os pais que assumem a guarda do filho. Matilde passava os dias na Ribeira do Porto a vender tudo o que fosse possível, desde meias a porta-chaves.

A droga que mais consumia era heroína, e cocaína, se bem que com esta última começou a não se sentir muito bem: *“A cocaína deixava-me meia atrofiada, meia maluca da*

cabeça... “*. Consumia mais heroína, a minha desgraça final foi quando comecei novamente a consumir cocaína, porque destruiu-me o cérebro todo*”.

A sua irmã, que vivia e ainda vive em Braga ao aperceber-se do estado de Matilde decidiu levá-la para sua casa para Braga para fazer um tratamento. Matilde aceitou ir, porque nem sequer tinha capacidade para decidir o que queria ou não. Foi para Braga, mas o seu filho ficou no Porto com os avós.

O primeiro tratamento foi feito em Nogueiró, esteve lá internada um mês, mas o resultado não foi o que se esperava, porque quando saiu voltou a consumir. Isto porque, ao chegar a Braga começou a fazer amigos que por seu turno consumiam drogas. Devido à persistência da irmã tentou um segundo tratamento, levado a cabo na Remar, mas como era a “frio”, não conseguiu.

Sem querer pronunciar-se sobre o assunto, comentou que se envolveu com um colega, com o qual consumia drogas, do qual engravidou.

Nesta fase abrandou os consumos, e decidiu procurar emprego. Foi trabalhar para a Bracalândia, e reconhece que foi uma boa decisão porque sentia-se bem lá: “*Gostava muito de lá trabalhar*”.

Mesmo estando a desempenhar as suas funções, continuava a consumir drogas. Quando os colegas de trabalho, assim como o patrão descobriram, reagiram bem: “*A minha chefe uma altura descobriu que eu andava na droga e aceitou-me bem na mesma, continuei lá a trabalhar. Eu sabia trabalhar... há pessoas que andam na droga, e trabalham na mesma*”.

Como não queria incomodar mais a irmã, decidiu pedir apoio à Bragahabit (entidade pertencente à Câmara Municipal de Braga, que apoia famílias carenciadas concedendo uma casa para viverem), e ir sozinha com o filho para um apartamento. Passados uns tempos volta a consumir, e inicia um novo ciclo na história dos consumos.

O filho, ainda criança ficou um pouco à deriva porque Matilde não tinha capacidades para tomar conta dele: “*Na altura tinha uns 10 anos, e ele lá se desenrascava*”.

Como a situação estava a ficar insustentável, a Bragahabit decidiu pôr-lhe uma acção de despejo, e a assistente social falou com ela e disse-lhe que para além de ter que sair daquela casa, lhe iriam tirar o filho, porque ela não tinha as condições mínimas para cuidar da criança.

Matilde sentiu um impacto muito forte com esta comunicação, que serviu para acordar e ver a realidade que vivia: *“Se calhar até foi bom me terem dito aquilo para eu acordar. Eu estava a perder o meu filho, e não estava a ser boa mãe”*.

Inicia-se uma nova fase da sua vida, e mais uma vez com a ajuda da irmã, começa a ser acompanhada pelo CAT. Este tratamento, à base de soro e medicação, foi o único que teve sucesso, porque finalmente Matilde liberta-se do consumo no qual estava envolta.

Actualmente, continua a viver em Braga com o seu filho, mas sente que perdeu muitos anos, e momentos na sua vida: *“O que mais me entristece é que não me lembro de ver os meus filhos crescerem. Quando eu acordei das drogas, o meu filho mais velho já estava a viver com a namorada. Eu não me lembro de nada”*.

Os filhos de Matilde acabaram por perdoar a mãe, pelo facto de ela os ter abandonado mas ela, não se perdoa a si própria por não ter sido boa mãe. Hoje sofre, porque gostava de ter acompanhado todas as fases de crescimento dos seus filhos, e à conta da droga não conseguiu.

O que mais a deixa revoltada é que ela era contra as drogas, e não consegue explicar como foi cair na tentação, e pior ainda ficar dependente.

Gostava de voltar a trabalhar, mas acha que nunca mais vai ter essa oportunidade, porque acha que ainda tem aspecto de toxicodependente, e que ninguém lhe vai dar emprego. Assim, passa os dias em casa a arrumar, e à noite está com o filho.

Aos 40 anos sente-se cansada, velha, com muito poucas capacidades de raciocínio porque a droga destruiu-lhe a memória, e no seu discurso é evidente a dificuldade que tem em se recordar das situações, para as relatar, para além de não ter um discurso muito coerente.

Continua a cumprimentar as pessoas com as quais consumia droga, mas deixou de consumir, e mesmo que lhe oferecessem não fumava, porque não quer passar novamente pela aflição de poder perder o filho e a casa.

Quando confrontada com a questão do que mudaria na sua vida, caso pudesse voltar atrás afirma com toda a veemência que nunca se teria metido na droga: *“Se sonhasse que ia ficar assim, nunca na minha vida me tinha metido nesta porcaria. Só que como toda a gente pensa, eu também pensei que nunca iria ficar dependente, e veja como eu estou”*. Quando andamos na droga acabamos por não gostar de nós próprios, sei lá, andamos naquela

maluqueira, mas há sempre uma altura em que acordamos para a vida, e eu acordei”. A droga é uma merda”!

Matilde sente pena quando vê alguém consumir, principalmente quando são pessoas novas: *“Às vezes dá-me tanta peninha ver as pessoas tão novas a começar... isto é horrível. Vejo mocinhas a meterem-se na cocaína, que é a pior coisa que pode haver. Mas, não adianta dizer para parar, porque tem que vir de nós... parte da nossa cabeça.*

Actualmente, dentro da realidade em que está sente-se feliz, porque dá-se bem com a irmã (houve uma fase em que a irmã deixou de lhe falar). Às vezes vai ao Porto visitar os pais, e o filho mais velho, e vai vivendo o dia-a-dia da melhor forma que pode, canalizando as poucas forças que tem para proporcionar um estilo de vida confortável ao seu filho mais novo.

Zé Maria

Zé Maria, actualmente com 25 anos, solteiro é residente em Braga. Sendo o único filho do casal, desde sempre que vive com os seus pais.

Os pais, oriundos de famílias economicamente desfavorecidas, decidiram trabalhar como trabalhadores independentes, montando o seu próprio negócio, feirantes.

A relação estabelecida com os pais era boa, contudo, o principal agente de socialização primária na família, foi sem dúvida a mãe, que apesar de ausente por motivos profissionais, sempre foi a pessoa que lhe impôs as regras, as normas de conduta. Contudo, quando tinha que o repreender, não hesitava em fazê-lo.

Zé Maria gostava de ir à escola, e sentia-se motivado, mas por influência dos amigos começou a ficar desmotivado, e a faltar às aulas para ir para o café. A consequência foi reprovar durante alguns anos. Contudo, mais tarde encontra novamente o rumo, e assume os estudos com responsabilidade.

Por volta dos 15 anos iniciou o consumo de tabaco, por influência dos colegas de escola. Aos 16 anos teve o primeiro contacto com drogas, ao experimentar haxixe, e mais uma vez fê-lo porque os seus amigos também o faziam.

Aos 19 anos, por influência do grupo de pares, mas também pela procura de mais diversão experimentou várias drogas, tais como cocaína, MD, LSD, ácidos, pastilhas, cogumelos, entre outros.

Um dia, um acontecimento na sua vida veio alterar para sempre a relação com as drogas. Após uma noite de consumo com uns amigos, sentiu-se fisicamente mal, ao ponto de achar que iria morrer. O medo que sentiu serviu para assumir uma decisão radical, e nunca mais consumir drogas.

Alguns meses após esse acontecimento teve uma recaída, mas como voltou a sentir-se mal, nunca mais consumiu.

Continua a relacionar-se com amigos que consomem drogas, aliás todos os dias está com eles, mas o medo de se voltar a sentir mal, impede-o de cair em tentação.

Zé Maria, com 25 anos de idade, solteiro, sempre viveu com os seus pais em Braga.

Os seus pais, feirantes de profissão auferem de salários modestos, o que não os coloca numa posição muito confortável economicamente.

Contudo, Zé Maria com o ar modesto que o caracteriza refere que *“os meus pais eram, e são feirantes, e ganhavam o suficiente para os três”*.

As relações dentro do agregado familiar, sempre foram salutareas, como afirma *“Sempre me dei muito bem, tanto com o meu pai como com a minha mãe”*.

Os responsáveis pela sua educação foram os pais, mas sobretudo a mãe: *“Foram os dois, mas sobretudo a minha mãe.*

Os pais sempre foram muito ausentes, consequência de passarem os dias a feirar em diversos pontos do país. Esse factor fez com que Zé Maria fosse uma criança com muita liberdade. Por outro lado levou a que tivesse que se responsabilizar por si mesmo, porque como não tinha irmãos, nem familiares por perto, subsistia sozinho: *“Não é que tivesse muita liberdade, mas ao mesmo tempo como os meus pais confiavam em mim, deixavam-me fazer o que eu queria. Também eles nunca estavam em casa. Os meus pais são feirantes, o que fazia que saíssem de manhã de casa e só regressavam à noite, e eu lá me orientava. Por isso, mesmo que eles quisessem não me conseguiam controlar muito”*.

Essa ausência dos pais levou a que Zé Maria se apoiasse nos amigos emocionalmente, tornando-os como seu ponto de referência. Passava os dias na escola com eles, e ao fim do dia continuava na sua companhia, até os pais regressarem das feiras.

O facto de ser uma pessoa muito extrovertida, e sociável tornou-o muito querido no seio do grupo de amigos.

Zé Maria, sempre gostou de ir à escola, tendo um percurso escolar mediano. O facto de, alguns amigos terem começado a desleixar-se nos estudos, faltando às aulas, não indo fazer os testes, levou Zé Maria seguir os seus exemplos de desvio à norma instituída. A consequência das práticas desviantes foi a reprovação em três anos, no liceu.

Foi com esses amigos que, por volta dos 14, 15 anos teve a primeira experiência de fumar tabaco: *“Por volta dos 14, 15 anos, porque todos os meus amigos fumavam, e um dia um deles ensinou-me a fumar. E depois já fumava por vaidade, aquela sensação de que ao fumar já era um homem”*. A partir dessa experiência, manteve o consumo de tabaco, até aos dias de hoje.

Aos 16 anos, mais uma vez pelo contacto com pessoas que fumavam, inicia o consumo de drogas. A substância experimentada, Haxixe era a predominante no seio do grupo de amigos: *“Por volta dos 16 anos comecei a fumar haxixe. Eu de início via os meus amigos fumar e não queria, mas depois comecei a ver os efeitos com que eles ficavam quando fumavam, quis experimentar”*.

Zé Maria gostou do efeito que a droga lhe causava *“ a primeira vez que fumei haxixe, ria-me, ria-me, foi um efeito espectacular.*

Assume que, o facto de ter experimentado foi influência dos amigos, porque por vontade própria nunca o faria: *“Sim, pelos meus amigos, se eles não consumissem eu também não consumia. Por exemplo, quando fui fazer o 12º ano à noite andava sempre com uma pessoa que consumia, o resultado era que faltávamos os dois às aulas e íamos consumir. Se ele não consumisse, eu sozinho também não ia”*.

O relacionamento com pessoas que consumiam drogas, e a envolvimento com as noites de diversão: discotecas, raves, concertos, desencadeou-lhe uma enorme curiosidade em experimentar outras drogas. Aos 19 anos teve essa oportunidade, e não hesitou: *Aos 19 anos foi a loucura total, em que experimentei de tudo. Eu só fumava haxixe, e numa noite*

estávamos num jantar, e um amigo pediu-me para ir com ele comprar cocaína porque ele não tinha carro, e eu fui. Quando íamos novamente para o restaurante, ele estava a dar um risco, e disse para eu dar, e eu mesmo a conduzir dei um risco de coca, mas não gostei da moca. A cocaína é uma cena em que tem que tem que se estar sempre a cheirar, porque senão fica-se apático, calado! Como isso não me dizia nada, não voltei a experimentar.

Depois disso experimentei outras drogas, mas a que me dava mais adrenalina era o MD, porque me causava euforia, felicidade, calores no corpo. Era incrível...uma pessoa ia para o café, e já estava a pensar como ia fazer para ir consumir, e a mim o MD dava-me uma moca espectacular, por isso é que sempre que se falava numa festa, num festival, ou numa simples ida à discoteca, eu dizia logo que ia, mas que tínhamos que arranjar a “cena”, que era o MD, e aí era tudo perfeito. Eu já me considero uma pessoa bastante extrovertida, mas com o MD ficava o cúmulo do sociável, e extrovertido.

Se bem que, o MD não fazia sentido ser consumido sem música, e sem os amigos. Foram verdadeiras noites de prazer.

Zé Maria, nunca se considerou dependente de qualquer substância, mas assume que a diversão já não fazia sentido, sem que primeiro consumisse MD, aliás como referiu, sempre que alguém o convidava para uma festival, ou rave, preocupava-se logo em comprar a droga que lhe permitia atingir a diversão perfeita. Apesar de já ser muito divertido, o consumo dessa substância fazia-o sentir-se perfeito: “era a adrenalina, a felicidade plena...”.

A sua vida era olhada através de uns óculos cor-de-rosa, onde tudo era perfeito. Não havia lugar para tristezas, e os problemas eram minimizados. Porém, numa noite aconteceu algo inesperado. Após ter estado a consumir com os seus amigos, dirigia-se para casa, quando começou a sentir-se mal: “depois duma noite em que tinha estado a consumir com os meus amigos com quem habitualmente consumia, ia levar uma amiga a casa, e de repente comecei a sentir um aperto no peito, e só tive tempo de parar o carro, e dizer que não me estava a sentir muito bem... tive um ataque de pânico, pensei que ia morrer.

Quando me restabeleci fui para casa, e fiquei não sei quantos dias seguidos sem sair de casa, cheio de medo que me desse alguma coisa, e morresse. Decidi contar aos meus pais, que logo de imediato me levaram ao médico, que me disse que o que eu estava a sentir estava tudo relacionado com o sistema nervoso. Comecei a tomar calmantes, e a ser seguido por um psiquiatra.

Depois disto, a primeira vez que sai de casa, fui ter com os meus amigos habitais, e não consumi, e disse que depois daquele susto não voltaria a consumir.

Este acontecimento mudou a mentalidade de Zé Maria, e o medo de perder a vida fê-lo abandonar as drogas, mas confessa que o deixar para trás o consumo de MD o deixou bastante afectado: *“Eu nunca me senti verdadeiramente dependente de drogas. A única que me custou mesmo deixar foi o MD, porque me fazia sentir mesmo feliz, e se calhar dessa eu estava um bocado dependente”*.

O facto de saber que não podia voltar a consumir MD deixou-o um pouco à deriva, porque sabia que as noites perfeitas, em que não há cansaço, má-disposição, ou problemas iriam acabar. A adrenalina que sentia, e a sensação de que tudo era mágico acabou, e a partir desse dia, Zé Maria mudou as lentes dos seus óculos, de cor-de-rosa para transparente.

Permaneceu em casa alguns meses, até se sentir preparado para retomar a vida social. Nesse dia, contactou os amigos, que por sinal continuavam a consumir drogas, foi ter com eles, e comunicou que o seu consumo tinha terminado. Contudo, e uma vez que eram os seus amigos, continuou a relacionar-se com eles, a única diferença é que não consome drogas.

A fraqueza humana traiu-o, e numa certa noite teve uma recaída: *“Sim. Houve um dia, que feito parvo dei umas 3 passinhas de erva, e senti-me tão mal, mas tão mal que pensava que me ia dar tudo novamente, e desde esse dia, nunca mais na vida consumi qualquer tipo de estupefacientes”*.

Neste dia foi o ponto final, Zé Maria não voltou a consumir, e garante que nunca mais o voltará a fazer. Todavia, essa posição só foi assumida por saber que tem problemas de saúde, caso contrário continuaria a consumir: *“Mas admito, que se não tivesse apanhado estes sustos, ainda hoje consumia, e não sei onde poderia ir parar”*.

A história de vida de Zé Maria, revela um forte apego ao grupo de pares. A ausência emocional dos pais desde a infância foi compensada pelos amigos. Deste modo, eles são a sua referência, daí que as decisões fossem tomadas por influência do grupo. Ele via nos amigos o exemplo a seguir, porque a falta de referências familiares, fê-lo seguir os valores, e modelos adoptados pelos seus amigos, caso contrário sentir-se-ia à deriva.

Se tivesse que voltar atrás na sua vida, não mudaria quase nada. A única coisa de que se arrepende é ter reprovado tantas vezes: *Não tinha reprovado tantas vezes. À conta de não*

ir às aulas para consumir reprovei 3 anos no 12º ano, imagine! Depois consegui entrar para a universidade, mas hoje em dia já podia estar a trabalhar, e ainda ando a estudar.

Zé Maria conseguiu recuperar o tempo perdido, encontrando-se a frequentar o ensino superior, no curso de Educação Sénior, e espera terminar brevemente para ingressar no mercado de trabalho.

Quando questionado, acerca da informação que as pessoas têm sobre os efeitos nocivos as drogas, alega que as pessoas estão devidamente informadas sobre os efeitos das drogas, contudo, na sua opinião nada há a fazer, porque na sociedade em que vivemos, as pessoas vão sempre consumir: *“É complicado impedir alguém que consuma, porque só cada um se pode impedir a si mesmo, mas mostrava-lhe alguns sítios, podia ser que mudasse de ideias”*.

6. Análise Horizontal das Histórias de Vida

Ao longo do estudo, o objectivo principal foi perceber a carreira do toxicodependente – a trajectória de cada indivíduo na sua inter-relação com as drogas - através da análise de factores que os motivaram a iniciarem o consumo de drogas, e tornarem-se dependentes delas.

Constatamos que, são vários os factores, que podem ter contribuído para que a droga passasse a fazer parte da vida destes indivíduos.

Porém, seria um trabalho muito ambicioso analisar todos os factores, ou indicadores que despoletaram o início do consumo de drogas, deste modo, debruçamo-nos, a partir da análise das suas histórias de vida, para analisarmos possíveis propulsores, ou potenciadores que contribuíram para o início do consumo, despoletando o seu aumento ao longo da sua carreira como toxicodependente.

Os factores analisados foram propostos, a título de hipótese, no início do estudo, estando relacionados com os factores familiares; o percurso escolar; o grupo de pares e a trajectória profissional. Vamos também analisar factores de índole pessoal, que possam ter influenciado o início do consumo de estupefacientes, assim como eventos, ou situações marcantes na vida dos entrevistados.

Não podemos analisar principais agentes de socialização, família, escola, e grupo de pares, sem antes definir em que moldes se desencadeia esse processo de socialização.

A criança apropria-se dos papéis, e através deles interioriza personagens, tornando-se capaz de se submeter a um modelo imitado, de se transferir sobre o outro, de adoptar o seu papel. Aprende também a tornar as suas regras e as referências estatutárias. Assimila os sistemas de comunicação, e as condições de exteriorização e abertura relativamente às pessoas. A apropriação dos papéis e o envolvimento real ou imaginário, no jogo das personagens, permite à criança construir uma verdadeira personalidade social, cada vez que procura coordenar a multiplicidade de papéis e de representações que lhe estão associadas (Tap, 1996).

O processo de socialização vai permitir ao indivíduo desenvolver a sua identidade pessoal através da qual constrói a sua personalidade, e organiza e coordena as suas condutas, as suas aspirações e desejos.

A identidade pessoal dos sujeitos em aprendizagem não é adquirida, tal e qual, à nascença. Na verdade, ela constrói-se durante toda a vida. Mas, ela não se reduz a uma interiorização passiva e mecânica das identidades herdadas, do conjunto de características ligadas à nascença, nem a papéis estatutários pré-definidos. Ao contrário, ela conquista-se frequentemente contra estas últimas, por distanciação e rupturas que não excluem nem as continuidades, nem as heranças (Dubar, 2006). Assim, é entre a reprodução e a ruptura, através de múltiplas combinações que analisaremos os processos de socialização conducentes ao consumo de estupefacientes.

6.1 Factores Familiares

Muito se tem falado acerca da crise de valores nas famílias, mas a que se refere essa crise? Como tivemos oportunidade de ver na perspectiva teórica, o processo de globalização veio trazer alterações profundas na construção do modelo familiar.

No Ocidente, houve grandes mudanças nos padrões da vida familiar. Uma percentagem elevada de mulheres está agora empregada em trabalhos remunerados, as taxas de divórcio aumentaram e uma proporção substancial da população pertence a agregados com um só progenitor, ou vive em famílias de segundas núpcias (Giddens, 1997).

Os laços familiares tendem a enfraquecer, em virtude da prevalência do individualismo no seio do núcleo familiar. A comunicação entre pais e filhos é muitas vezes inexistente. A vida familiar, nem sempre é o espelho de harmonia e felicidade, porque como vamos ter oportunidade de verificar as famílias são envoltas numa miríade de problemas que por vezes destroem a ligação existente entre os seus membros, e criam fortes sequelas a nível pessoal principalmente nos adolescentes.

Num estudo levado a cabo com famílias de toxicodependentes, Bergeret afirma que não existe nenhum modelo específico de adolescente, nem nenhum modelo de situação relacional familiar que possam ser definidos como modelos próprios da toxicomania. Porém, o autor não ignora todo o conjunto de resultados da investigação científica que puseram em evidência fortes correlações entre a toxicodependência, e variáveis familiares (Bergeret, 1990).

Para este dado, contribui o facto de uma grande percentagem de toxicodependentes, independentemente da idade vive com os pais.

No que concerne às relações familiares, foram salientes problemas inerentes à relação existente entre os pais e os entrevistados; a própria relação familiar; e em alguns casos houve situações marcantes na família.

À data da entrevista, o agregado de quatro dos entrevistados era constituído pelos pais, o entrevistado e irmãos (Zé Maria, Samuel, Diogo e André). Dois dos entrevistados viviam sozinhos (Alice e José); um entrevistado com a avó (Tomás); outro com a mãe e uma tia (Francisco); e uma entrevistada vivia com o filho mais novo (Matilde).

Nas nove entrevistas, em oito dos entrevistados não se verificou qualquer histórico de consumo de estupefacientes, quer pela parte dos pais, avós, irmãos, ou demais família. Aliás, pelos relatos dos entrevistados eles eram mesmo os únicos na família a consumir estupefacientes.

A única situação registada é referente ao relato de Tomé, que confidencializou que o avó paterno, pessoa com quem coabitava, bebia muito, causando mau ambiente em casa:

“O meu avô bebia muito, e às vezes era mau com a minha avó, implicava com ela. Comigo nunca implicou, era mais com a minha avó, dava-lhe maus tratos”.

A maior parte dos entrevistados diz ter uma boa relação com os pais. Zé Maria, por exemplo, afirma: *“sempre me dei muito bem, tanto com o meu pai como com a minha mãe”*; assim como Samuel: *Dava-me bem com toda a gente, mas dava-me especialmente bem com a minha mãe*; O mesmo diz Diogo: *“a relação com os meus pais sempre foi muito boa. Dava-me bem com toda a gente, mas com a minha mãe sempre me dei muito bem”*. Alice tinha também uma boa relação com a família, mas principalmente com a mãe: *“com a minha mãe sempre foi muito bom, ela é um exemplo a seguir. Com o meu pai também me dava bem, mas de forma diferente”*.

Dois dos entrevistados, Matilde e José também tinham uma boa relação com os pais, mas infelizmente já não se relacionam com eles. No caso de José, recorda os pais com muito carinho e saudade, porque infelizmente já faleceram há alguns anos: *“A minha mãe morreu quando eu tinha 14 anos, e o meu pai quando tinha 15”*. Contudo, enquanto os pais eram vivos José recorda: *“éramos pobres, mas dávamo-nos todos bem”*.

No caso de Matilde, já não vive com os pais há muitos anos. Aliás, os pais vivem no Porto e ela em Braga, embora recorde o tempo que passou com os seus pais e irmãos como sendo os melhores tempos da sua vida: *“as relações eram boas... foi o melhor tempo da minha vida, com os meus pais e os meus irmãos”*.

A mesma situação já não se evidencia no caso de dois entrevistados, Francisco e Tomás. Tomás foi abandonado pelos pais logo à nascença, tendo sido entregue à guarda dos avós paternos. Sempre esteve separado dos pais, mesmo geograficamente dado que residia em Braga, e os pais depois de divorciados viviam em Lisboa com as respectivas famílias.

A relação de Tomás com os avós sempre foi boa, sendo tratado como um filho. Em contrapartida Tomás nunca os viu como pais, porque sempre sentiu a falta, principalmente do pai: *“Sentia muitas saudades do meu pai. Eu via os meus amigos com pais, e eu não tinha. Uma altura decidi ir viver com o meu pai para Lisboa, mas só tive lá um ano porque sentia-me discriminado pela mulher dele, sentia que ela me punha à parte, e então vim-me embora”*.

Por seu turno, Francisco desde sempre viveu com a mãe, esta divorciada do seu pai, e com uma tia, irmã da mãe. Francisco conhece o pai, mas não tem grandes contactos com ele: *“Conheço, mas ele não quer saber de mim... Eu quando o conhecia devia ter uns dez anos, e prontos, não gostei da maneira dele. A relação com ele é má porque ele diz que eu sou um drogado, mas nunca me tentou ajudar, bem pelo contrário... sinceramente nunca me afectou*

muito, porque eu não fui habituado a crescer com ele, não tinha afecto por ele, mas claro que é sempre um bocado chato... Eu sempre vivi com a minha mãe e a minha tia, e sempre fui feliz”.

O discurso de Francisco é antagónico, dado por um lado afirmar ser feliz sem o pai, mas por outro, deixa transparecer uma enorme revolta pelo facto de ter um pai ausente.

Essa ausência do pai serve de interrogação a Francisco, relativamente ao consumo de estupefacientes, porque põe em questão, que, caso tivesse tido um pai presente, que lhe tivesse imposto regras, provavelmente não teria chegado à situação que chegou: *“Mas se calhar se tivesse vivido com o meu pai... e ele tivesse sido mais rígido, se calhar eu não tinha chegado aos pontos a que cheguei”.*

A responsabilidade pela educação ficou a cargo, em cinco dos entrevistados da mãe. Foi assim com o Diogo: *“... mais a minha mãe, porque sempre foi a mais preocupada comigo, sempre foi a mais próxima.”*; com o Samuel: *“Sem dúvida a minha mãe”*; com o Zé Maria: *“sobretudo a minha mãe”*; com Alice: *sem dúvida a minha mãe. Era ela que tratava de todos os assuntos relacionados com a minha educação, e com a minha vida*. No caso de Pedro, a Educação foi da responsabilidade da mãe, mas com ajuda da tia, uma vez que viviam os três: *“pela minha mãe e a minha tia. A minha tia é que tomava conta de mim, mesmo em pequenino ela é que tomava conta de mim, porque a minha mãe trabalhava na fábrica”.*

Nos restantes testemunhos, a responsabilidade da educação foi dos avós; irmãos mais velhos; e do pai. Por exemplo no caso do José, foram os irmãos mais velhos que tiveram a maior responsabilidade na sua educação: *“foram os meus irmãos mais velhos... sabe que os pais mandavam os filhos mais velhos cuidar dos mais novos”*. Com a morte dos seus pais, a partir dos 15 anos de idade, José ficou entregue a si mesmo, porque os seus irmãos que ainda viviam consigo, nessa altura mudaram de casa.

A adolescência é, na perspectiva de alguns autores crucial na formação da identidade dos indivíduos, podendo, caso haja acontecimentos negativos nessa fase, desencadear problemas graves na personalidade e vidas de cada um.

Tap (1996) defende que, a fim de compreendermos e explicarmos os adolescentes, é necessário não somente observar as suas atitudes, e os seus comportamentos, como também discernir a sua significação, inferindo a existência de processos cognitivos e sócio-afectivos, a partir dos quais se constrói a pessoa e a sua história.

Na perspectiva do autor, a análise dos conflitos e das estratégias de personalização é necessária para podermos compreender os adolescentes.

Na nossa amostra, a infância, e adolescência foram vividas de forma diferente pelos entrevistados. Quatro dos entrevistados tiveram uma infância, cujas actividades se prendiam essencialmente com brincadeiras de rua juntamente com os amigos, é o caso de André, da Matilde, de Tomé e de José. Os pais saíam para os seus trabalhos, e eles passavam o dia entregues a si mesmos, aproveitando para estar com os amigos. Quando os pais regressavam a casa, eles também regressavam. Estamos perante quatro testemunhos, cuja socialização primária evoluiu num tipo de sociedade tradicional, fruto também da idade dos entrevistados, dado que André tem neste momento 31 anos; Matilde 41 anos; Tomé 34 anos, e José 45 anos. A infância, foi caracterizada pelo contacto com as actividades de rua, tais como andar de bicicleta, fazer jogos tradicionais, ou simplesmente ficar sentado na berma do passeio a conversar.

Temos porém um entrevistado Francisco, de 21 anos, que teve uma infância muito similar às atrás descritas, em que, apesar de a sua infância coincidir com um período em que as novas tecnologias predominavam, ele preferia o contacto com a rua. De salientar que Francisco vivia num bairro problemático da cidade de Braga, em que as práticas diárias das crianças é estar nas ruas a socializar.

O mesmo sucedeu com Alice, 28 anos de idade em que as suas actividades preferidas eram o contacto com os amigos, na rua. Dando sempre preferência à companhia de amigos do sexo masculino, uma vez que se identificava mais com o tipo de actividades que eles faziam, em detrimento das actividades associadas às raparigas.

Todavia, três dos entrevistados Zé Maria com 25 anos; Samuel com 26 e Diogo também com 26 anos de idade tiveram uma infância e adolescência caracterizadas pela era do computador e da playstation, em que os tempos livres eram ocupados em casa, juntamente com os amigos a jogar.

Deste modo, estamos perante estilos de vida diferentes, em que num universo de nove entrevistados, seis deles preferem o contacto com a rua, e actividades ao ar livre, e três deles dão primazia ao convívio em casa, passando horas em frente ao computador.

Contudo, numa amostra de nove pessoas, quatro deles conota a infância como a fase mais feliz das suas vidas, é o caso de Matilde, Zé Maria; André; José.

Matilde tem saudades da sua infância basicamente porque se sentia protegida pela sua família, e foi uma fase desprovida de responsabilidades: *“É pena ainda não ser pequenina, porque não há responsabilidades, era uma vida diferente”*.

André afirma: *“dá-me saudades dos meus amigos, do que fazia... não tinha preocupações com nada, era tudo bonito, e eu tenho saudades”*.

José recorda a infância como uma altura de muito convívio: *“...o que me fazia feliz era as convívências. Éramos uma família alegre... mesmo no Natal juntávamo-nos todos, apesar de pobres”*.

Mas, se a sua infância foi feliz, o mesmo já não se pode dizer da adolescência, altura em que teve o maior desgosto da sua vida com a morte dos pais.

Sendo ainda um adolescente, a morte dos pais veio deixa-lo numa situação de desamparo, e abandono, o que levou José a iniciar o consumo de estupefacientes: *“... não sei quando comecei, a idade não lhe sei dizer, a memória falha... foi depois de os meus pais terem morrido”*.

José, oriundo de uma família com muitas dificuldades em termos económicos, teve uma infância bastante feliz, mas na adolescência teve dois acontecimentos que mudaram para sempre a sua vida, a morte da mãe aos 14 anos, e a morte do pai aos 15: *“foi muito mal, foi uma tragédia! Fiquei sem as pessoas que via todos os dias, que me fizeram conhecer a vida... fez-me crescer muito mais”*.

Com a morte dos pais, os irmãos saíram de casa, e José passou a viver sozinho. Aos 15 anos, teve que enfrentar todos os problemas, e necessidades que surgiram sem o apoio de ninguém.

Por outro lado, José teve outros problemas a nível psicológico relacionados com o sentimento de inferioridade perante as demais pessoas: *“É um bocado difícil falar. Eu nunca tive grandes hipóteses de dinheiros, e isso já me afecta bastante....porque nunca tive possibilidades para ter aquilo que queria, enquanto os outros miúdos tinham. “Ainda hoje o sinto! Sinto-me discriminado! Eu nunca tive hipóteses para nada, sinto-me frustrado!”*

José sentia-se inferior aos seus amigos, pelo facto de os pais serem muito pobres, não tendo possibilidades a nível económico para lhe dar aquilo que José via os amigos terem.

Em termos físicos, José tinha uma deficiência num olho, e falta de cabelo. Apesar de afirmar que não sente complexos com esses problemas, e ou deficiência, ao longo do seu discurso vai-se contradizendo:

“Eu, complexos nunca tive... tenho é uma deficiência na vista... ainda hoje devia usar óculos e não uso, porque não tenho possibilidades para os comprar, mas vejo mal. Eu já usei óculos, mas caí e parti-os. Eu tenho que usar chapéu por causa de ver mal, não é por causa da queda de cabelo, isso não me importa, é mesmo porque tenho um problema na vista... é por isso que muitas vezes me sinto irritado”.

Este sentimento de não ter sucesso em nenhum sector da sua vida, por falta de dinheiro reflectiu-se no sentimento de que não iria realizar os seus sonhos.

As drogas que experimentou foram várias desde heroína, cocaína, haxixe e erva: *“até lhe posso dizer, em relação a isso toda a gente se meteu, porque fumavam essas drogas leves (haxixe, e erva), e deixaram de fumar isso porque houve uma repressão e cortaram essas drogas, deixaram de existir. Havia maiores que meteram a droga pesada, e quem provou uma coisa, quis provar tudo, e foi toda a gente assim... meteram outras, não digo quem... mas era o desgraçado que metia as drogas, penso que está tudo dito”.*

José, com o consumo de estupefacientes procurava simplesmente estar bem. O facto de viver sozinho, e ter fortes carências económicas fê-lo aumentar gradualmente o consumo. José passado algum tempo, que não sabe precisar quanto, deixou de trabalhar porque não conseguia conciliar o trabalho com o consumo.

Apesar de não falar sobre o assunto, ao longo do seu discurso pudemos detectar uma certa desilusão amorosa: *“o que desmoraliza mais são as paixões, porque uma pessoa tem uma mulher, e de um momento para o outro perde-a, e isso desmoraliza muito uma pessoa. Eu nunca casei, porque não tenho possibilidades económicas, nem para ter filhos. Eu já tive muita mulher ao meu lado, sempre fui muito respeitador, porque sei bem o que é o dia de amanhã, e sei o que é um filho”.*

Um dos entrevistados, Tomás, recorda a infância e adolescência com tristeza e mágoa, pela frustração de não ter os pais a seu lado: *“a minha infância foi má. Sentia saudades do meu pai. Eu via os meus amigos com os pais, e eu não tinha. Passei a minha infância sozinho... não tinha pais, não tinha irmãos, só vivia sozinho com os meus avós... sentia-me desamparado, e sem saber para onde ir... “Acho que se tivesse tido um pai e uma mãe, a*

minha vida teria sido diferente... em termos psicológicos sempre me senti muito afectado, porque a solidão era muito grande. Eu não tinha quem me amparasse, porque os meus avós eram mais velhotes, e era complicado aperceberem-se. Nunca tive apoio dos meus pais, e sempre me senti muito traumatizado por não ter o meu pai a meu lado. Sempre senti muito a falta de um pai. Ele vivia em Lisboa com a mulher, e teve outros filhos com ela”.

Aos dezasseis anos, Tomás pela primeira vez fuma um cigarro, que, apesar de ter sido na companhia dos amigos, fê-lo por vontade própria, consequência da curiosidade de ver os amigos experimentar. Logo de seguida experimentou também haxixe, pelos mesmos motivos.

Já numa fase mais adulta, aos 20 anos começou a consumir cocaína e heroína, mais uma vez, porque todos os seus amigos falavam sobre os efeitos que as drogas causavam, e Tomás quis experimentar: “...aos 16 anos comecei a fumar haxixe, mas por volta dos 20 anos comecei a consumir cocaína e heroína. Pronto, deu-me aquela vontade de experimentar, toda a gente falava, e eu quis experimentar... foi livre vontade minha!

Desde que começou a consumir haxixe aos 16 anos, que usava as drogas para esquecer os acontecimentos negativos sempre presentes na sua vida, associados sempre à ausência dos pais, e à solidão que sentia. Com o passar dos anos, foi aumentando o consumo, um pouco por consequência de se aperceber que a droga o anestesiava, nem que fosse por algumas horas: “... era para esquecer tudo o que tinha passado, e estava a passar... queria esquecer que não tinha pais, que eles não estavam ao pé de mim, não tinha irmãos... eu estava sozinho... eu tinha família, mas estava toda separada. Mas, quando acabava o efeito da droga voltava tudo ao mesmo, e voltava a consumir, e quando dei por mim estava agarrado”.

Tomás, como já foi referido recorda a infância e adolescência com muito rancor pelo abandono pela parte dos pais: “Acho que se tivesse tido um pai e uma mãe, a minha vida teria sido diferente... em termos psicológicos sempre me senti muito afectado, porque a solidão era muito grande. Eu não tinha quem me amparasse, porque os meus avós eram mais velhotes, e era complicado aperceberem-se. Nunca tive apoio dos meus pais, e sempre me senti muito traumatizado por não ter o meu pai a meu lado. Sempre senti muito a falta de um pai. Ele vivia em Lisboa com a mulher, e teve outros filhos com ela”.

As relações amorosas nunca estiveram muito presentes na sua vida, contudo, já no período em que estava a consumir drogas duras, iniciou uma relação com uma rapariga, que lhe veio trazer alguma estabilidade emocional, mas não o conseguiu afastar do consumo.

O consumo de drogas era visto por Tomás, como uma capa que usava para esconder todo o sofrimento que envolvia a sua vida. Todavia, esse consumo, e o grupo de amigos que formou, também eles toxicodependentes, só lhe trouxeram problemas. Como todo o dinheiro para comprar drogas era pouco, Tomás e os amigos roubavam as pessoas pelo método de esticção, e num certo dia o acto não correu bem, e Tomás foi apanhado pela polícia, e preso três anos.

Na altura em que foi preso, apesar de todas as circunstâncias negativas a namorada comunicou-lhe que estava grávida, e pediu-o em casamento, tendo Tomás aceite de imediato. Durante os três anos, que esteve na prisão, a companheira só o visitou durante 1 ano, e depois simplesmente deixou de lhe dar notícias. Tomás ficou dois anos, sem perceber o que tinha acontecido com a esposa, e sem puder ver a filha de ambos.

Quando saiu da prisão, a primeira coisa que fez foi procurar a esposa e a filha, mas o encontro não correu como ele estava à espera: *“quando sai da prisão fui atrás da minha mulher e da minha filha, mas a minha mulher pediu-me o divórcio, disse que não queria estar mais comigo... eu andei cerca de 1 ano sempre a lutar por ela, nem consumia drogas nem nada, mas ela não me quis mais de volta, e aí voltei ao consumo”*.

Tomás, até aos dias de hoje não sabe o porquê de a esposa o ter abandonado, porque ela nunca lhe disse, simplesmente pediu o divórcio. Tomás sente que se ela o tivesse recebido de volta, ele nunca mais tinha consumido estupefacientes, mas como ela o rejeitou, ele voltou a consumir.

Os restantes entrevistados falam da sua infância, como sendo normal. Definem essa normalidade, como tendo uma boa relação com a família e amigos, e terem actividades características das idades em causa.

Podemos aferir, usando as palavras de Tap (1996), que os conflitos psicológicos traduzem-se nos comportamentos, através de perturbações e de sintomas que podem ser pseudo-ritualizações repetitivas, ou passagens ao acto sintomáticas da ausência de controlo das emoções, e da ausência de meios de interpessoais necessários para a sua regulação, de onde resulta voltar-se sobre si mesmo e a transferência de necessidades sobre objectos, tais como droga e álcool. Estas perturbações podem ser aceleradas ou travadas, de acordo com as condições socioeconómicas e interculturais, e a especificidade das situações pessoais.

Infelizmente, nos casos mais crônicos da nossa amostra (Tomás, Francisco, e José), as perturbações tendem a ser reproduzidas por falta quer de meios económicos, quer em termos de carências afectivas, aumentando a sua motivação para práticas desviantes, como seja o consumo de psicotrópicos. Nos três casos verificamos que a ausência do pai, ou pais despoletou uma série de crises pessoais, das quais nunca mais se conseguiram libertar.

Segundo um estudo levado a cabo por Harbin & Maziar, a perda de um ou de mais elementos da família, na sequência da morte ou de separação física, encontra-se frequentemente na história da vida do consumidor de drogas. A dor da perda pode então ser anestesiada, ou aliviada pelo recurso à droga (Harbin & Maziar in Fleming Manuela, 1995).

Constamos que nos três casos referidos, a ausência do pai foi muito sentida porventura por se tratar de rapazes. A este propósito um estudo efectuado por Fort demonstra que a ausência do pai foi particularmente prejudicial para os filhos rapazes que mais tarde se tornaram consumidores (Fort in Fleming Manuela, 1995).

Um outro estudo, de Sanches et al. (1982), revela que a desagregação familiar é a fonte, por excelência, e sem dúvida a mais comum da psicopatologia que impulsiona o adolescente, e os jovens para a toxicomania. Nela, eles procuram o esquecimento, uma compensação, uma saída inesperada.

6.2 Percurso Escolar

A escola, como um dos principais agentes de socialização, tem um papel estrutural no desenvolvimento dos sujeitos. Como afirma Durkheim (1922), a educação consiste numa socialização metódica de cada nova geração.

A escola constitui uma oportunidade estratégica, permitindo ao sujeito reconhecer-se para si próprio, e não como um produto dum meio estatutário ou cultural adquirido. É neste sentido que o insucesso escolar, mesmo relativo é fonte de crise identitária (Dubar, 2006).

No que refere ao percurso escolar, quatro dos entrevistados frequentaram, ou frequentam o ensino superior (Diogo, Alice, Zé Maria e Samuel); um entrevistado concluiu o 8º ano (Francisco); três dos entrevistados não foram além do 6º ano (Matilde, André, Tomás); um entrevistado não foi além da 4ª classe (José).

O número de reprovações é elevado em quase todas as situações, à excepção de Diogo que concluiu o ensino superior sem qualquer reprovação.

Assim, no 1º ciclo, 2 entrevistados reprovaram pelo menos uma vez (José, Tomás); No 2º ciclo é onde se regista o maior número de reprovações: 4 vezes (Matilde, André); No ensino secundário, a média é 3 reprovações até ao 12º ano (Samuel, Zé Maria, Francisco). No ensino superior o único caso de reprovações é o de Alice, que reprovou 2 vezes no 3º ano da Faculdade.

E o que contribuiu para o insucesso escolar? Ao longo das entrevistas fomos encontrando factores que contribuíram para este acontecimento, que se prendem com factores familiares; factores relacionados com o próprio ambiente escolar; factores relacionados com os pares, ou simplesmente factores de índole pessoal.

No caso de Zé Maria, os pais tiveram pouco envolvimento no percurso escolar do filho, consequência da falta de tempo em virtude da dedicação ao trabalho: *“os meus pais são feirantes, o que fazia com que saíssem de manhã de casa, e só regressassem à noite”. Eu lá me orientava...”*.

O mesmo sucedeu com Samuel. Os seus pais, como donos de um café ocupavam os seus dias no estabelecimento: *“os meus pais são donos de um café, e passavam lá a vida”*.

Francisco e Tomás são dois casos em que a separação dos pais, ou ausência deles influenciou o desapego à escola.

Francisco, com a separação dos seus pais vivia com a mãe, e uma tia. A mãe levava-o à escola, e dirigia-se para a fábrica onde laborava o dia inteiro: *a minha mãe ia-me levar à escola, e metia-me por um portão e eu saía por outro... eu não gostava da escola... não sei estava habituado a estar em casa, que não me sentia bem na escola... não atinava, não gostava de estar lá preso”*.

Francisco sentia-se completamente desmotivado para frequentar a escola, e com a ausência da sua mãe ocupada a trabalhar, não havia ninguém que o incentivasse a estudar.

Um outro factor agravou a sua estabilidade emocional, relacionado com a habitação. Francisco vivia numa casa com a sua mãe, depois mudou-se para casa de uma tia com a qual não se conseguiu adaptar bem: *“... ela como não tinha filhos, não tinha muita paciência... prontos, eu não podia fazer migalhas no chão, não podia desarrumar os brinquedos. Após*

algum tempo, Francisco mudou-se com a sua mãe para outra casa, com o apoio da Bragahabit: *“mas depois quando fui para a minha casa, prontos brincava, sujava, e a minha mãe deixava-me”*.

A bragahabit é um organismo pertencente à Câmara Municipal de Braga, e como nos explica uma socióloga a trabalhar nesse organismo, tem a seguinte função: *“ Nós temos aquilo a que se chama “residências partilhadas”... para pessoas isoladas... é um espaço que eles partilham, mas cada um fica com um quarto. Estas residências pertencem à Bragahabit... é uma resposta municipal.*

Acontece que nós tínhamos a cooperativa sempre a crescer a fazer uma supervisão, para que eles não consumissem drogas lá dentro. Mas, temos que admitir que foi um processo um bocado falível.

Os toxicodependentes (os isolados), ficam muito também no centro de atendimento da cruz vermelha, também partilham lá os quartos.

Se tiverem família, é quase certo que tenham enquadramento na bragahabit, numa modalidade de apoio à renda. Esses apoios funcionam da seguinte forma: são apoios temporários, e pressupõe que aquelas pessoas durante aquele tempo de apoio, por exemplo 1 ano, é suposto que essa família faça esforços para melhorar a situação de dependência: se está em situação de desemprego tem que tentar arranjar emprego, se for uma situação de dependência encaminhamos para a casa de saúde do Bom Jesus, ou para o tratamento, ou para comunidades terapêuticas para fazer o tratamento. Tentamos sempre que a pessoa consiga sair da droga. Com a inserção laboral da pessoa tentamos sempre fazer uma espécie de inserção para a pessoa naquele ano, ou 2, ou 3”.

Passado um ano reavaliamos toda a situação, para ver se cada família ainda precisa de apoio. No caso de ainda não ter superado a situação de carência continuamos a apoiar. No caso das famílias terem superado a carência, deixa de precisar do apoio.

O percurso escolar de Francisco foi marcado pelo insucesso, sem que alguém tentasse mudar esse destino. A sua trajectória termina no 8º ano, altura em que iniciou o consumo de estupefacientes. Aos 13/14 anos começou a fumar tabaco, e passados uns meses iniciou o consumo de haxixe, e de seguida heroína e cocaína.

Com o consumo frequente, Francisco abandonou a escola, e oito anos mais tarde verificamos que não retomou os estudos. Aos 21 anos tem o 8º ano de escolaridade completo.

No caso de Tomás, para além de os seus progenitores se terem separado, ele foi entregue à guarda dos avós paternos. As consequências em termos psicológicos foram graves, como já tivemos oportunidade de analisar. Em termos escolares afirma que gostava de ir à escola, mas as frequentes mudanças de casa por parte dos avós devido a dificuldades económicas causava-lhe instabilidade: *Reprovei muitas vezes porque andava sempre a mudar de casa com os meus avós. Moramos no bairro da Alegria, em Sta Tecla, na Sé... o serviço social obrigava-nos a mudar, e isso causava-me instabilidade*".

Dada a ausência dos pais, a residir noutra cidade, e a idade avançada dos avós não havia ninguém que o repreendesse pelos erros que estava a cometer, e que por outro lado, o motivasse a continuar os estudos. Com as consecutivas reprovações, mas também com o agravamento da situação económica em casa dos avós, acabou por desistir da escola e foi trabalhar.

O insucesso escolar de André e José é justificado por eles, pelo próprio ambiente escolar. José mostra-se revoltado com os procedimentos dos professores, acusando-os de discriminação, e atribuindo-lhes culpa pelo seu insucesso escolar: *" sempre gostei de ir à escola, mas os professores eram um bocado mal encarados... eu sabia muito, mas como era muito nervoso ficava revoltado, e muitas vezes levava porrada. Antigamente as regalias eram para os ricos. Os professores só lidavam com os ricos... eu nunca era bem tratado, porque vinha de uma família pobre. Eu gostava de ser torrão, mas como era miúdo levava muita porrada, e isso prejudicou-me muito*".

No caso de André, um dos factores que levou ao desapego à escola foi o método de ensino: *"Eu nunca gostei muito da escola, porque o modo de ensino não era do mais favorável. Se tivesse uma dúvida, tinha medo de perguntar*".

Um outro factor, propiciador de insucesso escolar é o relacionado com o grupo de pares. No caso de André, mesmo reclamando da rigidez do sistema de ensino, justifica parte do seu insucesso escolar pela influência do grupo de pares: *"... Lá está, parece que éramos escolhidos a dedo, os piores estávamos na mesma turma, ninguém estudava... faltava-mos às aulas e íamos fumar uns cigarros, íamos à boleia para o rio, jogávamos futebol*".

Zé Maria afirma ter reprovado três vezes porque era desleixado com a escola, e como os amigos faltavam às aulas para ir para o café, ele também faltava: *“... Oh, chegava a hora de ir para as aulas, e como os meus amigos não iam, eu também não ia. Íamos para o café, ou então jogar bilhar, matraquilhos... depois quando começamos a fumar, faltávamos às aulas para fumar”*.

Em dois entrevistados (Samuel e Matilde), o insucesso escolar esteve relacionado com decisões pessoais. Contudo, no caso de Samuel, apesar de uma primeira fase ter sido de insucesso, numa segunda fase já não o foi. Houve acontecimentos significativos na sua vida, com conotação positiva para o percurso escolar.

O insucesso escolar de Samuel esteve relacionado, para além da apatia, e indecisões para os estudos, com a obrigação de cumprir a tropa aos 18 anos. Samuel, no meio de reprovações estudou até ao 10º ano no ensino secundário. Concluído o 10º ano, decide enveredar por um curso profissional indo inscrever-se numa escola profissional. Estaria tudo dentro do estipulado, não fosse o facto de ter 18 anos, e com um histórico de reprovações não favorável. A consequência foi, a obrigação em cumprir o regime militar. Depois de concluído, e dada a idade avançada decide não continuar a escola, e começar a trabalhar: *“... Decidi ir trabalhar, mas entretanto fui despedido, e decidi voltar a estudar, porque me sentia frustrado por não estudar”*. O facto de ter sido obrigado a crescer à força, em virtude das circunstâncias já referidas, fez com que Samuel amadurecesse, e tivesse uma enorme vontade, e necessidade de retomar os estudos. Decide então terminar o 12º ano, e concorrer ao ensino superior, estando neste momento a frequentar o curso de Educação Sénior.

No caso de Matilde, interrompeu os estudos aos 14, ou 15 anos por decisão própria. Após ter reprovado quatro vezes, decidiu desistir da escola e ir trabalhar: *“Não gostava muito da escola, por isso é que desisti... pelos meus pais quem lhes dera que eu fosse... eu também só queria brincadeiras... Deixei a escola porque quis trabalhar, porque na altura a minha irmã também tinha deixado de estudar para trabalhar, e depois eu queria dinheiro, porque a minha mãe dava-me, mas não era suficiente para o que eu queria”*.

Matilde, aos 15 anos abandona a escola, em parte influenciada pela decisão que a sua irmã mais velha tinha tomado. Está patente a reprodução de práticas, na medida em que Matilde acabou por ser influenciada pela irmã mais velha, e sabia que a sua decisão não iria ser alvo de represálias ou entraves pela parte dos pais, porque já não o tinha sido com os seus

irmãos. Apesar de os seus pais terem todo o gosto em que os filhos estudassem, estamos perante uma família em que o nível de escolaridade não foi além do 7º ano do secundário.

Foi durante o percurso escolar, que alguns dos entrevistados iniciaram o consumo de tabaco (Alice, Zé Maria, Samuel, Diogo, Francisco, André). O consumo de estupefacientes iniciou também enquanto os mesmos entrevistados referidos estudavam, à excepção de André.

Tendo em linha de conta, que a escola é uma das principais instituições intervenientes no processo de socialização, podemos estar perante graves lacunas no processo de socialização da maior parte dos indivíduos entrevistados, na medida em que foi durante o percurso escolar que se desencadearam factores de desestruturação e desvio, senão mesmo de perda da identidade.

6.3 Grupo de Pares

O grupo de pares é um elemento importante no que se refere à socialização, por vezes ao processo de aculturação, assim como à consolidação, ou mutação de identidade (s) dos indivíduos. Apesar de todos os sujeitos, passarem por um processo de socialização desde a nascença, tal não implica que durante o seu percurso de vida sigam os modelos que lhes foram transmitidos e assimilados.

Dado que os enquadramentos culturais em que nascemos e chegamos à maturidade tanto influenciam o nosso comportamento, poderia parecer que somos privados de qualquer individualidade ou de livre vontade. Poderia parecer que somos meramente estampados em moldes pré-estabelecidos que a sociedade preparou para nós (Giddens, 1997).

Deste modo, o processo de socialização não é assimilado por todos os indivíduos da mesma forma. Cada um tem a sua individualidade, e cria a sua própria identidade, ou identidades, na medida em que nas inter-relações com os outros e o meio, vai redefinindo a sua forma de ser e de pensar, os seus valores e comportamentos, podendo adaptar a sua identidade à situação que esteja a viver.

A identidade, na perspectiva de Tap (1996), é aquilo que me torna semelhante a mim mesmo, e diferente dos outros, é aquilo através do qual me sinto existir enquanto pessoa e enquanto personagem social (papéis, funções e relações), e é aquilo pelo qual me defino e me

conheço, me sinto aceite e reconhecido, ou rejeitado e desconhecido pelo outro, pelos meus grupos, ou pela minha cultura de pertença.

A socialização do grupo de pares tende a desempenhar um papel muito importante no reforço e na modelação adicional da identidade de género ao longo do percurso escolar. O círculo de amigos, dentro e fora da escola, são normalmente grupos exclusivos de rapazes, ou de raparigas (Giddens, 1997). O Papel do grupo no desenvolvimento dos jovens está relacionado com as identificações que os adolescentes fazem com os seus amigos, e na filiação que o grupo fornece ao processo de independência face aos pais. O grupo de amigos na adolescência é um suporte muito importante para o desenvolvimento dos indivíduos. Verifica-se que muitos adolescentes, inevitavelmente dão muito mais importância ao seu grupo de amigos do que à sua família, porque passam a maior parte do tempo com os amigos na escola, é com eles que se identificam, e têm as suas vivências diárias.

Sendo a adolescência uma idade em que os sentimentos de experimentação de situações novas são mais acentuados, é no seio do grupo de pares em que o risco está iminente, sendo os comportamentos de risco mais frequentes.

Segundo Torres e Ribeiro (2001), os destinatários de acções de prevenção têm sido maioritariamente adolescentes e jovens, por se considerar que é durante a adolescência, em particular no início da adolescência que o individuo se encontra mais vulnerável, podendo mais facilmente iniciar o consumo de droga.

Em quase todas as entrevistas, a influência do grupo de pares na vida dos entrevistados foi marcante, mas de forma mais vinculada nos retratos de Francisco, Diogo, Alice, André, Zé Maria, Matilde e Samuel.

Francisco, nunca foi uma criança/adolescente com muitos amigos, muito em parte reflexo da sua personalidade, marcada por ser introvertido e pouco sociável.

Apesar de o início do consumo de estupefacientes ter sido com o grupo de pares, enquanto frequentava o ensino, tal só aconteceu por se sentir completamente desmotivado do ensino; com problemas em casa quer a nível monetário, dado que a mãe auferia de um salário muito baixo na fábrica onde trabalhava; quer emocionalmente pelos motivos já evidenciados: quer pela ausência do pai, quer pela instabilidade causada com as mudanças de casa, assim como a coabitação com demais familiares.

No entanto, com o evoluir do consumo, Francisco preferia não ter contacto com o seu grupo, optando por consumir sozinho: *“sim, tinha muitos amigos, mas depois quando comecei a consumir preferia estar sozinho. Prontos, e depois houve uma altura que comecei mesmo a injectar, e aí era mesmo sozinho, porque não quero ninguém à minha beira a fazer isso, porque prontos, podia estar alguém à minha beira e saltar sangue para mim, e eu não queria”*.

O aumento do consumo de drogas teve um efeito negativo no percurso escolar de Francisco, levando-os a abandonar os estudos pelo excesso de consumo, e a passagem para o consumo de drogas duras (heroína e cocaína).

No retrato de Diogo, os amigos são peça fundamental na sua vida, independentemente da fase em que se encontrasse: *“sempre tive muitos amigos, mas muito mesmo. Sempre tive vários grupos de amigos. Sou uma pessoa muito sociável, muito extrovertida, e de fácil inserção em vários grupos. Sempre fui assim, e vou continuar a ser. É difícil caracteriza-los, porque sempre fiz parte de vários grupos de pessoas: tinha os amigos para conversar, os amigos para fumar droga, os amigos para sair à noite, e os amigos com que estava no café”*.

Muito novo, ainda no ensino secundário, e juntamente com os amigos teve o seu primeiro contacto com tabaco e com haxixe: *“com 12 ou 13 anos comecei a fumar tabaco e charros, porque toda a gente o fazia. Lembro-me que no 8º ano fizemos um passeio de turma, e em 30 pessoas toda a gente fumava haxixe. Hoje em dia é perfeitamente normal, toda a gente fuma”*.

Entre os 14 e 15 anos começa a ter um consumo mais regular, e com a entrada para o ensino superior em Aveiro, aos 18 anos, o consumo aumentou, levando-o a experimentar drogas como heroína, LSD, Ecstasy, Ópio. Alguns factores contribuíram para que isso acontecesse: saída de casa dos pais; aumento da liberdade; contacto com uma nova realidade e com novas pessoas. No ano seguinte consegue a transferência para a Universidade do Minho, mantendo os elevados níveis de consumo que tinha até então. As suas actividades diárias passavam pelas idas frequentes ao café, e por sair todos os dias à noite deslocando-se para espaços nocturnos da cidade.

O que pretendia com o consumo era simplesmente o prazer imediato: *“procurava o prazer no imediato. Não é o prazer, a felicidade que todos os seres humanos procuram? Pronto, era esse o efeito que eu tinha com as drogas. Para além disso, ao consumir ficava*

cheio de ideias, mas muito mais criativo, por exemplo na Universidade ia para os exames drogado. As drogas duras dão mais concentração, o que fazia com que na altura de exames não tivesse problemas em estudar”.

Contudo, o estilo de vida escolhida por Diogo não interferiu no seu percurso escolar, tendo terminado há um ano o curso em Línguas Estrangeiras Aplicadas, sem registo de reprovações.

Durante o período em que consumiu estupefacientes envolveu três namoradas nos consumos, ou seja, em nenhum dos casos as pessoas em causa consumiam, e com o contacto com Diogo iniciaram o consumo: *“tive três namoradas que iniciaram o consumo comigo, aliás andaram as três em tratamentos. Hoje em dia não namoro.”*

As más decisões foram o marco negativo, que Diogo recorda da sua adolescência: *“A única coisa de que me arrependo até hoje é que os meus pais queriam que eu estudasse na Gulbenkian, e eu não quis porque dizia que era uma escola para betos, e fui estudar para as Enguardas. Hoje em dia arrependo-me porque adorava tocar um instrumento, e não sei tocar nada”.*

No caso de Alice, sempre foi uma adolescente/criança muito activa, estando sempre envolta de amigos. No decorrer do seu percurso escolar até ao 12º ano, teve contacto com outros grupos, levando-a à formação de novos grupos de amigos.

Aos 18 anos ingressa no ensino superior na Universidade do Minho, no curso que sempre sonhou: Educação. Entretanto, e no final do 12º ano Alice, juntamente com os seus colegas de escola fuma o primeiro cigarro: *“aos 18 anos comecei a fumar, porque toda a gente fumava, e eu quis experimentar... fui tentada pela curiosidade, e também porque queria aprender a fazer bolinhas”.*

Apesar de viver relativamente perto da sua cidade Natal, os pais aceitaram que Alice comesse a viver sozinha em Braga. Alice começou a partilhar casa com duas raparigas, sendo os seus dias preenchidos com as actividades inerentes à Universidade.

Desde os 17 anos que mantinha uma relação com um rapaz natural da sua terra Natal, contudo, aos 19 anos o namoro termina por incompatibilidades que ambos sentiam existir entre eles. O fim do namoro afectou um pouco o bem-estar de Alice, mas rapidamente voltou à normalidade.

Por volta dos 21 anos, juntamente com os seus amigos do ensino secundário, decide experimentar haxixe: “... experimentei haxixe porque muitos dos meus amigos consumiam...”.

Com o final do namoro, Alice começou a ter contacto com outro (s) grupo (s) de pessoas, com outras realidades que até então não conhecia. Os seus dias começaram a ter como objectivo principal as saídas à noite, com o intuito de conhecer gente nova, e divertir-se o mais que pudesse. A diversão de Alice estava sempre associada ao som, isto é, a sua diversão só fazia sentido se fosse acompanhada de música. Para incentivar ainda mais a diversão, Alice consumia álcool e haxixe.

O consumo de estupefacientes aumentou devido ao contacto com uma diversidade de pessoas, e em diferentes espaços nocturnos, surgindo a oportunidade de experimentar outro tipo de drogas, tais como cocaína, cogumelos, LSD, Speeds, entre outras que já não se lembrava de enumerar. A tentação de experimentar drogas duras foi sempre com o intuito de se alcançar a felicidade suprema, e de ter noites de diversão: *“A procura de novas experiências, de interacção social. Estava num cidade envolta de universitários, vivia sozinha, logo não tinha ninguém a controlar-me.*

Vivi três anos a querer sair à noite todos os dias, porque queria conhecer pessoas novas... procurava experiências novas... o consumo de estupefacientes fazia com que todas estas noites fossem mágicas, perfeitas. Esse consumo estava sempre associado à música, ou seja, consumia para ouvir música, para sair à noite e ouvir música, para ir a concertos. Só com a música é que a droga fazia sentido. Mas a música tinha que ser ouvida na companhia dos meus amigos, e aí sim, tudo era perfeito”.

Iniciou o consumo de estupefacientes, por influência do grupos de pares, e pela partilha da diversão em pleno, mas também pelo facto ambicionar seguir a filosofia de vida de alguns músicos: *“Sim, fui muito influenciada pelas biografias dos músicos, por exemplo pelos Doors. Lia as biografias deles, e queria seguir algumas ideologias da sua filosofia de vida. Mas, sem dúvida que a busca da diversão foi o principal factor que me levou a experimentar vários tipos de estupefacientes”.*

Alice alterou o seu estilo de vida, deixando para segundo plano a família, e a universidade. Os seus hábitos foram alterados, e os seus dias resumiam-se a dormir, ou ir para o café, para à noite partir para mais uma aventura cheia de adrenalina nas noites académicas

de Braga, juntamente com o seu grupo de amigos, que tinham práticas, e rituais iguais aos seus: *“Chega uma certa fase, em que só nos sentimos bem com as pessoas que têm os mesmos hábitos que nós. O simples acto de enrolar um charro prende-nos a esse grupo... porque passam-se noites seguidas a conversar, e a enrolar charros, e isso fazia-me sentir bem... só me apetecia estar com essas pessoas. Os comportamentos no grupo normalizam-se, o que faz com que as pessoas não sejam capazes de socializar fora do grupo”*.

Alice deixou de ter noção da realidade que estava a viver, e apesar de nunca se ter sentido dependente de estupefacientes, o facto é que perdeu a noção do que era correcto, ou não. A distorção dessa realidade não a deixaram ver que à sua volta tinha outro grupo de amigos com os quais deixou de privar, tinha a sua família que deixou de visitar com tanta regularidade, e tinha as aulas para frequentar.

No momento em que se deu conta da realidade, volvidos três anos já não pode recuperar tudo o que tinha deixado para trás, como por exemplo os anos que reprovou na universidade por não ter frequentado as aulas, e ter realizado os exames.

Alice decidiu parar com quase todas as drogas, passando a consumir simplesmente haxixe: *“Consumi durante três anos, e chegou a um ponto que decidi deixar todas as drogas, e consumir simplesmente haxixe, porque senti que estava numa altura em que ou parava, ou não sei como estaria hoje”*.

Alice, não conseguiu parar com o consumo de haxixe, porque gosta do efeito da droga, para além de que continua a mantê-la ligada ao seu grupo de amigos, que não consomem só haxixe, mas também outro tipo de drogas, contudo, não tem receio de cair em tentação.

As relações amorosas foram vividas por Alice de forma intensa, sendo os seus namorados também consumidores de estupefacientes.

No retrato de André, podemos verificar um percurso de vida bastante peculiar. A sua passagem pelo ensino, como já tivemos oportunidade de verificar foi marcada pelo insucesso, levando ao abandono precoce da escola. O que esteve na origem do seu insucesso, foi o contacto com outros adolescentes também esses desmotivados para os estudos: *“Lá está, éramos escolhidos a dedo, os piores estávamos na mesma turma, ninguém estudava. Faltávamos às aulas, e íamos fumar uns cigarros, íamos à boleia para o rio...”*.

André simplesmente começou a fumar, porque não queria ser inferior aos seus amigos: *com 12,13 anos comecei a fumar tabaco... comecei porque pensava: toda a gente fuma, e eu é que sou o totó... não, claro que vou fumar!*”.

A atitude de André, denota o medo de ser rejeitado perante o grupo de pertença, e como queria continuar a fazer parte do mesmo, seguia os modelos de comportamento dos seus amigos, mesmo que isso implicasse o desvio às normas, e ao que está institucionalizado, como por exemplo com a escola: ter que frequentar as aulas com assiduidade, pontualidade, e aproveitamento.

Oriundo de uma família, em que o pai era o verdadeiro ditador, talvez influência da sua permanência no ultramar, a brincadeira acabou rapidamente para André, e aos 15 anos abandona a escola para ingressar no mercado de trabalho.

Aos 18 anos, foi obrigado a cumprir o serviço militar. Quando terminado, aos 20 anos regressa novamente a Braga. Sem saber explicar muito bem porquê começou a relacionar-se com um grupo de conhecidos, com os quais privava há pouco tempo. Esse grupo era, de uma faixa etária superior à sua, tendo idades compreendidas entre os 40 e 50 anos.

André, via nesse grupo um exemplo a seguir, como eram pessoas mais velhas, mais experientes, sentia que devia seguir o estilo de vida por eles adoptado: *“eu pensava, estes gajos é que sabem da vida”*.

Tudo parecia correr bem, não fosse esse grupo consumidor de estupefacientes. André tem assim, aos 20 anos, a primeira experiência com estupefacientes por achar que se essas pessoas consumiam, ele também devia consumir, porque eles como pessoas mais velhas eram sem dúvida um exemplo a seguir: *“Porque experimentei? Foi mais ou menos como na fase do tabaco, do género, deixa ver... Experimentei com amigos, ou melhor supostos amigos, porque estavam-se a “borrifar” para mim. Eles nem eram amigos, eram conhecidos de café. Eu comecei a parar nesse café, e depois aconteceu. A culpa também é minha. Eles eram gajos viciados nessas coisas, eram pessoas de 40, 50 anos, alguns ex-presidiários, e eu pensei: estes gajos é que sabem, eles é que sabem o que é vida, mas enganei-me, eles não sabiam nada, e eu meti-me de cabeça.... Comecei pela heroína, eu nem sabia o que era haxixe. Depois foi um ciclo heroína, cocaína, cocaína, heroína, os chamados “drunfos”. Andei nesta fase uns 3 anos. Esse passou a ser o meu grupo....*

Desde a infância, que André tinha o mesmo grupo de amigos, pertencentes ao bairro onde sempre viveu. O facto de ter começado a consumir, teve como consequência a rejeição do seu grupo de origem: *“...Esse passou a ser o meu grupo, aliás eu já nem era aceite pelos outros. Uns cumprimentavam-me, mas cortavam-se logo, do género: ai tenho que ir ali... e um gajo topava, e foi mais um motivo para eu me encostar ao outro grupo, porque aí era bem aceite, porque era como eles, e eu pensava “aqui é que eu estou bem”, e afundei-me até ao fundo do poço”*.

A rejeição, por parte dos seus amigos de infância, fez com que André se unisse ainda mais ao novo grupo, do qual já tinha passado a fazer parte.

O consumo de estupefacientes começou a fazer parte dos seus rituais diários, apesar de não querer alcançar qualquer efeito especial: *“Quando experimentei, meu Deus!!! Não havia frio, má disposição, ou stresses. Eu parecia o rei dos tolos, levava tudo à frente. Se não consumisse aquilo não andava bem, é tipo um diabético que tem que tomar todos os dias insulina, um drogado é igual, se não consumir não aguenta”*.

Pelo discurso de André, podemos perceber que o consumo de estupefacientes trouxe-lhe efeitos de prazer durante pouco tempo, logo após o início do consumo via-se na obrigação de consumir para atenuar os efeitos de ressaca: *“É um vício que chega a um ponto que já não dá prazer... O efeito era de bem-estar, para tirar a ressaca... Já não dava para ter a curte, já não se consome, a não ser para atenuar a ressaca. Eu por dia consumia 3 a 4 vezes, gastava aos 2 a 3 contos de cada vez, dependia, às vezes 30 contos num dia, dependia do que houvesse... Eu quando senti que andava na droga foi quando me comecei a sentir mal: ressaca, sei lá, não dá para explicar bem isso. Eu pensei, vou parar, e conseguir? Não dá! As horas começam a passar, o corpo começa a doer, e não há outra alternativa a não ser ir buscar droga. Faz-se isto a 1ª vez, e acabou! A partir daí, já sabe do que se precisa, e pronto!”*.

André desde sempre teve ideias fixas, e no que diz respeito ao consumo de drogas, a sua posição sempre foi contra. E, de repente, vê-se completamente dependente de estupefacientes, sem se aperceber no beco no qual estava a entrar.

Em termos amorosos, nunca teve muitas namoradas. Na adolescência teve alguns desgostos amorosos, mas nada que não tivesse conseguido ultrapassar. Nesta fase, em que já estava dependente do consumo de estupefacientes, conheceu uma rapariga com a qual iniciou

uma relação. Quando se conheceram ela não consumia, mas André acabou por envolvê-la no mundo das drogas.

O seu trajecto no consumo aumentou desde que o seu namoro começou, não porque a rapariga consumisse muito, mas sim porque tinha muito dinheiro. Natural do Porto, filha de pais médicos, encontrava-se em Braga a estudar. Como os pais tinham plena confiança na filha, ela fazia-se acompanhar do cartão multibanco do pai: *“ O mal é que eu em 3 anos consumi o equivalente a 10, porque havia muito dinheiro, por causa do pai dela. Íamos ao multibanco, e às 11.50 levantávamos X, à meia-noite cinco mais X, e levantávamos mais de 80 contos por dia. O pai só deu por ela quando o banco o contactou, porque achou estranho levantamentos tão seguidos, e àquelas horas. Quando o pai deu por ela, já tínhamos gasto três mil e tal contos, isto para aí em 3 meses. E se eu lhe disser que com 3 mil contos nunca comprei um trigo. Eu com o dinheiro que gastei na droga, hoje já estava aí com um mercedão.*

Com o aumento do consumo, André saiu de casa devido à reacção dos pais quando descobriram que ele consumia drogas, foi viver com a namorada: *“O meu pai chegou-me a dizer que no dia que me apanhasse com um cigarro me partia as mãos, e isso nunca aconteceu. A 1ª vez que ele me apanhou foi de seringa na mão, porque eu não fumava. e ficou da cor da parede, e fez-me um ultimato: se te quiseses curar tens aqui um pai para te ajudar, se não quiseses põe-te fora da porta. E eu fui para fora da porta, porque eu não estava bem psicologicamente.*

O abandono do anel familiar, e a substituição pela família que o novo grupo oferece, aliado ao fascínio da idade e dos gostos e interesses coincidentes fará com que a carreira de desviante se acentue e se mantenha enquanto, e na medida em que não surjam alternativas suficientemente aliciantes para o jovem (Agra, 1993).

E assim aconteceu com André. Viveu durante quatro anos anestesiado do mundo que o rodeava: nunca mais procurou os seus pais, irmãos e demais família, não trabalhava, não tinha contacto com os seus amigos de infância, sendo o seu único objectivo o consumo de estupefacientes.

Zé Maria foi outro entrevistado, no qual foi evidente a influência do grupo de pares, principalmente durante a sua adolescência, e juventude. Sendo uma pessoa extremamente

sociável, sempre teve muitos amigos, daí que a sua adolescência tenha sido muito rica em termos de amizades.

Aos 14 anos, já todos os seus amigos fumavam, e como não se queria sentir excluído, uma vez que era o único que não fumava, decidiu experimentar: “ *Fi-lo porque todos os meus amigos fumavam, e um dia um deles ensinou-me a fumar. E depois já fumava por vaidade, aquela sensação de que ao fumar já era um homem*”.

O acto de fumar não era um vício, mas sim uma afirmação de masculinidade, porque ao fumar era uma demonstração de que já era adulto.

O grupo de amigos de Zé Maria eram consumidores de haxixe, mas ele sempre foi muito resistente ao consumo de drogas. Contudo, o contacto com eles, quando estavam sob o efeito do estupefaciente causou-lhe curiosidade em experimentar:

“Por volta dos 16 anos comecei a fumar haxixe. Eu de início vi os meus amigos fumar e não queria, mas depois comecei a ver os efeitos com que eles ficavam quando fumavam, e quis experimentar. Aos 19 anos foi a loucura total, em que experimentei de tudo. Eu só fumava haxixe, e numa noite estávamos num jantar, e um amigo pediu-me para ir com ele comprar cocaína porque ele não tinha carro, e eu fui. Quando íamos novamente para o restaurante, ele estava a dar um risco, e disse para eu dar, e eu mesmo a conduzir dei um risco de coca, mas não gostei da moca. A cocaína é uma cena em que tem que tem que se estar sempre a cheirar, porque senão fica-se apático, calado! Como isso não me dizia nada, não voltei a experimentar.

Depois disso experimentei outras drogas, mas a que me dava mais adrenalina era o MD, porque me causava euforia, felicidade, calores no corpo.

Era incrível...uma pessoa ia para o café, e já estava a pensar como ia fazer para ir consumir, e a mim o MD dava-me uma moca espectacular, por isso é que sempre que se falava numa festa, num festival, ou numa simples ida à discoteca, eu dizia logo que ia, mas que tínhamos que arranjar a “cena”, que era o MD, e aí era tudo perfeito.... Eu já me considero uma pessoa bastante extrovertida, mas com o MD ficava o cúmulo do sociável, e extrovertido. Se bem que, o MD não fazia sentido ser consumido sem música, e sem os amigos.

À semelhança de Alice, Zé Maria tinha um ideal de vida, em que o consumo de estupefacientes só fazia sentido quando associado aos amigos, e à música. No caso de Zé Maria, o consumo de MD trouxe-lhe uma maior dependência, porque as suas noites ficavam perfeitas depois de consumir, levando a que todas as noites em que tivesse actividades de diversão nocturnas, as mesmas não podiam estar dissociadas do consumo desse estupefaciente.

A história de vida de Matilde permite-nos ter percepção, de como os hábitos, práticas, e estilos de vida de um indivíduo podem alterar radicalmente, dando lugar a processos de desvio e anomia, que poderão ser irreversíveis.

Após ter iniciado a sua actividade profissional, Matilde continuou a viver em casa dos seus pais, mas o facto de se ter tornando independente economicamente, não alterou o comportamento dos pais em relação à sua liberdade. Os pais não deixavam Matilde sair de casa à noite com os seus amigos, tendo como consequência a fuga clandestina durante noites consecutivas.

Durante muitas idas às discotecas no Porto, com o seu grupo de amigos, por volta dos dezoito anos decide experimentar tabaco com as suas amigas: *“... comecei a fumar com amigas... na brincadeira começamos a fumar nas discotecas, a dar umas passitas”*.

A experiência de fumar tabaco, foi visto por Matilde como uma brincadeira com as amigas, sendo que a brincadeira não parou por aí, e pouco tempo depois começaram a consumir haxixe: *“... depois começamos a comprar drogas... na minha altura no Porto toda a gente fumava, toda a gente passou pelo mesmo. A maioria da gente caiu... algumas conseguiram sair, outras nem por isso”*.

Matilde começou a consumir, porque viveu numa altura em que afirma toda a gente fumar. Confessa que não procurava algum efeito específico com o consumo: *“... não procurava efeito nenhum, era aquela maluqueira, sei lá... é o vício... é como o tabaco, a gente começava a fumar, e não consegue parar”*.

Aos 18 anos, numa das suas saídas nocturnas, conhece um rapaz com o qual começa a namorar, mesmo contra vontade dos seus pais: *“... conheci-o nas discotecas, e a gente na brincadeira... nessa altura havia muita droga nas discotecas, e como eu tinha um bocadinho mais de liberdade... antes fugia, os meus pais proibiam-me de sair e eu fugia...”*.

O namorado de Matilde era também consumidor de estupefacientes, porque como afirma, quando se consome é muito difícil ter uma relação com alguém que não consuma: *“uma pessoa quando anda na droga acaba sempre por andar com pessoas que fazem o mesmo”*. Com alguma irresponsabilidade à mistura, e numa fase em que estavam a consumir em demasia, Matilde engravida do namorado. Quando os seus pais descobrem foi a catástrofe, porque era muito nova, para além de que os pais não aprovavam o seu namoro, facto esse que levou Matilde a sair de casa: *“... a minha mãe não gostava do pai do meu filho, e eu acabei por sair de casa. Ela não queria que eu sáísse, e eu acabei por dar a desculpa que estava grávida para ela me deixar ir embora, e fui viver com o meu namorado”*.

Matilde vai então viver com o namorado, e o facto de estar grávida não fez com que abandonasse o consumo, assim como com o nascimento da criança.

Sem adiantar os motivos, confessa que quando o filho tinha cinco anos, o seu companheiro foi preso uma primeira vez saindo logo de seguida em liberdade, e depois foi preso uma segunda vez. Este acontecimento na vida de Matilde fez com que aumentasse o consumo de estupefacientes, como forma de camuflar a dor que estava a sentir: *“... nessa altura em que ele foi preso, comecei a consumir mais... comecei a andar nas feiras, porque eu morava na Ribeira...”*.

Mais uma vez, sem se alongar acerca do assunto Matilde diz-nos que, da segunda vez que o marido foi preso, recebeu a notícia que ele tinha morrido na cadeia. Se o facto de ele ter sido preso foi uma alavanca para o aumento do consumo, a sua morte foi o pico do sofrimento levando mais uma vez a que as drogas fossem o foco das atenções, e toda a sua vida andasse à volta dos consumos: *... como o miúdo tinha cinco anos meti-o numa creche ao pé de casa da minha mãe... e aí é que foi a minha perdição... vendia coisas, consumia... e aí o problema foi andar com pessoas que não devia andar”*.

Matilde andou anos e anos nesta vida, ficando o seu filho entregue aos cuidados da avó materna, porque com o aumento do consumo a segurança social queria tira-lo da sua guarda, mas a avó ficou responsável por ele.

Um aspecto que hoje em dia mais incomoda Matilde é não se lembrar do seu filho de quando era pequeno. Hoje vê-o com 21 anos, e não se recorda de ter acompanhado nenhuma fase da sua vida, nem a infância, nem adolescência, nada! Com o consumo de drogas, a sua vida resumia-se a arranjar estratégias para ter dinheiro para comprar drogas, e consumir o

mais que pudesse: “... eu olho para o meu filho mais velho, e parece que ainda há pouco tempo acordei. Ele é um homem, tem 21 anos... parece que não o vi crescer, acordei tarde... é disso que me arrependo, nunca ter visto o meu filho crescer”.

Numa fase em que Matilde estava sem rumo, e a consumir cada vez mais, a sua irmã residente em Braga decide ajudá-la, e leva-a para a cidade onde habitava, Braga. O esforço da irmã foi um pouco em vão, porque Matilde depressa fez amigos em Braga, também eles toxicodependentes, e continuou a consumir. Sem querer falar muito sobre o assunto, revelamos que volta a engravidar e aí sim acalma um pouco em termos de consumo: “... quando engravidei do meu filho, fiquei mais lúcida...”.

Todavia, Matilde não deixou de consumir drogas, e só quando foi ameaçada pela segurança social de que lhe iria ser retirado o filho, e lhe foi dada ordem de despejo da casa é que Matilde teve consciência do que estava a fazer, e que pela segunda vez corria o risco de não ver crescer o seu segundo filho. É aí o ponto fulcral, em que Matilde aceita verdadeiramente ser ajudada.

Como constatamos pela análise deste factor, o grupo de pares nutre fortes influências nos entrevistados, o mesmo sucedeu com Samuel, um jovem que sempre foi contra o consumo de drogas, e de repente com o início de um namoro vê-se a ser um consumidor de drogas duras.

Samuel, à semelhança de todos os retratos aqui descritos foi na escola, e por influência dos amigos que pela primeira vez fumou: ... *aos 14, 15 anos comecei a fumar porque toda a gente fumava... foi um bocado por curiosidade, mas também porque toda a gente fumava...*”. Os seus amigos estavam sempre à frente nos consumos, e apesar de fumarem haxixe, Samuel nunca quis experimentar, mesmo estando sempre na sua companhia. Mas, um dia, em mais um encontro com os seus amigos, decide experimentar: “... *já há algum tempo que os meus amigos fumavam haxixe, mas eu sempre fui bastante resistente a isso porque não queria experimentar... mas, a tentação foi mais forte, e aos 18 anos estava em casa de uns amigos a gravar cassetes, e eles estavam a fumar, e oferecerem-me e eu experimentei. A partir desse dia fumava esporadicamente, mas passados uns tempos comecei a consumir diariamente... o acesso ao haxixe era muito fácil porque toda a gente tinha, e quando acabava já tínhamos um local certo onde comprar*”.

Samuel consumia sempre em grupo, porque o consumo só fazia sentido em conjunto com os seus amigos, alias, nunca consumiu sozinho.

Aos 24 anos, Samuel termina a relação com a namorada que já tinha de longa data, factor esse que lhe trás muito sofrimento. Com o fim da relação, começa a socializar com outro (s) grupo (s) de pessoas, e conhece uma rapariga com a qual se sentia muito bem. Essa rapariga, era consumidora diária de drogas duras, e estando Samuel a atravessar uma fase difícil da sua vida acaba por se deixar influenciar, e começa também a consumir. Os consumos foram variados, desde cocaína, a ácidos, LSD, MD, cogumelos, pastilhas.

Pouco tempo depois, Samuel estava a namorar com essa rapariga, e a aumentar o consumo de estupefacientes, principalmente ao fim-de-semana, altura em que saiam para espaços de diversão nocturna: “... *mesmo que só fosse ao café sabia bem ir consumir alguma coisa,,, aos fins-de-semana era um consumo mais pesado um bocado porque íamos para a discoteca, e aí a moca era maior*”.

Samuel não procurava nenhum efeito em particular com os consumos, simplesmente se queria divertir mais, e sentir-se bem: “... *eu simplesmente consumia para me divertir, e me sentir bem, e o consumo de drogas ajudava a que eu me sentisse assim...*”.

Após análise das diferentes histórias de vida, temos dados que nos permitem concluir que o tipo de relações existentes nas sociedades modernas tendem a marcar o lado individual, em detrimento do colectivo. Os indivíduos cada vez mais se preocupam com os seus objectivos, em detrimento do bem comum. Como refere Durkheim (1977), nas sociedades modernas, a diferenciação das funções é concomitante com a escalada do individualismo.

Para nos explicar as diferenças existentes entre as sociedades ditas tradicionais, e as sociedades modernas, Durkheim (1978) apresenta-nos dois conceitos – densidade moral e anomia – A “densidade moral”, é definida pelo autor como a coesão existente à volta dos valores que liga os indivíduo ao todo social. Por seu turno, a anomia designa, no plano das representações, a desagregação dos valores, e a ausência de referências; no plano das relações humanas, a desagregação do tecido de relações sociais. A anomia designa também a desafeição ou a falta de adesão aos valores.

Perante a análise até aqui desenvolvida, e apoiando-nos na análise feita pelo autor, podemos aferir que nas sociedades modernas a ausência de laços entre os indivíduos é cada vez mais visível, e as relações presentes nas sociedades tradicionais – em que os indivíduos se identificam com o todo, porque se assemelham; as relações são fortes, coesas; os sentimentos e valores praticados são os mesmos – tendem a enfraquecer, daí que, como vimos no capítulo reservado à crise das identidades, se fale numa crise de valores no seio da família, mas também do próprio indivíduo enquanto ser individual. A perda de referências fá-lo sentir-se à deriva, num mundo repleto de seres diferentes, em que tudo gira a uma velocidade que é impossível de parar. As relações são cada vez mais frias, distantes, e como revelaram alguns dos nossos entrevistados, por vezes ausentes.

Outra conclusão se revela viável: o abuso de drogas não está limitado ao que alguns chamam de “marginais” (criminosos, prostitutas, arrumadores de carros). Na sociedade actual verificamos que, em todas as camadas sociais há consumos de estupefacientes. Na nossa amostra, verificamos que em quatro histórias de vida, não reveladoras de problemas significativos a nível familiar e/ou pessoal, foi a influencia das práticas recorrentes na sociedade, como seja as raves, festivais, ou pela simples diversão, e o grupo de pares que contribuíram para as pessoas experimentarem vários psicotrópicos.

Os indivíduos que constituem esta amostra começaram a consumir, sem ter a verdadeira consciência do que estavam a fazer. Em nenhuma história de vida, as pessoas imaginaram que iriam ser toxicodependentes. Esta leitura leva-nos a concluir que, apesar de as pessoas se considerarem informadas, na prática não o são.

6.4 Percurso Profissional

Na análise às Histórias de Vida analisamos os percursos laborais dos nove entrevistados, de modo a percepcionarmos a relação que tiveram com o trabalho, antes, durante, e depois do consumo de estupefacientes.

Verificou-se que, a maior parte dos entrevistados começou a trabalhar muito cedo. Foi o caso de Matilde, José, André, Tomás, e Diogo, em que a idade média de início foi aos 15 anos.

Antes de iniciarem o consumo de estupefacientes, alguns já trabalhavam. É o caso de Matilde, que começou a trabalhar por volta dos 15 anos, para ter mais independência económica: *“deixei a escola para trabalhar, depois a minha irmã também tinha deixado de estudar para trabalhar, e depois eu queria ter dinheiro, porque a minha mãe dava-me, mas não era o suficiente para o que eu queria.* De José que, infelizmente começou a trabalhar aos 12 anos devido ao falecimento dos seus pais; de André que aos 15 anos abandonou a escola devido ao elevado índice de reprovações e começou a trabalhar; No caso de Diogo, o trabalho era complementar aos estudos, e decidiu ter part-times para ter mais dinheiro, para além da mesada dos pais: *“comecei a trabalhar muito cedo, e em muitos sítios. Sempre fui uma pessoa muito activa, e não consigo ficar parado, para além disso gosto de ter dinheiro, porque adoro gastar dinheiro. Eu gasto tudo o que tenho. Se tiver 5 euros no bolso sou capaz de comprar 5 chocolates só para gastar dinheiro”.*

No caso de Francisco, o início de actividades profissionais, surge pouco depois de ter iniciado o consumo de estupefacientes.

Samuel, trabalhou temporariamente aos 20 anos, mas a sua passagem pelo mundo do trabalho, não interferiu positiva, nem negativamente na sua relação com a droga, isto é, não podemos estabelecer uma relação de causa-efeito com qualquer atitude ou acontecimento na sua vida.

As histórias de vida de Alice e Zé Maria, não têm qualquer registo de passagem pelo mercado de trabalho.

As histórias de vida, que revelam início de actividades profissionais antes do consumo de drogas, são caracterizadas como actividades predominantemente no sector dos serviços, sem auferirem de salários muito altos. As profissões predominantes são na construção civil (André, José e Tomás); Serviços variados, tais como recepcionista, empregado de supermercados, empregado de mesa, carpinteiro, distribuidor de publicidade, entre outros, foram praticados por Diogo, Francisco e Matilde. Na maioria dos casos, é marcante a ausência de estabilidade nos trabalhos, porque verificou-se que os entrevistados não permaneciam durante grandes períodos de tempo no mesmo emprego, devido a despedimentos, ou abandono dos postos de trabalho.

Após o início do consumo, continua a verificar-se ausência de relação com o mercado de trabalho nos casos de Alice, Zé Maria e Samuel.

A história de vida de Matilde revela uma tentativa inicial, de manter o trabalho após o início do consumo de drogas, com bastante sucesso: *“os meus colegas de trabalho aceitavam bem... há pessoas honestas, mesmo andando na droga, eu dava-me bem com as minhas colegas. A minha chefe na altura descobriu que eu andava na droga, e aceitou-me bem na mesma, continuei lá a trabalhar... Eu sabia trabalhar, há pessoas que andam na droga, e trabalham na mesma”*.

Mesmo a consumir heroína, e cocaína, Matilde conseguiu conciliar o seu emprego com os consumos, o que ajudou em muito a relação que tinha com os colegas de trabalho e a sua superior. A partir do momento em que eles aceitaram trabalhar com Matilde, mesmo ela tendo hábitos de consumo de drogas, deu-lhe mais incentivo, e forças para manter o seu posto de trabalho. Todo o dinheiro que recebia era para gastar em drogas: *gastava quanto tivesse, quanto mais ganhasse mais gastava, dependia do que tinha... quando não tinha dinheiro, ia colar autocolantes”*.

Numa fase em que o consumo se tornou elevado, Matilde deixou definitivamente de trabalhar.

José, não querendo falar muito do assunto, aliás, comportamento característico ao longo da entrevista, revelou que enquanto consumia trabalhou num bar nocturno na cidade de Braga, como porteiro. Conseguia conciliar o consumo de heroína com o seu trabalho, porque como muitas das pessoas que frequentavam esse bar consumiam, ele sentia-se à vontade para o fazer sem ser chamado à atenção. Numa certa noite envolveu-se numa zaragata, e foi despedido.

Quando questionado acerca da percentagem de dinheiro que gastava para comprar drogas, responde da seguinte maneira: *“eu nunca gastei muito dinheiro em drogas... os meus amigos tinham e dava-me”*.

Nas histórias de vida de André e Tomás o início do consumo de drogas pôs fim às suas actividades profissionais, porque não foi possível conciliar o consumo com as actividades que desempenhavam.

André afirma que é impossível trabalhar quando se consome: *“... quando consumi não trabalhei, porque não tinha aspecto para trabalhar... só para ver, eu pesava 90 e tal kg, e passei a pesar 40 kg, por isso imagine o meu aspecto. Num espaço de 6 meses fiquei metade... eu se tivesse 20 contos no bolso não comia, gastava tudo em droga”*.

Tomás, à semelhança de André quando começou o consumo também abandonou o trabalho que tinha na altura, ligado à construção civil: *“... a partir do momento em que comecei mesmo a consumir deixei de trabalhar, porque é impossível trabalhar sob o efeito de drogas”*.

Numa fase em que abrandou o consumo, que coincidiu com a sua saída da prisão voltou a trabalhar na construção civil. Foi também trabalhar um ano para Espanha, numa empresa de construção civil, e enquanto esteve lá não consumiu qualquer tipo de drogas. Ao fim de um ano foi despedido, e o regresso a Portugal atirou-o novamente para o mundo das drogas.

Francisco começou precocemente a trabalhar numa fase em que já tinha consumos elevados de estupefacientes. Os trabalhos foram sempre temporários, sendo que na maior parte das vezes quando recebi o primeiro salário não ia mais trabalhar: *“... distribui publicidade, fui carpinteiro... e em mármore também. Era complicado conciliar o trabalho com os consumos porque na altura era mais fraco do que sou agora, e não aguentava nada. Quando andava a distribuir publicidade andava com o saco pesado, e estava muito magro, chegava a ficar com os ombros negros”*.

Quando questionado qual a parcela do salário que dispensava para comprar drogas, responde da seguinte forma: *“quase tudo... prontos comia, comprava tabaco, carregava o telemóvel, essas coisas... mas a maior parte era para droga”*.

Diogo é um caso atípico no universo da amostra estudada. Desde cedo, começou a trabalhar em part-time em vários locais na cidade de Braga, e fê-lo por dois motivos: primeiro porque considera-se uma pessoa muito activa e não consegue estar inactivo, e em segundo lugar porque adora gastar dinheiro, e para isso a mesada dos pais não era suficiente.

Na altura das entrevistas, nenhum dos entrevistados se encontrava a trabalhar. Consideramos pertinente analisar caso a caso a situação de cada um, dada a especificidade de cada entrevistado.

Francisco, à data da entrevista não trabalhava porque se encontrava a fazer um tratamento no CAT, que o deixava bastante debilitado. Para além de que continuava a consumir, o que o deixava bastante desgastado: *“... é assim, e médica do CAT falou comigo, e com a minha mãe, e disse-me que enquanto não tivesse melhor para não trabalhar. Porque é assim, se começo a ficar debilitado, o corpo vai começar a pedir droga para aguentar, e*

prontos ela disse que devia esperar mais um bocado, e depois é que pensava nisso... e ela disse que era melhor em vez de trabalhar, eu tirar um curso”.

Definitivamente Francisco não se sente preparado para trabalhar, e quando recuperar, o que ainda será um processo muito longo, dada a situação de dependência em que se encontra, tem intenção de frequentar um curso ligado à informática: “... *eu só tenho medo de tirar o curso, porque é assim, sou capaz de me lembrar mais depressa de uma coisa que aconteceu há 3 anos, do que uma coisa que aconteceu ontem... a minha memória foi muito afectada pelo haxixe”.*

A história de vida de José, como já tivemos oportunidade de analisar teve acontecimentos familiares que vieram alterar radicalmente a sua situação pessoal, e profissional.

À data da entrevista não se encontrava a trabalhar, aliás já não trabalhava há alguns anos. O dinheiro que tem mensalmente provem do apoio concedido pela segurança social, RSI (Rendimento Social de Inserção). A *Bragahabit* ajuda-o, concedendo-lhe habitação.

Em termos futuros, José não tem qualquer ambição. Apoiando-se no fatalismo que a vida lhe atribuiu, e culpando o sistema pelo insucesso a todos os níveis na sua vida, encontra-se numa zona de conforto, do qual consideramos que não quer sair: “... *eu mudar mudava... mudava logo, mas como não tinha possibilidades económicas, não tinha hipótese, e não podia trabalhar, porque o sistema nunca me deu oportunidades”.*

Matilde, à data da entrevista não se encontrava a trabalhar. Apesar de ambicionar trabalhar, por outro lado interroga-se se esse esforço valerá a pena: “...*eu gostava de voltar a trabalhar... parecendo que não dá jeito ter um trabalhinho... eu não me lembro se estou inscrita no instituto de emprego... eu fui lá uma vez, mas não me lembro se estou inscrita ou não... mas também é muito difícil trabalhar com a minha idade... também às vezes nem sei se vale a pena trabalhar, para quê?*

Matilde recebe actualmente o RSI, e à semelhança de José também tem o apoio da *Bragahabit* em termos habitacionais. A sua irmã, a residir em Braga ajuda-a no que pode, de modo que, é assim que vai sobrevivendo.

André, com apenas 31 anos e idade, à data da entrevista estava desempregado há cerca de meio ano. Trabalhou na construção civil, mas como ganhava pouco mudou de profissão e

foi trabalhar como taqueiro. A firma onde trabalhava abriu falência, e André encontrava-se desempregado, a receber simplesmente o dinheiro do fundo de desemprego. Perspectiva um futuro complicado, porque o mercado de trabalho está saturado, e nos contactos que tem feito, só em Angola poderá ter hipóteses de trabalhar. Neste momento não se sente preparado para sair do país, por isso vai continuar a procurar emprego.

As carências, em termos económicos, atiraram Tomás muito cedo para o mercado de trabalho. Desde que regressou de Espanha, altura em que foi despedido voltou a consumir, e actualmente não exerce nenhuma actividade, aliás, a única ocupação que tem é arrumar carros, ganhando algum dinheiro para comprar drogas. Aufere também do RSI, dinheiro esse todo gasto na compra de drogas.

Diogo, apesar de ter trabalhado durante muitos anos seguidos, paralelamente aos estudos, neste momento findo o curso superior, encontra-se desempregado, e à procura de um trabalho na sua área. Tem uma atitude positiva face ao futuro que o mercado de trabalho lhe reserva.

Actualmente, Alice, Samuel e Zé Maria estão a frequentar e terminar os seus cursos superiores, pelo que ambicionam ter um lugar no mercado de trabalho tão concorrencial como o que se vive actualmente.

Das experiencias que o psicólogo do CAT, assim como a socióloga da Bragahabit têm do contacto com toxicodependentes, salientam que é muito complicado eles voltarem a inserir-se no mercado de trabalho, por vários motivos que se prendem, por exemplo, com a dependência que mantêm de drogas; o facto de receberem o RSI; mas também por ser difícil para eles desprenderem-se dos hábitos, e costumes que criaram enquanto toxicodependentes. Porém há situações, onde os consumos não são tão elevados, que as pessoas conseguem conciliar o trabalho com o consumo de drogas: *“eles são acompanhados no CAT, e há programas específicos para ocupação laboral dos toxicodependentes... mas é muito complicado. Um outro problema é que têm poucas qualificações.*

O emprego não é uma coisa muito fácil para eles, porque tinham que criar hábitos de trabalho: levantarem-se a horas certas, serem responsáveis no trabalho, criarem condições psicológicas e cívicas para isso... não é muito fácil..

Eu conheço indivíduos que estão a receber o rendimento mínimo, e preferem manter-se com esse saláriozinho, do que irem trabalhar e correrem o risco de perderem o emprego, ou de perderem o subsídio de emprego.

Eles dizem: porque é que eu vou trabalhar, se só iria ganhar mais 50 ou 100 euros, e tinha que cumprir horas. O dinheiro que recebem para comer e consumir já serve, depois os pais ajudam com alguma coisa... e preferem ter essa vida sem responsabilidades.

Na dependência mais profunda há uma saturação tão grande a nível individual, que o emprego acaba por ser incompatível, mas há uma grande percentagem deles, quando a dependência não é tão profunda, que conseguem gerir o consumo com a vida profissional. Há muitos indivíduos que têm emprego: construção civil, empregados de balcão, hotelaria, mecânicos, advogados, estudantes universitários”.

A ligação prolongada à droga origina a criação de rotinas diárias, que depois de se repetirem tantas vezes tornam-se hábitos, que, no caso dos toxicodependentes são difíceis de romper. Um toxicodependente, apesar de parecer desocupado, na sua mente tem o dia todo estruturado: tem horas para arranjar dinheiro para comprar drogas, em que se correr mal vê-se obrigado a encontrar outras soluções, que passa em alguns casos pelo roubo. Depois de conseguir o dinheiro vai comprar a droga, vai consumir, para de seguida estar novamente à procura de mais dinheiro para consumir novamente. Os dias são preenchidos sempre à volta do consumo, tendo como objectivo principal juntar dinheiro para comprar estupefacientes.

A comida não é preocupação para os toxicodependentes, principalmente os de heroína, como refere Matilde: “... *oh, a gente quando fuma não tem fome... na cocaína não se come quase nada, com a malukeira da cocaína não se come*”.

No dia-a-dia dos toxicodependentes, não há lugar para pensar sequer no que estão a fazer, porque a preocupação é consumir, e em situações de ressaca, este processo pode ser feito sob desespero. É neste sentido, que, segundo o psicólogo do CAT torna-se difícil, em casos mais caricatos reintegrar os indivíduos na sociedade, porque não se conseguem desprender dos hábitos que criaram durante grandes períodos das suas vidas.

Contudo, e graças ao excelente trabalho praticado por psicólogos, e sociólogos a laborar em instituições há casos de sucesso, em que os toxicodependentes conseguem desprender-se desses hábitos e costumes criados, e reintegrar-se na sociedade. Este processo

não é fácil, e só é possível com muita força de vontade por parte dos toxicodependentes, assim como um forte apoio da família e amigos.

Os casos, em que as tentativas de reintegração no mercado de trabalho são falhadas, não implica que haja uma correlação com o facto de serem ex-toxicodependentes, pode ser fruto do difícil acesso ao trabalho na sociedade actual. Contudo, estas variáveis não vão ser analisadas no presente estudo.

6.5 Relação com as Drogas

Ao longo da análise das histórias de vida dos nove entrevistados, na sua inter-relação com a família, a escola e o grupo de pares fomos evidenciando o factor, ou factores que levaram cada um dos entrevistados a iniciar o consumo de estupefacientes, assim como o que os levou a aumentar os níveis de consumo e a permanecer neles tornando-se toxicodependentes.

Mas o que é um toxicodependente? Segundo Patrício, o toxicodependente é uma pessoa dependente de drogas e que é dependente porque consumiu e consome drogas. Do ponto de vista médico e social, podemos considerar um toxicodependente como uma pessoa doente (Patrício, 1995).

Segundo Becker (1985) tornar-se toxicómano não significa entregar-se somente a práticas de intoxicação, mas significa sobretudo pertencer a um universo, a uma cultura alternativa.

Apercebemo-nos que, os indivíduos confrontados com a perda de um objecto de amor, de um modelo de identificação, sentiram-se abandonados e desorientados.

Como forma de atenuar os sentimentos negativos, associados à solidão, à perda, ao abandono, e à rejeição adoptaram comportamentos relacionados com o consumo de estupefacientes. Becker (1985) defende que a frequência do consumo depende, numa parte importante, da frequência das relações no grupo.

Tivemos também interesse em conhecer que tipo de drogas foram consumidas pelos sujeitos, as representações mentais que têm das mesmas, assim como os efeitos que o consumo lhes causou em termos físicos.

Como também já tivemos oportunidade de ver, há casos de sucesso, em que as drogas deixaram de fazer parte da vida dos indivíduos.

De salientar, que as drogas alteram a percepção da realidade, para além das diversidades de efeitos dos vários produtos, é esse o efeito comum a todas elas, o afectarem a realidade, seja de maneira depressora, estimulante ou perturbadora. Outro factor comum é, independentemente de poderem causar dependência física e/ou psicológica, proporcionarem um prazer especial, imediato, não programado e não dependente da vontade, dado que uma vez tomada a droga, o seu efeito far-se-á sentir à margem da mediatização central dos órgãos e sentidos (Macfarlane and Macfarlane; Philip Robson, 1996).

O tipo de substâncias consumidas, pelos nove entrevistados foi tabaco, heroína cocaína, álcool...O consumo foi sempre feito em grupo, independentemente de ser o seu grupo de referência, como nos explica Alice *“Sempre em grupo. E se estivesse com pessoas em que houvesse sintonia de “moca” aí era perfeito. Sim, porque mesmo consumindo a mesma droga, os efeitos nas pessoas são diferentes. André confirma que “... consumia sempre em grupo, mas cada um tinha as suas coisas, atenção! Mas no mundo da droga, se houver dinheiro temos amigos, se não houver não temos”*.

Francisco, foi o único caso em que quando os graus de consumo aumentaram, preferia consumir sozinho: *... depende, às vezes consumia sozinho, outras vezes em grupo, mas é mais vezes sozinho. É porque, por exemplo...é assim, eu sempre gostei de me vestir bem, de andar bem arranjado... e há pessoas que prontos, não me inspiram muita confiança, e eu prefiro fazer as minhas coisas sozinho”*.

6.5.1 Substancias Consumidas

As substâncias consumidas pelos nove entrevistados são, as que nos propomos apresentar de seguida:

6.5.1.1. Tabaco

Em todas as histórias de vida, o tabaco foi a primeira substancia psicoactivo consumida. O consumo surgiu entre os 12 e os 18 anos de idade, sendo o início em média aos 14 anos.

O consumo continuado de tabaco teve início, assim que os entrevistados começaram a fumar. À data da entrevista, todos os entrevistados consumiam esta substância, não considerada por eles uma droga. Apesar de ser prejudicial à saúde, o seu consumo tornou-se banalizado, e aceite pela sociedade, de modo que o acto de fumar não seja considerado grave pelos entrevistados.

Como já tivemos oportunidade de verificar, em quase todos os casos, o iniciar do consumo de tabaco só surgiu na vida das pessoas por influência dos amigos. O consumo de tabaco era visto como algo que nunca iriam fazer, mas o facto de não quererem ficar à margem do grupo, assim como a curiosidade em experimentar, levou os entrevistados a iniciar o consumo. O Samuel disse que “*aos 14 anos comecei a fumar, porque toda a gente fumava. Foi um bocado por curiosidade, mas também porque toda a gente fumava*”, e o Diogo referiu que “*com 12 anos comecei a fumar tabaco, porque toda a gente o fazia*”, e Zé Maria acrescenta que “*por volta dos 14 anos fi-lo porque todos os meus amigos fumavam, e um dia um deles ensinou-me a fumar, e depois já fumava por vaidade, aquela sensação de que era um homem*”.

As motivações apresentadas para o início do consumo de tabaco estiveram relacionadas com factores como: por influência dos amigos mais velhos, como forma de integração em determinado grupo de pertença, para se afirmar como adulto, e por fim, por mera curiosidade.

6.5.1.2. Haxixe

Nas nove entrevistas, em oito dos casos, o haxixe foi a primeira droga a ser consumida pelos indivíduos. A excepção foi o caso de André, que quando experimentou haxixe já tinha consumido outro tipo de estupefacientes (heroína, e cocaína).

Pela análise realizada pudemos detectar que em termos temporais, o início do consumo de haxixe, vem logo a seguir ao início do consumo de tabaco.

As motivações encontradas, por todos os entrevistados para o iniciarem o consumo desta substância, foram as mesmas apresentadas para o início do consumo de tabaco. Francisco afirma que “*foi pouco tempo depois de começar a fumar tabaco... uns meses depois... comecei também por curiosidade com os amigos*”

Em duas entrevistas, verificamos que houve alguma resistência para iniciar o consumo de haxixe. São o caso de Samuel *“já há algum tempo que os meus amigos fumavam haxixe, mas eu sempre fui bastante resistente a isso e não queria experimentar, mas a tentação foi mais forte, e aos 18 anos estava em casa de uns amigos a gravar cassetes, e eles estavam a fumar e ofereceram-me e eu experimentei. Zé Maria refere que “por volta dos 16 anos comecei a fumar haxixe. Eu de início via os meus amigos fumar e não queria, mas depois comecei a ver s efeitos com que eles ficavam quando fumavam, e quis experimentar”*.

O haxixe foi a substância que sempre permaneceu na vida dos entrevistados. Mesmo em alturas, em que consumiam outras substâncias, o haxixe esteve sempre presente.

Ao longo do estudo pudemos detectar que, em situações de abandono de outras substâncias, o haxixe era a droga que permanecia, por ser considerada pelos entrevistados como a menos gravosa. Poderá ser por esse factor que, na maior parte dos casos o haxixe criou uma grande dependência, principalmente a nível psicológico.

O haxixe, à semelhança das outras drogas tem efeitos negativos, quer em termos físicos, quer em termos psicológicos. Fisicamente originam a sensação de expansão, pode levar a conjuntivite crónica, relativa impotência sexual, insónia, taquicardia, sede, náuseas e boca seca. Psiquicamente, o seu consumo, causa sonolência, alterações na percepção, alucinações, dificuldades para concentração, compulsão, síndrome motivacional, prejuízos de memória e atenção, sensação de euforia e ansiedade.

Alguns entrevistados alegaram que o haxixe foi a droga que piores efeitos teve, como afirma Francisco *“agora a minha cabeça já não é o que era... sou capaz de me lembrar mais depressa de uma coisa que aconteceu há 3 anos, do que uma coisa que aconteceu ontem. A minha memória foi muito afectada pelo haxixe... estava tão magro, que quando andava a distribuir publicidade chegava a ficar com os ombros negros”*.

Diogo acrescenta que *“... o haxixe deixava-me muito mal em termos físicos”*.

6.5.1.3. Heroína

Em seis histórias de vida, o consumo de heroína foi a substância mais consumida, e a que causou maior dependência aos entrevistados. Foi o caso de Tomás, André, Matilde, Diogo, Francisco e José.

A média de idades, de início do consumo desta substância foi de 18 anos. Francisco foi a única excepção, tendo iniciado o consumo de heroína com sensivelmente quinze anos.

As motivações apresentadas, para o consumo desta substância estão relacionadas com factores já analisados anteriormente. O primeiro contacto com a substância foi em todos os casos, na presença de amigos, e por influência do grupo de referência, contudo, o aumento dos consumos esteve relacionado em todas as histórias de vida, com factores associados à família, ao grupo de pares, e factores sociais.

A heroína provoca efeitos relacionados com as actividades do sistema nervoso incluindo funções reflexas como a tosse, a respiração e o ritmo cardíaco. Dilata os vasos sanguíneos, diminui a capacidade de memorização, diminui as actividades intestinais provocando prisão de ventre. Em estado de carência, verifica-se um mal-estar, suores, tremuras...

Psiquicamente, provoca uma sensação de bem-estar. A introdução repentina de heroína no organismo pode provocar um fenómeno conhecido por “Flash”, que engloba uma reacção intensa de prazer, calor, euforia, apagamento da angústia, incapacidade de concentração. Juntamente com estas reacções, ou em vez delas, a primeira utilização provoca muitas vezes respostas paradoxais constituídas por náuseas e vómitos, concomitantes com ansiedade e atordoamento. De início pode também ocorrer uma estimulação da vigília e um comportamento eufórico.

Os indivíduos que consomem esta substância são afectados por uma grande dependência psicológica e física.

Francisco refere que o acto de injectar, cria dependência física *“eu comecei a injectar e depois parei porque via muitos a ir para o hospital, e sentirem-se mal...porque uma pessoa quando pega numa agulha, como é que eu hei-de explicar.. só o espetar a agulha já é uma forma de prazer porque é um vício estar com a agulha.. por exemplo a gente espeta o liquido, mas depois há pessoas que são capazes de ficar ali meia hora só a “bombar”, com o sangue a entrar e sair, e isso é um vício. É tal e qual como a prata... torna-se um vício só ter a prata na mão. Na minha maneira de ver é assim.. na minha e de mais amigos meus que tenho falado”*.

No caso de André, a droga alterou por completo o seu aspecto, como refere *“... num espaço de seis meses fiquei metade, eu pesava 90 kg, e passei a pesar 40 kg, por isso imagine*

o meu aspecto... depois de a gente consumir não come, aliás, a única coisa que me sabia bem eram bolos”.

Apuramos que nos casos em que os consumos de heroína foram elevados (Francisco, José, Matilde, Tomás, Diogo), o aspecto físico dos entrevistados era à data da entrevista debilitado. Permaneciam muito magros, com aspecto muito mais velho para as idades que têm. Outra característica, verificada em todos os casos foi a danificação quase total da dentição.

Verificamos também, uma grande dificuldade em manterem um discurso fluente e coerente com o que lhes estava a ser questionado.

6.5.1.4. Cocaína

A cocaína, tal como o haxixe, foi das drogas mais consumidas pelos entrevistados.

A cocaína é uma droga altamente estimulante (por isso, se designa no “meio” da droga por *gulosa*), estando, por isso, o seu consumo muitas vezes associado ao dos depressores como a heroína (“speed-ball”).

Nos casos em que houve consumo de heroína, o início do consumo de cocaína foi quase de imediato, aliás, o consumo destas duas substâncias andou sempre lado a lado, na medida em que os entrevistados consumiam alternadamente heroína, e cocaína. Como afirma Francisco “ *a cocaína foi logo a seguir à heroína, mas quando comecei não gostei, só que depois troquei consumia mais cocaína... porque o efeito é diferente... pouca gente prefere a heroína à cocaína, prefere mais a cocaína.. e depois é uma droga que a gente consome, e ao fim de consumir.. como é que vou explicar.. tem um efeito que quando acaba.. psicologicamente, a cocaína é mais psicologicamente... quando acaba o corpo, pronto a cabeça pede que a gente vá consumir mais.. porque é assim, a heroína tem um efeito, por exemplo a gente consome cocaína, e a seguir consome heroína para acalmar.. para acalmar o efeito da cocaína, porque a cocaína deixa-nos assim.. Como é que eu vou explicar... (silêncios), deixa-nos muito agitada, com o coração a bater muito rápido, e a heroína serve para anular esse efeito, e pronto, a cocaína quanto mais houver é quanto mais se gasta. Enquanto a heroína, pronto, se gastar 1 conto ou 2 fica-se por aí, enquanto a cocaína se tiver 100 contos, pronto vão assim seguidos. Eu sinto-me melhor com a cocaína, apesar que quando a gente tenta deixar o efeito já é.. psicologicamente fica-se de rastos, mesmo”.*!

Em termos físicos, a cocaína tem uma acção directa sobre o coração, provoca insónia, inapetência, dilatação de pupilas, emagrecimento, fortes dores de cabeça, hipertensão arterial, taquicardia, chegando à convulsão. Psiquicamente, é altamente estimulante, originando fala intensa, ideias paranóicas, delírios persecutórios intensos, perturbações da memória, alucinações e agressividade. Em termos de dependência, o seu consumo origina uma forte dependência psicológica, e uma grande dependência física, quando injectada.

Matilde, emagreceu, e envelheceu drasticamente com o consumo de cocaína, para além disso teve outros efeitos negativos, relacionados com a memória *“há coisas que me falham, a cocaína comeu-me o cérebro todo, há coisas que me falham... a gente quando fuma não tem fome, na cocaína não se come quase nada”*.

6.5.1.5. Outras substâncias

Dos nove entrevistados, só quatro consumiram outro tipo de substâncias. É o caso de Alice, Samuel, Zé Maria, e Diogo.

As substâncias consumidas foram LSD (Diogo, Zé Maria, Samuel, Alice), Ecstasy (Diogo), Drunfos (André), ácidos (Zé Maria, Samuel), LSD (Alice, Zé Maria, Samuel, Diogo), Speed (Alice), cogumelos (Samuel, Zé Maria), pastilhas (Samuel, Zé Maria, Alice), Ópio (Diogo).

São vários os efeitos provocados por estes estupefacientes, por exemplo, o ecstasy são uma euforia e um bem-estar intensos, que chegam a durar 10 horas. A droga age no cérebro aumentando a concentração de duas substâncias: a dopamina, que alivia as dores, e a serotonina, que está ligada a sensações amorosas. Por isso, a pessoa sob efeito de ecstasy fica muito sociável, com uma vontade incontável de conversar e até de ter contacto físico com as pessoas. No que concerne aos efeitos físicos, eles são a secura da boca, perda de apetite, náuseas, comichões, reacções musculares como câibras, contracções oculares, espasmo do maxilar, fadiga, visão turva, manchas vermelhas na pele, movimentos descontrolados de vários membros do corpo, como os braços e as pernas, crises bulímicas e insónia. Os problemas psíquicos resultantes mais comuns são: dificuldade de memória tanto verbal como visual, dificuldade de tomar decisões, impulsividade e perda do autocontrole, ataques de pânico, surtos paranóides, alucinações, despersonalização, depressão profunda.

Dentro da categoria do Ecstasy, existe uma substância designada de MD, mais conhecida como MDMA, é uma molécula derivada de anfetaminas, sendo totalmente sintética e feita em laboratórios ilegais.

O que acontece muito é que, por ser ilegal e totalmente fabricado em laboratórios de garagem por pessoas pouco entendidas, e com sede de dinheiro fácil, ela pode trazer grandes danos ao cérebro devido á duvidosa qualidade e tipo de certos aditivos. É uma droga muito ligada ao movimento de musica de dança (discotecas).

Os alucionogeneos (ácidos, e LSD), Fisicamente originam, midríase acentuada (aumento da pupila), taquicardia, tremores, dores pelo corpo. Em caso de overdose, a morte ocorre por paragem respiratória.

Psiquicamente, a sua utilização desencadeia no indivíduo fenómenos que geralmente estão associados às psicoses, como perturbações preceptivas, ilusões, delírios, capacidade de associação mais rápida que o habitual. São comuns suicídios involuntários (o indivíduo pensa que pode voar). O seu uso provoca uma baixa dependência psicológica e uma nula dependência física.

Nos speeds como efeitos físicos, salienta-se a apatia, nervosismo, insónia, agressividade, aumento da pressão sanguínea, reflexos rápidos, aumento da vigilância, secura das mucosas, midríase, taquicardia e a perda de apetite. Os psíquicos podem ir da excitabilidade, alucinações, delírios (psicose anfetamínica), sensação de força, ideias de perseguição, alteração de humor, chegando até a mudanças de personalidade.

A motivação, para o inicio destas substâncias, nas quatro histórias de vida acima referidas esteve em todos os casos relacionado com a procura de maior diversão e prazer, tal como refere Samuel *“eu simplesmente consumia para me divertir, e me sentir bem, e o consumo de drogas ajudava a que me sentisse assim”*. Zé Maria afirma *“foram verdadeiras noites de prazer... de alegria, de euforia no corpo”*. Diogo almejava o prazer imediato: *“não é o prazer e a felicidade que todos os seres humanos procuram? Pronto, era esse o efeito que eu tinha com as drogas... para além disso, com as drogas ficava muito mais criativo”*. Alice, começou a consumir este tipo de substâncias para se divertir o mais que pudesse, mas também para ter experiências novas *“a procura de novas experiencias, de interacção social”*.

Em termos de dependência, só Zé Maria referiu sentir-se dependente de uma substância, o MD: *“ o MD dava-me uma moca espectacular, por isso é que sempre que se falava numa festa, num festival, ou numa simples ida à discoteca, eu dizia logo que ia, mas tínhamos que arranjar a “cena”, quer era o MD, e aí era tudo perfeito... eu nunca me senti*

verdadeiramente dependente de drogas. A única que me custou mesmo deixar foi o MD, porque me fazia sentir mesmo feliz, e se calhar dessa eu estava um bocado dependente”.

Alice, apesar dos efeitos positivos que o consumo de drogas lhe proporcionava, teve também alguns efeitos negativos, como explica” o MD *dava-me dislexia, porque no dia seguinte ao consumo dava por mim, a não conseguir ter um discurso fluente, não conseguia estruturar uma frase. O LSD dava-me depressão. No dia a seguir ao consumo ficava em casa completamente deprimida. A cocaína não me dava nenhum efeito negativo. Os Speeds davam-me efeitos físicos, não tanto psicológicos. Basicamente os dias seguintes ao consumo eram de depressão”.*

6.6 A Droga e o Crime

Na amostra estudada, só em cinco histórias de vida (André, Diogo, Francisco e Tomás) houve comportamentos desviantes associados à prática de crimes.

Ter um comportamento desviante não é, segundo (Lakos, 1987) apenas uma infracção de uma norma por acaso, como também um comportamento que infringe determinada norma para a qual a pessoa está orientada.

Assim, ser desviante implica que o indivíduo se afaste das normas, valores e comportamentos definidos pela sociedade. No caso dos toxicodependentes, o desvio passa pela prática de um crime, o roubo, punível pela sociedade.

Não podemos descurar a ideia de que, apesar de terem comportamentos desviantes, os indivíduos têm práticas socialmente aceites nos outros sectores da sua vida. Como refere Erikson (1976), o comportamento desviante não está fora da sua própria cultura, antes diz respeito ao indivíduo que faz uma leitura divergente. O indivíduo não será sempre desviante, já que em determinadas áreas da sua vida agirá como qualquer outro cidadão, porém, noutras agirá de forma divergente relativamente aos valores dominantes.

Todas as práticas de crime foram justificadas pelos indivíduos, como tendo sido o meio que encontraram para angariar dinheiro para comprar drogas.

André teve várias práticas de roubo. Afirma que: “... *Roubava carros, ia para o feira nova ajudar as pessoas a levar o carrinho, depois ia arrumá-lo e ficava com a moeda. Assim*

amealhava os meus dinheirinhos... ui, fazia tanta coisa, um gajo é um cineasta do caraças na droga, um gajo inventa, mas saca sempre nota, mas nunca era suficiente para consumir. O objectivo era ter para tirar a ressaca, mas quanto mais tivesse, mais consumia”.... Eu roubava por esticção, a gente ia para a porta da igreja.. uma pessoa chega a pontos, que perde a consciência. Nós íamos para a porta da igreja e quando as velhinhas saiam da missa roubávamos as carteiras de esticção. A gente metia drunfos, e nem víamos quem roubávamos, se calhar até era gente conhecida, mas nem que fosse a minha avozinha, eu nem a via. Nem pensava nas pessoas, eu queria lá saber, as consequências para os outros não me incomodavam muito. ... Uma altura fui a um casamento de um primo meu, que ele ainda hoje não fala para mim, porque roubei as carteiras todas. As pessoas tinham o bengaleiro, eu roubei tudo. Toda a gente soube que fui eu, porque era o único drogado que lá estava. O meu pai antes de saber só dizia: oh pá, se quiseres vai embora, não faças disparates. E eu dizia, sem stress, porque tinha consumido, mas quando me começou a chegar o bichinho (como a gente chama), pensei: onde vou buscar guita? O meu pai cortava-me já as bases, podia-me ver de rastos, que nunca me dava dinheiro (ainda bem). E então fui roubar o dinheiro das carteiras e dos casacos, que na altura ainda foram para aí uns 70 contos, até deu para andar de táxi e tudo (risos). Fui desfilar... um drogado de táxi, que luxo!!!

No bragapark, está a fazer agora anos, eles tinham lá um pinheiro com caixas dos lojistas, com uma caixa com dinheiro agarrada ao pinheiro com cabo de aço, e eu cheguei lá a correr, agarrei a caixa, saí a correr pelo parque do feira nova. Ao deitar a mão ao caixote estava preso, e ao cair ao chão aquilo caiu, e fui a fugir para sta tecla, com 70 e tal contos em moedas. Os seguranças foram a correr atrás de mim, mas depois em Sta Tecla não entraram. Na mesma noite gastei tudo em droga, até ao ponto de nem saber como me chamava... era assim!!

O único método usado por Tomás era o roubo de carteiras, e confessa que roubou muita gente “Sim, roubei muita gente. Roubava carteiras, as pessoas pousavam os sacos, e eu ia roubava-as”.

Um dia não teve muita sorte, e foi apanhado. A consequência foi inevitável, Tomás foi preso, apesar de não se considerar culpado: “Sim, já fui preso. A menina pode não acreditar, mas não tive culpa nenhuma. Uns rapazes foram assaltados, e depois disseram que fui eu que os roubei, mas eles só disseram isso porque quem os roubou foram 2 rapazes que em tempos andava com eles, mas actualmente isso já não acontecia. E injustamente fui preso 3 anos.

Também Francisco teve comportamentos desviantes, ao roubar em várias situações: *“Roubava viaturas... roubava rádios, e às vezes quando roubava carros, se estava cansado levava o carro para não ir a pé”*.

Diogo foi o único caso que afirmou ter vendido droga *“Primeiro comecei a roubar aos meus pais. Quando o meu pai se levantava para ir tomar banho, eu ia ao bolso da camisa tirar-lhe dinheiro. A minha mãe começou a dizer que uma colega da fábrica a roubava, e eu aproveitei esse facto para lhe tirar dinheiro. Depois comecei a vender roupa minha, cd’s. Pedia coisas emprestadas aos meus amigos, por exemplo telemóveis, consolas, jogos, etc., e vendia-os. Ah, também vendi droga”*.

6.7 Tentativas de Tratamento

Neste ponto, vamos debruçar-nos sobre a temática dos tratamentos. É delicado falar sobre o processo de tratamentos de forma generalista, porque cada entrevistado tem a sua história de vida, diferentes níveis de consumo, e procuraram ajuda, ou não, em diferentes fases das suas vidas.

Segundo Patrício (1996), o tratamento de uma pessoa toxicodependente implica o desenvolvimento de um projecto terapêutico, isto é, de medidas articuladas umas com as outras, atitudes médico-psicológicas e sociais, centradas sobre a pessoa doente, mas não só. O projecto implica também promover modificações no ambiente do doente, isto é, na família, na relação com os amigos, na escola, no trabalho e no lazer. Para o autor, a toxicodependência não é uma doença com soluções de tratamento imediatistas, porque a procura de soluções imediatas provoca frequentemente o consumo, ou utilização de respostas parcelares que habitualmente não têm eficácia.

Na visão de Sommer (2004), o tratamento, e o processo de saída da toxicodependência exigem uma reorganização da identidade do indivíduo, e alteração do seu estatuto de pertença ao grupo. O tratamento engloba a imagem do agente dependente, que pretende demonstrar que iniciou uma carreira de saída da toxicodependência, a demonstração convincente do seu novo começo de identidade social em estruturas indicadas – as comunidades terapêuticas – para estas situações problemáticas é posto fim a mais uma ameaça.

Os tratamentos nem sempre têm o final desejado, e, em alguns casos esses tratamentos repetem-se várias vezes. Entre os tratamentos verificamos recaídas, que por vezes são irreversíveis. A este propósito, Vieira (2001), define recaída como o retorno ao consumo da droga de eleição, depois de um período de abstinência e mudança do estilo de vida. As recaídas podem, segundo o autor ter um significado psicodinâmico, da ordem do simbólico, mas poderão ter uma compreensão mais simples, porque o acto de consumir é, muitas vezes da ordem do impulso, para satisfação de uma necessidade urgente com a consequente eliminação do desprazer/eliminação.

Das nove histórias de vida analisadas, só cinco (Matilde, Tomás, José, André, Francisco), procuraram ajuda. Porque o fizeram, a quem, e em que circunstâncias, é o que vamos analisar de seguida.

Matilde ao longo da sua história de consumo fez dois tratamentos. O primeiro tratamento fê-lo na Remar, por iniciativa própria, mas foi uma tentativa frustrada, porque voltou a consumir: *“entrei há uns anos atrás para a Remar, mas era a frio, e eu não consegui”*.

Entretanto, Matilde continuou com consumos elevados de estupefacientes, ao ponto de não ter condições para tomar conta do seu filho mais novo, a frequentar ainda o 1º ciclo. A segurança social ao ter conhecimento desta situação, comunicou-lhe que lhe iria ser retirado o filho, e dada ordem de despejo da casa onde habitava com o apoio da Bragahabit. Este alerta, fez Matilde acordar para a realidade que estava a viver. O seu filho mais velho tinha crescido, sem que ela se apercebesse, e não queria voltar a cair no mesmo erro com o filho mais novo. Assim, e uma vez que sozinha não conseguia libertar-se da dependência de estupefacientes, decidiu pedir ajuda a um centro em Nogueiró, Braga: *“...não adianta dizer para deixar, tem que vir de nós, parte da nossa cabeça, foi como quando entrei em Nogueiró, entrei porque estava mal, e veio de mim, porque senão perdia o meu filho... quando andamos na droga, acabamos por não gostar de nós próprios, sei lá, andamos naquela maluqueira, mas há sempre altura em que acordamos para a vida, e eu acordei e pedi internamento.*

O tratamento que Matilde fez foi a soro, e com medicação, e de forma gradual foi abandonando o consumo de estupefacientes. Actualmente não consome qualquer tipo de drogas, apesar de continuar a relacionar-se com pessoas que consomem.

Tomás, com o intuito de abandonar o consumo de estupefacientes, ou pelo menos diminuir a intensidade com que consumia, até à data da entrevista tinha feito três tratamentos, e encontrava-se a fazer um tratamento na altura em que foi entrevistado.

Não sabendo localizar temporalmente os tratamentos, sabemos porém que fez um tratamento numa Instituição no Porto, e outro tratamento em casa. Ambos os tratamentos foram inúteis, porque Tomás não estava preparado para deixar o consumo, e enquanto os estava a fazer, o pensamento era o que iria consumir quando saísse de lá.

Entretanto, quando é preso, foi submetido a um tratamento na prisão, e esse sim teve bastante sucesso, ao ponto de Tomás sair da prisão e não consumir. Apesar de ter alguma vontade, tinha um factor pessoal que lhe dava forças para se aguentar, que era reconquistar a sua esposa e filha, e Tomás tinha consciência que se consumisse as hipóteses de as reconquistar tornavam-se nulas.

Contudo, com a rejeição por parte da esposa, Tomás decide emigrar. Esteve em Espanha um ano, sem consumir estupefacientes. Com o seu despedimento, regressa a Portugal, e vendo-se novamente na realidade que sempre o incomodou: solitário, desempregado, e sem perspectivas futuras, volta a procurar as pessoas com as quais costumava consumir, e retoma o consumo. Tomás tem assim uma recaída, voltando aos consumos de heroína e haxixe.

Na altura em que foi entrevistado, estava a ser acompanhado pelo CAT em Braga, mas continuava a consumir. Tomás sente-se muito dependente de drogas, e não sabe se algum dia vai ter forças para deixar novamente o consumo: *... é muito difícil, quem entra neste mundo dificilmente sai. Depois de continuarmos dependentes de droga é muito complicado deixá-la... mas espero um dia conseguir, mas às vezes penso, para quê? Pelo menos quando consumo esqueço o resto.*

Estamos perante um caso, em que o consumo está muito presente, sendo que os factores familiares, sociais, e profissionais vêm agravar a escalada no consumo, porque em todos os sectores a sua vida está desequilibrada, e sem rumo. Infelizmente Tomás não tem ninguém que lhe dê uma orientação, e o apoie para levar a cabo com sucesso um tratamento. A avó, com idade avançada não tem sequer consciência do que se passa na vida do neto. A esposa pediu-lhe o divórcio, e segundo Tomás não há a mínima hipótese de reconciliação. Os pais de Tomás continuam a viver em Lisboa, e não mesmo distantes não apoiam o filho. Por

fim, as pessoas com quem se relaciona, são também consumidores de estupefacientes, prejudicando a possível tentativa de abandono do consumo.

André é dos casos mais peculiares da amostra, revelando uma história de vida totalmente diferente dos restantes entrevistados. André consumiu intensivamente durante três anos, e, durante esse período, como já tivemos oportunidade de constatar não trabalhou, afastou-se da família e dos amigos de infância, relacionando-se simplesmente com a namorada e o grupo de amigos com os quais consumia.

A família, mas precisamente a mãe foi a pessoa que mais sofreu com as mudanças repentinas na vida de André. A senhora começou a ter problemas de saúde, com o desgosto que a invadia. Chegou a um ponto, que André não aguentava mais ver o sofrimento da mãe, e decide parar: ... *decidi deixar a droga pelo sofrimento em que eu estava a ver a minha mãe. Eu estava a matar a minha mãe... desde que saí de casa dos meus pais, quase nunca fui lá, e a minha mãe estava a sofrer muito. A culpa não foi deles, eu não culpo os meus pais em nada, o burro fui eu. Eles educaram-me da mesma maneira que educaram os meus irmãos, e eles hoje estão bem na vida: têm casa, carros, são casados, com filhos. De quem é o erro então? Foi meu! Então vi a minha mãe sofrer e fui para casa*".

A família, tem para André um papel principal na sua vida, e esta atitude vem comprovar esse facto. Estando a atravessar uma fase da sua vida, em que os consumos eram elevados, a situação em que a mãe se encontrava fez André parar, e os laços familiares eram de tão maneira fortes que conseguiram atrair André de volta a casa.

O processo de socialização primário, foi estruturante no percurso de vida de André, porque apesar de ter assumido uma nova identidade, esta como toxicodependente, a sua verdadeira identidade estava camuflada pelo consumo de drogas. Todavia, as raízes que o uniam à família permitiram que essa máscara caísse, e André se voltasse a ver.

Dubar (1996) utiliza os termos “*primário*”, ou “*primordial*” para remeter para aquilo que existe de mais profundo e de mais antigo na história pessoal, que são os pais, em particular a mãe. Segundo o autor, qualquer crise identitária remete para esses laços “primeiros”. Deparar-se sozinho consigo próprio é, então, encontrar-se com esses laços. Para preencher esse vazio engendrado pela perda, volta-se de novo às origens do seu “eu”, que é um “nós” funcional, comunitário, reinventando, reencontrado com esse tempo da infância da fusão com a mãe, a família, e o grupo de origem.

André, decide assim voltar a casa e pedir ajuda aos pais. Como sempre foi contra tratamentos em instituições, decide, com apoio principalmente da mãe fazer um tratamento a frio: “... Depois fui para casa, e o meu pai disse-me: queres-te curar? E eu: quero! E ele disse: então anda! E fui-me curar: a frio num bairro onde havia droga, que é onde vivem os meus pais. Nunca na vida tomaria metadona, porque eu para substituir um vício por outro, dava um tiro na cabeça. Metadona? Droga artificial, nem pensar nisso! Eles queriam-me meter num tratamento, e eu não quis. Foi a frio. É horroroso, horroroso!!! Fiquei em casa, não parti nada, chorei muito, berrei muito. A minha mãe esfregava-me álcool nas pernas. A única coisa que eu tomava era ansiolíticos, porque tive 7 noites e 7 dias acordado, sempre a transpirar. Tinha diarreia, vomitava.. cheguei a ter orgasmos sem erecção, era um descontrolo tal. O que me custou mesmo.. porque o sair da droga não é o físico, isso o físico é o menos, o pior é o psicológico. São 3 a 4 dias a malhar, mas depois passa. Enquanto o psicológico, é o cérebro contra o corpo é o quero, não quero, quero, não quero, e isso leva um tempinho. É preciso muita força de vontade. Tive sempre o meu pai ao lado. Ele olhou para mim como um filho, e não como um drogado. Depois levou-me a uma psicóloga. Uma senhora que eu nunca mais vi, mas que para mim foi 50 a 60% da cura. Aquela senhora tinha conversas comigo, tinha uma paz de espírito aquela mulher, dava-me cada lavagem, que eu só dizia: Ámen, ámen, ámen, e quando dei por mim, já não precisava daquilo para nada. Ela virou-se para mim, e disse que eu já não precisava de ir lá mais, e eu pensei: realmente!! E já não vou lá para aí há 4 anos ou 5. Saí da toxicodependência em 1999.

Estamos perante um testemunho de sucesso, em que os pais foram os principais responsáveis pela sua recuperação. A estrutura familiar permitiu apoiar um dos seus membros, numa das piores fases da sua vida.

O abandono do consumo, em termos físicos ficou a dever-se aos pais de André, e em termos psicológicos à ajuda imprescindível da psicóloga que o acompanhou no CAT, mas também ao seu pai. Depois de ter sido excluído do seu grupo de amigos, por ter iniciado o consumo de drogas, André estava receoso do seu regresso ao bairro. Porém, foi o seu pai, o principal responsável pelo processo de reintegração na sociedade: “... custa bastante... Quando sai de casa a primeira vez fui ter com os meus amigos de infância, os meus amigos da rua. Parece que tinha tirado umas férias. Tive receio, mas comecei a aparecer com o meu pai, porque o meu pai era: onde vais? Ah vou ao café, e ele dizia: então espera aí que eu vou contigo, eu pago-te o café e ia, não me deixava sozinho. A minha sorte é que ele estava

reformado. O meu pai e a Dra. Teresa (psicóloga) foram as pessoas que me voltaram a integrar. E aos poucos as pessoas foram-me aceitando de volta”.

André foi ajudado e aceite pela família, e pelo grupo de pares, o que denota que a socialização baseada num tipo de sociedade mecânica, levou André a juntar-se novamente ao grupo, característico pela sua coesão, partilha de formas de ser, e de estar. O grupo é visto por todos como um só, em que a relação das pessoas é do tipo comunitário, com laços que dificilmente se desprendem.

Actualmente André não consome qualquer tipo de estupefacientes, e até se esquece que algum dia foi toxicodependente.

Francisco, com apenas 21 anos, à data da entrevista já tinha estado internado duas vezes, numa clínica em Nogueiró, Braga e numa clínica no Porto. Ambos os tratamentos não tiveram grande eficácia: *“Houve uma delas, que já não sei qual era... também a minha cabeça agora já não é o que era... que ainda andei melhor, mas nas outras, no mesmo dia que saía ia consumir. Não teve efeito para mim, nem para ninguém... aliás, tínhamos que levar €50 para lá, caso quiséssemos ir ao café ou assim, e ninguém ia, que era para ter os €50 para quando saíssemos de lá irmos consumir”.*

Os tratamentos só têm os efeitos positivos, quando a pessoa está predisposta a deixar o consumo de estupefacientes, porque caso contrário, o insucesso é praticamente garantido. Não vale a pena predispor-se a ser tratado, se física e psicologicamente não se está preparado.

Na altura em que foi entrevistado, Francisco estava a fazer um tratamento no CAT. Decidiu fazer este tratamento, porque a mãe queria ajudá-lo, e ele aceitou.

Apesar de Francisco não querer se pronunciar muito acerca do assunto, é visível no seu discurso, e na sua forma de estar, que atravessa um período instável e perturbado, quer física quer psicologicamente.

Aliás, os contactos para fazer a entrevista foram complicados, porque Francisco estava sempre de cama, e a mãe não queria muito que ele saísse de casa.

Os tratamentos no CAT parecem não estar a correr muito bem, dada a fragilidade em que se encontra: *“é assim, a minha médica tinha-me dado o Subotex, mas agora até nem estou a tomar, porque me está a dar cabo do estômago, porque aquilo destrói por dentro. Aquilo toma-se, e no dia a seguir está-se a ressacar na mesma, porque o comprimido tem heroína.*

Eu passo os dias com dores no estômago, a minha médica aqui atrasado até me queria fazer um exame, aquele que se mete um tubo, mas eu tive medo e não fiz, mas um dia vou ter que acabar por fazer”.

Apesar de estar a fazer o tratamento, Francisco continua a consumir, principalmente ao fim-de-semana, porque ainda se sente muito dependente de estupefacientes: *“... de vez em quando, quando bate a saudade, e uma pessoa perde-se um bocado... ao fim ao cabo estou dependente... quando bate a saudade, principalmente ao fim-de-semana”.*

Francisco tem ainda um longo percurso pela frente, é ainda muito jovem para estar no estado em que se encontra actualmente, mas vai precisar de muito apoio, e força de vontade para terminar o tratamento com sucesso, e abandonar definitivamente o consumo de estupefacientes.

Os restantes elementos da amostra nunca se submeteram a qualquer tratamento, falo de Alice, Zé Maria, Samuel, Diogo e José.

Como nota final, atrevo-me a concluir que os tratamentos só funcionam quando o toxicodependente se predispõe a ser tratado. Se for internado, ou iniciar um tratamento pela pressão de alguém, como por exemplo pais, ou amigos, o tratamento tem fortes probabilidades de terminar com insucesso, porque a pessoa foi obrigada a fazê-lo. A chave para o sucesso passará pelo acompanhamento psicológico, em que a pessoa se vai consciencializando que de facto quer ser tratado, e aí sim poderá partir para a desabitação física.

E o que pensam os profissionais que trabalham nesta área sobre o assunto? Uma socióloga a trabalhar na Bragahabit, em projectos de intervenção comunitária, falou-nos um pouco do contacto que tem com os toxicodependentes: *“São os toxicodependentes que nos procuram, ou vêm encaminhados de outras instituições, como por exemplo o CRIAS (geralmente seropositivos). São geralmente pessoas com carências a nível habitacional, ou são pessoas que tiveram acções de despejo, ou que por outros motivos não têm possibilidade de pagar uma renda. Muitas vezes também vêm por iniciativa própria, porque eles comunicam uns com os outros, e vêm fazer a própria candidatura. O acompanhamento que nós (bragahabit) fazemos aos toxicodependentes é ao seguinte nível: eles vão lá, tentamos fazer um acompanhamento; fazemos protocolos com algumas instituições que trabalham a problemática da toxicodependência. Temos uma psicóloga que acompanha o processo... é*

sempre muito complicado. Normalmente sugerimos o internamento, mas normalmente não é bem aceite pela parte deles... a maior parte deles já tem uma longa experiência de internamentos sem grandes resultados”.

Para percebermos o que pensam os profissionais que trabalham no CAT, acerca dos tratamentos, entrevistamos um psicólogo a trabalhar no CAT em Braga. A sua opinião é que *“um indivíduo vai consumir para o resto da vida, eu acho que à partida todos os toxicodependentes são tratáveis, embora alguns possam demorar mais tempo a encontrar o tratamento ideal, enquanto outros encontram mais rapidamente. A maior parte deles acredita que vai deixar, aliás acreditam mais do que depois efectivamente conseguem fazer, ou mostram através dos comportamentos. Inicialmente há um acreditar muito grande, e uma vontade muito forte. Alguns deles já têm uma série de experiências de tentativas de tratamento... já tiveram internados... alguns já nem contam as vezes que tiveram internados.. alguns já tiveram umas 8 vezes..*

Falamos em tratamentos, mas não temos conhecimento que tipos de tratamentos são feitos por exemplo no CAT. Assim sendo, vamos apresentar a descrição feita pelo psicólogo das possibilidades de tratamentos existentes, mediante o caso que se apresente: *“Há uma entrevista inicial, faço uma história de vida, onde se pesquisam os motivos que os levaram ao início dos consumos, as razões dos consumos, qual o grau de dependência, tenho que apurar o grau de dependência, e porque resolveu tratar-se, o grau de motivação para o tratamento, e depois tentamos enquadrar o melhor tratamento.*

Há vários tratamentos. O tratamento mais soft e que permite maiores graus de liberdade e independência do indivíduo é o antagonista...isto supõe uma desabitação inicial... estamos a falar da heroína (90% dos casos), haverá um ou outro que depende de cocaína, de haxixe e álcool...

Portanto, este 1º tratamento que permite maior grau de liberdade ao indivíduo é a desabitação inicial que tem duração de 1 semana. Pode ser em casa, ou no hospital, com medicação para conseguir resolver a desabitação inicial.

Em caso de serem tratados no hospital, somos nós que encaminhamos... no nosso caso é para a casa de saúde do Bom Jesus, que tem uma unidade de desabitação, e é para lá que encaminhamos a maior parte dos casos.

Depois de concluídos esses dias faz-se a indução do antagonista. O antagonista é uma substância que eles tomam diariamente que vai inibir o efeito da heroína, ou seja se por um acaso eles consumirem, a heroína não faz efeito, ou melhor perde o efeito positivo. A ideia é fazê-los perceber que não vale a pena consumir!

Normalmente inserimos um outro elemento, que pode ser a namorada, a mulher, o pai, ou a mãe que ficam responsáveis pela administração do medicamento todos os dias, mas também para os controlarem, porque se eles tomarem o medicamento ainda com a heroína em circulação pode haver um efeito adverso, que pode levar a uma paragem cardíaca-respiratória, que pode levar à morte.

O tratamento é longo... mais ou menos 1 ano neste tipo de tratamento. Durante este período dirigem-se na mesma ao CAT porque têm consultas regulares, o acompanhamento psicológico mantém-se. O acompanhamento é individual, mas às vezes estão presentes familiares (namorada, mãe, etc.).

Em termos de longevidade, o psicólogo afirma que a duração dos tratamentos é muito variável: “É muito variável, porque a dosagem que se administra depende da dosagem que consomem. Podemos começar com 8 miligramas, ou com 2 miligramas.

Depois, o programa é reduzido lentamente, até que consigam novamente ser independentes.

Na minha opinião eles devem continuar mais algum tempo com um antagonista, porque não causa qualquer tipo de dependência, não tem efeitos secundários... e até pode parar de o tomar, quando se sentir totalmente confiante.

Nos casos em que este tratamento não resulta, se os indivíduos deixam de ir às consultas, ou se vão e saem e consomem cocaína, por exemplo é aconselhável a passagem para o tratamento com a metadona.

No tratamento da metadona, a liberdade é menor, implica um acompanhamento psicológico. A relação com o psicólogo é diferente... o compromisso é diferente, e a motivação é diferente porque é menor. Esse facto pode ter a ver com um maior cansaço, porque eles têm que ir diariamente ao CAT para tomar a metadona.

Há um horário para tomas de metadona. Eles só têm que tomar metadona uma vez por dia, mas eles passam muito tempo no CAT, porque muitos não têm vida social... não têm

uma família que os apoie, não têm emprego, não têm namorada, não têm filhos, e acabam por ficar por ali. Contudo, para eles esta situação não é má de todo, porque os amigos deles são os outros utentes, e até alguns técnicos que trabalham com eles.

Todavia, há alguns que têm outro tipo de problemas, porque associado à toxicodependência estão associadas outro tipo de problemáticas psicológicas... há indivíduos com esquizofrenia, há indivíduos com outro tipo de psicoses, há psicopatas... e também há uma série de doenças associadas.

Para além destes 3 tratamentos, há os tratamentos livres de qualquer tipo de substância que aplicam-se pelo acompanhamento psicológico individual, por exemplo no caso do consumo do haxixe, ou do álcool há o acompanhamento psicológico”.

Quando questionado acerca das taxas de sucesso do abandono dos consumos de estupefacientes, o psicólogo fica um pouco renitente em responder, mas acaba por dar o seu parecer: *“Depende do que considerarmos sucesso... há indivíduos que passam imenso anos sem consumir e depois têm uma recaída.*

Mesmo abstinentes, eles continuam a ter um acompanhamento individual, mais descontínuo (2 a 3 vezes por ano)... eles fazem questão de ir lá marcar o ponto.

Como já foi mencionado, há parcerias entre várias instituições que directa ou indirectamente tratam de assuntos afectos aos toxicodependentes. Como funciona a relação, e comunicação existente entre essas instituições? Na opinião do psicólogo do CAT, a relação entre as várias associações funciona bem: *“o CAT tem parceria com a câmara, vida emprego, com a comunidade terapêutica de Adaufe. Na minha opinião há um bom funcionamento entre as várias instituições, basta um telefonema para se obter alguma informação.*

A mesma opinião, não é partilhada pela socióloga da Bragahabit: *“Acho que devia haver uma política mais articulada... em que os serviços consigam trabalhar uns com os outros, porque neste momento o que se vê é uma tentativa falhada numa instituição, depois fazem tratamento noutra instituição, depois saí... depois faz tratamento no CAT mais algum tempo... e andam assim!*

A comunicação entre as instituições falha um bocado, por exemplo muitas vezes ligamos para o CAT a perguntar por algumas situações, e eles acabam por não conseguir sinalizá-las, ou então dão informações muito imprecisas, não sabem dar alguns dados que

eram essenciais para nós podermos gerir o processo da melhor maneira. E acredito que a comunicação entre o CAT e as outras instituições de comunidades terapêuticas seja semelhante”.

6.8 Drogas: Abandono ou Permanência?

Neste ponto vamos debruçar-nos sobre os casos de sucesso, em que as pessoas abandonaram o consumo de estupefacientes, mas também os que infelizmente ainda não o conseguiram fazer.

Em nove entrevistas, só três entrevistados (Zé Maria, André, Matilde) abandonaram definitivamente o consumo de estupefacientes. Os factores, que estiveram por detrás dessa decisão, são o que vamos analisar de seguida.

Zé Maria, estava de tal maneira envolvido no consumo de estupefacientes, que nem sequer tinha ponderado parar. Primeiro porque não se sentia verdadeiramente dependente de drogas, mas também porque era um consumo sempre associado a festas, e fins-de-semana. Um acontecimento na sua vida, veio alterar as suas vivências em completo: *depois duma noite em que tinha estado a consumir com os meus amigos com quem habitualmente consumia, ia levar uma amiga a casa, e de repente comecei a sentir um aperto no peito, e só tive tempo de parar o carro, e dizer que não me estava a sentir muito bem... tive um ataque de pânico, pensei que ia morrer.*

Quando me restabeleci fui para casa, e fiquei não sei quantos dias seguidos sem sair de casa, cheio de medo que me desse alguma coisa, e morresse. Decidi contar aos meus pais, que logo de imediato me levaram ao médico, que me disse que o que eu estava a sentir estava tudo relacionado com o sistema nervoso. Comecei a tomar calmantes, e a ser seguido por um psiquiatra.

Depois disto, a primeira vez que sai de casa, fui ter com os meus amigos habitais, e não consumi, e disse que depois daquele susto não voltaria a consumir.

O impacto que este acontecimento teve na sua vida, levou a que tomasse a decisão de nunca mais consumir. Contudo, passados uns tempos teve uma recaída *“houve um dia, que feito parvo dei umas três passinhas de erva, e senti-me tão mal, mas e senti-me tão mal, mas*

tão mal que pensava que me ia dar tudo novamente, e desde esse dia, nunca mais na vida consumi qualquer tipo de estupefacientes.

Mas admito, que se não tivesse apanhado estes sustos, ainda hoje consumia, e não sei onde poderia ir parar.

André, como já analisamos noutros pontos, estava dependente de heroína, e cocaína. O abandono das drogas, foi uma decisão quase que forçada por André, devido ao sofrimento em que se encontrava a sua mãe *“pelo sofrimento em que estava a minha mãe. Eu estava a matar a minha mãe. Durante 1 ano, desde que sai de casa dos meus pais, quase nunca fui lá, e a minha mãe estava a sofrer muito. A culpa não foi deles, eu não culpo os meus pais em nada, o burro fui eu... então, vi a minha mãe sofrer e fui para casa”*.

Depois de um período conturbado, de desabituação das drogas, e reintegração na sociedade, André nunca mais consumiu qualquer tipo de estupefacientes. Hoje em dia, sente-se completamente recuperado dos consumos, e tem plena consciência que não voltará a consumir.

O seu grupo de amigos continua a ser o de infância, e nunca mais se relacionou com o grupo com o qual iniciou o consumo de drogas.

Matilde, é outro caso de sucesso. O factor que influenciou Matilde, a pedir ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes foi o facto de a segurança social a ter ameaçado retirar o seu filho, devido ao estilo de vida em que Matilde se encontrava, caracterizado por desleixo total à casa e ao filho, passado os dias com o grupo com o qual consumia drogas.

O medo de perder o filho, fê-la pedir ajuda, e iniciar um tratamento que terminou com sucesso. Matilde não voltou a consumir, e afirma que se algum dia lhe oferecessem, não aceitava *“...não! Não porque eu desta vez estava a perder tudo, estava a perder o meu filho, a casa, eu nunca me tinha visto numa situação dessas, e isso fez acordar a gente, e se calhar até foi bom para eu acordar. Eu estava a perder o meu filho, e não estava a ser boa mãe. Matilde, não deixou de se relacionar com pessoas que consomem, mas mantém a sua posição, não consumindo “... sim, continuo a ter contacto, eu não desprezo ninguém... tenho pena de alguns”*.

Nas histórias de vida de Alice, Samuel e Diogo verificamos que houve uma redução drástica nos consumos, mas continuaram a consumir pelo menos uma substância.

Alice, nunca sentiu dependência por nenhuma droga, e sempre se considerou uma pessoa muito consciente no consumo *“sempre tive um grande auto-controlo no consumo... apesar de consumir, sabia sempre quando devia parar. Eu consumia a conhecer os efeitos que cada droga tinha, por isso á partida também sabia os efeitos que cada uma acarretava. Mas o efeito é subjectivo, porque a mesma droga pode ter efeitos diferentes nas pessoas. Consumi durante três anos, e chegou a um ponto que decidi deixar todas as drogas, e consumir simplesmente haxixe, porque senti que estava numa altura em que ou parava, ou não sei como estaria hoje.*

Alice, conseguiu ter percepção da altura em que estava a ficar dependente de drogas, e aí sim decidiu parar. Em primeiro lugar porque o consumo de drogas só tinha um único fim, que era a diversão, a partir do momento em que se começou a sentir dependente, mas também a ter contacto real com o mundo da droga decidiu parar *“Eu vi o verdadeiro degredo da droga nos “after-hours”, porque as pessoas deixam de ser elas próprias, ficam com as percepções alteradas. E aí vemos o degredo.*

Por outro lado, Alice não queria que as drogas tivessem efeitos irreversíveis no seu corpo *“Sempre tive a preocupação de conservar o corpo, porque sempre tive medo de uma velhice demente. Sempre tive medo de um Alzheimer precoce, e então decidi parar com determinadas drogas.*

A única droga, com que Alice permaneceu foi o Haxixe. Consome haxixe diariamente porque gosta, mas também como forma de se manter ligada ao grupo com o qual se relaciona todos os dias *“Sim, continuo a consumir haxixe. Todos os dias consumo. Actualmente estou a estagiar, e sabe-me pela vida chegar a casa e fumar um “charrito”, porque me relaxa. Há quem tome chá, ou um vinho para relaxar, e a mim sabe-me bem um “charro. Muito esporadicamente consumo cocaína com o meu namorado, mas é muito raro... fazemos isso numa noite em que estejamos em casa.*

Alice, não se considera dependente de haxixe, mas confessa que se num determinado dia não tem, fica stressada *“Nunca senti que estava dependente... só quando estamos mais do que um dia sem ter haxixe é que se calhar começo a stressar um bocadinho, mas como arranjamos logo se seguida, nem sequer dá para stressar muito.*

Estamos perante uma história de vida, com consumo de haxixe há sete anos, em que a pessoa sente-se capaz de parar com o consumo, se o desejar. Mas será assim tão fácil?

Pudemos constatar que a falta de acesso à droga lhe causa alteração de humor, e formas de estar.

Não podemos afirmar que estamos perante um caso, que futuramente irá abandonar definitivamente os consumos, porque à data da entrevista, estava dependente de uma substância.

Samuel é um caso muito idêntico ao de Alice. Após ter assumido a sua posição de abandonar definitivamente todas as drogas, o haxixe foi o único que permaneceu *“hum... não posso dizer que esteja dependente, simplesmente me sabe bem fumar um charrito todos os dias... quer dizer, quem diz um, diz dois ou três”*.

Samuel vê o consumo de haxixe como algo social, e que o une ao seu grupo com o qual pratica rituais diários, que passam pela reunião na casa de um dos amigos. Os serões são passados a conversar, a jogar playstation, mas sempre a fumar haxixe. Todas as noites fumam toda a quantidade que têm, daí Samuel afirmar que tanto pode fumar um, dois, ou três, ou até quem sabe mais.

Não temos qualquer indicador, que nos permita aferir se Samuel vai conseguir desprender-se dos hábitos que o unem ao seu grupo de amigos, só podemos confirmar que à data da entrevista tinha níveis altos de consumo de haxixe.

Diogo, como já vimos noutros pontos desta análise começou a consumir por curiosidade, e por influência dos amigos. O consumo tornou-se mais variado, consumindo vários tipos de drogas, e os níveis tornavam-se cada vez mais elevados. Sempre consumiu em grupo, e a pior fase da história do seu consumo foi a altura em que começou a consumir sozinho *“Consumia em grupo. Quando comecei a consumir sozinho foi a fase pior na minha história de consumo de drogas, porque comecei a bater no fundo. Quando dei por mim estava em casa, e bastava ir para o computador jogar um jogo, que antes tinha que consumir droga, ou seja, tudo o que fazia tinha que ser sobre o efeito de drogas”*.

Diogo não andava a sentir-se bem com os efeitos do haxixe, em termos físicos, e uma noite de Natal decidiu deixar de consumir haxixe. Escolheu a noite de Natal para ser um marco histórico, que queria respeitar, para levar a sua decisão a sério.

Entretanto, algum tempo depois, um episódio na sua vida veio alterar por completo a sua visão do consumo de drogas. Teve oportunidade de ver o lado mau do mundo da droga,

episódio esse que o fez ficar relutante quanto ao consumo, levando-o a tomar a decisão de parar com o consumo: *“A primeira a deixar foi o Haxixe, foi num dia de Natal. O haxixe fazia-me muito mal em termos físicos. Depois as restantes drogas deixei devido a um episódio na minha vida. Em 2001 após os atentados do 11 de Setembro houve uma crise enorme na venda de drogas, nós tínhamos imensa dificuldade em arranjar quem nos vendesse droga. Um dia fui parar a uma cave com imensa gente, mas gente do pior: prostituta, dealers, malta da pesada mesmo, e eu pensei logo: “O que estou aqui a fazer”. Entretanto ficamos ali à espera que um elemento desse grupo viesse de Aveiro com o carregamento para distribuir por todos. Nesse entretanto, um senhor de 40/50 anos começa a rebolar no chão, a espumar... quando chegou a dose estavam umas 4 pessoas à volta dele a tentar espetar uma agulha, mas não conseguiam porque o homem já não tinha veias, estava tudo seco. Nesse dia vi o degredo que era a droga, e foi o dia em que meti na minha cabeça que não queria aquela vida para mim. Sim, porque esse é o 1º ponto decidirmos, metermos na cabeça que queremos deixar a droga. Nesse dia a droga perdeu o Glamour, e deixou de fazer sentido continuar... nesse dia vi o lado mau da droga. A partir desse dia, foram 9 meses em depressão a tentar deixar a droga... muito sofrimento, muita dor, mas consegui.*

Diogo passou nove meses, em que precisou de acompanhamento psicológico para suportar a fragilidade psicológica em que se encontrava.

Porém, continua a encontrar-se com o grupo de amigos com os quais consumia, e até à data da entrevista não tinha caído em tentação de voltar a consumir, e parecia muito convicto da decisão que tinha tomado.

O consumo de estupefacientes ficou para trás na sua vida, mas em contrapartida iniciou o consumo de outra substância, neste caso o álcool.

Como se encontra desempregado, todos os dias vai ao café, e bebe excessivamente. Confessa que o álcool lhe permite estar alterado, o que no fundo vem substituir o efeito que algumas drogas lhe davam: *“Hoje em dia só fumo tabaco de enrolar. Mas em compensação bebo muito álcool”*. Deste modo, apesar de não estar dependente de certas drogas que consumia, tornou-se dependente de álcool, sem sequer se aperceber que o álcool também é uma droga, também cria dependência, e tem efeitos nocivos para a saúde.

Infelizmente, à data da entrevista tivemos três casos que continuam a consumir drogas, esperando-lhes um longo caminho pela frente, no sentido do abandono dos consumos. Falamos das histórias de vida de Tomas, Francisco e José.

Tomás consumia diariamente dois a três pacotes de heroína, e fumava um maço e meio de tabaco. Mesmo estando a fazer um tratamento no CAT não tinha conseguido parar com os consumos.

Tomás é um caso, em que já teve várias fases na história do consumo de estupefacientes: consumia diariamente haxixe, cocaína, e heroína, mas a ida para a prisão, e o casamento (como já analisamos em pontos anteriores) fê-lo parar com os consumos. Os tratamentos levados a cabo, e a estabilidade emocional que vivia na altura foram factores preponderantes para parar de consumir.

Por motivos familiares e profissionais, mais propriamente o divórcio com a sua esposa, o desemprego prolongado, e o regresso de Espanha para Braga tiveram como consequência uma recaída drástica de Tomás, lançando-o novamente para o consumo de heroína e haxixe.

Considera-se completamente dependente de drogas, e não tem esperança, nem perspectivas futuras de deixar de consumir: *“É muito difícil, quem entra neste mundo dificilmente sai. Depois de ficarmos dependestes de droga é muito complicado deixá-la. Mas eu espero um dia conseguir, mas às vezes penso, para quê? Pelo menos quando consumo esqueço tudo o resto.. Nunca acordei a pensar que ia deixar a droga, mas eu sei que tive que deixar.*

O pior para mim é estar em Braga, porque eu tive 1 ano em Espanha, e não consumi, mas mal voltei a Braga comecei logo a consumir. Acho que neste momento não estou preparado para deixar as drogas.

À data da entrevista, Tomás encontrava-se numa fase de grande dependência de drogas, e sem motivação para alterar a situação em que se encontrava. Não conseguiu reagir aos contratempos que apareceram na sua vida, e mentalizou-se que desde sempre é uma pessoa sem sorte. Esta visão fatalista do futuro fá-lo ter uma atitude de apatia, e falta de vontade de mudar o rumo para o qual se encaminha a sua vida.

Na história de vida de Francisco, apercebemo-nos que ao longo do seu discurso teve afirmações bastante contraditórias com a sua forma de ser e de estar, no sentido de ter alguma dificuldade em assumir que estava com dificuldades em abandonar o consumo de estupefacientes.

Não foi possível apurar, se o facto de estar a ser entrevistado num espaço que pertence à *Bragahabit* o intimidou, e fez adulterar alguns dados, nomeadamente o facto que se encontra dependente de estupefacientes. Tentou sempre passar a ideia de que estava a fazer um tratamento, e que não consumia, mas ao longo do discurso foi soltando algumas expressões que vem contradizer as suas afirmações: “... *sim, de vez em quando bate a saudade, e uma pessoa perde-se um bocado... é assim, ao fim ao cabo estou dependente não é... quando bate a saudade, principalmente ao fim-de-semana... é uma batalha, que às vezes falha as forças, apesar que agora ando muito melhor física e psicologicamente*”.

Não conseguimos um cruzamento de informações com o CAT, onde Francisco se encontra a fazer um tratamento, pelo que não temos indicadores que nos permitam comprovar as dúvidas com que ficamos ao longo da entrevista. Francisco esta física e psicologicamente frágil, sem forças para falar, sem um discurso coerente, o que nos leva a deduzir uma de duas hipóteses: ou está com consumos elevados de estupefacientes, ou está numa fase do tratamento que o deixa frágil. Infelizmente Francisco não quis falar sobre o assunto, o que nos deixou sem resposta a algumas questões. Sabemos porém, que Francisco ainda não se consciencializou que tem que abandonar definitivamente o consumo de drogas, esperamos que o tratamento que está a desenvolver no CAT tenha um final com sucesso.

José é, o caso mais misterioso da nossa amostra. Tivemos sérias dificuldades em obter informações em várias questões do guião, porque reservava-se ao silêncio. O motivo, que invocava para não falar é que para explicar certas situações tinha que falar em nomes, e isso jamais o faria. Esta atitude de mistério e ocultação de factos foi predominante em toda a entrevista, o que a tornou bastante pobre em termos de informação acerca da relação de José com a droga.

Sabemos que consumiu haxixe, heroína, cocaína e erva, e que esteve dependente principalmente de haxixe. Contudo, não conseguimos apurar se passou por algum tratamento, que o ajudasse a abandonar o consumo de estupefacientes.

À data da entrevista, o que sabíamos é que José consumia haxixe e álcool, estando dependente das duas substâncias. Os seus dias são passados a vaguear pelas ruas de Braga, juntamente com um grupo de amigos que têm o mesmo estilo de vida. Criaram um hábito de todos os dias irem buscar o almoço, e vinho a um supermercado, e passam o dia a beber. À noite José dirige-se para a sua casa, onde reside sozinho, e automaticamente vai-se deitar dado o estado de alcoolemia em que se costuma encontrar. Confessou-nos que não tem televisão, nem frigorífico, porque a casa para ele só tem uma utilidade que é dormir. Como a solidão lhe causa sofrimento, prefere ir para casa bêbado, e deitar-se a dormir para nem se aperceber da realidade na qual vive.

Arriscamos dizer que estamos perante um caso de insucesso, porque muito dificilmente José vai conseguir sair da situação em que se encontra, a não ser que permita que o deixem ajudar. Contudo, como vive num sentimento de desconfiança por tudo e todos, não quer ser ajudado.

6.9 Considerações Finais

Com este estudo tivemos a ambição de analisar em nove histórias de vida, a carreira do toxicodependente, e para isso propusemo-nos avaliar o contexto multifactorial em que se desenvolveu a sua vida, o contexto de socialização desde a infância até à idade adulta: tipo de famílias, a relação existente entre o agregado familiar, assim como aspectos relacionados com a infância; o percurso escolar, em que avaliamos os acontecimentos durante o tempo em que os entrevistados estudaram, para percebermos se a escola funcionou ou não como segundo agente de socialização, mas também se houve algum acontecimento (s) que influenciou o próprio processo de socialização.

Com o grupo de pares, quisemos perceber se esta variável teve influência na formação, e decisões tomadas pelos entrevistados.

Na alínea reservada ao percurso profissional, nos casos em que houve relação trabalho-droga, quisemos analisar como conciliaram os consumos com a prática de alguma actividade.

O objectivo principal foi perceber, em que momento das suas vidas se despoletou a oportunidade de experimentar drogas, e porquê? Quais os factores que estiveram por detrás dessas decisões?

Quisemos também analisar o percurso da carreira como toxicodependente, verificando que tipos de drogas consumiram, em que fases das suas vidas aumentaram os consumos, e as consequências que os consumos tiveram nas suas inter-relações com a família, o grupo de pares, com eles mesmos e a sociedade. Propusemo-nos também identificar o factor, ou factores que condicionaram a decisão de pedir ajuda para abandonar os consumos.

Pudemos apurar que, em quase todas as histórias de vida os entrevistados tinham boas relações com as suas famílias, contudo, detectamos falhas a nível familiar que se prendem com dificuldade por parte dos pais no estabelecimento de normas, e regras de conduta para os seus filhos, muito em parte consequência da ausência por motivos profissionais; dificuldades de comunicação, consequência das diferenças existentes entre as formas de pensar e sentir dos pais e dos filhos; dificuldade em transmitir sentimentos, criando fortes carências afectivas por parte dos entrevistados.

O consumo de drogas é hoje em dia um flagelo que afecta milhões de jovens em todo o mundo, e constitui uma ameaça para todas as famílias. Deste modo, é no seio da família que tal acção se revela decisiva. Há por isso, comportamentos a adoptar, e outros a evitar no relacionamento quotidiano dos pais com os filhos, no sentido de lhes assegurar uma formação sólida e influenciar positivamente as suas opções afastando-os das drogas.

O início do consumo de estupefacientes, aconteceu por diferentes motivos, tendo cada história de vida os seus acontecimentos peculiares. As motivações apresentadas prendem-se com factores familiares, principalmente relacionados com a família de origem; factores relacionados com o grupo de pares; factores relacionados com vivências escolares; factores de ordem pessoal, relacionados com o culto à música, e a busca de um prazer e felicidade supremos.

Todos os entrevistados foram policonsumidores de drogas, e dependentes de algumas delas. A idade início do consumo de drogas variou entre os 12 e 20 anos.

A carreira de consumidor de drogas, em cinco das histórias de vida (Matilde, José, Francisco, Tomás, Diogo), ocupou mais de metade das suas vidas, sendo que em dois casos (José e Francisco) os consumos ainda fazem parte das suas vidas.

As motivações apresentadas pelos entrevistados para tentarem um, ou mais tratamentos estiveram relacionadas com factores tais como: motivações individuais; medo de um envelhecimento precoce; pressões familiares; contacto com situações degradantes associadas ao mundo da droga; o não sentir-se bem física e psicologicamente a consumir; Medo de ficar mais dependente;

Quando lhes foi perguntado, se pudessem voltar atrás, o que mudariam nas suas vidas, as respostas foram quase unânimes: André *“Nunca me tinha metido na droga. Alias, eu não me arrependo do que fiz, eu arrependo-me do que não fiz, porque à conta da droga deixei de fazer tanta coisa na minha vida”*; Matilde: *“A droga é uma merda!”*; Zé Maria: *“não tinha reprovado tantas vezes. À conta de não ir às aulas para consumir, reprovei três anos no 12º ano... hoje em dia já podia estar a trabalhar, e ainda estou a estudar”*; Diogo: *“nada, ou melhor, se calhar não tinha consumido certo tipo de drogas. De resto, acho que o facto de ter consumido droga me fez amadurecer, tornou-me uma pessoa mais tolerante, mais compreensiva”*; Samuel: *“Nunca teria começado a consumir”*; Alice: *“Não teria reprovado tantos anos, porque hoje já podia estar a trabalhar, e ainda estou a estagiar”*. José: *“Nunca tinha começado a consumir”*; Francisco: *“Tudo! Nunca tinha sequer experimentado”*; Tomás: *“Nunca na minha vida tinha experimentado drogas, porque arruinei a minha vida toda”*.

Assim, se pudessem voltar atrás, oito dos entrevistados não teriam sequer experimentado drogas, porque os consumos, em alguns casos arruinaram as suas vidas a todos os níveis, e noutros casos adiaram a concretização de projectos pessoais, e profissionais. A excepção é a história de vida de Diogo, que afirma que o consumo de drogas o fez amadurecer, tornando-o uma pessoa mais compreensiva.

Na maior parte das suas histórias de vida, verificamos que todos os sujeitos se arrependeram de ter tido contacto com drogas, porque a droga ao invés de resolver os problemas, só os aumenta.

Na sociedade actual, damos conta de um aumento do consumo de drogas, o que é contraproducente com o aumento das políticas implementadas, em termos de prevenção primária. Há uma forte preocupação em reduzir drasticamente os casos de toxicodependência, e evitar que mais casos se propaguem, mas alguma coisa está a falhar. Deixamos as sugestões apresentadas pelos nossos entrevistados, do que deveria ser feito para as pessoas não iniciarem o consumo de drogas, assim como os conselhos que daria a alguém que tivesse a

iniciar o consumo: Tomás “Sim, acho que há pouca informação... mostraria a verdadeira realidade da droga, porque com publicidade e avisos, as pessoas não têm consciência de como realmente é, e ao verem é totalmente diferente”; Francisco “eu acho que já não vale a pena haver informação... já cheguei à conclusão que não vale a pena fazer nada”; Matilde “antes não havia informação nenhuma, não havia tanta informação como agora... diria que parasse, isto é horrível. Às vezes dá-me peninha ver pessoas tão novas a começar, mas não adianta dizer nada, tem que vir de nós, parte da nossa cabeça”; Samuel “hoje em dia toda a gente tem informação acerca dos efeitos das drogas... não há nada a fazer, é muito fácil hoje em dia ter acesso às drogas, a partir daí não há nada a fazer... diria para irem a alguns sítios onde realmente se consome droga, para verem o verdadeiro degredo da droga; Diogo “não, hoje em dia toda a gente fuma, e não me digam que não há informação porque há... depende da mentalidade de cada um... obviamente que diria para as pessoas não consumirem, mas isso não ia adiantar muito, porque se a pessoa tiver essa vontade vai fazê-lo”; Zé Maria “hoje em dia toda a gente tem conhecimento dos efeitos das drogas... não fazia nada, as pessoas vão sempre consumir... é complicado impedir alguém que consuma, porque só cada um se pode impedir a si mesmo, mas mostrava-lhe alguns sítios, podia ser que mudasse de ideias”; André “eu tinha toda a informação, então porque me meti? Eu corria com os toxicodependentes da minha rua, e depois fui eu corrido, como se explica isso? A solução é acabar com a droga!”.

Contudo, como comprovam estudos realizados (Matos et al., 1994; Green e Keuteur, 1991, citados por Matos et al., 1998) existe uma discrepância entre “informação” e “adoção de comportamento” fazendo sentido adoptar medidas promocionais que ajudem os jovens a transformar os seus conhecimentos em práticas de saúde. Para tal, propõem-se programas de promoção de competências pessoais e sociais que capacitem o jovem a identificar e resolver problemas, gerir conflitos interpessoais, optimizar a sua comunicação interpessoal, defender os seus direitos, resistir à pressão de pares, etc., e com estas aprendizagens optimizar a sua capacidade de escolher um estilo de vida saudável e de o manter; sendo estas acções desenvolvidas continuamente e devendo, em meu entender, estar incluídas no próprio currículo escolar.

A prevenção é “uma terapia de todos os dias” (Melo, 2002), que envolve todos, e que deve tentar intervir sobre o todo, de forma a operar a mudança, porque devemos tentar o impossível, para obter o melhor possível.

Segundo Torres e Ribeiro (2001), a prevenção do abuso de drogas registou, nas duas últimas décadas avanços assinaláveis. É hoje possível identificar um conjunto de programas de prevenção na área das drogas, cuja eficácia está bem estabelecida. Segundo os autores, e ineficácia da prevenção, expressa na incapacidade de sustentar o aumento do número de consumidores e de toxicodependentes, esteja relacionada com o facto de a maioria dos programas não integrar os mais recentes resultados da investigação.

Superar o hiato entre a investigação e a prática poderá representar um dos mais importantes desafios para a prevenção do abuso de drogas no dealbar deste milénio.

Conclusão

O problema da toxicodependência é um problema social mas também cultural. Esta problemática afecta todas as camadas da população, independentemente do estatuto económico/social, do género, e da idade, sendo que é no período que percorre a adolescência e juventude, que as motivações para o início dos consumos são mais frequentes.

Ficar toxicodependente, não é o objectivo do consumidor, mas pode ser uma consequência. Será que quando afirmamos que temos conhecimento acerca dos efeitos das drogas, de facto temos? Os testemunhos dos entrevistados demonstram que o contacto com drogas foi para “experimentar”, por “curiosidade”, “porque toda a gente consumia”, “para ver os efeitos”. Contudo, tal como constatamos pela nossa análise, verificam-se fortes níveis de dependência face às drogas experimentadas. Quando a pessoa experimenta não assimila que as drogas contêm substâncias que rapidamente criam dependência, quer física, quer psicológica, e é nesse sentido que qualquer um pode entrar nas masmorras do mundo da droga.

Verificou-se que é durante a adolescência, e juventude que os consumos se iniciaram, numa fase importante da vida dos indivíduos, dado que estão num processo de formação da identidade (s), e por isso mais vulneráveis à pressão da sociedade, e mais concretamente dos seus pares.

Os adolescentes, geralmente iniciam o consumo de drogas mais leves, características da fase da experimentação. O haxixe foi referido como a droga de iniciação, verificando-se uma escalada para as drogas mais duras. Assim, a utilização das drogas pelos jovens tem uma característica específica, que se prende com o consumo de várias drogas concomitantemente, ou em momentos diferentes, sempre numa escalada pelas drogas cada vez mais duras.

A iniciação do uso de drogas ocorreu, na maioria das histórias de vida por influência do grupo de pares, num contexto de sociabilidade externa à família.

Os grupos de pares, são no nosso entender muito importantes na vida dos adolescentes, sendo muitas vezes a opinião de um amigo mais influente do que dos pais, ou mesmo dos professores.

Os grupos de pares, com as suas regras e hierarquias, e com um valor de iniciação e possibilidade de independência, criam pontos de referência, e uma vertente socializante para o adolescente. Na adolescência, o jovem procura no exterior da família respostas às suas necessidades de afirmação, de diferenciação, e de identificação, assim, os grupos de pares funcionam como formas de referência para os adolescentes.

Deste modo, o grupo de pares tem uma grande preponderância no processo de socialização dos indivíduos, porque no seio do grupo, aprende a criar relações com pessoas exteriores à família, a sentir-se mais independente, a compreender-se a si mesmo e aos outros. Aprende a conhecer a sua intimidade, e a explorar o corpo, e é nesta fase que tem as primeiras relações amorosas. A adolescência é uma fase, em que o grupo de pares começa a ter importância muito grande a ponto de influenciar a forma de vestir, falar, agir e pensar dos adolescentes.

É com o grupo de pares, que os jovens têm coragem, e se sentem à vontade para terem experiências novas, porque apesar de estarem a transgredir, estão a fazê-lo em grupo, e isso acalenta-os, e dá-lhes um sentimento de protecção. Contudo, o consumo de drogas pode iniciar como forma de o indivíduo se incorporar em determinado grupo (s), do qual quer fazer parte.

As motivações para o início do consumo foram diferentes, dada a diversidade nas histórias de vida que constituem a amostra, mas, verificou-se que todos os entrevistados tiveram a sua primeira experiência com drogas no seio de um grupo (s) de pares. Contudo a escalada nos consumos, em alguns casos deveu-se a problemas de índole familiar, noutros porém foi por curiosidade de experimentar uma droga nova, mas também porque os restantes membros do grupo já a tinham experimentado, e falaram acerca dos seus efeitos, ou então também iriam experimentar. Porém, sempre que precisaram de ajuda para abandonar os consumos, em todos os casos recorreram a familiares.

Este aspecto revela que, apesar de durante o período em que o consumo está presente, os indivíduos se afastam da família, a verdade é que quando precisam de ajuda é a ela que vão recorrer. Podemos concluir que embora estejamos numa sociedade (s), em que as relações familiares foram alteradas, a verdade é que há uma forte ligação dos indivíduos aos laços familiares, e em altura de aflição é à família que recorrem.

Verificamos, que em dois casos da amostra, onde os indivíduos não têm pais e os laços com a restante família são fracos, a motivação para abandonar o consumo de drogas é muito baixo. Trata-se de pessoas sem uma estrutura familiar sólida, levando a que se sintam à deriva, e sem rumo. A droga, neste caso é vista como um refúgio, por isso não têm motivos para a abandonar.

Ao longo da presente investigação, apuramos que, o consumo de drogas já não tem as mesmas justificações de outrora. Na sociedade actual, o consumo está fortemente associado à diversão, à busca da adrenalina e da felicidade extrema.

O fenómeno da música, manifestado através de concertos, de festivais, de *raves*, ou simplesmente da cultura do *dj* em discotecas criou um novo conceito à volta do consumo de drogas. Quando se fala de droga, já não podemos imaginar o protótipo de toxicodependente que a sociedade rotulou, porque cada vez mais, os toxicodependentes são estudantes, quer do ensino secundário, quer do ensino superior, indivíduos com capital escolar que, por factores sociais, e culturais consomem drogas.

Constatamos que os entrevistados que frequentavam o ensino superior, têm um consumo mais variado de estupefacientes, do que os que têm baixos níveis de escolaridade. Essa variedade está associada à necessidade de ter novas experiências, da busca constante do prazer absoluto, e da felicidade suprema. Durante o percurso escolar, os entrevistados criaram rituais de consumo com os grupos de pares, onde as ideologias, as formas de ser e pensar são as mesmas, e o facto de consumirem estupefacientes, desenvolve um sentimento ilusório de felicidade e pertença.

Apesar de se relacionarem com outras pessoas socialmente, assim como com a família, é no seio do grupo de pares que estes indivíduos se identificam, e reproduzem as suas práticas.

Um factor novo prende-se com os locais de consumo. Enquanto uma pequena percentagem da amostra consome na rua, em casas abandonadas, ou no próprio local onde vão comprar, uma percentagem da amostra consome em casa. Criam-se hábitos, onde diariamente os membros do grupo se encontram para conversar, socializar, mas também consumir droga.

Deste modo, estamos perante um novo fenómeno dos consumos de droga, em que os indivíduos todos os dias se reúnem, mas ao invés de ser no café, é em casa de um dos

elementos do grupo, onde para além de conversar, estar na Internet, realizar trabalhos de grupo, ou estudar para exames, no caso dos estudantes, também consomem droga.

Esta percentagem de consumidores, não se sente dependente de drogas, simplesmente as usa como forma de relaxe, de bem-estar, e de união ao grupo (s) de pares.

Os elementos da amostra, consideram que há informação suficiente sobre os efeitos das drogas, mas o facto é que todos eles caíram em “tentação”. Os motivos pelos quais o fizeram já foram aqui evidenciados, a questão que se coloca é o que fazer para acabar com os consumos de droga? Há quem considere que uma sociedade sem drogas é uma utopia, assim sendo, a aposta passará por uma diminuição do número de consumidores.

Deixamos algumas considerações acerca do que consideramos ser o ponto fulcral para essa mudança: a reestruturação de uma das instituições pilares da formação do ser humano, a família.

As mudanças que as sociedades sofreram nas últimas décadas, desencadearam alterações profundas no modelo de família, que se começou a modificar aos poucos: o pai e a mãe trabalham fora de casa para sustentar a família, e não têm tempo nem disposição para dar atenção aos seus filhos. Está criado um cenário de abandono da criança dentro do próprio lar. O escape para os filhos é a cada vez mais a Internet dentro de casa, e o (s) grupo (s) de pares no exterior. Toda criança e adolescente precisa de atenção, informação, referências e modelos de adulto para seguir, se ele só vê os seus pais stressados no ritmo alucinante do dia-a-dia, e na maioria das vezes nem os vê, vai buscar o exemplo a seguir nas ruas e/ou internet, ou na maior parte das vezes no grupo (s) de pares.

Uma vez que não tem atenção em casa, e os amigos lhe prestam mais atenção que a própria família, ele vai adoptá-los como família. Se porventura esses amigos forem consumidores de drogas, a probabilidade de se tornar também consumidor aumenta. É neste sentido que informação só não basta, não adianta só falar nas escolas sobre drogas, porque hoje ninguém pode dizer que entrou nas drogas por falta de informação. Quem entra para o mundo das drogas, entra consciente do que está a fazer. Tem que haver um acompanhamento familiar diário do jovem, ele tem que se sentir amado, querido, protegido, importante para sua família.

Temos consciência que este trabalho de reestruturação não depende simplesmente dos pais, mas sim da sociedade no seu todo, na medida em que deverá ser desenvolvida uma reestruturação das normas, dos valores, da cultura, de modo a que sejam criadas as condições necessárias para se iniciar o processo de mudança.

Assim, estarão afinadas todas as peças para que a máquina comece a funcionar. Os indivíduos não terão necessidade de consumir drogas, pois terão uma vida salutar, que jamais desejaram destruir.

Bibliografia

- AGRA, C. (1993), *Dizer a Droga, ouvir as Drogas*, Porto, edições Radicário.
- AGRA, C. (1998), *Entre a Droga e o Crime. Actores, Espaços, Trajectórias*, Lisboa, Editorial Notícias.
- BARDIN, L. (2007), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- BAUMAN, Z. (1999), *Globalização: As consequências Humanas*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BAUMAN, Z. (2001), *A Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BECKER, H. (1973), *Outsiders: studies in the sociology of deviance*, Paris, A.M. Métailié.
- BERGERET, J. (1990), *Les Toxicomanes parmi les autres*, Paris, Ed Odile Jacob.
- CAMPOS, A. (2000), *As drogas. Agora e Porquê*, Revista “Toxicodependência”, Edição SPTT, vol. 6 n.º 1, pp. 81-83.
- CARRILHO, L. (1995), *Meia Laranja*, Porto, Edições Afrontamento.
- CASTELLS, M. (2003), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. O poder da Identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- DIAS, F. (2001), *Padrões de Comunicação na família do Toxicodependente*, Lisboa, Edições Piaget.
- DIAS, F. (2002), *Sociologia da Toxicodependência*, Lisboa, Edições Piaget.
- DUBAR, C. (1997), *A Socialização. Construções das Identidades sociais e Profissionais*, Porto, Porto Editora.
- DUBAR, C. (2006), *A crise das Identidades. A Interpretação de uma Mutação*, Porto, Edições Afrontamento.
- DURKHEIM, E. (1977), *les règles de la méthode sociologique*, Paris, Puf.
- DURKHEIM, E. (1978), *de la division du travail social*, Paris, Puf.
- ERIKSON, E. (1976), *Identidade, Juventude, e crise*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- ESCÁMEZ, J. (1990), *Drogas Y escuela. Una propuesta para la prevencion*, Madrid, Jacaryan SA.
- ESTEVES, A. AZEVEDO, J. (1996), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto
- FERNANDES, L. (2002), *Sítio das Drogas*, Lisboa, Editorial Notícias.
- FLEMING, M. (1995), *Família e Toxicodependência*, Porto, Edições Afrontamento.
- GIDDENS, A. (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, A. (1996), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, A. (1997), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOFFMAN, E. (1975), *Stigmat*, Paris, Minut.
- LAKOS, E. (1987), *Sociologia Geral*, S. Paulo, Atlas.
- LIPOVETSKI, G. (1983), *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio D'água.
- MACFARLANE, A. MACFARLANE, M. ROBSON, P. (1996), *Os Adolescentes e a Droga. Factos e Protagonistas*, Lisboa, Quatro Margens Editoras.
- MARX, K. (1974): *O capital. Crítica da Economia Política*, Rio de Janeiro, Editora Civilização

- Brasileira, Sa.
- MELO, R. (2002), *Os quês e os porquês da prevenção primária da Toxicodependência*, Volume 8, n.º2.
- MERTON, R. (1965), *Éléments de théorie et de méthode sociologique*, Paris, Plon.
- MOREN, A.(2001), *Prevenção das toxicomanias*, Lisboa, Climepsi Editores.
- MUISENER, P. (1994), *Understanding and treating adolescent substance abuse*, Londres, Sage.
- PARSONS, T. (1973), *Le système des sociétés modernes*, Paris, Dunod
- PARKINS, W. and PARKINS, N. (1990), *Os nossos filhos livres da droga*, Lisboa, difusão cultural, Sociedade editorial e livreira, lda.
- PATRÍCIO, L. (1995), *Drogas de Vida, Vida de Drogas*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- PINTO, M. (1991), *Sobre a produção social da Identidade*, Revista Crítica de Ciências Sociais, n.º 32 Faculdade de Economia Universidade do Porto.
- POIRIER, J. (1999), *Histórias de Vida*, Oeiras, Celta Editora.
- QUIVY, R. (1998), *Manual de Investigação em Ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- SAUCHES, A. (e tal), (1982), *Drogas e Drogados: o indivíduo e a família, a sociedade*, S. Paulo, EPU
- SENNETT, R. (2001), *A Corrosão do Carácter. As Consequências pessoais do trabalho no novo Capitalismo*, Lisboa, Terramar.
- SIMMEL, G. (1979), *Digressions sur l'étranger*, Paris, 1ª ed. Champ Urbain.
- SINGLY, F. (2001), *Livres Juntos. O individualismo na vida comum*, Lisboa, Dom Quixote.
- SOMMER, M. (2004), *Carreiras de saída da Toxicodependência. Alcoolismo e Toxicomanias Modernas*, Lisboa, Edição do SPTT.
- TAP, P. (1996), *A Sociedade Pigmalião. Integração Social e Realização da Pessoa*, Lisboa, Edições Piaget.
- TORRES, N. (2001), *A pedra e o charco. Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*, Almada, Edição Iman.
- VALENTIM, A. (1997), *Representações Sociais da Droga e da Toxicodependência – um estudo Empírico na Península de Setúbal, junto de párocos e Médicos*.
- VIEIRA, C. (2001), *Repetição, Compulsão à repetição e recaídas*, toxicodependências, vol. 8, N.º 1 pp. 65-78.
- WEBER, M. (1964), *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, Plon, Paris.
- WIRTH, L. (1928), *The Ghetto*, Chicago, University of Chicago Press.
- XIBERRAS, M. (1993), *As Teorias da Exclusão. Para uma construção do Imaginário do Desvio*, Lisboa, Edições Piaget.
- XIBERRAS, M. (1996), *Sociedade Intoxicada*, Lisboa, Edições Piaget.

Anexos

Anexo I: Drogas: Descrição e Efeitos.

Ao analisarmos os seus usos, bem como os usuários, não podemos ter um padrão único. As drogas Lícitas são aquelas legalmente produzidas e comercializadas (álcool, tabaco, tranquilizantes, inalantes, solventes), sendo que a comercialização de alguns medicamentos é controlada, pois há risco de causar dependência física / psíquica. Por seu turno, ilícitas são aquelas cuja comercialização é proibida por provocar altíssimo risco de causar dependência física e/ou psíquica (cannabis, heroína, cocaína, ecstasy, etc.).

As drogas podem ainda ser caracterizadas pelos seus efeitos no Sistema Nervoso Central, em três categorias: *estimulantes*, *depressoras* e *perturbadoras*.

As drogas *estimulantes* são aquelas em que a pessoa fica alerta, atenta, dando aos consumidores a sensação de serem mais fortes, dinâmicos ou potentes, de renderem mais no trabalho, de tornarem-se mais corajosos, aumentando a actividade cerebral, agindo como estimulante do SNC, causando alterações no funcionamento do organismo tais como: aumento dos batimentos cardíacos, respiração, pressão sanguínea, temperatura corporal, perda do apetite e do sono. Este grupo de substâncias é também chamado de psicoanalépticos, noanalépticos, timolépticos.

As substâncias que compõem o grupo de estimulantes do SNC são: a cafeína, as anfetaminas, nicotina e a cocaína.

Por *depressoras* entendem-se aquelas substâncias que deprimem a actividade geral do cérebro, causam um certo relaxamento, em que a pessoa se sente mais à vontade, mais calma. Este grupo de substâncias é também chamado de psicolépticos.

As substâncias que compõem o grupo de depressores do SNC são: o álcool, os inalantes/solventes, opiáceos e os barbitúricos.

Estas drogas, quando utilizadas, dão prazer, visto que afastam as sensações desagradáveis, reduzem a insónia, a ansiedade e a depressão.

Com o uso crónico prolongado causam efeitos físicos e/ou psíquicos: a fala fica arrastada, o pensamento e a memória prejudicados, podem ocorrer irritabilidades, alterações rápidas de humor, no indivíduo, passando do riso ao choro de um momento para o outro, e com doses altas levam a convulsões, depressão respiratória e do cérebro, podendo até causar a morte.

As *perturbadoras* são as substâncias que produzem distorções, desvios ou anormalidades na actividade cerebral (funcionamento do SNC), também chamadas psicodislépticas. Com elas o cérebro funciona desordenadamente, "perturbando" a transmissão de mensagens nervosas até a consciência. As distorções de formas e cores são tidas em certas épocas como meio de entrar em contacto com o sobrenatural. Porém, as alucinações correspondem a sintomas semelhantes a problemas mentais.

As substâncias que compõem o grupo de perturbadores do SNC são: o LSD, as metanfetaminas, os cogumelos e o ecstasy.

Segundo o Programa Europeu de Formação Profissional "SociDroga", de 2000, a classificação das drogas encontra-se assim, esquematizada:

- **Cannabinóides:** marijuana, haxixe, e óleo de haxixe.
- **Opiáceos:** ópio, morfina, heroína.
- **Alucinogéneos:** mescalina e LSD.
- **Psicofármacos:** barbitúricos, anfetaminas e benzodiazepinas.
- **Drogas de síntese:** ecstasy.
- **Derivados da folha de coca:** cloridrato de cocaína e crack.
- **Álcool.**
- **Tabaco.**
- **Xantinas:** cafeína.

Saliento que todas as sintomatologias a ser referidas para cada substância são muito subjectivas e generalistas, uma vez que elas dependem muito da quantidade de substância ingerida, das características de defesa e resistência do organismo de cada indivíduo, da qualidade do produto e das vias de administração. É errado afirmar-se que uma droga produz o seu efeito, e apenas esse, dado que todas as drogas têm múltiplos efeitos que variam segundo a dose, segundo os indivíduos e o momento. Os indivíduos são complexos e variáveis, logo os efeitos da droga devem ser necessariamente complexos e variáveis.

Tabaco: é uma droga lícita composta maioritariamente por nicotina, originário da América, sendo consumida, por norma, fumada em cigarros. É uma substância de efeito estimulante que produz intensa dependência física e psicológica, além de graves doenças como bronquite crónica, enfisema pulmonar e diversos tipos de cancro. Tem um forte efeito sedativo, reduzindo momentaneamente a ansiedade.

A dependência física e psíquica é de difícil controlo, por se tratar de droga "socialmente aceite" e por vezes até incentivada, permitindo, principalmente, na adolescência uma forma de integração grupal. Há ainda a salientar que esta droga tem fortes tradições

enraizadas na nossa cultura, fazendo com que o seu consumo não seja criminalizado nem interpretado como negativo.

Cannabinóides: (erva, liamba, maconha e haxixe) têm origem asiática da planta do cânhamo (*cannabis sativa*) e é habitualmente fumada. De entre os seus derivados, destacamos a erva ou marijuana e o haxixe. A primeira é uma mistura de folhas, sementes, depois de secas, enquanto o haxixe é uma pasta de resina obtida a partir das folhas e flores.

O tetrahydrocannabinol (THC) é o princípio relevante na cannabis que varia a sua concentração consoante o local a forma de cultura da planta.

Fisicamente, originam uma sensação de expansão, podendo levar a conjuntivite crónica, relativa impotência sexual, insónia, taquicardia, sede, náuseas e boca seca.

Psiquicamente, o seu consumo causa sonolência, alterações na percepção, alucinações, dificuldades para concentração, compulsão, síndrome motivacional, prejuízos de memória e atenção, sensação de euforia e ansiedade.

Os efeitos de dependência, que o seu consumo pode originar prendem-se com uma forte dependência psicológica e uma nula dependência física.

Anfetaminas (anfes ou speeds): são drogas sintéticas, fabricadas em laboratório, que no uso terapêutico, foram e ainda são utilizadas no tratamento da narcolepsia (sono insuperável), síndromas depressivos e parkinsonismo. São muito usadas para emagrecer (pois são moderadores do apetite), também para manter as pessoas acordadas por longos períodos, com efeitos muito semelhantes aos da cocaína e para neutralizar os efeitos da fadiga e do aborrecimento. As vias de absorção são: a via oral e a intravenosa (a partir de comprimidos esmagados ou derretidos).

Dos seus efeitos físicos, salientamos a apatia, nervosismo, insónia, agressividade, aumento da pressão sanguínea, reflexos rápidos, aumento da vigilância, secura das mucosas, midríase, taquicardia e a perda de apetite.

Os psíquicos podem ir da excitabilidade, alucinações, delírios (psicose anfetamínica), sensação de força, ideias de perseguição, alteração de humor, chegando até a mudanças de personalidade.

Em termos de dependência, o consumo destas substâncias origina uma grande dependência psicológica e uma nula dependência física.

Salienta-se ainda que se as anfetaminas forem injectadas os seus efeitos são potenciados em relação ao que descrevemos, podendo o estado de “high” durar de 3 a 6 dias.

Alucinógeneos (ácidos, LSD, mescalina) reúnem um vasto conjunto de substâncias que podem ser de origem vegetal, como a mescalina e os cogumelos venenosos; ou

sintéticos, de onde se salienta o LSD (ou diétilamina do ácido lisérgico), abreviatura de Lyserf Säuse Diethylamid. Mas todos têm em comum desorganizarem o funcionamento cerebral, uma modificação variável das percepções. Refira-se que estas não têm e nunca possuíram, qualquer uso médico.

A sua forma de administração é por via oral.

Fisicamente, originam midríase acentuada (aumento da pupila), taquicardia, tremores, dores pelo corpo. Em caso de overdose, a morte ocorre por paragem respiratória.

Psiquicamente, a sua utilização desencadeia no indivíduo fenómenos que geralmente estão associados às psicoses, como perturbações preceptivas, ilusões, delírios, capacidade de associação mais rápida que o habitual. São comuns suicídios involuntários (o indivíduo pensa que pode voar).

O seu uso provoca uma baixa dependência psicológica e uma nula dependência física.

Heroína (“castanha”) é um alcalóide do ópio (*Papaver somniferum*) e consome-se, na generalidade dos casos, injectando por via subcutânea/intravenosa. É sintetizada a partir da morfina (descoberta em 1817), tendo sido inicialmente considerada uma terapêutica para o tratamento da morfinomania.

A heroína pura apresenta-se sob a forma de um pó branco muito fino. Por vezes, a que é utilizada pelos toxicodependentes apresenta o aspecto de um granulado acastanhado, devendo-se este facto a impurezas resultantes do processo de fabricação ou aditivos tais como açúcar, amido, leite em pó, quinino, etc. O grau de pureza varia e a adulteração prende-se com os factores de potencialização dos lucros dos traficantes.

A heroína, em doses moderadas, produz uma série de efeitos físicos, para além da analgesia, razão para o qual foi criada. Diminui as actividades do sistema nervoso, incluindo funções reflexas como a tosse, a respiração e o ritmo cardíaco. Dilata os vasos sanguíneos, diminui a capacidade de memorização, diminui as actividades intestinais provocando prisão de ventre. Em estado de carência, verifica-se um mal-estar, suores, tremuras...

Psiquicamente, provoca uma sensação de bem-estar. A introdução repentina de heroína no organismo pode provocar um fenómeno conhecido por “*Flash*”, que engloba uma reacção intensa de prazer, calor, euforia, apagamento da angústia, incapacidade de concentração. Juntamente com estas reacções, ou em vez delas, a primeira utilização provoca muitas vezes respostas paradoxais constituídas por náuseas e vômitos, concomitantes com ansiedade e atordoamento. De início, pode também ocorrer uma estimulação da vigília e um comportamento eufórico.

Os indivíduos que consomem esta substância são afectados por uma grande dependência psicológica e física.

Cocaína (“branca”) falamos de uma substância extraída das folhas da Planta da Coca (*Erythroxilon coca*) que se apresenta como um pó branco cristalino, a “neve”.

A sua utilização originária era feita sob a forma mastigadora, mas actualmente, aparece no mercado ilícito e utiliza-se sob a forma injectada; inalada, “snifa-se” por via oral; e fumada (crack). É uma substância que entra no corpo directamente através dos pulmões, desequilibrando a química cerebral mais rapidamente, perturbando o equilíbrio hormonal do cérebro.

É uma droga altamente estimulante (por isso, se designa no “meio” da droga por *gulosa*), estando, por isso, o seu consumo muitas vezes associado ao dos depressores como a heroína (“speed-ball”).

Em termos físicos tem uma acção directa sobre o coração, provoca insónia, inapetência, dilatação de pupilas, emagrecimento, fortes dores de cabeça, hipertensão arterial, taquicardia, chegando à convulsão. Psiquicamente, é altamente estimulante, originando fala intensa, ideias paranóicas, delírios persecutórios intensos, perturbações da memória, alucinações e agressividade. Em termos de dependência, o seu consumo origina uma forte dependência psicológica e uma grande dependência física, quando injectada.

Extasy (metanfetamina): é uma droga relativamente nova e, diferente de drogas como a cocaína e o haxixe.

O seu consumo é efectuado, como referimos, por via oral.

A substância que define o ecstasy é o MDMA, sigla que significa metilenodioxidometanfetamina. Apesar de ser derivado da anfetamina, o composto MDMA tem uma parte da sua molécula semelhante à de um alucinogéneo. O MDMA não chega a produzir as alucinações do LSD nem a excitação de substâncias estimulantes como a cocaína. Mas, em compensação, causa efeitos das duas substâncias – segredo do seu sucesso como droga social.

O MDMA provoca uma descarga de serotonina nas células nervosas do cérebro para produzir os efeitos de bem-estar e leveza, muito utilizado pelos frequentadores de “raves”. Com a dilatação da pupila, as luzes ganham um brilho especial e os olhos ficam mais sensíveis.

É provável que o maior risco do ecstasy, no entanto, não advenha directamente do MDMA. Como toda substância ilegal, ninguém pode garantir o conteúdo do comprimido que

é vendido, como o ecstasy, que numa festa ou casa nocturna, pode conter nos comprimidos cafeína e metanfetamina - drogas com alto poder de vício.

Mas, o efeito mais forte é uma hipersensibilidade do tacto. Qualquer toque no corpo, sob o efeito do ecstasy, tem a sensação multiplicada. Muitos encostam-se e abraçam-se como se todo o corpo fosse uma grande zona erógena. As mulheres, principalmente, falam do aumento do desejo sexual - uma sensação que confere ao ecstasy outro famoso apelido: “pílula do amor”, já que aumenta a concentração de um neurotransmissor (substância responsável pela comunicação entre os neurónios) chamado serotonina, estando esta intimamente ligada às sensações amorosas.

Os principais efeitos do ecstasy são uma euforia e um bem-estar intensos que chegam a durar 10 horas. A droga age no cérebro aumentando a concentração de duas substâncias: a dopamina, que alivia as dores, e a serotonina, que está ligada a sensações amorosas. Por isso, a pessoa sob efeito de ecstasy fica muito sociável, com uma vontade incontável de conversar e até de ter contacto físico com as pessoas.

No que concerne aos efeitos físicos, eles são a secura da boca, perda de apetite, náuseas, comichões, reacções musculares como câibras, contracções oculares, espasmo do maxilar, fadiga, visão turva, manchas vermelhas na pele, movimentos descontrolados de vários membros do corpo, como os braços e as pernas, crises bulímicas e insónia. Os problemas psíquicos resultantes mais comuns são: dificuldade de memória tanto verbal como visual, dificuldade de tomar decisões, impulsividade e perda do autocontrole, ataques de pânico, surtos paranóicos, alucinações, despersonalização, depressão profunda.

Benzodiazepinas, que normalmente são usados por prescrição médica, podem também criar fortes dependências. Destarte, existem as benzodiazepinas que são as mais usualmente receitadas e incluem o Valium®, o Librium®, o Rohypno®, o Lorenin® e o Lexotan®. Por serem menos perigosas, as benzodiazepinas vieram substituir os barbitúricos, sendo utilizadas para os mesmos fins médicos. A sua via de administração é oral e normalmente não são injectados. Podem ser misturados com álcool ou podem servir apenas como drogas de substituição, automedicadas e sem prescrição médica.

Inserem-se ainda nestas substâncias, os hipnóticos barbitúricos que são dos medicamentos mais perigosos. Podem ser, segundo as doses, sedativos, hipnóticos e anestésicos. Têm uma acção anti-epiléptica, alteram os estádios do sono quando as doses são suficientemente altas. Provocam a depressão dos centros respiratórios.

Observa-se perda da inibição, euforia, agressividade, por vezes depressão e comportamento ébrio. Em doses altas podem provocar efeitos paradoxais estimulantes,

funcionar como hipnóticos, produzir desinibição psico-motora e diminuir o controle emocional.

Denota-se um estado geral de emagrecimento, pruridos e diversas erupções, alterações neurológicas, vertigens, tremores, paralisias oculares e polinevrite (avitaminoseB).

O seu uso provoca uma grande dependência psicológica e uma nula dependência física.

Inalantes ou solventes: são produtos químicos (éter, clorofórmio, acetona, cola), fazendo grande parte composição das substâncias de uso doméstico e que têm venda livre. O seu consumo, na maioria dos casos, é feito por via pulmonar, sendo os vapores libertados, inalados de qualquer forma.

Fisicamente, levam a uma analgesia, narcose, inconsciência, vômitos, perturbações respiratórias, vasomotoras, rubor, e até com uma intoxicação aguda, podem levar à morte por paragem respiratória.

Os seus efeitos psíquicos são hilaridade, excitação, descoordenação motora, perda de equilíbrio. O consumo destas substâncias gera uma grande dependência psicológica e uma nula dependência física.

Anexo II: Guião Entrevista**Socialização Primária**

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?
2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?
3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?
4. Sentia-se bem em casa?
5. Qual a parte da casa que costumava estar?
6. Os seus pais davam-se bem?
7. Como era o seu relacionamento com eles?
8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?
9. Teve muitos castigos?
10. Quem foi responsável pela sua educação?
11. Havia necessidades económicas no seu lar?
12. Como define a sua infância?
13. Gostava de ir à escola?
14. Até que idade estudou?
15. Reprovou alguma vez?
16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?
17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?
18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?
19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Grupo de pares

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?
21. Como caracteriza esses amigos?
22. Onde se costumava encontrar com eles?
23. Que tipo de actividades faziam juntos?
24. Sentia-se bem com eles?
25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?
27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?
28. Essa pessoa (s) também consumia estupefacientes?

Relação com a Droga

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?
30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?
31. Que tipo de estupefacientes experimentou?
32. Que quantidade consumia por dia?
33. Que tipo de efeitos procurava com o consumo de estupefacientes?
34. Consumia sozinho ou em grupo?
35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?
36. Que locais escolhia para consumir?
37. Em que fase sentiu que estava dependente?
38. Onde arranjava dinheiro para comprar drogas?
39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?
40. Alguma vez roubou?
41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?
42. Alimentava-se bem?

Trajectória Profissional

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?
44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?
45. Como concilia o trabalho com o consumo de estupefacientes?
46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?
47. Que percentagem do salário dispensa para comprar estupefacientes?

Necessidade de ajuda

48. Já alguma vez procurou ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes?
49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?
50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?
51. Os tratamentos foram concluídos?

Situação Actual

- 52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?
- 53. Tem filhos?
- 54. Como é a relação actualmente com a sua família?
- 55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?
- 56. Gostava de voltar a trabalhar?
- 57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?
- 58. Que tipo de actividades tem durante o dia?
- 59. Em algum momento teve alguma recaída?
- 60. Continua a consumir estupefacientes?
- 61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?
- 62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?
- 63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?
- 64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Opinião Geral

- 65. Acha que se houvesse mais informação acerca dos efeitos das drogas haveria menos consumo?
- 66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?
- 67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Cidade onde Vive:

Obrigada pela colaboração.

Anexo III: Transcrição Entrevistas

Entrevista N.º 1

Representante do CAT

1. Qual a função que desempenha no CAT?

Sou psicólogo. Faço atendimento de utentes toxicodependentes. Faço um levantamento de diagnóstico, encaminhamento e tratamento.

Há uma entrevista inicial, faço uma história de vida, onde se pesquisam os motivos que os levaram ao início dos consumos, as razões dos consumos, qual o grau de dependência, tenho que apurar o grau de dependência, e porque resolveu tratar-se, o grau de motivação para o tratamento, e depois tentamos enquadrar o melhor tratamento.

Há vários tratamentos. O tratamento mais soft e que permite maiores graus de liberdade e independência do indivíduo é o antagonista...isto supõe uma desabitação inicial. Estamos a falar da heroína (90% dos casos), haverá um ou outro que depende de cocaína, de haxixe e álcool...

Portanto, este 1º tratamento que permite maior grau de liberdade ao indivíduo é a desabitação inicial que tem duração de 1 semana. Pode ser em casa, ou no hospital, com medicação para conseguir resolver a desabitação inicial.

Em caso de serem tratados no hospital, somos nós que encaminhamos... no nosso caso é para a casa de saúde do Bom Jesus, que tem uma unidade de desabitação, e é para lá que encaminhamos a maior parte dos casos.

Depois de concluídos esses dias faz-se a indução do antagonista. O antagonista é uma substância que eles tomam diariamente que vai inibir o efeito da heroína, ou seja, se por um acaso eles consumirem, a heroína não faz efeito, ou melhor perde o efeito positivo.

A ideia é fazê-los perceber que não vale a pena consumir!

Normalmente inserimos um outro elemento, que pode ser a namorada, a mulher, o pai, ou a mãe que ficam responsáveis pela administração do medicamento todos os dias, mas também para os controlarem, porque se eles tomarem o medicamento ainda com a heroína em circulação pode haver um efeito adverso, que pode levar a uma paragem cardíaca-respiratória, que pode levar à morte.

O tratamento é longo... mais ou menos 1 ano neste tipo de tratamento. Durante este período dirigem-se na mesma ao CAT porque têm consultas regulares, o acompanhamento psicológico mantém-se.

O acompanhamento é individual, mas às vezes estão presentes familiares (namorada, mãe, etc).

Quando o 1º tratamento por alguma razão não é eficaz, segue-se para outro tratamento que implica abstinência, e essa é umas das cláusulas que está no contrato. Se começarem a consumir temos que pensar noutro tipo de tratamento. O Sibutex, por exemplo é um tratamento que está entre o antagonista e a metadona. Há uma autoliberdade do indivíduo que compra a substância na farmácia semanalmente ou mensalmente (depende dos casos)... e depois vai gerindo a sua vida, vai gerindo o consumo, vai gerindo os comportamentos dele. Contudo, continua a haver acompanhamento psicológico.

Apesar de o tratamento com o sibutex implicar também a abstinência, nós costumamos admitir 2 ou 3 consumos.

2. Qual a duração do tratamento?

É muito variável, porque a dosagem que se administra depende da dosagem que consomem. Podemos começar com 8 miligramas, ou com 2 miligramas.

Depois, o programa é reduzido lentamente, até que consigam novamente ser independentes.

Na minha opinião eles devem continuar mais algum tempo com um antagonista, porque não causa qualquer tipo de dependência, não tem efeitos secundários... e até pode parar de o tomar, quando se sentir totalmente confiante.

Nos casos em que este tratamento não resulta, se os indivíduos deixam de ir às consultas, ou se vão e saem e consomem cocaína, por exemplo é aconselhável a passagem para o tratamento com a metadona.

No tratamento da metadona, a liberdade é menor, implica um acompanhamento psicológico.

A relação com o psicólogo é diferente... o compromisso é diferente, e a motivação é diferente porque é menor. Esse facto pode ter a ver com um maior cansaço, porque eles têm que ir diariamente ao CAT para tomar a metadona.

Há um horário para tomas de metadona. Eles só têm que tomar metadona uma vez por dia, mas eles passam muito tempo no CAT, porque muitos não têm vida social... não têm uma família que os apoie, não têm emprego, não têm namorada, não têm filhos, e acabam por ficar por ali.

Contudo, para eles esta situação não é má de todo, porque os amigos deles são os outros utentes, e até alguns técnicos que trabalham com eles.

Todavia, há alguns que têm outro tipo de problemas, porque associado à toxicodependência estão associadas outro tipo de problemáticas psicológicas... há indivíduos com esquizofrenia,

há indivíduos com outro tipo de psicoses, há psicopatas... e também há uma série de doenças associadas.

Há prostitutas, e prostitutos... tenho 2 utentes que admitiram que já o foram em algum momento da sua vida.

Eles governa-se mais pelo tráfico, mas é o tráfico pequeno, só mesmo para consumo, ou pelo roubo.

Para além destes 3 tratamentos, há os tratamentos livres de qualquer tipo de substância que aplicam-se pelo acompanhamento psicológico individual, por exemplo no caso do consumo do haxixe, ou do álcool há o acompanhamento psicológico.

3. Qual a taxa de sucesso do abandono de drogas?

Depende do que considerarmos sucesso... há indivíduos que passam imenso anos sem consumir e depois têm uma recaída.

Mesmo abstinentes, eles continuam a ter um acompanhamento individual, mais descontínuo (2 a 3 vezes por ano)... eles fazem questão de ir lá marcar o ponto.

4. Qual o motivo, ou motivos mais apontados pelos toxicodependentes para terem iniciado os consumos de estupefacientes?

A leitura mais superficial é a curiosidade... ou por influência dos amigos.

Normalmente é isto, mas depois descobre-se por aquilo que não é dito que há outro tipo de razões. Há o consumo individual, em que o indivíduo faz um consumo solitário, que está ligado a comportamentos de frustração, de preenchimento do vazio.

Depois há o consumo grupal, que é o consumo solidário, que tem a ver com o estar em grupo, partilhar algo a nível social, e com a pertença e identidade do grupo.

Depois há um tipo de consumo que é o teleológico, ligado mais ao espiritual, que eu acho que hoje em dia não acontece muito... é um consumo por razões espirituais, como se fosse para ascenderem, comunicarem com o divino.

Depois há o consumo objecto, muito baseado na substância, em que consomem a substância porque o corpo precisa. Este estado já é o terminal... se calhar aqueles que chegam ao CAT estão nesse estado. Eles têm que consumir para evitar a ressaca.

As assistentes sociais estão interligadas com toda a rede social: câmara, bragahabit, cruz vermelha, com a “Vida Emprego” (no sentido de arranjar integração social).

Há uma mediadora do Vida emprego que tenta sensibilizar entidades patronais para tentar a integração profissional.

Não sei muito bem como funciona este processo, mas há várias etapas neste processo, por exemplo o estágio profissional. Mas nesta fase, os indivíduos já têm que estar abstinentes.

5. Quando os toxicodependentes se dirigem ao CAT, quem os acompanha?

Há uma psico-social que faz uma pré-selecção, uma entrevista inicial, é o chamado acolhimento. Depois do acolhimento, distribui-se pelos terapeutas, que são os psicólogos ou os médicos.

6. Qual o género predominante?

O sexo masculino... é muito, muito, não sei se chega aos 90%.

7. Qual a média de idades?

Dos 20 aos 30 por aí... O início dos consumos é pelo haxixe, e é pelos 13, 14 anos. Aos 16, 17 começam a consumir heroína, e quando chegam ao CAT já têm 23, 24 anos (10 anos a consumir). Contudo, aparecem indivíduos com 40 e 50 anos.

8. Qual o estado civil predominante?

Há de tudo: divorciados, casados, solteiros.

9. Durante as consultas, os Toxicodependentes falam da família?

Sim, acaba por ser um dos tópicos centrais das nossas conversas.

Muitas vezes as causas que os levam à droga tem por detrás fragilidades familiares, por exemplo famílias monoparentais... pai alcoólico... mãe superprotectora... são situações típicas... pais divorciados... violência familiar. Se calhar não podemos falar num perfil, porque há de tudo um pouco.

Muitas vezes é um problema familiar que os leva ao Cap: porque os filhos estão a crescer e começam-se a aperceber dos problemas... ou porque a esposa já não aguenta mais a situação e as dificuldades económicas. O cerco aperta-se, e muitas vezes é a própria família que os empurra para um tratamento.

Por outro lado, há situações de insegurança, insatisfação, problemas de autoestima também é uma constante.

A droga acaba por acontecer quase de forma inconsciente, é uma alternativa, que na altura parece ter sentido, e lhes permite uma aproximação a uma outra classe, a um outro subgrupo.

Inicialmente acaba por ser um refúgio inicialmente que os reforça na identidade grupal, que lhes permite criar uma certa defesa perante as ameaças sociais... e lentamente vão-se apercebendo que estão dependentes da substância, e quando estão dependentes dirigem-se ao cap, e começam a pensar connosco em todo este processo.

Mas há consumidores que não pensam e passam anos e anos neste processo.

Eles vivem mais ou menos bem porque criam uma vida virtual. Quem olha para o toxicodependente vê-o sempre ocupado, eles andam sempre a correr... têm que comprar, têm que vender, têm que fugir à polícia... têm que consumir 3 a 4 vezes por dia, e têm que arranjar dinheiro para isso... têm que manipular situações, têm que pedir dinheiro, têm que roubar... fugir à polícia. Mas virtualmente estão ocupados. Há um certo objectivo na vida dos toxicodependentes que se perde muitas vezes quando ficam em abstinência... a abstinência trás o vazio: de repente já não têm que comprar nem vender nem roubar, não têm emprego nem família, e não sabem como ocupar o tempo. A dificuldade é essencialmente essa, porque não sabem como ocupar o tempo.

10. Da população que conhece, qual é a ocupação deles?

Na dependência mais profunda há uma saturação tão grande a nível individual, que o emprego acaba por ser incompatível, mas há uma grande percentagem deles, quando a dependência não é tão profunda, que consegue gerir o consumo com a vida profissional. Há muitos indivíduos que têm emprego: construção civil, empregados de balcão, hotelaria, mecânicos, advogados, estudantes universitários.

11. Qual a opinião dos toxicodependentes relativamente ao abandono dos consumos?

A maior parte deles acredita que vai deixar, aliás acreditam mais do que depois efectivamente conseguem fazer, ou mostram através dos comportamentos.

Inicialmente há um acreditar muito grande, e uma vontade muito forte.

Eu nunca digo que um indivíduo vai consumir para o resto da vida, eu acho que à partida todos os toxicodependentes são tratáveis, embora alguns possam demorar mais tempo a encontrar o tratamento ideal, enquanto outros encontram mais rapidamente.

12. Como é vista a droga pelos Toxicodependentes?

Quando chegam ao CAT, como um pesadelo, porque estão já numa fase muito terminal, já cansados, com anos e anos de consumo. Alguns já têm doenças infecto-contagiosas, outros já

perderam a família, o emprego ou os amigos... estão já numa fase muito difícil e quase insuportável.

13. Quais são as doenças mais frequentes entre a comunidade Toxicodependente?

Hepatite C, e HIV.

14. Por quem é constituído o agregado familiar dos Toxicodependentes?

Muitos deles vivem com os pais.

15. Em termos profissionais, qual a situação da maioria dos Toxicodependentes?

Eles vêm isso como uma coisa muito longínqua, e quase impossível.

É um processo muito complicado e complexo, porque primeiro tinham que fazer os tratamentos. E alguns deles já têm uma série de experiências de tentativas de tratamento... já tiveram internados... alguns já nem contam as vezes que tiveram internados.. alguns já tiveram umas 8 vezes..

Um outro problema é que têm poucas qualificações.

Contudo, eles são acompanhados no CAT, e há programas específicos para ocupação laboral dos toxicodependentes... mas é muito complicado.

16. Quando se fala de emprego, eles demonstram precisar de ajuda? Querem trabalhar?

O emprego não é uma coisa muito fácil para eles, porque tinham que criar hábitos de trabalho: levantarem-se a horas certas, serem responsáveis no trabalho, criarem condições psicológicas e cívicas para isso... não é muito fácil..

Eu conheço indivíduos que estão a receber o rendimento mínimo, e preferem manter-se com esse salariozinho, do que irem trabalhar e correrem o risco de perderem o emprego, ou de perderem o subsídio de emprego.

Eles dizem: porque é que eu vou trabalhar, se só iria ganhar mais 50 ou 100 euros, e tinha que cumprir horas.

O dinheiro que recebem para comer e consumir já serve, depois os pais ajudam com alguma coisa... e preferem ter essa vida sem responsabilidades.

17. Na sua opinião, qual é o perfil dos toxicodependentes?

Na minha opinião não existe... aparecem indivíduos de todas as raças, culturas, religiões, escolaridades, estados civis.

As regularidades que me vou apercebendo tem a ver com a falta de suporte familiar que pode ter a ver com uma ausência de regras, ou uma sobreprotecção excessiva. Há casos de famílias destruídas ou reconstruídas. Há também um forte défice na auto-estima.

18. Eles sentem-se excluídos, ou discriminados pela restante sociedade?

Sim, quase na totalidade eles sentem muitas dificuldades, principalmente quando querem deixar de consumir, porque parece que nem a sociedade, nem a própria família os vê como indivíduos normais, como não toxicodependentes. Parece que a família tende a reforçar um estatuto que eles querem perder.

Muitas vezes estas situações acabam por reforçar o comportamento da toxicodependência. É quase como se eles pensassem: se ninguém acredita em mim, e se todos me identificam e me vêem como toxicodependente, então vou continuar a consumir... vou fazer um bocado a vontade à minha família.

É uma questão que eu costumo trabalhar muito com a família, é importante que nós consigamos reforçar uma outra perspectiva, reafirmar um estatuto diferente, de liberdade e independência em relação às drogas.

Há também discriminação nos hospitais... não estão preparados do ponto de vista moral ou psicológico, e encaminham-nos para o CAT, como se não fossem utentes merecedores de cuidados médicos como outro cidadão qualquer.

Os médicos dizem logo: aí isso não é tratado aqui... têm que ir ao CAT.

19. Mostram-se com vontade de abandonar o consumo?

Alguns sim, mas também é um bocado complicado... se vão acompanhados da família dizem que sim, quando estão sozinhos dizem : “aí isso é impossível, já tentei muitas vezes”.

Eles não têm grandes esperanças em largar a droga.

20. O CAT tem parcerias com outras instituições?

Com a câmara, vida emprego, com a comunidade terapêutica de Adaufe.

Na minha opinião há um bom funcionamento entre as várias instituições, basta um telefonema para se obter alguma informação.

21. Na sua opinião, como actuam as políticas sociais?

Eu estou de acordo com tudo o que está a ser implementado. Acho até que os toxicodependentes são uma franja da população doente que tem maiores benefícios na área da

saúde, tem uma unidade de saúde especialmente desenvolvida para tratamento deles. Há uma equipa multidisciplinar quase 24 horas por dia disponíveis.

Também articulamos com farmácias e centros de saúde, que estão a distribuir a metadona. Se os toxicodependentes moram longe do CAT, dirigem-se a um desses locais para que lhes seja administrada a metadona.

22. Concorda com essas políticas?

Acho que devia haver uma política mais articulada... em que os serviços consigam trabalhar uns com os outros, porque neste momento o que se vê é uma tentativa falhada numa instituição, depois fazem tratamento noutra instituição, depois saí... depois faz tratamento no CAT mais algum tempo... e andam assim! A comunicação entre as instituições falha um bocado, por exemplo muitas vezes ligamos para o CAT a perguntar por algumas situações, e eles acabam por não conseguir sinalizá-las, ou então dão informações muito imprecisas, não sabem dar alguns dados que eram essenciais para nós podermos gerir o processo da melhor maneira. E acredito que a comunicação entre o CAT e as outras instituições de comunidades terapêuticas seja semelhante.

23. Quais as taxas de sucesso dessas políticas?

Acho que é precoce falar de taxas de sucesso, porque as medidas são recentes e não há estudos conclusivos sobre isso.

Está a haver um bom trabalho nesta área.

Nome: Tiago

Profissão: Psicólogo

Entidade onde trabalha: CAT

Obrigada pela Colaboração.

Entrevista N.º 2

Representante da Bragahabit

1. Qual a função que desempenha na Bragahabit?

Sou técnica superior de Sociologia, estou a coordenar um conjunto de projectos de intervenção comunitária; estou na parte das caracterizações sociais para definir perfis e padrões no sentido de desenharmos políticas para combater situações de exclusão.

2. O que procuram os toxicodependentes nos vossos serviços?

São os toxicodependentes que nos procuram, ou vêm encaminhados de outras instituições, como por exemplo o CRIAS (geral/ seropositivos). São geralmente pessoas com carências a nível habitacional, ou são pessoas que tiveram acções de despejo, ou que por outros motivos não têm possibilidade de pagar uma renda.

Muitas vezes também vêm por iniciativa própria, porque eles comunicam uns com os outros, e vêm fazer a própria candidatura.

O acompanhamento que nós (bragahabit) fazemos aos toxicodependentes é ao seguinte nível: eles vão lá, tentamos fazer um acompanhamento; fazemos protocolos com algumas instituições que trabalham a problemática da toxicodependência.

Temos uma psicóloga que acompanha o processo... é sempre muito complicado.

Normalmente sugerimos o internamento, mas normalmente não é bem aceite pela parte deles... a maior parte deles já tem uma longa experiência de internamentos sem grandes resultados.

Também tem funcionado muito ultimamente os narcóticos anónimos.

3. Para que Instituições os encaminham?

Nós temos um protocolo com a cooperativa sempre a crescer... trabalhamos muito com o Projecto Homem. Normalmente é aquele que tiver vagas, porque também há listas de espera para entrar nessas instituições.

Encaminhamos sempre para o CAT... a maior parte deles está inscrito no cat, ou quase todos mesmo.

Comunicamos sempre com o CAT, tentamos saber com que frequência é que eles têm lá ido, que tratamentos estão a fazer... (se é metadona, ou outro), para vermos qual é o perfil da dependência.

4. Em termos habitacionais, todos têm direito a casa?

Em termos de residência é muito complicado! Se eles tiverem família é mais fácil.

Nós temos aquilo a que se chama “residências partilhadas”... para pessoas isoladas... é um espaço que eles partilham, mas cada um fica com um quarto.

Estas residências pertencem à Bragahabit... é uma resposta municipal.

Acontece que nós tínhamos a cooperativa *sempre a crescer* a fazer uma supervisão, para que eles não consumissem drogas lá dentro.

Mas, temos que admitir que foi um processo um bocado falível.

Os toxicodependentes (os isolados), ficam muito também no centro de atendimento da cruz vermelha, também partilham lá os quartos.

Se tiverem família, é quase certo que tenham enquadramento na bragahabit, numa modalidade de apoio à renda.

Esses apoios funcionam da seguinte forma: são apoios temporários, e pressupõe que aquelas pessoas durante aquele tempo de apoio, por exemplo 1 ano, é suposto que essa família faça esforços para melhorar a situação de dependência: se está em situação de desemprego tem que tentar arranjar emprego, se for uma situação de dependência encaminhamos para a casa de saúde do Bom Jesus, ou para o tratamento, ou para comunidades terapêuticas para fazer o tratamento.

Tentamos sempre que a pessoa consiga sair da droga.

Com a inserção laboral da pessoa tentamos sempre fazer uma espécie de inserção para a pessoa naquele ano, ou 2, ou 3...

Quem trabalha nestas problemáticas é uma equipa multidisciplinar: eu, uma psicóloga e uma assistente social.

Passado um ano reavaliámos toda a situação, para ver se cada família ainda precisa de apoio. No caso de ainda não ter superado a situação de carência continuamos a apoiar. No caso das famílias terem superado a carência, deixa de precisar do apoio.

5. Qual é o género predominante?

Sem dúvida, o sexo masculino.

6. Qual a média de idades?

Têm entre os 35 e os 45 anos.

É uma faixa etária caracterizada pelos consumidores de drogas duras, que já fumam há muitos anos.

Eles consomem sobretudo heroína porque é uma droga mais barata.

A heroína é uma droga depressora do sistema nervoso central. É uma droga que acarreta consequências também sociais, porque leva à degradação física, aquele aspecto de toxicodependente, do arrumador... aquele mal aspecto....

A cocaína não provoca esse mal aspecto, porque é uma droga estimulante, alucinogénica, e como é mais cara eles não a podem comprar, por isso o que eles podem comprar é a heroína... é os injectáveis.

É esta faixa etária, porque as gerações mais novas já não consomem este tipo de droga... consomem mais alucinógenos, comprimidos, pastilhas, que não provocam aquele mal aspecto e dependência que provocam as drogas duras.

7. Qual o estado civil predominante?

A maioria é solteira.

8. Como é constituído o agregado familiar?

Ou são isolados, porque já foram rejeitados pela família, ou vivem com os pais já com alguma idade, ou então vive no nosso alojamento.

9. Em termos económicos, qual é a situação dos toxicodependentes?

Encontram-se a trabalhar?

Não, aliás não me estou a lembrar de nenhum que neste momento esteja empregado.

10. Mostram-se interessados em procurar emprego?

Eu acho que não... eles vêm isso como uma coisa muito longínqua, e quase impossível.

É um processo muito complicado e complexo, porque primeiro tinham que fazer os tratamentos. E alguns deles já têm uma série de experiências de tentativas de tratamento... já tiveram internados... alguns já nem contam as vezes que tiveram internados.. alguns já tiveram umas 8 vezes..

Um outro problema é que têm poucas qualificações.

Contudo, eles são acompanhados no CAT, e há programas específicos para ocupação laboral dos toxicodependentes... mas é muito complicado.

11. Qual o perfil dos toxicodependentes?

São da faixa etária dos 35-45 anos, desempregados, sexo masculino, consumidores de drogas duras.

Eles não fazem projectos a longo prazo, eles vivem um bocado o dia... tentam arranjar dinheiro para o momento.

12. Os toxicodependentes mostram-se com vontade de abandonar o consumo?

Alguns sim, mas também é um bocado complicado... se vão acompanhados da família dizem que sim, quando estão sozinhos dizem : “aí isso é impossível, já tentei muitas vezes”.

Eles não têm grandes esperanças em largar a droga.

13. Na sua opinião, como actuam as políticas sociais?

Na área da toxicodependência há políticas sociais a vários níveis... há a questão da prevenção, e em termos de prevenção em Braga faz-se muito pouco.

Em termos de tratamento, temos o CAT e comunidades terapêuticas, mas começam a ser muito poucas em Braga.

Em termos de políticas de minimização de danos há o *projecto aproximar*, não conheço outro. O *projecto aproximar* são as equipas de rua, que fazem a distribuição de alimentos, cobertores.

As políticas acabam por ser insuficientes... também a população toxicodependente é sempre a mesma.. eles usam os serviços todos.

14. Concorda com essas políticas?

Acho que devia haver uma política mais articulada... em que os serviços consigam trabalhar uns com os outros, porque neste momento o que se vê é uma tentativa falhada numa instituição, depois fazem tratamento noutra instituição, depois saí... depois faz tratamento no CAT mais algum tempo... e andam assim!

A comunicação entre as instituições falha um bocado, por exemplo muitas vezes ligamos para o CAT a perguntar por algumas situações, e eles acabam por não conseguir sinalizá-las, ou então dão informações muito imprecisas, não sabem dar alguns dados que eram essenciais para nós podermos gerir o processo da melhor maneira. E acredito que a comunicação entre o CAT e as outras instituições de comunidades terapêuticas seja semelhante.

Nome: Ana

Profissão: Socióloga

Entidade onde Trabalha: Bragahabit

Obrigada pela colaboração!

Entrevista N.º 3

André

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Pelos menus irmãos e os meus pais. Éramos 5 pessoas. Todos rapazes, um mais velho, e outro mais novo 8 anos.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Boa.. dava-me bem com os meus irmãos, e com os meus pais.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Com todos.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Nenhuma, gostava de estar na rua. Eu era puto de bairro, vínhamos todos para a rua. Em casa era igual a divisão.

6. Os seus pais davam-se bem?

Bem, só havia os atritos normais de casal.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Dependia do assunto. Havia assuntos em que por exemplo o meu pai era amigo, outros que era pai, dependia. Ainda hoje é assim.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Não, naquela altura não havia castigos, levava-se porrada. Não havia playstation para tirar, levava-se porrada.

9. Teve muitos castigos?

Castigos não, porrada muita.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Mais o meu pai, era mais o homem.. era o estilo o homem é que manda. A minha mãe preparava-nos a roupa, a comida, e levava-nos à escola. O meu pai é que dava a educação, era quem tinha o pulso forte.

O meu pai quando era preciso era muito severo. A minha mãe às vezes defendia-nos, ainda hoje é assim. Para ela está sempre tudo bem, é uma pessoa muito pacata, o meu pai já não, porque é muito explosivo, berrava muito facilmente. Ele esteve em Moçambique.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Sim havia porque só o meu pai é que trabalhava. A minha mãe era doméstica, limpava escadas, etc.

12. Como define a sua infância?

Dá-me saudades porque tenho saudades dos meus amigos, de não ter responsabilidade, sei lá, da inocência da infância, não ter preocupações de nada. Não tinha a noção do que era ter problemas.

13. Gostava de ir à escola?

Não, nunca gostei da escola. Também na altura devo ter tido azar, porque tive uma professora muito má. Uma pessoa nem dizia nada porque tinha medo que ela batesse. Isso ficou-me na memória, claro que ficou.

14. Até que idade estudou?

Idade, não sei. Talvez 15. Tenho o 6º ano do ciclo completo. Andei no 7º ano do liceu, mas não completei, porque desisti, e fui trabalhar.

15. Reprovou alguma vez?

Um 3 ou 4 vezes no ciclo. Lá está, era a malta toda da rua, parece que éramos escolhidos a dedo, e juntavam-nos todos numa turma. Em vez de nos meterem noutras turmas para integrar a malta, não senhora punham-nos todos na mesma turma, e nós não estudávamos, não íamos às aulas. Se tivesse calor íamos para o rio, senão íamos fumar uns cigarritos. Não íamos para o café porque não tínhamos dinheiro. Jogávamos à bola, sei lá..

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Chegava a casa pousava a mochila e ia para a rua jogar futebol até à hora de jantar. Se fosse verão voltávamos para a rua, senão jantávamos e ficávamos em casa até ao dia seguinte. Fazia os deveres, via televisão, e quando fossem horas de deitar ia para a caminha.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Sim, até certo ponto sim. O meu pai era muito ditador! Se eu fosse mulher provavelmente hoje ainda estava em casa. O meu pai marcava horas para chegar a casa, e não havia falhas nisso, senão já sabia que tinha mais uma dose de porrada.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não, que me recorde não. Nada que eu possa apontar, pelo menos que me lembre.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Houve, quando uma pessoa tinha uma namorada e ela nos mandava dar uma volta, era chato, uma pessoa sofria. Uma pessoa na altura sofria, mas agora vê que é normal.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Sim, bués, bués.

21. Como caracteriza esses amigos?

Tenho vários tipos de amigos: aqueles que confio para tudo, aqueles que é só para os copos, e tenho aqueles que é só dos cumprimentos. Lá está porque amigo é amigo, tenho amigos e tenho colegas. Amigos tenho meia dúzia deles, agora colegas, muitos, muitos, muitos. Agora amigos com quem possa mesmo contar são dois ou três.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Na rua. Actualmente é no café. Agora temos uma associação que a gente criou, tudo ex-toxicodependentes, temos lá tudo. É uma garagem em que temos bebidas, comidas, internet, televisão, temos tudo. Aquilo é só para amigos, e a gente encontra-se assim. Os encontros são à 6^a e ao sábado.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?**24. Sentia-se bem com eles?**

Sim!

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?**26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?****27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?**

Foi na altura do liceu, 14, 13 anos. É aquela idade em que se gosta de toda a gente, e não se gosta de ninguém. Na altura os desgostos afectaram, mas depois comecei a crescer e vi que aquilo fazia parte.

28. Essa pessoa (s) também consumiam estupefacientes?

Não, no caso da minha última namorada, eu é que a meti no mundo da droga.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Mais ou menos entre os 12, 13 anos. Naquela altura uma pessoa pensava: só eu é que não vou fumar, eu é que sou o cocó? É o que se passa hoje. Se o homem não fuma não é homem.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Comecei aos 20 anos, logo depois de sair da tropa, que tive lá 1 ano. Eu fui de voluntariado. Entre os 14 e os 18 trabalhei aqui e ali. Sai da tropa e meti-me nessa porcaria. Boa pergunta!!! Porque experimentei? Foi mais ou menos como na fase do tabaco, do género, deixa ver.. Experimentei com amigos, ou melhor supostos amigos, porque estavam-se a “burrifar” para mim. Eles nem eram amigos, eram conhecidos de café. Eu comecei a parar nesse café, e depois aconteceu. A culpa também é minha. Eles eram gajos viciados nessas coisas, eram pessoas de 40, 50 anos, alguns ex-presidiários, e eu pensei: estes gajos é que sabem, eles é que sabem o que é vida, mas enganei-me, eles não sabiam nada, e eu meti-me de cabeça.

31. Que tipo de drogas experimentou?

Comecei pela heroína, eu nem sabia o que era haxixe. Depois foi um ciclo heroína, cocaína, cocaína, heroína, os chamados “drunfos”. Andei nesta fase uns 3 anos. Esse passou a ser o meu grupo, aliás eu já nem era aceite pelos outros. Uns cumprimentavam-me, mas cortavam-se logo, do género: aí tenho que ir ali.. e um gajo topava, e foi mais um motivo para eu me encostar ao outro grupo, porque aí era bem aceite, porque era como eles, e eu pensava “aqui é que eu estou bem”, e afundei-me até ao fundo do poço. Depois deixamos de ir para o café, e íamos arranjar dinheiro para comprar droga.

32. Que quantidade consumia por dia?

Dependia do dinheiro que tivesse, mas consome-se o mais que se pode.

33. Que efeito procurava atingir ao consumir drogas?

O efeito era de bem estar, para tirar a ressaca. É um vício que chega a um ponto que já não dá prazer. Quando experimentei, meu Deus!!! Não havia frio, má disposição, ou stresses. Eu

parecia o rei dos tolos, levava tudo à frente. Se não consumisse aquilo não andava bem, é tipo um diabético que tem que tomar todos os dias insulina, um drogado é igual, se não consumir não aguenta. Já não dava para ter a curte, já não se consome, a não ser para atenuar a ressaca. Eu por dia consumia 3 a 4 vezes, gastava aos 2,3 contos de cada vez, dependia.. às vezes 30 contos num dia, dependia do que houvesse.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Consumia em grupo, mas cada um orientava-se para si mesmo, porque isto no mundo da droga quando se chega a um ponto não há amigos para ninguém. Ou melhor há amigos se houver muito dinheiro, senão roubam-se uns aos outros, é mesmo assim.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Não! Foi mesmo estupidez minha. Sei lá foi como a onda do tabaco, mas quando dei por mim já estava completamente enterrado. Eu quando senti que andava na droga foi quando me comecei a sentir mal: ressaca, sei lá, não dá para explicar bem isso. Eu pensei, vou parar, e conseguir? Não dá! As horas começam a passar, o corpo começa a doer, e não há outra alternativa a não ser ir buscar droga. Faz-se isto a 1º vez, e acabou!! A partir daí, já sabe do que se precisa, e pronto!!

36. Que locais escolhia para consumir?

Em casa, com a miúda que eu andava na altura, ou no sítio onde se comprava, porque tínhamos medo de ser apanhados no caminho pela polícia, e como não tínhamos mais dinheiro para comprar mais droga consumíamos mesmo no local onde comprávamos.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Quando ressaquei a 1º vez.

38. Onde arranjava dinheiro para comprar drogas?

Ninguém trabalha na droga, não consegue. Roubava carros, ia para o feira nova ajudar as pessoas a levar o carrinho, depois ia arrumá-lo e ficava com a moeda. Assim amealhava os meus dinheirinhos.. ui fazia tanta coisa, um gajo é um cineasta do caraças na droga, um gajo inventa, mas saca sempre nota, mas nunca era suficiente para consumir. O objectivo era ter para tirar a ressaca, mas quanto mais tivesse, mais consumia.

Eu roubava por esticção, a gente ia para a porta da igreja.. uma pessoa chega a pontos, que perde a consciência. Nós íamos para a porta da igreja e quando as velhinhas saiam da missa roubávamos as carteiras de esticção. A gente metia drunfos, e nem víamos quem roubávamos,

se calhar até era gente conhecida, mas nem que fosse a minha avozinha, eu nem a via. Nem pensava nas pessoas, eu queria lá saber, as consequências para os outros não me incomodavam muito.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Nem queira saber. Os meus pais chegaram a dizer que preferiam me ver morto, do que me ver na droga. No princípio vivia com eles, mas depois decidi sair, porque não queria fazer sofrer as pessoas, e eu pensei: se sair daqui eles pelo menos não me vêem, e não sofrem tanto, e foi aí que decidi ir viver com a miúda que namorava na altura.

Na altura quem vivia lá em casa eram os meus velhotes, e o meu irmão mais novo que devia ter uns 14, 15 anos. O meu irmão mais velho já tinha casado, já não vivia lá em casa. O mais novo apercebia-se, sabia o que era mas não dizia nada, ele assistia às discussões, mas punha-se de parte.

O meu pai chegou-me a dizer que no dia que me apanhasse com um cigarro me partia as mãos, e isso nunca aconteceu. A 1ª vez que ele me apanhou foi de seringa na mão, porque eu não fumava. e ficou da cor da parede, e fez-me um ultimato: se te quiseres curar tens aqui um pai para te ajudar, se não quiseres põe-te fora da porta. E eu fui para fora da porta, porque eu não estava bem psicologicamente. Mais tarde fui lá bater novamente e ele abriu-ma.

40. Alguma vez roubou?

Sim, como já sabe...Uma altura fui a um casamento de um primo meu, que ele ainda hoje não fala para mim, porque roubei as carteiras todas. As pessoas tinham o bengaleiro, eu roubei tudo. Toda a gente soube que fui eu, porque era o único drogado que lá estava. O meu pai antes de saber só dizia: oh pá, se quiseres vai embora, não faças disparates. E eu dizia, sem stress, porque tinha consumido, mas quando me começou a chegar o bichinho (como a gente chama), pensei: onde vou buscar guita? O meu pai cortava-me já as bases, podia-me ver de rastos, que nunca me dava dinheiro (ainda bem). E então fui roubar o dinheiro das carteiras e dos casacos, que na altura ainda foram para aí uns 70 contos, até deu para andar de táxi e tudo (risos). Fui desfilar.. um drogado de táxi, que luxo!!!

No Bragaparque, está a fazer agora anos, eles tinham lá um pinheiro com caixas dos lojistas, com uma caixa com dinheiro agarrada ao pinheiro com cabo de aço, e eu cheguei lá a correr, agarrei a caixa, saí a correr pelo parque do Feira Nova. Ao deitar a mão ao caixote estava preso, e ao cair ao chão aquilo caiu, e fui a fugir para sta tecla, com 70 e tal contos em

moedas. Os seguranças foram a correr atrás de mim, mas depois em Sta Tecla não entraram. Na mesma noite gastei tudo em droga, até ao ponto de nem saber como me chamava.. era assim!!!

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Nunca! O meu registo está limpo.

42. Alimentava-se Bem?

Quem anda na droga não come.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Aos 15, 16, foi depois de ter saído da escola comecei logo a trabalhar.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

Quando andei na droga não trabalhei, não é compatível aliás eu nem tinha aspecto para me apresentar à frente de ninguém. Eu estava metade, cheguei a pesar quarenta e tal quilos, e agora estou com noventa, imagine! Sempre fui bem constituído, mas quando comecei a consumir droga, eu no espaço de 6 meses fiquei metade. Eu não comia, depois de se começar a consumir não se come. A única coisa que ainda apetece são doces, só coisas doces. Eu podia ter 20 contos no bolso, e estar a morrer de fome, que eu não gastava nada em comida, era tudo para a droga.

Desde que deixei a droga sempre trabalhei. Trabalhei nas obras, que se ganha uma boa bosta. Agora estava a trabalhar como taqueiro, mas fechou. Agora estou no fundo de desemprego, e os contactos que tenho para taqueiro é para Angola, mas eu não quero. A minha namorada na altura estudava, ela é mais nova do que eu 5 anos. Quando se meteu na droga devia ter uns 17 anos. Era filha única, o pai dela era engenheiro, e a mãe médica. Ela vivia sozinha, porque era do Porto, e estudava cá em Braga. A gente conheceu-se no café, e a partir daí, pronto!! Os pais dela sabiam, mas não queriam acreditar. Eram daquelas famílias cheias de “nove horas”, e nem queriam acreditar. Ela também disfarçava, porque se apresentava bem, andava sempre limpinha, vestia-se bem, e enganava um bocado. Eles só começaram mesmo a desconfiar quando se aperceberam do dinheiro que ela gastava, porque era mesmo muito dinheiro. Quando deram por ela já não tinham mão nela.

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

48. Já alguma vez procurou ajuda?

Decidi ser ajudado, por causa da minha mãe. Foi a minha mãe. Foi o sofrimento que eu vi na minha mãe. Eu estava a matar a minha mãe. Ela não comia, não bebia, eu estava a matar a minha mãe. Eu nunca mais tinha ido para casa, às vezes ia lá: tasse bem, e bazava. A culpa não era deles, os meus pais não erraram em nada, a culpa era exclusivamente minha. Eles educaram os meus irmãos da mesma maneira que eu, e os meus irmãos estão bem na vida. O meu irmão mais velho está casado, tem filhos, está bem. Ou seja, de quem é o erro? É meu! O que os meus pais deram a eles deram também a mim, eu é que não soube aproveitar.

Depois quando vi assim a minha mãe fui para casa, e o meu pai disse-me: queres-te curar? E eu: quero! E ele disse: então anda! E fui-me curar: a frio, a frio. Nunca na vida tomaria metadona, porque eu para substituir um vício por outro dava um tiro na cabeça. Metadona? Droga artificial, nem pensar nisso!! Eles queriam-me meter num tratamento, e eu não quis, e fui-me curar num bairro onde havia droga, que é onde vivem os meus pais.

O tratamento foi a frio. É horroroso, horroroso!!! Fiquei em casa, não parti nada, chorei muito, berrei muito. A minha mãe esfregava-me álcool nas pernas. A única coisa que eu tomava era ansiolíticos, porque tive 7 noites e 7 dias acordado, sempre a transpirar. Tinha diarreia, vomitava.. cheguei a ter orgasmos sem erecção, era um descontrolo tal. O que me custou mesmo.. porque o sair da droga não é o físico, isso o físico é o menos, o pior é o psicológico. São 3 a 4 dias a malhar, mas depois passa. Enquanto que o psicológico é o cérebro contra o corpo, é o quero, não quero, quero, não quero, e isso leva um tempinho. É preciso muita força de vontade. Tive sempre o meu pai ao lado. Ele olhou para mim como um filho, e não como um drogado. Depois levou-me a uma psicóloga. Uma senhora que eu nunca mais vi, mas que para mim foi 50 a 60% da cura. Aquela senhora tinha conversas comigo, tinha uma paz de espírito aquela mulher, dava-me cada lavagem, que eu só dizia: Ámen, ámen, ámen, e quando dei por mim, já não precisava daquilo para nada. Ela virou-se para mim, e disse que eu já não precisava de ir lá mais, e eu pensei: realmente! E já não vou lá para aí há 4 anos ou 5. Saí da toxicodependência em 1999. Custa bastante! O que custa mais é conquistar a confiança das pessoas outra vez. Quando sai de casa a primeira vez fui ter com os meus amigos de infância, os meus amigos da rua. Parece que tinha tirado umas férias. Tive receio, mas comecei a aparecer com o meu pai, porque o meu pai era: onde vais? Ah vou ao

café, e ele dizia: então espera aí que eu vou contigo, eu pago-te o café e ia, não me deixava sozinho. A minha sorte é que ele estava reformado. O meu pai e a Dra Teresa (psicóloga) foram as pessoas que me voltaram a integrar. E aos poucos as pessoas foram-me aceitando de volta.

Hoje em dia tanto estou em casa dos meus pais, como não estou, depende, estou quando preciso. Tenho a minha casa, e estou com outra pessoa. A namorada que tinha na altura deixei-a, e ela continuou a consumir. Neste momento ela deve estar bem na vida, deve, penso eu, mas não acredito muito porque as mulheres são piores do que os homens na droga, porque são mais possessivas. Eu era capaz de dizer: parou!!! Mas ela não! Ela chegou a vender o próprio corpo, mas já não estava comigo. Eu ia a passar na rua e vi: hei.. nem acredito, a miúda que eu andei está-se a prostituir. Depois os pais pegaram nela e levaram-na, não sei para onde, e agora não sei. Eu com ela não ia lá das perninhas. Eu terminei quando decidi deixar a droga, porque com ela não conseguia. Nós já tínhamos tentado fazer aquelas curas milagrosas, do género: hoje não fumo, mas ela não conseguia. Se eu tivesse continuado c ela, n sei onde estaria hoje. Eu tinha mais consciência do que ela, combinávamos deixar, e ela dizia: tass bem, tass bem, mas não deixava. Aquilo não era vida!

49. Quem procurou, alguém próximo, ou alguma Instituição?

50. Já fez algum tratamento? Quantos, e onde?

51. Os tratamentos foram concluídos?

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Vivo sozinho. Não estou com ninguém, não quero constituir família. Eu acho que os 4 anos que andei na droga vou precisar de 15 para recuperar, porque a fase dos 20 para a frente é muito critica. Foi dos 20 até aos 23. Tenho 31 foi à 8 anos. O mal é que eu em 3 anos consumi o equivalente a 10, porque havia muito dinheiro, por causa do pai dela (ex-namorada). Íamos ao multibanco, e às 11.50 levantávamos X, à meia noite cinco mais X, e levantávamos mais de 80 contos por dia. O pai só deu por ela quando o banco o contactou, porque achou estranho levantamentos tão seguidos, e àquelas horas. Quando o pai deu por ela, já tínhamos gasto três mil e tal contos, isto para aí em 3 meses. E se eu lhe disser que com 3 mil contos nunca comprei um trigo. Eu com o dinheiro que gastei na droga, hoje já estava aí com um mercedão.

Não me sinto preparado para casar, para ter filhos. Eu psicologicamente não estou preparado. Aqueles 3 anos tiveram sequelas na minha vida, se bem que este pensamento tem mais a ver com a minha forma de pensar na minha vida, porque hoje em dia nem me lembro que andei na droga. Eu lido com estas situações com a maior das naturalidades.

53. Tem filhos?

Não, nem quero!!

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

Muito boa, graças a Deus!

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não, mas gostava.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Não, nunca.

60. Continua a consumir estupefacientes?

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?

Não, nem me lembro disso.

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Nunca me metia na droga. Só!! Eu não me arrependo daquilo que fiz.. arrependo-me daquilo que não fiz.. podia ter feito tanta coisa.. e não fiz à conta da droga.

65. Acha que se houvesse mais informação acerca dos efeitos das drogas haveria menos consumo?

Não. Na minha altura havia informação, e porque é que eu me meti? É esquisito, não é? Eu corria-os da minha rua, quando iam para lá consumir. Quando dei por mim estava a ser corrido, e agora explique-me isso? Então se eu corria com os drogados sabia o que aquilo era, não é? E como é que eu me fui meter?

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?

Acabar com a droga, porque enquanto houver droga vai haver sempre consumidores.

O problema é que não é possível acabar com a droga, é impossível!

67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Se ele tivesse tempo para me ouvir eu dizia-lhe o que sofri, mas não ia resultar, tentaram-me fazer o mesmo e eu não ouvi, caguei!!! Pessoas mais velhas que eu, que estavam no projecto homem, etc.. tentaram-me avisar: oh pá põe-te fino, e eu pensava: ta bem, mete-te na tua vida!!! Não vale a pena, tem que partir de nós. No meu caso, o único culpado fui eu, os meus pais não tiveram culpa nenhuma. Só digo uma coisa: infelizes dos pais que têm um filho na droga. Eles não criaram um filho para aquilo, para o verem assim.

Eu olhava para o meu irmão e via-o a subir, e eu sempre a descer, e só com um ano de diferença. Eu pensava assim: ele tem casa, tem mulher, tem 2 filhos, e eu não tenho um corno, PORQUÊ? Porque és burro!!!

Eu para eles só estava a ser uma pedra no sapato!!!

Por exemplo não tinha Natal, mas sentia bué. Passava na rua, com a minha namorada (ex), e quem andava connosco na altura. Chega a um ponto, que mesmo que os pais queiram não têm mão nos filhos, só se os matarem, ou os amarrarem senão não têm mão nos filhos.

No Natal gozávamos: olha os totós... é Natal, dizia eu, o monte de merda!

Às vezes ponho-me a pensar, como é que eu com tanta família, tantos primos, e fui o único a cair.

Nome: André

Idade: 31

Estado Civil: Solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração.

Entrevista N.º 4

Alice

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Pelos meus pais e irmã mais nova.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Sempre foi boa.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Com a minha mãe.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim, sempre.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Em qualquer local, mas principalmente no meu quarto.

6. Os seus pais davam-se bem?

Sim davam, mas como em qualquer casal, também tinham as suas discussões.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Com a minha mãe sempre foi muito bom, ela é um exemplo a seguir. Sempre me apoiou e defendeu de toda a gente. Com o meu pai também me dava bem, mas de forma diferente.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Castigavam-me.

9. Teve muitos castigos?

Não.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Sem dúvida a minha mãe, era ela que tratava de todos os assuntos relacionados com a minha educação, e com a minha vida.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Felizmente não.

12. Como define a sua infância?

Feliz.

13. Gostava de ir à escola?

De início não. Tive muitas dificuldades em me adaptar.

14. Até que idade estudou?

Até aos 23 anos.

15. Reprovou alguma vez?

Sim, reprovei duas vezes, mas perdi outro ano por mudança de curso.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

As normais. Quando estava bom tempo ia para a rua brincar com os meus amigos, e amigas, senão ficava em casa.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Nem muita, nem pouca.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Não, nada!

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Tinha o grupo de amigos da escola, e os da minha rua.

21. Como caracteriza esses amigos?

Sempre foram bons amigos.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Na escola, e mais tarde quando começamos a poder sair encontrávamo-nos no café.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Conversávamos, íamos ao cinema, estávamos no café, íamos à discoteca... o normal, que toda a gente faz.

24. Sentia-se bem com eles?

Sim.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Nem sei, mas penso que era visto de forma normal.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Acho que era normal.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Por volta dos 17 anos.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Todas a pessoas com quem namorei consumiam.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Aos 18 anos. Comecei a fumar porque toda a gente fumava, e eu também quis experimentar... fui tentada pela curiosidade... e também porque queria aprender a fazer bolinhas.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Foi por volta dos 21/22 anos, experimentei haxixe, porque muitos dos meus amigos consumiam. Nesta altura já frequentava o ensino superior.

Pouco tempo depois experimentei quase tudo: cocaína, cogumelos, MD, LSD, Speed.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Experimentei haxixe, cocaína, cogumelos, pastilhas, MD, LSD, Speed.. sei lá...

32. Que quantidade consumia por dia?

Dependia dos dias... quando saia à noite consumia mais. Não sei precisar as quantidades por dia. Sei que por exemplo quando temos haxixe, dificilmente se leva alguma coisa para casa.

33. Que efeitos procurava com o consumo de estupefacientes?

A procura de novas experiências, de interação social. Estava num cidade envolta de universitários, vivia sozinha, logo não tinha ninguém a controlar-me.

Vivi três anos a querer sair à noite todos os dias, porque queria conhecer pessoas novas... procurava experiências novas... o consumo de estupefacientes fazia com que todas estas noites fossem mágicas, perfeitas. Esse consumo estava sempre associado à música, ou seja,

consumia para ouvir música, para sair à noite e ouvir música, para ir a concertos. Só com a música é que a droga fazia sentido. Mas a música tinha que ser ouvida na companhia dos meus amigos, e aí sim, tudo era perfeito.

Chega uma certa fase, em que só nos sentimos bem com as pessoas que têm os mesmos hábitos que nós. O simples acto de enrolar um charro prende-nos a esse grupo... porque passam-se noites seguidas a conversar, e a enrolar charros, e isso fazia-me sentir bem... só me apetecia estar com essas pessoas. Os comportamentos no grupo normalizam-se, o que faz com que as pessoas não sejam capazes de socializar fora do grupo.

Mas, sempre tive um grande auto-controlo no consumo.. apesar de consumir sabia sempre quando devia parar. Eu consumia a conhecer os efeitos que cada droga tinha, por isso á partida também sabia os efeitos que cada uma acarretava. Mas o efeito é subjectivo, porque a mesma droga pode ter efeitos diferentes nas pessoas.

Consumi durante três anos, e chegou a um ponto que decidi deixar todas as drogas, e consumir simplesmente haxixe, porque senti que estava numa altura em que ou parava, ou não sei como estaria hoje.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Sempre em grupo. E se estivesse com pessoas em que houvesse sintonia de “moca” aí era perfeito. Sim, porque mesmo consumindo a mesma droga, os efeitos nas pessoas são diferentes.

A droga trouxe também alguns efeitos negativos: o MD dava-me dislexia, porque no dia seguinte ao consumo dava por mim, a não conseguir ter um discurso fluente, não conseguia estruturar uma frase.

O LSD dava-me depressão. No dia a seguir ao consumo ficava em casa completamente deprimida.

A cocaína não me dava nenhum efeito negativo.

Os Speeds davam-me efeitos físicos, não tanto psicológicos.

Basicamente os dias seguintes ao consumo eram de depressão.

Eu vi o verdadeiro degredo da droga nos “after-hours”, porque as pessoas deixam de ser elas próprias, ficam com as percepções alteradas. E aí vemos o degredo.

Sempre tive a preocupação de conservar o corpo, porque sempre tive medo de uma velhice demente. Sempre tive medo de um Alzheimer precoce, e então decidi parar com determinadas drogas.

A droga teve também efeitos negativos a outros níveis, que passou pela reprovação dois anos consecutivos no ensino superior.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Sim, fui muito influenciada pelas biografias dos músicos, por exemplo pelos Doors. Lia as biografias deles, e queria seguir algumas ideologias da sua filosofia de vida. Mas, sem dúvida que a busca da diversão foi o principal factor que me levou a experimentar vários tipos de estupefacientes.

36. Que locais escolhia para consumir?

Em casa, no carro, na rua.. sei lá, onde fosse propicio ao consumo.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Nunca senti que estava dependente... só quando estamos mais do que um dia sem ter haxixe é que se calhar começo a stressar um bocadinho, mas como arranjam logo se seguida, nem sequer dá para stressar muito.

38. Onde arranjava dinheiro para as drogas?

Não sei se é por ser mulher, mas nunca gastei muito dinheiro em drogas... estávamos em grupo, e se alguém por exemplo tinha cocaína oferecia-me. Eu basicamente contribuía com dinheiro para comprar haxixe.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Nunca soube.

40. Alguma vez roubou?

Não, nunca!

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Nunca!

42. Alimentava-se bem?

Sim, sempre comi normalmente.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Nunca trabalhei, estou neste momento a fazer o estágio curricular.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

48. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

49. Já alguma vez procurou ajuda?

Não, nunca!

50. Quando sentiu que precisava dessa ajuda?

51. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?

52. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

53. Os tratamentos foram concluídos?

54. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Vivo sozinha, porque os meus pais estão emigrados em França, e a minha irmã vive noutra cidade, onde está a tirar o curso superior.

55. Tem filhos?

Não.

56. Como é a relação actualmente com a sua família?

É como foi sempre, boa!

57. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Tal como já referi estou a fazer o estágio profissional, e espero de seguida começar a trabalhar na minha área.

58. Gostava de voltar a trabalhar?

59. Está inscrito no Instituto de Emprego?

60. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Vou todos os dias para a associação onde estagio, e quando chego a casa janto, e à noite estou com os meus amigos.

61. Em algum momento teve alguma recaída?

62. Continua a consumir estupefacientes?

Sim, continuo a consumir haxixe. Todos os dias consumo. Actualmente estou a estagiar, e sabe-me pela vida chegar a casa e fumar um “charrito”, porque me relaxa. Há quem tome chá, ou um vinho para relaxar, e a mim sabe-me bem um “charro”.

Muito esporadicamente consumo cocaína com o meu namorado, mas é muito raro... fazemos isso numa noite em que estejamos em casa.

63. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Sim, acho! Por acaso já pensei nisso.. um dia quando engravidar deixo definitivamente de consumir.

64. Se lhe oferecessem alguma substancia voltava a consumir?

Sei lá.. dependia da substancia que me oferecessem... mas se fosse um consumo esporádico, não havia problema.

65. Se tivesse que voltar atrás, o que mudaria na sua vida?

Não teria reprovado dois anos, porque hoje em dia já podia estar a trabalhar, e ainda estou a estagiar.

66. Acha que se houvesse mais informação acerca das drogas haveria menos consumo?

Não, não acho! Toda a gente tem informação acerca dos efeitos do consumo de estupefacientes.

67. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não começarem a consumir?

Não há nada a fazer, porque na sociedade actual já está tacitamente aceite o consumo de drogas, pelo menos entre a classe mais jovem, e como tal muitas vezes o consumo de drogas faz com que as pessoas se integrem em determinado grupo, e sejam vistos pelos outros como os “fixolas” porque consomem drogas.

68. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo?

Que tenha consciência dos efeitos, e que saiba parar.

Nome: Alice

Idade: 26

Estado Civil: solteira

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração!

Entrevista N.º 5

Diogo

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Pelos meus pais, e a minha irmã, que tem 31 anos.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Com os meus pais sempre foi muito boa. Com a minha irmã é boa quando estamos sozinhos, porque quando estamos juntos com os meus pais entramos muitas vezes em atrito, porque há ciúmes. Eu sou muito mimado pela minha mãe, aliás sempre fui, e a minha irmã sente ciúmes da nossa relação.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Dava-me com toda a gente, mas com a minha mãe sempre me dei muito bem.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim, sempre!

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Em todo o lado, mas passava bastante tempo no meu quarto.

6. Os seus pais davam-se bem?

Sempre se deram muito bem.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Ótimo!

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Reagiam normal, quando tinham que me chamar à atenção faziam-no, tal como todos os pais o fazem.

9. Teve muitos castigos?

Os normais... sempre que era preciso.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Os meus pais, mas mais a minha mãe porque sempre foi mais preocupada comigo, sempre foi mais próxima.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Não. Apesar de os meus pais terem profissões modestas, nunca faltou nada em minha casa.

12. Como define a sua infância?

Completamente normal, como a maior parte dos adolescentes.

13. Gostava de ir à escola?

De início não gostava muito. Os meus pais levaram-me para a pré-primária, e eu fugia, e chorava para não ficar, porque não conseguia estar preso no mesmo espaço, e aí eles decidiram tirar-me, e continuei em casa.

14. Até que idade estudou?

Estudei até há 1 ano atrás. Quando acabei o 12º entrei na Universidade em Aveiro, e vivi lá um ano com a minha irmã, que também estudava na Universidade. No 2º ano pedi a transferência para Braga, e conclui o curso em Línguas Estrangeiras e Aplicadas.

15. Reprovou alguma vez?

Não, sempre fui um aluno mediano, mas nunca chumbei.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

O normal. Quando era criança jogava à bola na rua, jogava jogos de computador ou em minha casa, ou em casa dos meus amigos.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

O normal, se bem que os meus pais sempre confiaram o suficiente em mim para me darem liberdade.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não, nunca tive qualquer complexo com o que quer que fosse. As pessoas diziam que eu era muito magro, mas isso nunca me incomodou.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

A única coisa de que me arrependo até hoje é que os meus pais queriam que eu estudasse na Gulbenkian, e eu não quis porque dizia que era uma escola para betos, e fui estudar para as Enguardas. Hoje em dia arrependo-me porque adorava tocar um instrumento, e não sei tocar nada. A minha irmã estudou lá.

De resto não me lembro de mais nada. Eu tenho tendência a desvalorizar os momentos, quer eles sejam bons, quer sejam maus. Dou-lhes a importância que tem naquele momento, mas depois passa.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Muitos, mas muitos mesmo. Sempre tive vários grupos de amigos. Sou uma pessoa muito sociável, muito extrovertida e de fácil inserção em vários grupos. Sempre fui assim, e vou continuar a ser.

21. Como caracteriza esses amigos?

É difícil caracterizá-los, porque sempre fiz parte de vários grupos de pessoas. Tinha os amigos para conversar, os amigos para fumar droga, os amigos para sair à noite, os amigos com quem estava no café.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Em vários sítios: na rua, nos cafés, em discotecas, em casa uns dos outros.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Várias, desde jogarmos jogos de computador, até passarmos tardes inteiras no café a conversar.

24. Sentia-se bem com eles?

Sim.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Normal!

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Sim muito, precisamente pelo que já referi: sou uma pessoa muito sociável, e como tal conheço toda a gente, e toda a gente me conhece.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Oh, já não me lembro.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Tive 3 namoradas que iniciaram o consumo comigo. Aliás andaram as 3 em tratamentos. Hoje em dia não namoro.

29. Com que idade começou a fumar?

Com 12 ou 13 anos comecei a fumar tabaco e charros. Comecei a fumar porque toda a gente o fazia. Lembro-me que no 8º ano fizemos um passeio da minha turma, e em 30 pessoas toda a gente fumou haxixe. Hoje em dia é perfeitamente normal, toda a gente fuma.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Foi com 12 a 13 anos comecei a fumar esporadicamente, e com 14 a 15 anos comecei a ter um consumo regular.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Haxixe, Heroína, LSD, Extasy, Opio, sei lá, experimentei quase todas as drogas.

32. Que quantidade consumia por dia?

Consumia mediante o dinheiro que tivesse. Enquanto se fumasse cocaína podia gastar 200 contos por dia, a heroína ficava muito mais barato, para além de que a mim me acalmava mais. Quem consome droga, não tem limites, quanto mais dinheiro tiver, mais gasta.

33. Que efeito procurava atingir ao consumir drogas?

O prazer no imediato. Não é o prazer, a felicidade, que todos os seres humanos procuram? Pronto, era esse o efeito que eu tinha com as drogas.

Para além disso ao consumir ficava cheio de ideias, muito mais criativo, por exemplo na Universidade ia para os exames drogado. As drogas duras dão mais concentração, o que fazia com que em altura de exames não tivesse problemas para estudar.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Consumia em grupo. Quando comecei a consumir sozinho foi a fase pior na minha história de consumo de drogas, porque comecei a bater no fundo. Quando dei por mim estava em casa, e bastava ir para o computador jogar um jogo, que antes tinha que consumir droga, ou seja, tudo o que fazia tinha que ser sobre o efeito de drogas.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Não, só consumi porque quis.

36. Que locais escolhia para consumir?

Todos: na rua, em minha casa, em casa de amigos, à porta de cafés, nos carros... sei lá... hoje em dia consome-se em qualquer sitio.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Quando comecei a fumar sozinho.

38. Onde arranjava dinheiro para comprar as drogas?

Os meus pais davam-me a mesada. Para além disso sempre trabalhei, e quando precisava de mais dinheiro fiz muita coisa. Sabe que quando se consome fica-se mais criativo, e inventa-se mil situações para arranjar dinheiro.

Primeiro comecei a roubar aos meus pais. Quando o meu pai se levantava para ir tomar banho, eu ia ao bolso da camisa tirar-lhe dinheiro. A minha mãe começou a dizer que uma colega da fábrica a roubava, e eu aproveitei esse facto para lhe tirar dinheiro.

Depois comecei a vender roupa minha, cd's. Pedia coisas emprestadas aos meus amigos, por exemplo telemóveis, consolas, jogos, etc, e vendia-os. Ah, também vendi droga. .

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Reagiu melhor do que eu estava à espera. Eles já andavam a desconfiar há muito, e depois aos poucos e poucos foram-se apercebendo que eu de facto consumia droga, mas ao mesmo tempo nunca tiveram a noção do mundo em que eu andei metido.

Alias, nunca sequer me chegaram a perguntar se eu precisava de ajuda, porque não tiveram a verdadeira consciência do que estava a acontecer.

40. Alguma vez roubou?

Sim, como já referi.

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Não, nunca.

42. Alimentava-se bem?**43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?**

Muito cedo, já trabalhei em muitos sítios: empregado de mesa, empregado de hotel. Trabalhei na Bracalândia, em lojas, como recepcionista de um ginásio, no Lidl, a fazer molduras, etc... sempre fui uma pessoa muito activa, e não consigo estar parado, para além disso gosto de ter

dinheiro, porque adoro gastar dinheiro. Eu gasto tudo o que tenho. Se tiver 5 euros no bolso sou capaz de comprar 5 chocolates, só para gastar o dinheiro.

44. Que tipo de Actividades desenvolveu até hoje?

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

Era na boa.

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

Não.

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

Todo!

48. Já alguma vez procurou ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes?

Não. Sou completamente contra essas coisas. Eu deixei a droga por minha vontade: A primeira a deixar foi o Haxixe, foi num dia de Natal. O haxixe fazia-me muito mal em termos físicos. Depois as restantes drogas deixei devido a um episódio na minha vida. Em 2001 após os atentados do 11 de Setembro houve uma crise enorme na venda de drogas, nós tínhamos imensa dificuldade em arranjar quem nos vendesse droga. Um dia fui parar a uma cave com imensa gente, mas gente do pior: prostitutas, dealers, malta da pesada mesma, e eu pensei logo: “O que estou aqui a fazer”. Entretanto ficamos ali à espera que um elemento desse grupo viesse de Aveiro com o carregamento para distribuir por todos. Nesse entretanto, um senhor de 40/50 anos começa a rebolar no chão, a espumar... quando chegou a dose estavam umas 4 pessoas à volta dele a tentar espetar uma agulha, mas não conseguiam porque o homem já não tinha veias, estava tudo seco. Nesse dia vi o degredo que era a droga, e foi o dia em que meti na minha cabeça que não queria aquela vida para mim. Sim, porque esse é o 1º ponto decidirmos, metermos na cabeça que queremos deixar a droga. Nesse dia a droga perdeu o Glamour, e deixou de fazer sentido continuar... nesse dia vi o lado mau da droga.

A partir desse dia foram 9 meses em depressão a tentar deixar a droga... muito sofrimento, muita dor, mas consegui. Hoje em dia só fumo tabaco de enrolar. Mas em compensação bebo muito álcool. Quando estou com malta que fuma, simplesmente não fumo.

49. Quem procurou, alguém próximo, alguma Instituição?

50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

Não, sou completamente contra isso.

51. Os tratamentos foram concluídos?

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

É igual: eu, os meus pais e a minha irmã.

53. Tem filhos?

Não.

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

É o mesmo de sempre: pais e irmã.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

Sim, mas agora como tradutor.

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Acordo fico em casa, e à noite vou para o café. Basicamente saio todos os dias à noite.

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Não.

60. Continua a consumir estupefacientes?

Não, mas bebo muito álcool.

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?

Acho que não.

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Nada! Ou melhor, se calhar não tinha consumido certo tipo de drogas. De resto acho que o facto de ter consumido droga me fez amadurecer, tornou-me uma pessoa mais tolerante, mais compreensiva.

65. Acha que se houvesse mais informação acerca das drogas haveria menos consumo?

Não! Hoje em dia toda a gente fuma, e não me digam que não há informação, porque há.

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?

Nada, depende da mentalidade de cada um.

67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Obviamente que dizia para não consumirem, mas isso não ia adiantar muito, porque se a pessoa tiver essa vontade vai fazê-lo.

Nome: Diogo

Idade: 26 anos

Estado Civil: Solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração!

Entrevista N.º 6

Tomás

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Pelo meu avó e pela minha avó. O meus pais divorciaram-se passados 2 meses de eu ter nascido. Acho que a minha mãe tinha outro homem, e quando eu nasci o tribunal decidiu que eu ia ficar com os meus avós. Conheço os meus pais, mas convivo mais com o meu pai, do que com a minha mãe. O meu pai vem cá, eu vou a Lisboa.. temos mais contacto. O meu pai tem outra mulher, e a minha mãe outro homem.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Boa. Sempre foi como se fosse pais e filho.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Com o meu avô e a minha avó.. dava-me bem com os dois.

4. Sentia-se bem em casa?

Sentia... apesar de me sentir muito sozinho.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

No quarto... estava sempre no quarto, via televisão.. fazia qualquer coisa...

6. Os seus pais davam-se bem?

Sim, se bem que o meu avô bebia muito, e às vezes era mau com a minha avó, implicava com ela. Comigo nunca implicou, era mais com a minha avó, dava-lhe maus tratos.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Bom.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Os meus pais só se zangaram comigo quando eu fui para a prisão, e aí reagiram mal, como é natural.

Os meus avós, mesmo que ficassem chateados comigo não diziam muito.

9. Teve muitos castigos?

Nem por isso.. os meus avós com os meus pais foram muito rígidos, mas comigo não.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

O meu avô e a minha avó.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Havia muitas, os meus avós só tinham o dinheiro da reforma, e os meus pais nunca me deram dinheiro.

12. Como define a sua infância?

Má. Sentia saudades do meu pai. Eu via os meus amigos com pais, e não tinha. Acho que se tivesse um pai e uma mãe, a minha vida tinha sido diferente. Passei a minha infância

sozinho... não tinha os meus pais, não tinha irmãos, só vivia sozinho com os meus avós. Sentia-me desamparado, e sem saber para onde ir.

13. Gostava de ir à escola?

Gostava.. mas reprovei muitas vezes.

14. Até que idade estudou?

Até aos 13 anos.

15. Reprovou alguma vez?

Sim, muitas, porque andava sempre a mudar de casa com os meus avós. Mudamos no bairro da alegria, sta tecla, sé.. o serviço social obrigava-nos a mudar, e isso causava-me instabilidade.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Nada de especial: brincava na rua, e quando ia para casa ia para o quarto.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Sim, os meus avós deixavam-me fazer tudo o que queria.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Em termos físicos nunca tive qualquer problema, mas em termos psicológicos sempre me senti muito afectado porque a solidão era muito grande. Eu não tinha quem me amparasse, porque os meus avós já eram mais velhotes, e era complicado perceberem-me. Nunca tive apoio dos meus pais, mas sempre me senti muito traumatizado por não ter o meu pai a meu lado. Sempre senti muito a falta de um pai. Ele vivia em Lisboa com outra mulher, e teve outros filhos com ela. Uma altura decidi ir viver com ele, mas só consegui lá estar 1 ano. Sentia-me discriminado pela mulher dele, sentia que ela me punha à parte, e então vim-me embora.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Sim! Tinha uns 10 11 anos, quando um homem me tentou violar. Na altura consegui fugir, mas fiquei muito envergonhado, assustado, e como o conhecia nunca disse nada a ninguém,

com medo de represálias, porque ele era uma pessoa muito influente, e agressiva, e então eu tinha medo.

Quando cheguei a casa nesse dia, fui para o quarto, e a minha avó achou que eu estava estranho, e andou de volta de mim, para saber o que eu tinha, mas eu não lhe disse. Aliás, a senhora é a 1ª pessoa que está a saber desta história, porque eu sempre tive vergonha de a contar.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Sim, sempre tive muitos amigos.

21. Como caracteriza esses amigos?

Bons amigos.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Na rua, nos cafés, e na discoteca, centro comercial.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Íamos para o café, para a discoteca.

24. Sentia-se bem com eles?

Sim.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Era bem visto.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Não diria popular, mas os meus vizinhos sempre disseram que eu era muito bom rapazinho. Mesmo agora que sou visto como um toxicodependente, eles dizem que eu sou bom rapaz. Sempre me dei bem com toda a gente.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Ui.. já não me lembro. Mas tive muitas namoradas.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Namorei com uma rapariga que consumia, mas a minha ex-mulher não consumia.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

A fumar tabaco comecei com 16 anos.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Aos 16 comecei a fumar haxixe, mas por volta dos 20 anos comecei a consumir cocaína e heroína. Pronto, deu-me aquela curiosidade, aquela vontade de experimentar, toda a gente falava, e eu quis experimentar.

Experimentei com os meus amigos.. o haxixe já sabia mais ou menos a moca que era, porque ouvia os meus amigos falar, agora a cocaína não sabia, e quis experimentar, mas foi livre vontade minha.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Haxixe, heroína, cocaína, ácidos. Tomo também uns comprimidos, que juntamente com a heroína dá uma moca tipo a da borracheira, é mais fixe.

32. Que quantidade consumia por dia?

1 grama de heroína

33. Consumia sozinho ou em grupo?

Quando comecei era eu e 2 amigos, mas depois de estar viciado já consumia sozinho, não havia cá amigos.

34. Que efeito procurava atingir ao consumir estupefacientes?

Houve alturas que era para esquecer tudo o que tinha passado e estava a passar, Queria esquecer que não tinha pais, que eles não estavam ao pé de mim, não tinha irmãos.. eu estava sozinho. Eu tenho família, mas estava toda separada.

Mas quando acabava o efeito da droga voltava tudo ao mesmo, e voltava a consumir, e quando dei por mim estava agarrado.

35. Que locais escolhia para consumir?

Qualquer sítio: casas de banho, em casa, na rua.. qualquer sítio servia para consumir.

36. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Não é que tenha sido influenciado, mas só comecei a consumir porque os meus amigos consumiam.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Quando comecei a ressacar.

38. Onde arranjava dinheiro para as drogas?

Olhe a estacionar carros. Ganho 20 a 25 euros por dia.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Os meus avós, desde início que me apoiaram, e tentaram ajudar.

40. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Sim, já fui preso. A menina pode não acreditar, mas não tive culpa nenhuma. Uns rapazes foram assaltados, e depois disseram que fui eu que os roubei, mas eles só disseram isso porque quem os roubou foram 2 rapazes que em tempos andava com eles, mas actualmente isso já não acontecia. E injustamente fui preso 3 anos.

40.1 Como foram esses 3 anos na prisão?

Muito maus, quando fui preso a minha namorada estava grávida, e então decidimos casar na prisão porque ela queria casar. Mas ao fim de 1 ano ela deixou de me visitar.

A minha mãe só me veio visitar 1 vez, mas o meu pai veio algumas... e a minha avó também ia. O meu avô nessa altura já tinha morrido.

Quando sai da prisão fui atrás da minha mulher e da minha filha, mas a minha mulher pediu-me o divórcio, disse que não queria mais estar comigo. Eu andei cerca de 1 ano sempre a lutar por ela, nem consumia drogas, nem nada, mas ela não me quis mais de volta, e aí voltei ao consumo. Mas quando tive na prisão tirei um curso, o 7º ano.

41. Alguma vez roubou para consumir?

Sim, roubei muita gente. Roubava carteiras, as pessoas pousavam os sacos, e eu ia roubava-as.

42. Alimentava-se bem?

Nem por isso... a gente nem se lembra de comer, e por isso é que emagreci muito.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Entrei cedo, mal sai da escola.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Trabalhei na construção civil, e montei cozinhas. Neste último ano fui trabalhar para Espanha, mas despediram-me e vim embora há cerca de 3 meses. Depois disso nunca mais arranjei emprego, andei a procura, mas como não consegui meti-me outra vez na droga.

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

A partir do momento em que comecei mesmo a consumir deixei de trabalhar, porque é impossível trabalhar sob efeito de drogas.

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

Nunca ninguém soube, porque eu deixei logo de trabalhar.

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?**48. Já alguma vez procurou ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes?**

Sim, já fiz tratamento 3 vezes, mas de cada vez que saia já vinha com o intuito de consumir, por isso nunca valeram a pena.

49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?

Procurei Instituições.

50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

Já fiz no Porto, em casa, na cadeia, no CAT. Hoje em dia tomo metadona.

51. Os tratamentos foram concluídos?

Não!

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Simplesmente eu e a minha avó.

53. Tem filhos?

Sim, tenho uma filha com 7 anos.

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

Com a minha avó é igual. Com a minha ex-mulher e filha não tenho contacto, mas porque elas não querem. Com o meu pai vou falando, e com a minha mãe é muito raro estar.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não, simplesmente arrumo carros. Recebo o apoio da segurança social, e a minha avó também me dá uma ajudinha.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

oh... claro que gostava, mas ta muito difícil.

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

Não!

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Levanto-me e venho para a central arrumar carros, e fico aqui todo o dia. À noite vou para casa, e deito-me.

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Sim, quando vim do estrangeiro.

60. Actualmente continua a consumir algum estupefaciente?

Sim, haxixe.

61. Mas considera que ainda está dependente das drogas?

Sim, muito.

62. Acha que é possível deixar o consumo de estupefacientes?

É muito difícil, quem entra neste mundo dificilmente sai. Depois de ficarmos dependentes de droga é muito complicado deixá-la. Mas eu espero um dia conseguir, mas às vezes penso, para quê? Pelo menos quando consumo esqueço tudo o resto..

Nunca acordei a pensar que ia deixar a droga, mas eu sei que tive que deixar.

O pior para mim é estar em Braga, porque eu tive 1 ano em Espanha, e não consumi, mas mal voltei a Braga comecei logo a consumir.

Acho que neste momento não estou preparado para deixar as drogas.

63. Se tivesse que voltar atrás, o que mudaria na sua vida?

Nunca na vida tinha experimentado drogas, porque arruinei a minha vida toda.

64. Acha que se houvesse mais informação acerca das drogas haveria menos consumo?

Sim, acho que há pouca informação.

65. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não começarem a consumir?

Mostrar a verdadeira realidade da droga, porque com publicidade e avisos, as pessoas não têm consciência de como realmente é, e ao verem é totalmente diferente.

66. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo?

Simplesmente o levava a uns certos sítios para ele ver a podridão, e o estado em que ficam as pessoas que consomem drogas.

Nome: Tomás

Idade: 34

Estado Civil: Divorciado

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração!

Entrevista N.º 7

Francisco

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Pela minha mãe e uma tia. A minha tia tem uma doença.. não me lembro o que é... nem os médicos sabem bem que ela tem. Conheço o meu pai, mas ele não quer saber de mim. A relação com ele é má porque ele diz: “és drogado.. és drogado.. “, mas nunca tentou ajudar, bem pelo contrário! Ele podia dizer: olha deixa lá, vais conseguir deixar.. sei lá.. alguma coisa. Ele uma altura tentou ir lá a casa.. foi quando o conheci... eu quando o conhecia tinha para aí dez anos, ou isso.. e prontos não gostei da maneira dele, prontos.. às vezes passamos na rua e falamos um bocadinho, mas prontos. Ele tem outra família, eu tenho um irmão (filho dele) que também está na mesma situação que eu, que ele até diz que não é filho dele... se ele faz isso e vive com ele.. então a mim...

1 a) E como se sente com essa situação?

Sinceramente nunca me afectou assim muito, porque eu não fui habituado a crescer com ele, não tinha afecto por ele, mas claro é sempre um bocado chato.

1 b) Mas acha que se o seu pai vivesse com a sua mãe, a sua vida teria sido diferente ?

Acho que não... porque eu sempre vivi com a minha mãe e a minha tia, mas sempre fui feliz. Mas se calhar se tivesse vivido com o meu pai.. ele tivesse sido mais rígido, se calhar não tinha chegado a pontos que cheguei.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Normal.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Com a minha mãe, sem dúvida.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Na sala, no quarto.. sei lá!

6. Os seus pais davam-se bem?

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Bom.. sempre falei muito com a minha mãe. Mesmo depois de ela saber que eu me drogava falava comigo..

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

A minha mãe repreendia-me, mas nada de especial.

9. Teve muitos castigos?

Não, não!!!

10. Quem foi responsável pela sua educação?

A minha mãe e a minha tia. A minha tia é que tomava conta de mim, mesmo em pequenino ela é que tomava conta de mim, porque a minha mãe trabalhava na fábrica.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Não, porque a minha mãe trabalhava na fábrica.

12. Como define a sua infância?

A minha infância foi como a de todos.. prontos, com uns certos problemas.. mas prontos! Houve uma fase da minha infância que vivi na casa de outra minha tia.. e ela prontos, como

não tinha filhos não tinha muita paciência! Prontos, não podia fazer migalhas para o chão, não podia desarrumar os brinquedos.

Mas depois quando fui para a minha casa, prontos brincava, sujava e a minha mãe deixava-me.

13. Gostava de ir à escola?

Não. Prontos eu quando entrei para a escola estava na casa dessa minha tia, e a minha mãe ia-me levar á escola, e metia-me num portão e eu saia pelo outro. Depois quando entrei para o 5º ia bem, mas na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe não gostava. Não estava tão habituado a estar em casa, que não me sentia bem na escola.. não atinava, não gostava de estar lá preso!! Fugia e ia para casa.

14. Até que idade estudou?

Até aos 15 anos.

15. Reprovou alguma vez?

Sim no nono ano, mas não fiz o nono porque chumbei no 8º. Porque depois comecei com as drogas, e não estava vontade para estar na escola.. nem tinha atenção.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Não me lembro assim muito bem, mas acho que fazia os deveres, via televisão.. o normal!

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Em pequeno não, mas depois quando comecei com as drogas nem aparecia em casa. Ficava dias sem aparecer. Às vezes quando eu chegava a minha mãe até começava a chorar.. Eu pensava nela.. só que uma pessoa quando está sobre o efeito de droga, só está mesmo a pensar naquilo. A gente arranjava dinheiro fácil, e passava dias naquilo.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Nesses aspectos não! A gente só queria andar a curtir, nem pensava em nada.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha ?

Não! Só depois quando comecei a consumir.. vivia bem, prontos não passava assim dificuldades nem nada, vivia razoável.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Sim! Mas depois quando comecei a consumir preferia estar sozinho. Prontos, e depois houve uma altura que comecei a injectar e aí é que era mesmo sozinho, porque não quero ninguém à minha beira a fazer isso... porque prontos.. podia estar alguém à minha beira e saltar sangue para mim, prontos não queria. Eu graças a deus não tenho nada.. nem hepatite nem nada. Eu faço exames, e não tenho nada!

21. Como caracteriza esses amigos?

É assim.. eu amigos tenho poucos.. conto-os com os dedos. Depois tenho conhecidos. E depois é assim, se tens dinheiro são amigos, se não tens não são.. é assim! Prontos é assim, eu às vezes estou no meio de 20 pessoas, falo para todos.. mas prontos só há 1 ou 2 que se eu tiver problemas falo com eles, ou do dia – a – dia.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Prontos nós tínhamos prontos... havia um sítio que era atrás de um prédio.. e ali ninguém via e a gente ia para lá. Eu nunca fui muito de parar em cafés. Antes de consumir, estávamos lá no bairro.. no ringue para jogar à bola, nos bancos.. na rua.. n sei

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Jogar à bola.. não sei!

24. Sentia-se bem com eles?

Sim.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Todos olhavam de lado.. essas coisas. Ali nas parretas, as pessoas do prédio já topavam as cenas. As pessoas pensavam que nós só fazíamos asneiras, mas nós no bairro não fazíamos nada, não nos metíamos com ninguém, nem roubávamos nada. Mas mesmo assim, uma pessoa pode estar a fumar um charro, que pensam logo que estamos a dar um pico.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Mais ou menos.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Não sei.. já tive algumas namoradas. A última foi há um ano atrás.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Não. Eu nessa altura prontos, tinha feito o tratamento e não estava a consumir, agora de vez em quando fugia um bocado do habitual e consumia.

A minha namorada soube daquela fase da minha vida.. sabia o meu passado, mas achava que eu nessa fase já não consumia. Ela também tinha um irmão que andava na droga, por isso já tinha passado um bocado por isso.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Comecei a fumar tabaco aos 13/14 anos. Andava no 8º ano. Comecei a fumar com os colegas da escola.. quer dizer eles ainda não fumavam.. Experimentamos todos juntos. A gente via os mais velhos a fumar.. toda a gente fumava, e pensamos: vamos comprar um maço de tabaco, e compramos.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Foi pouco tempo depois de começar a fumar tabaco.. uns meses depois. Comecei a fumar haxixe. Comecei também por curiosidade com os amigos..

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Primeiro foi haxixe, só mais à frente é que experimentei heroína, e de seguida a cocaína também. Fumei haxixe uns meses.. talvez um ano, e depois passei para a heroína, e fumei até agora. (tem 21). Agora tenho andado melhor.. foi 8 anos quase.

A cocaína foi logo a seguir à heroína, mas quando comecei não gostei, só que depois troquei consumia mais cocaína... porque o efeito é diferente... pouca gente prefere a heroína à cocaína, prefere mais a cocaína.. e depois é uma droga que a gente consome, e ao fim de consumir.. como é que vou explicar.. tem um efeito que quando acaba.. Psicologicamente, a cocaína é mais psicologicamente... quando acaba o corpo, pronto a cabeça pede que a gente vá consumir mais.. por é assim a heroína tem um efeito, por exemplo a gente consome cocaína, e a seguir consome heroína para acalmar.. para acalmar o efeito da cocaína, porque a cocaína deixa-nos assim.. como é que eu vou explicar.. (silêncios), deixa-nos muito agitada, com o coração a bater muito rápido, e a heroína serve para anular esse efeito, e pronto, a cocaína quanto mais houver é quanto mais se gasta. Enquanto que a heroína, pronto, se gastar 1 conto ou 2 fica-se por aí, enquanto que a cocaína se tiver 100 contos, pronto vai assim seguidos.

32. Que quantidade consumia por dia?

Sim, quer dizer.. prontos, pode durar mais que um dia, mas quer dizer.. enquanto der para comprar consome-se sempre.

Eu sinto-me melhor com a cocaína, apesar que quando a gente tenta deixar o efeito já é.. psicologicamente fica-se de rastos, mesmo!

33. Que efeito procurava atingir ao consumir drogas?

Quando comecei não procurava nenhum porque foi curiosidade, mas depois.. não sei.. como é que eu vou explicar.. não sei é assim uma sensação de prazer.. prontos, aquilo dura segundos, não é.. a cocaína dura segundos, a gente fuma, aquilo chega ao cérebro e dá uma sensação de prontos, assim de bem estar. Se a gente estiver com algum problema naquele momento não se lembra de nada.

A moca dura segundos, e depois começamos a stressar.. com o corpo a pedir mais.. é por isso que a gente usa heroína a fim para anular esse efeito.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Depende, às vezes consumo sozinho, outras vezes em grupo, mas é mais vezes sozinho.

É porque eu por exemplo... é assim, eu sempre gostei de me vestir bem, de andar bem arranjado... e há pessoas que prontos, não me inspiram muita confiança, e eu prefiro fazer as minhas coisas sozinho.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Prontos, quando eu comecei a consumir heroína foi em grupo, só que era um grupo prontos do meu bairro, prontos experimentei com esse grupo de amigos.

Foi.. o mal.. eu digo sempre isso.. se soubesse nunca tinha sequer experimentado. Naquela altura tive curiosidade, prontos.. fumei haxixe, e depois prontos, também não havia muita informação. As pessoas dizem que há muita informação, mas eu não tinha. E depois prontos, via os mais velhos lá no bairro, que também consumiam haxixe, e eu procurava o efeito que o haxixe tem, e depois já não chegava.. prontos, a gente queria ficar, prontos, com uma moca ainda maior e a heroína prontos era mais fixe, e eu fui levado por curiosidade a experimentar.

36. Que locais escolhia para consumir?

Muitas vezes consumia na rua, mas prontos a minha mãe via que na rua era mais perigoso.. prontos havia muito lixo nos locais onde a gente ia consumir.. e então consumia em casa. Mas quando consumia na rua ia para o Picoto e Sta Tecla.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Para aí uns 2 anos de ter experimentado heroína. Do haxixe nunca estive dependente.. se houvesse fumava, se não houvesse não fumava... tanto que agora quase que nem fumo haxixe.

38. Onde arranjava dinheiro para comprar drogas?

Fazia de tudo um pouco.. fazia favores.. pedia.. roubava, mas agora prontos, cocaína já não consumo há algum tempo, e heroína quando consumo prontos.. é pouco peço à minha mãe 5 euros para ir dar uma volta e ela dá-me, porque nem sabe.

Quando consumia mesmo, prontos... fazia uns favores.. um cigano pedia-me uns favores e pagava-me com droga.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

A minha mãe não sabia mesmo a certeza.. ela desconfiava, prontos, as pessoas viam-nos lá no bairro e depois falavam, até que chegou o dia, em que eu já estava mais enterrado, e ela soube.. Mas prontos.. não reagiu assim mal.. ela falou comigo e disse: prontos, isso faz-te mal, vamos tentar que deixes isso.. a minha mãe sempre me tentou ajudar.. eu já tive internado 6 vezes..

E agora prontos, já sou mais velho, já entendo melhor as coisas, e não preciso de me chatear com ela como me chateava antes.

40. Alguma vez roubou?

Roubava viaturas.. roubava rádios, e às vezes alguns carro... sei lá se estava cansado levava o carro. Prontos, a gente depois levava aos ciganos, não é.. se eles não queriam comprar vendia a outros.

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Já.. a furtar... fui apanhado umas 3 ou 4 vezes. Nunca fui preso, mas tenho pena suspensa.

42. Alimentava-se bem?

Mais ou menos.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Cedo, Já trabalhei algumas vezes.. mas chegava ao fim do mês recebia o dinheiro, e não ia mais.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Distribui publicidade.. fui carpinteiro.. e.. e... em mármore também.

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

Era complicado porque na altura era mais fraco do que sou agora, e não aguentava nada. Quando andava a distribuir publicidade andava com o saco pesado, e estava muito magro.. chegava a ficar com os ombros negros.

É assim, a minha médica do Cat falou comigo, falou com a minha mãe, e disse-me que enquanto eu não tivesse melhor, para não trabalhar. Porque é assim, se começo a ficar debilitado, o corpo vai começar a pedir droga para aguentar, e prontos ela disse que devia esperar melhor um bocado, e depois é que pensava nisso. E ela disse que era melhor em vez de ir trabalhar, eu tirar um curso. Eu gostava de tirar Informática. Eu passava muito tempo na Internet.. eu tinha 2 computadores só que depois vendi-os para comprar droga. Mas um amigo meu vai-me dar um computador.. não é nenhuma máquina.. mas dá.

Eu só tenho medo de tirar o curso, porque é assim, sou capaz de me lembrar mais depressa de uma coisa que aconteceu há 3 anos, do que uma coisa que aconteceu ontem.. a minha memória foi muito afectada pelo haxixe

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

Os meus colegas nunca se aperceberam, nem sabiam que eu consumia.

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

Quase tudo.. prontos... comia, comprava tabaco, carregava o telemóvel, essas coisas, mas a maior parte era para droga.

48. Alguma vez procurou ajuda para abandonar p consumo de estupefacientes?

Sim! Estou no Cat.. estou desde 2000. a médica tem sido incansável.. eu até faltei à última consulta porque tenho estado um bocado mal do estômago.. mas até tenho que lhe ligar.

49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?

Fui eu e a minha mãe. Fui eu que lhe disse da existência do Cat, e pronto ela concordou.

50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

Sim, já tive internado umas vezes, e saía de lá ainda pior. Fui internado 3 vezes.. uma em Nogueiró, numa clínica em Matosinhos. Em Nogueiró tive 20 dias, e no Porto 10 dias. Houve uma delas que já não sei qual era.. também agora a minha cabeça já não é o que era.. que ainda andei melhor, mas nas outras, no mesmo dia que saía ia consumir. Os tratamentos não tiveram efeito nem para mim, nem para ninguém.. aliás tínhamos que levar 50 euros para lá, caso quiséssemos ir ao café, ou assim, e ninguém ia que era para ter os 50 euros para quando saíssemos de lá irmos consumir.

É assim a minha médica tinha-me dado o subotex, mas agora até nem estou a tomar porque me está a dar cabo do estômago, porque aquilo destrói por dentro.

Aquilo toma-se e no dia a seguir está-se a ressacar na mesma, porque o comprimido tem heroína.

Eu passo os dias com dores no estômago.. a minha médica aqui atrasado até me queria fazer um exame, aquele que se mete o tubo, mas eu tive medo e não fiz, mas um dia vou ter que acabar por fazer.

51.Os tratamentos foram concluídos?

Não.

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Por mim, e pela minha mãe.

53. Tem filhos?

Não.

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

Boa.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não, porque tal como já disse não posso.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

Gostava de tirar um curso.

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

Não.

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Quase nenhuma... fico a descansar, e também tenho andado doente.

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Sim, várias.

60. Continua a consumir estupefacientes?

Sim, de vez em quando bate a saudade, e uma pessoa perde-se um bocado..

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

É assim, ao fim ao cabo estou não é.. quando bate essa saudade.. principalmente ao fim-de-semana...

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Eu espero que sim, pelo menos estou a fazer por isso.

63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?

É difícil responder a essa pergunta..

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Tudo!!! Nunca tinha sequer experimentado.. só que é uma batalha que às vezes falha as forças, apesar que agora ando muito melhor fisicamente, psicologicamente..

65. Acha que se houvesse mais informação acerca dos efeitos das drogas haveria menos consumo?

Eu penso que, prontos a minha opinião é assim.. eu acho que agora já não vale a pensa haver informação porque prontos, no meu tempo foi um bocado por ver os outros e também para saber como é que era, mas agora é tipo moda. Há os betinhos, e depois há os que querem consumir. Eu quando comecei a consumir, eu nesta cidade fazia praticamente o que queria. Agora uma pessoa sai, e é só daqueles com argolas, chapéuzinho.. olha-se para todo o lado, e é só vê-los aí. Todos consomem pelo menos haxixe. Prontos, porque na minha altura só havia alguns, e andava aí.. e agora o que quero dizer é.. prontos.. não sei explicar bem... por

exemplo os gunas andam aí à força toda. Eu sou uma pessoa normal.. nem tanto ao mar nem tanto à terra, acho que sou uma pessoa normal.

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?

É assim, aquelas pessoas que só querem experimentar, prontos.. agora as pessoas ao verem aqueles que estão na degradação total devem pensar que não querem chegar a isso.

Por exemplo eu comecei a injectar e depois parei porque via muitos a ir para o hospital, e sentirem-se mal...porque uma pessoa quando pega numa agulha, como é que eu hei-de explicar.. só o espetar a agulha já é uma forma de prazer porque é um vício estar com a agulha.. por exemplo a gente espeta o liquido, mas depois há pessoas que são capazes de ficar ali meia hora só a “bombar”, com o sangue a entrar e sair, e isso é um vício. É tal e qual como a prata... torna-se um vício só ter a prata na mão. Na minha maneira de ver é assim.. na minha e de mais amigos meus que tenho falado.

67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Ainda à pouco tempo vi um puto na minha rua a consumir.. fui falar com ele.. dei-lhe tanto naquela cabeça, mas não vale a pena, já cheguei à conclusão que não vale a pena.

Eu vi que ele se andava a desviar para o outro grupo, e avisei-o, avisei-o diariamente até que pronto já vi que ele andava a fumar diariamente.

Nome: Francisco

Idade: 21

Estado Civil: solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração.

Entrevista N.º 8

José

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Por mim, os meus pais e 6 irmãos. Éramos 4 rapazes, e 2 raparigas.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

O ambiente não era muito bom. Não havia muitas possibilidades. Éramos pobres... sempre houve necessidades económicas. Vivíamos na rua do gandim,, e não havia muitas possibilidades económicas.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Eu graças a Deus dava-me bem com toda a gente.

4. Sentia-se bem em casa?

Sentia, claro. Era a minha casa.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Em qualquer uma.

6. Os seus pais davam-se bem?

Davam, mas lá está discutiam algumas vezes por dinheiro.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Era normal.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Ralhavam comigo.

9. Teve muitos castigos?

Antigamente não havia castigos.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Os meus irmãos mais velhos. Sabe que os pais mandavam sempre os filhos cuidar dos mais novos.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Havia, sempre houve. O meu pai era espingardeiro, e a minha mãe doméstica, mas ajudava sempre.. a minha mãe fazia os trabalhos em parte.. o que antigamente se chamava os carretos (fazer um trabalho para outra pessoa a transportar coisas de um lado para o outro, por exemplo bananas).

12. Como define a sua infância?

Eu feliz... tenho muitas coisas, agora tristezas também tenho. O que me fazia feliz eram as convívências. Éramos uma família alegre.. mesmo no natal juntavamo-nos todos, apesar de pobres. Eu era feliz também fora de casa, com os meus amigos..

13. Gostava de ir à escola?

Sempre gostei de ir à escola, mas os professores eram um bocado mal encarados... eu sabia muito, mas como eu era muito nervoso ficava revoltado, e muitas vezes levava porrada. Eu sempre auxiliei os meus amigos, porque era muito esperto, mas nunca era bem tratado, porque vinha de uma família pobre. Antigamente as regalias eram para os ricos. Os professores só lidavam com os ricos. Eu praticamente ensinava muita coisa, e acabei por perder tudo. Eu gostava de ser torrão... mas como era miúdo levava porrada, e isso prejudicou-me muito.

14. Até que idade estudou?

Até à 4ª classe.. depois não havia mais possibilidades para continuar a estudar.

15. Reprovou alguma vez?

Sim, porque tinha uma deficiência na vista. E quando chegavam as provas eu ficava descontrolado.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Fazia os deveres, sempre bem feitos, por acaso!!!! Eu era bom aluno, tinha era quebras, bastava estar nervoso. Mas também sou muito calmo!

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Sempre tive, mas era até às 7 8 horas da noite. Depois dessa hora só comecei a sair depois de os meus pais morrerem, porque aí não tinha ninguém que me controlasse.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Sim. Ainda hoje sinto! Sinto-me discriminado! Eu nunca tive hipóteses para nada! Sinto-me frustrado. Eu... complexos nunca tive.. tenho é uma deficiência na vista.. ainda hoje devia de usar óculos e não uso porque não tenho possibilidades para os comprar. Eu vejo mal!!! Eu já usei óculos, mas caí e parti-os. Eu tenho que usar chapéu, mesmo por causa de ver mal.. não é por ter queda de cabelo, isso não me importa. É mesmo porque tenho um problema na vista desde pequeno, porque me deitaram uma lata de tinta na vista.. ali um rapaz da rua do gaudim, eu estava a pintar a porta da câmara e ele deitou-me tinta para os olhos, e eu fiquei com os olhos queimados, e a partir daí que vejo mal. É por isso que muitas vezes me sinto irritado.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Sim, a morte dos meus pais. Quando tinha 14 anos morreu a minha mãe, e quando tinha 15, o meu pai. Morreram de velhice, já tinham os corpos velhos. Depois disso continuei a viver na casa dos meus pais, mas eles como tinham namoradas, uns foram viver com elas, outros casaram, e eu fiquei a viver sozinho. A morte dos meus pais custou-me muito.

É um bocado difícil falar. Eu nunca tive grandes hipóteses de dinheiros, e isso já me afecta bastante. E acho que está tudo dito! Essa situação marcou-me bastante, porque eu nunca tive possibilidades para ter aquilo que queria, enquanto que os outros miúdos tinham. Todos nós somos assim.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Sempre tive... bons, maus, fracos. Toda a gente de categoria.

21. Como caracteriza esses amigos?

Amigos há poucos. Mas o que tenho mais são pessoas conhecidas.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Qualquer lado na cidade.. na rua, nos cafés, qualquer lado! Íamos a discotecas.. esses divertimentos que às vezes a gente tem.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Fazíamos de tudo.

24. Sentia-se bem com eles?

Sempre me senti, mas claro que quando havia zaragatas a gente tinha que se defender. Porque às vezes as pessoas estão a ser amigas, e depois já estão a ser inimigas.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Nunca usei grupos.. eu tinha gente conhecida da rua. O que eles pensavam, isso só eles é que podem dizer.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Sempre fui, porque criava cães, e os meus cães não ferravam em ninguém, e punha as crianças a brincar com eles.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Tive algumas namoradas, mas nunca casei. E não tenho ninguém.

28. Essa pessoa (s) também consumia estupefacientes?

Isso já não interessa. Isso eu não vou dizer... eu também me envolvi com pessoas que não consumiam e gostavam de mim. Mas muitas vezes eu afastava-me para não as meter na droga. Eu não conseguia acompanhá-las.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Comecei a fumar novo, mas já tinha fumado uns charros. Eu não gostava de tabaco, e só fumei charros porque gostei, porque senão não fumava. A idade isso não lhe sei dizer... a memória falha!!!! Foi depois de os meus pais terem morrido.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Isso não vale a pena estar a divulgar. Fumei a primeira vez gostei, e pronto!!! Mas sei que foi depois da morte dos meus pais.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Já experimentei muita droga: heroína, cocaína, haxixe, erva. Até lhe posso dizer.. em relação a isso toda a gente se meteu, porque fumavam essas drogas leves: haxixe e a erva, e deixaram de fumar isso porque houve uma repressão e cortaram essas drogas. Essas drogas deixaram de existir. Havia os maiores que meteram a droga pesada, e quem provou uma coisa quis provar tudo, e foi toda a gente assim. Meteram outras, não digo quem... mas não era o desgraçado que metia as drogas... penso que está tudo dito!

32. Que quantidade consumia por dia?

O que houvesse.

33. Que tipo de efeitos procurava com o consumo de estupefacientes?

Estar bem.. eu sentia-me muito bem.. o que desmoraliza mais são as paixões.. porque uma pessoa tem uma mulher, e de um momento para o outro perde-a, e isso desmoraliza muito uma pessoa. Eu nunca casei, porque não tenho possibilidades económicas, nem para ter filhos. Eu já tive muita mulher ao meu lado, sempre fui muito respeitador, porque sei bem o que é o dia de amanhã, e sei o que é um filho.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Dependia.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

36. Que locais escolhia para consumir?

Locais fechados ou abertos, depende!

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Não me lembro.

38. Onde arranjava dinheiro para comprar drogas?

Nunca precisei de ter dinheiro, as pessoas davam-mo.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Os meus pais já tinham morrido, e os meus irmãos não me disseram nada.

40. Alguma vez roubou?

Não senhora, Deus me livre.

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Também não. Se for ver, tenho o registo limpo.

42. Alimentava-se bem?

Mais ou menos. Eu geralmente vou ao pingo doce com os meus amigos comprar comida e vinho.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Aos 15 anos, depois de os meus pais morrerem.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Trabalhei na construção civil, e depois fui porteiro num bar. Mas depois deixei de trabalhar no bar, porque um gajo meteu-se comigo, e andamos à porrada, e o meu patrão despediu-me. Depois disso nunca mais trabalhei. Recebo o RSI.

45. Como concilia o trabalho com o consumo de estupefacientes?

Na altura que trabalhava, bem.

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

Quando trabalhava no bar eles sabiam.

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar estupefacientes?**48. Já alguma vez procurou ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes?**

Eu não.

49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?**50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?**

Não.

51. Os tratamentos foram concluídos?**52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?**

Continuo a viver sozinho.

53. Tem filhos?

Não, porque não posso. Eu não tenho dinheiro para ter filhos.

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

Eu falo bem com os meus irmãos.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

Eu gostava, mas o sistema não deixa. Eu mudar mudava.. mudava logo, mas como não tinha possibilidades económicas não tinha hipótese, e não podia trabalhar, porque o sistema nunca me deu oportunidades.

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

Acho que não.

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Passo o dia na rua com os meus amigos. Andamos a passear, depois vamos comprar comida ao pingo doce, e vinho e vamos para algum sítio comer. À noite vou para casa dormir. Mal chego deito-me logo, eu nem tenho televisão, para quê? Para estar a ver sozinho, não vale a pena. Também não tenho frigorífico, eu nunca estou em casa.

59. Em algum momento teve alguma recaída?**60. Continua a consumir estupefacientes?**

Continuo porque me sinto bem, e faz-me esquecer dos desgostos... o que desmoraliza são as paixões.

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Não sei.

63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Gostava de ter tido as oportunidades que as outras pessoas tiveram.

65. Acha que se houvesse mais informação acerca dos efeitos das drogas haveria menos consumo?

O sistema é que tem culpa, é ele que faz circular a droga.

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?

Nada, as drogas nunca mais acabam.

67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Que não o fizesse, porque isto é um vício.

Nome: José

Idade: 45 anos

Estado Civil: Solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração.

Entrevista N.º 9

Samuel

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Por mim, pelos meus pais e o meu irmão mais novo.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Boa.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Dava-me bem com toda a gente, mas dava-me especialmente bem com a minha mãe.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

Em todas, mas principalmente no meu quarto.

6. Os seus pais davam-se bem?

Sim, davam. Tinham as suas discórdias, tal como todos os casais.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Sempre foi bom.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Bem, repreendiam-me, o normal.

9. Teve muitos castigos?

Não... eu portava-me bem (risos).

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Sem dúvida a minha mãe.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Não se pode falar de necessidades, mas também nunca fomos muito ricos.

12. Como define a sua infância?

Defino-a como sendo como a de todas as crianças. Eu brincava, ia à escola, sei lá... o normal!

13. Gostava de ir à escola?

Mais ou menos.

14. Até que idade estudou?

Bem, eu ainda estudo. Até ao 10º ano andei no liceu, depois fui para a escola profissional, fazer um curso profissional, mas não conclui porque aos 18 anos fui obrigado a ir para a tropa.

Quando regresssei da tropa fui trabalhar para a Blaupunkt. Entretanto fui despedido, e decidi voltar a estudar, porque me sentia frustrado por não estudar. Assim, estou neste momento a tirar o curso de Educação Sénior.

15. Reprovou alguma vez?

Sim, era um bocado baldas.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Basicamente ia para casa dos meus amigos, ou eles para a minha jogar jogos de computador. Fazia isso até à noite, e depois jantava e voltava a fazer o mesmo. Os meus pais são donos de um café, e passavam lá a vida, e eu para não estar sozinho ocupava assim o tempo.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Sim, bastante devido à profissão dos meus pais.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não, nada!

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Sim, quando tive que deixar de estudar para ir para a tropa, e depois quando comecei a trabalhar, porque o que eu realmente queria era estudar.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Não tinha muitos amigos, tinha poucos mas bons amigos.

21. Como caracteriza esses amigos?

Bons amigos.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Em casa uns dos outros, ou no café, ou na discoteca.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

De tudo um pouco, mas basicamente era estar no computador, e sair à noite.

24. Sentia-se bem com eles?

Claro, eram meus amigos.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Sinceramente não sei, mas penso que era visto de forma normal.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Normal.

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Aos 17 anos.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Essa não, mas tive uma namorada que consumia.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Aos 14/15 anos, e comecei porque toda a gente fumava. Foi um bocado por curiosidade, mas também porque os meus amigos fumavam.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Já há algum tempo que os meus amigos fumavam haxixe, mas eu sempre fui bastante resistente a isso, porque nunca queria experimentar.

Mas, a tentação foi mais forte, e aos 18 anos estava em casa de uns amigos a gravar cassetes e eles estavam a fumar e ofereceram-me, e eu experimentei.

A partir deste dia fumava esporadicamente, mas depois passados uns tempos passei a consumir diariamente.

O acesso ao haxixe era muito fácil, porque toda a gente tinha, e quando acabava já tínhamos um local certo onde comprar.

Aos 24 anos, quando acabei com a minha namorada da altura comecei a estar com uma rapariga que consumia outro tipo de drogas, e eu iniciei o consumo de cocaína; LSD; MD; Ácidos; cogumelos e pastilhas. Pouco tempo depois estava a namorar com esta rapariga, que ainda hoje em dia é minha namorada.

Quando estava na tropa a droga chegava de forma muito fácil. Um rapaz de lá ia passar o fim-de-semana a Lisboa e trazia droga do casal ventoso, que dava para a semana inteira.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

O que já referi: LSD, MD, Haxixe, ácidos, cogumelos, pastilhas, etc.

32. Que tipo de efeitos procurava com o consumo de estupefacientes?

Eu simplesmente consumia para me divertir, e me sentir bem, e o consumo de drogas ajudava a que eu me sentisse assim.

Mesmo que só fosse ao café, sabia bem ir consumir alguma coisa...

Aos fins-de-semana era um consumo mais pesado um bocado, porque íamos para a discoteca, e aí a moca era maior.

33. Que quantidade consumia por dia?

Era quanto tivesse.

34. Consumia sozinho ou em grupo?

Sempre em grupo, nunca consumi sozinho porque isso não fazia sentido.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Sim, pela minha actual namorada. Mas, eu sempre tive consciente dos efeitos das drogas, eu sempre soube o que me esperava ao consumir.

O meu psicológico sempre me influenciou muito, e eu muitas vezes pensava: “para que estou a fumar”?

Um dia pensei: “acabou!”, e fiz um ultimato à minha namorada, e disse-lhe que ou ela parava de consumir cocaína, e os cogumelos, etc, ou eu terminava o namoro. Eu tinha decidido parar, porque como conhecia muito bem os efeitos das drogas, tinha medo do que me poderia acontecer. E para levar a minha decisão a cabo, não podia namorar com uma pessoa que consumisse, e então ela também parou.

36. Que locais escolhia para consumir?

No carro, ou em casa de alguém.

37. Em que fase sentiu que estava dependente?

Nunca me senti dependente de drogas, porque sempre soube parar. Hoje em dia simplesmente fumo haxixe, mas sei qual é o meu limite, e paro.

38. Onde arranjava dinheiro para comprar drogas?

Era com a mesada que os meus pais me davam, e quando trabalhei na blaupunkt tinha o meu salário.

39. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Nunca soube.

40. Alguma vez roubou?

Não, nunca.

41. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Não!

42. Alimentava-se bem?

Sim, sempre. Nunca deixei de comer por consumir.

43. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

Tinha 20 anos, foi quando trabalhei na blaupunkt.

44. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Só essa.. foi a única vez que trabalhei.

45. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

48. Já alguma vez procurou ajuda?

Não, nunca!

49. Quando sentiu que precisava dessa ajuda?

50. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?

51. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

52. Os tratamentos foram concluídos?

53. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Pelas mesmas pessoas: os meus pais, e o meu irmão.

54. Tem filhos?

Não!

55. Como é a relação actualmente com a sua família?

É normal.

56. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Estou a estudar.

57. Gostava de voltar a trabalhar?

Sim, quando acabar o curso quero trabalhar na minha área.

58. Está inscrito no Centro de Emprego?

59. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Vou para a Universidade, janto com os meus pais, e à noite vou para o café encontrar-me com a malta.

60. Em algum momento teve alguma recaída?

Não.

61. Continua a consumir estupefacientes?

Sim, haxixe.

62. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

Hum... do haxixe não posso dizer que esteja dependente, simplesmente me sabe bem fumar um charrito todos os dias.. quer dizer quem diz um, diz dois, ou três.

63. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Sim, eu consegui parar. O nosso psicológico é que nos comanda.

64. Se lhe oferecessem alguma substancia voltava a consumir?

Não!

65. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Nunca teria começado a consumir.

66. Acha que se houvesse mais informação acerca das drogas haveria menos consumo?

Não, hoje em dia toda a gente tem informação acerca dos efeitos das drogas.

67. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não começarem a consumir?

Não há nada a fazer, é muito fácil hoje em dia ter acesso às drogas, a partir daí não há nada a fazer.

68. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo?

Diria para irem a alguns sítios onde realmente se consome droga, para verem o verdadeiro degredo da droga.

Nome: Samuel

Idade: 26

Estado Civil: solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração!

Entrevista N.º 10

Matilde

1. Em criança, como era constituído o seu agregado familiar?

Pelos meus pais e os meus irmãos. Tinha 7 irmãos... 2 raparigas e 5 rapazes.

2. Como eram as relações das pessoas que viviam consigo?

Eram boas... foi o melhor tempo da minha vida.. com os meus pais e os meus irmãos...Eu sou do Porto.. só vivo há 12 anos aqui.. Graças a Deus.. Havia sempre aquelas discussões, mas o normal, faz parte da vida.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Dava-me bem com todos.

4. Sentia-se bem em casa?

Então não...muito bem.

5. Qual a parte da casa onde costumava estar?

Em qualquer sítio.

6. Os seus pais dava-se bem?

Davam. Tinham as discussões normais de toda a gente.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Bom. O único problema era quando eu queria sair à noite, e eles não me deixavam.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Reagiam mal, claro, mas depois passava.

9. Teve muitos castigos?

Alguns, os meus pais sempre foram muito rígidos.

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Foram os meus irmãos mais velhos. Os meus pais trabalhavam todo o dia.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Sim, havia algumas. Os meus pais trabalhavam muito, mas mesmo assim... a minha mãe fazia limpezas e o meu pai era electricista, está reformado agora.

12. Como define a sua infância?

É pequena ainda não ser pequenina... porque não há responsabilidades.. era uma vida diferente. A minha vida era uma brincadeira.

13. Gostava de ir à escola?

Não gostava muito, por isso é que desisti.. pelos meus pais, quem lhes dera a eles que eu fosse. Assim como os meus irmãos. Eu também só queria brincadeiras... de início gostava de estudar, mas depois deixei de gostar.

Gostava mais de brincar... deixei de gostar da escola, porque quis também trabalhar, porque na altura a minha irmã também tinha deixado de estudar para trabalhar e depois eu queria ter dinheiro, porque a minha mãe dava-me, mas não era suficiente para aquilo que eu queria.

14. Até que idade estudou?

Até aos 14, 15... andei até ao ciclo, e depois desisti.

15. Reprovou alguma vez?

Reprovei 2 vezes na primária, e 2 vezes no 6º ano.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

Vivia em Gaia, no regado. Quando chegava a casa ia para a brincadeira.. eu gostava de jogar à bola, andar de bicicleta.. eu era muito “Maria rapaz”...

Eu chegava da escola pousava a pasta e ia brincar.. os meus pais estavam a trabalhar e não controlavam. Quando víamos a minha mãe chegar “subíamos para cima”.

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Enquanto os meus pais não chegavam a casa tinha, mas depois disso não, porque eles não me dizavam.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não.

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Não, nada!

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Tinha, sempre tive!!!! Sempre me dei bem com toda a gente

21. Como caracteriza esses amigos?

Eu dava-me melhor com rapazes... mas também me dava bem com raparigas... ainda hoje.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Na rua.. no bairro.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Jogar ao peão, à bola... bons tempos!!! Já n era muito de brincar c bonecas.

24. Sentia-se bem com eles?

Sim, muito bem.

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Normal!!! Éramos os miúdos lá do bairro. Antes não havia nada de drogas.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia. Se sim, porquê?

Era normal...

27. Com que idade teve o primeiro relacionamento amoroso?

Eu não era muito de namorados... só comecei a pensar nisso por volta dos 16/17. Embora andasse no meio dos rapazes só queria era brincadeira.. não pensava em namorados. Agora namorados só tive aos 18/19.

Lembra-me da minha mãe, quando eu tinha 14 anos me dizer: “agora já és uma mulherzinha” (risos), porque tinha medo por eu andar no meio deles.

28. Essa pessoa (s) também consumia estupefacientes?

Claro.. uma pessoa quando anda na droga, acaba sempre por andar com pessoas que fazem o mesmo.

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Isso já foi mais tarde.. tinha 18/19 quando dei uma passinha.. depois deixei, depois mais tarde.... Com amigas. Na brincadeira começamos a fumar nas discotecas, a dar umas passitas.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Foi algum tempo depois...começamos a comprar droga... e depois mais tarde, quando o meu filho entrou para a escola levei-o para a minha mãe. Sei lá... na minha altura no Porto toda a gente fumava, toda a gente passou pelo mesmo. A maioria gente que caiu. Algumas conseguiram sair, outras nem por isso.

Depois conheci um rapaz, e engravidei. O meu filho é desse namorado que tive aos 18/19 anos.. mas não foi o 1º namorado. Conheci-o nas discotecas e a gente na brincadeira.. nessa altura já havia muita droga nas discotecas, e eu como tinha um bocadinho mais de liberdade. Antes fugia, e os meus pais proibiam-me de sair, e eu fugia. A minha mãe não gostava do pai do meu filho... e eu acabei por sair de casa.. e ela não queria que eu saísse, e eu acabei por dar a desculpa que estava grávida para ela me deixar ir embora. Fui viver com o meu namorado, casei com ele. Mais tarde ele também se meteu na droga, morreu. Essa fase foi má, mas ele já não estava comigo.. ele foi preso a 1ª vez, foi preso 2ª vez, e depois é que morreu. Mas eu fiquei a viver na nossa casa com o meu filho... e nessa altura que ele foi preso comecei a consumir mais.. comecei a andar nas feiras.. porque eu morava na ribeira. E depois como andava a vender meias na feira, e como o miúdo tinha 5 anos meti-o numa cresce ao pé da casa da minha mãe. E aí é que foi a minha perdição. Vendia as coisas, consumia.. e aí o problema foi andar com pessoas que não devia andar. Foi uma fase muito complicada porque dávamo-nos muito bem, e foi muito complicado aceitar que nunca mais o ia ver, estar com ele.

Depois, a minha irmã de Braga foi-me buscar e levou-me para casa dela para fazer um tratamento. Nessa altura o meu filho ficou com os meus pais no Porto. O pior é que o tratamento não valeu de nada, e eu meti-me outra vez na droga. Depois com o meu filho mais

novo, a minha irmã é que tomava conta dele. E quando me ameaçaram que mo iam tirar, e me mandar embora do apartamento é que eu acordei para a vida, e vi que ia perder tudo outra vez. Foi aí que fiz o tratamento.

31. Que tipo de estupefacientes experimentou?

Heroína, cocaína, haxixe.

32. Que quantidade consumia por dia?

Era quanto tivesse, quanto mais ganhasse mais gastava.. dependia do que tinha. Depois há droga mais cara do que outra. A cocaína, houve uma fase na minha vida que controlei essa... essa deixava-me meia atrofiada, meia maluca da cabeça... e essa deixei quando vim para Braga.. e consumia mais heroína.

A minha desgraça foi quando comecei outra vez a fumar cocaína.. destruiu-me o cérebro todo.

33. Que tipo de efeitos procurava com o consumo de estupefacientes?

Nenhum!!! Era aquela maluqueira.. sei lá!!!! É o vício.. é como o tabaco, a gente começava a fumar e não conseguia parar.

Consumia sozinha, ou em grupo?

Consumia com os meus amigos.

34. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Não!!! Eu era contra a droga, não sei como fui cair

35. Que locais escolhia para consumir?

Qualquer sítio, era onde desse.

36. Em que fase sentiu que estava dependente?

Quanto estava resaca.

37. Onde arranjava dinheiro para as drogas?

Oh, fazia tanta coisa. Vendi meias, porta-chaves, a colar autocolantes, fazia peditórios falsos... tanto dinheirinho fiz... era dinheiro fácil. Depois quanto mais dinheiro tivesse, mais estourava.

38. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Não reagiram muito bem.

39. Alguma vez roubou?

40. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Não, nunca.

41. Alimentava-se bem?

Oh, a gente quando fuma não tem fome.. na cocaína não se come quase nada. Com a maluqueira da cocaína não se come.

42. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

43. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Vendi meias, porta-chaves, a colar autocolantes, fazia peditórios falsos. Depois vim para Braga, trabalhei na Bracalândia e no Feira Nova.

45. Como concilia o trabalho com o consumo de estupefacientes?

Bem.. eu trabalho bem, sou honesta.

46. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

Sabiam e aceitavam bem. Há pessoas honestas, mesmo andando na droga, eu dava-me bem com as minhas colegas. A minha chefe uma altura descobriu que eu andava na droga e aceitou-me bem na mesma, continuei lá a trabalhar.

Eu sabia trabalhar... há pessoas que andam na droga e trabalham na mesma.

47. Que percentagem do salário dispensa para comprar estupefacientes?

Já não me lembro. Gastava 1 2 contos por dia. Há coisas que me falham... a cocaína come-me o cérebro, há coisas que me falham. Nunca roubei, nunca fui presa.. quando não tinha dinheiro ia colar autocolantes.

48. Já alguma vez procurou ajuda para abandonar o consumo de estupefacientes?

Sim, já. A primeira vez foi em Nogueiró, a segunda na Remar, e o último foi no CAT.

49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma Instituição?

Pedi ajuda em Instituições.

50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

Como já referi fiz três tratamentos. O primeiro, mal sai voltei a consumir, o segundo foi a frio, e não consegui. Este último no CAT, como foi a soro já consegui.

51. Os tratamentos foram concluídos?

Só o último, os outros dois não valeram de nada.

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

Por mim, e pelo meu filho Bruno. Vivemos num apartamento com o apoio da Bragahabit.

53. Tem filhos?

Sim, tenho 2, mas o meu filho mais velho está a viver no Porto com a namorada. O meu filho tem 21 anos.. é também electricista.. tirou um curso e já está a trabalhar, graças a Deus.

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

É boa. Apesar de os meus pais viverem no Porto, eu vou lá muitas vezes, fico lá a dormir. Com o meu filho mais velho, também é boa. É bom, porque ele compreende-me, acabou por me compreender, ele sabe que eu tive no pior sítio que podia haver que era na Ribeira. Muita gente, pai, tios, amigos caiu nisto.. e ele acaba por compreender. Ele namora há 2 ou 3 anos, e eu dou-me bem com ele e com a namorada.. eles já estão a viver juntos.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Não. Já não trabalho há uns 8 anos. Tenho o rendimento mínimo, a minha irmã também me ajuda.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

Eu gostava.. há coisas do caracas eu quando engravidei decidi tirar a carta, agora tive a recaída que tive, acerca de 1 ano atrás antes de entrar para Nogueiró e perdi a carta, porque só me faltava 1 ou 2 meses para acabar, e acabei por a perder.. passei uma contínua, fiz uma contra-ordenação muito grave e fiquei sem a carta.. e tudo à conta da droga... ía stressada para ir buscar droga. Agora só quando tiver dinheiro.

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

Já não me lembra... eu fui lá uma vez, mas já não me lembro se estou inscrita ou não. Sei que o meu filho agora também não tem ATL, eu na altura não meti os papéis da câmara para ter subsídio, e acabei por perdê-lo. E hoje falei com a Dra Catarina (segurança social), porque se me ajudassem a pagar a natação do meu filho, ele de manhã ia para lá, porque só tem aulas à tarde, e eu assim já tinha tempo para arranjar um trabalho, porque parecendo que não dá jeito a gente ter um trabalhinho.. faz bem!!! É que a trabalhar só de tarde ninguém me dá trabalho. Mas também está muito difícil trabalhar com a minha idade. Também às vezes nem sei se vale a pena trabalhar.. para quê?

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Fico em casa a arrumar.. meto-me para lá há sempre coisas para fazer. E à noite fico com o miúdo.

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Sim, tive. Porque quando nos oferecem não conseguimos dizer que não, e pronto comecei a fumar outra vez.

60. Continua a consumir estupefacientes?

Não, felizmente não.

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Custa muito, é muito difícil, mas consegue-se.

63. Se lhe oferecessem alguma substância voltava a consumir?

Não!! Não, porque eu desta vez estava a perder tudo, estava a perder o meu filho, a casa, tinha ordem de despejo, eu nunca me tinha visto numa situação dessas, e isso faz acordar a gente, e se calhar até foi bom para eu acordar. Eu estava a perder o meu filho, eu não estava a ser boa mãe. A minha sorte é que eu meti-o na minha irmã.

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Nunca me tinha metido na droga. A vida da droga não é uma vida normal. Eu olho para o meu filho mais velho, e parece que ainda há pouco tempo acordei.. ele é um homem, tem 21 anos é um homem, e eu parece que ainda há pouco tempo acordei. Parece que não o vi a crescer, acabei por acordar tarde. Quando engravidei do meu filho fiquei mais lúcida. Uma pessoa andava de tão maneira metida, que agora olho para o meu filho, ele está tão grande e eu

penso: “ai, eu nem o vi a crescer”. É disso que me arrependo, não ter visto o meu filho mais velho crescer.

65. Acha que se houvesse mais informação acerca dos efeitos das drogas haveria menos consumo?

Antes não havia informação nenhuma. Não havia tanta informação como agora.

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não iniciarem o consumo de estupefacientes?

Nada, as pessoas vão sempre consumir.

67. Que conselho (s) daria a lguém que tivesse a iniciar o consumo de estupefacientes?

Que parasse, isto é horrível.. às vezes dá-me tanta peninha ver pessoas tão novas a começar. Agora há mocinhas novas a meter-se na cocaína, que é a pior coisa que pode haver. Mas não adianta dizer para deixar, porque tem que vir de nós, parte da nossa cabeça, foi como quando eu entrei em Nogueiró, entrei porque estava mal, e veio de mim, porque senão perdia o meu filho. Quando andamos na droga acabamos por não gostar de nós próprios, sei lá, andamos naquela maluqueira, mas há sempre uma altura que acordamos para a vida, e eu acordei, e pedi internamento. Foi o 1º internamento que fiz, nunca tinha feito nenhum. Entrei há uns anos atrás para a Remar, mas era a frio, e eu não consegui. Agora a soro, e com medicação consegui. A droga é uma merda!!!!

Nome: Matilde

Idade: 40 anos

Estado Civil: Solteira

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela colaboração.

Entrevista N.º 11

Zé Maria

1. Em criança, por quem era constituído o seu agregado familiar?

Por mim e pelos meus pais.

2. Como era a sua relação com as pessoas que viviam consigo?

Muito boa.

3. Quem era a pessoa com quem se dava melhor?

Sempre me dei muito bem, tanto com o meu pai como com a minha mãe.

4. Sentia-se bem em casa?

Sim, muito.

5. Qual a parte da casa que costumava estar?

No meu quarto.

6. Os seus pais davam-se bem?

Sim.

7. Como era o seu relacionamento com eles?

Bom.

8. Como reagiam os seus pais quando se zangavam consigo?

Nunca se zangavam muito comigo....

9. Teve muitos castigos?

Não!

10. Quem foi responsável pela sua educação?

Foram os dois, mas sobretudo a minha mãe.

11. Havia necessidades económicas no seu lar?

Os meus pais eram, e são feirantes, e ganhavam o suficiente para os três.

12. Como define a sua infância?

Super boa.

13. Gostava de ir à escola?

Sim. Mas chegou uma certa altura que fiquei muito baldas. Tocava para irmos para dentro da sala, e os meus amigos não iam, e eu também não ia. Íamos todos para o café, ou então para o café jogar bilhar ou matraquilhos. Quando começamos a fumar faltávamos às aulas para ir fumar.

14. Até que idade estudou?

Ainda estudo.

15. Reprovou alguma vez?

Sim, 3 vezes.

16. Que tipo de actividades tinha depois de chegar da escola?

As normais... jogos de computador; playstation; jogar a bola... sei lá..

17. Era uma criança/adolescente com muita liberdade?

Não é que tivesse muita liberdade, mas ao mesmo tempo como os meus pais confiavam em mim, deixavam-me fazer o que eu queria. Também eles nunca estavam em casa. Os meus pais são feirantes, o que fazia que saíssem de manhã de casa e só regressavam à noite, e eu lá me orientava. Por isso, mesmo que eles quisessem não me conseguiam controlar muito.

18. Durante a sua infância e adolescência, houve algum aspecto psicológico, ou físico que o incomodasse? Que idade tinha quando o sentiu?

Não, nenhum!

19. Houve algum acontecimento/situação que de algum modo o tenha marcado, que ainda hoje se lembre? Que idade tinha?

Sim, aos 23 anos quando me senti mal, e achei que ia morrer, foi o maior susto da minha vida.

20. Na sua infância e juventude tinha/tem muitos amigos?

Sim, dava-me bem com toda a gente.

21. Como caracteriza esses amigos?

Havia de tudo, mas era tudo boa gente.

22. Onde se costumava encontrar com eles?

Durante a semana na escola, ou em casa uns dos outros, e ao fim-de-semana no café, ou também em casa uns dos outros.

23. Que tipo de actividades faziam juntos?

Estávamos a jogar jogos de computador; fazíamos jogos de futebol; ou simplesmente estávamos na conversa.

24. Sentia-se bem com eles?

Sim, muito!

25. Como era visto o seu grupo de amigos pelas outras pessoas?

Tudo bons rapazinhos.

26. Era uma pessoa popular no local onde vivia? Se sim, porquê?

Não sei, acho que era normal!

27. Com que idade teve o seu primeiro relacionamento amoroso?

Aos 17 anos.

28. Essa pessoa (s) também consumiam drogas?

Não!

29. Com que idade começou a fumar tabaco, e porquê?

Por volta dos 14, 15 anos. Fi-lo porque todos os meus amigos fumavam, e um dia um deles ensinou-me a fumar. E depois já fumava por vaidade, aquela sensação de que ao fumar já era um homem.

30. Em que fase da sua vida se sentiu tentado a consumir estupefacientes, e porquê?

Por volta dos 16 anos comecei a fumar haxixe. Eu de inicio via os meus amigos fumar e não queria, mas depois comecei a ver os efeitos com que eles ficavam quando fumavam, quis experimentar. Tive um efeito espectacular, ria-me, ria-me, foi uma moca.

Aos 19 anos foi a loucura total, em que experimentei de tudo. Eu só fumava haxixe, e numa noite estávamos num jantar, e um amigo pediu-me para ir com ele comprar cocaína porque ele não tinha carro, e eu fui. Quando íamos novamente para o restaurante, ele estava a dar um risco, e disse para eu dar, e eu mesmo a conduzir dei um risco de coca, mas não gostei da moca. A cocaína é uma cena em que tem que tem que se estar sempre a cheirar, porque senão fica-se apático, calado! Como isso não me dizia nada, não voltei a experimentar.

Depois disso experimentei outras drogas, mas a que me dava mais adrenalina era o MD, porque me causava euforia, felicidade, calores no corpo.

Era incrível...uma pessoa ia para o café, e já estava a pensar como ia fazer para ir consumir, e a mim o MD dava-me uma moca espectacular, por isso é que sempre que se falava numa festa, num festival, ou numa simples ida à discoteca, eu dizia logo que ia, mas que tínhamos que arranjar a “cena”, que era o MD, e aí era tudo perfeito.

Eu já me considero uma pessoa bastante extrovertida, mas com o MD ficava o cúmulo do sociável, e extrovertido.

Se bem que, o MD não fazia sentido ser consumido sem música, e sem os amigos.

Foram verdadeiras noites de prazer, até ao dia em que depois duma noite em que tinha estado a consumir com os meus amigos com quem habitualmente consumia, ia levar uma amiga a casa, e de repente comecei a sentir um aperto no peito, e só tive tempo de parar o carro, e dizer que não me estava a sentir muito bem... tive um ataque de pânico, pensei que ia morrer.

Quando me restabeleci fui para casa, e fiquei não sei quantos dias seguidos sem sair de casa, cheio de medo que me desse alguma coisa, e morresse. Decidi contar aos meus pais, que logo de imediato me levaram ao médico, que me disse que o que eu estava a sentir estava tudo relacionado com o sistema nervoso. Comecei a tomar calmantes, e a ser seguido por um psiquiatra.

Depois disto, a primeira vez que sai de casa, fui ter com os meus amigos habitais, e não consumi, e disse que depois daquele susto não voltaria a consumir.

31. Que tipo de drogas experimentou?

Experimentei ácidos, pastilhas, cogumelos, cocaína, LSD, MD.

32. Consumia sozinho ou em grupo?

Sempre em grupo.

33. Que efeito procurava atingir ao consumir drogas?

Adrenalina total, a felicidade plena.

34. Que locais escolhia para consumir?

Qualquer sitio, desde que ninguém topasse.

35. Sente que foi influenciado por alguma coisa, ou alguém a consumir?

Sim, pelos meus amigos, se eles não consumissem eu também não consumia. Por exemplo, quando fui fazer o 12º ano à noite andava sempre com uma pessoa que consumia, o resultado

era que faltávamos os dois às aulas e íamos consumir. Se ele não consumisse, eu sozinho também não ia.

36. Em que fase sentiu que estava dependente?

Eu nunca me senti verdadeiramente dependente de drogas. A única que me custou mesmo deixar foi o MD, porque me fazia sentir mesmo feliz, e se calhar dessa eu estava um bocado dependente.

37. Onde arranjava dinheiro para as drogas?

Arranjava-se sempre... quando havia dividia-mos por todos. O único dinheiro que tinha era da mesada.

38. Como reagiu a sua família quando soube que consumia drogas?

Não reagiu muito mal. Umas senhoras foram dizer à minha mãe que eu andava metido na droga, e ela veio-me perguntar se era verdade, e eu disse-lhe que esporadicamente consumia umas cenas, mas para ela não se preocupar, porque não era nada de grave. Como ela nunca me viu a fazer cenas, nem a chegar a casa muito alterado, nunca tripou muito.

39. Alguma vez roubou?

Nunca.

40. Alguma vez teve problemas com as autoridades?

Não, nunca.

41. Alimentava-se bem?

Claro que sim. É óbvio que quando a gente consumia nem se lembrava de comer, mas como era sempre há noite, já tínhamos feito as refeições todas.

42. Com que idade entrou para o mercado de trabalho?

43. Que tipo de actividades desenvolveu até hoje?

Ajudava os meus pais nas feiras.

44. Como concilia o trabalho com o consumo de drogas?

45. Os seus colegas e patrão sabem que consome? Como vêm essa situação?

46. Que percentagem do salário dispensa para comprar drogas?

47. Já alguma vez procurou ajuda?

Nunca precisei disso.

48. Quando sentiu que precisava dessa ajuda?

49. Quem procurou? Alguém próximo, ou alguma instituição?

50. Já fez algum tratamento? Quantos e onde?

51. Os tratamentos foram concluídos?

52. Como é constituído o seu agregado familiar actualmente?

É igual, por mim e pelos meus pais.

53. Tem filhos?

Não!

54. Como é a relação actualmente com a sua família?

É cada vez melhor.

55. Está a desenvolver alguma actividade profissional?

Estou a estudar na Universidade.

56. Gostava de voltar a trabalhar?

57. Está inscrito (a) no Centro de Emprego?

58. Que tipo de actividades tem durante o dia?

Vou para a Universidade, e à noite vou para o café ter com os meus amigos. Por vezes também nos reunimos em casa uns dos outros.

59. Em algum momento teve alguma recaída?

Sim. Houve um dia, que feito parvo dei umas 3 passinhas de erva, e senti-me tão mal, mas tão mal que pensava que me ia dar tudo novamente, e desde esse dia, nunca mais na vida consumi qualquer tipo de estupefacientes.

Mas admito, que se não tivesse apanhado estes sustos, ainda hoje consumia, e não sei onde poderia ir parar.

60. Continua a consumir estupefacientes?

Não, nunca mais!

61. Considera que ainda está dependente de estupefacientes?

Felizmente não!

62. Acha possível deixar o consumo de estupefacientes?

Sim, basta termos força de vontade. O nosso psicológico é que comanda tudo.

63. Se lhe oferecessem alguma substancia voltava a consumir?

Não, de certeza que não!

64. Se tivesse que voltar atrás o que mudaria na sua vida?

Não tinha reprovado tantas vezes. À conta de não ir às aulas para consumir reprovei 3 anos no 12º ano, imagine!

Depois consegui entrar para a universidade, mas hoje em dia já podia estar a trabalhar, e ainda ando a estudar.

65. Acha que se houvesse mais informação acerca das drogas haveria menos consumo?

Não, porque hoje em dia toda a gente tem conhecimento dos efeitos das drogas.

66. O que pensa que seria importante fazer para as pessoas não começarem a consumir?

Nada. As pessoas vão sempre consumir.

67. Que conselho (s) daria a alguém que tivesse a iniciar o consumo?

É complicado impedir alguém que consuma, porque só cada um se pode impedir a si mesmo, mas mostrava-lhe alguns sítios, podia ser que mudasse de ideias.

Nome: José Maria

Idade: 25

Estado Civil: solteiro

Cidade onde Vive: Braga

Obrigada pela Colaboração.